PORTUGAL

MEMORIAS DE VILLAR DO MONTE

POR

MANUEL JOSÉ DA SILVA GOMES,

que Offerece

a Exma. Camara Municipal do Conselho de Barcellos

C. M.
BARCELOS
BIBLIOTECA
Nº 1959

C. M. B.
BIBLIOTECA

Memorias de Villar do Monte

por

Manuel José da Silva Gomes

que offerece

a Exma Camara Municipal do Concelho de Barcellos

Por entemedio do seu Secretario.

O auctor tendo em mente sua lei vidal de antigo vassalo, subto; tributario deste municipio: Vem submisso e respeitozamente, suplicar do Exmo; Senhor Presidente e Dignos Vereadores Municipaes, ter a fineza e dignar-se acceitar o meu Manuscripto "Memorias de Villar do Monte" e assim dispôr em archivo, ou Bibliotheca, suplicando mais de Vossas Exmos: Tolerar qualquer falta ou irregularidade; E tendo certeza da generosidade e nobresa de Vossas Exmos: Em me attender. Me confesso grato:

O author

Manoel José Da Silva Gomes

Reconheço verdadeira a firma supra e dou fé. Descalvado, 8 de XII de 1926.

Em testemunho — A.C.C. — da verdade.

Antonio de Campos Camargo

Nihil

1º Tabellião

ANTONIO DE CAMPOS CAMARGO
1º Tabellião de Notas e Ordens
Rua Cesalvinho - Fet. de S. Paulo

MEMORIAS DE VILLAR DO MONTE
INTRODUCÇÃO

Não foi meu espirito illuminado por esse faxo de luz fascinante, que tem renascido e renasce a gerar e dar vigor a razão, abrindo a paz agigantada; na escuridão alem; luzes rutilantes legadas às novas e futuras gerações, a minha luz intellectual era para ser cultivo das gerações antigas tempo em que o orbe radiante era no geral fecundo em cerebros barios a instrucção; foi num dos lugarejos de minima importancia, mas pittoresco pela posição área superficial e ambientes agradaveis que o rodeam, reunindo-se-lhe o convivio querencial em costumes usuaes de seus habitantes; -foi entre estes na mais modesta submissão que se uniram os meus progenitores, d'ahi aos 270 dias do novenal já foi presciso aos dois conjuges ter de promptidão o berço infantil para servir de leito ao primeiro fructo resultado de sua união matrimonial; berço finalmente construido de grossas taboas de castanho, de mode de pouca queda sem aparato algum; mas quem diria que entre essas taboas envolto em humildes faixas ia ser alimentado carinhosamente com todo o esmero e meiguices de mãe até dar os primeiros passos sobre o orbe, um ente menino que de esta dacta no espaço de setenta anno se lhe incutia o pathetico intento de escrever e appresentar concluido em manuscripto, longe e muito longe de sua patria, o seu livro de memorias com referencia a mesma patria sua terra natal; por isso, meus caros leitores, ninguem pode prever a disposição ao carecter natural do animo ou vocação das pessoas; -memorias são uma das faculdades da alma que conserva a lembrança das cousas passadas ou ausentes; por isso foi sem duvida alguma uma flama chamejante, tendente a incutir em meu espirito que me tem inspirado em todo o tempo de minha vida apprender com facilidade tudo quanto me insinavão e aguardar de memoria tudo quanto me diziam como quem guarda em um archivo; neste ponto peço aos meus leitores e aos homens de sciencia e escriptores em geral, não me sensurar por esta expressão; pois não é meu intento vangloriar-me de ser sabio no tempo de minha infancia, nem mesmo em tempo algum; peço mais desculpar-me de qulquer falta ou erro em meu livro. A verdade do que ~~eu~~ escrevo será verificada nas longas narrativas do meu livro memorias; trabalho que vou appresentar ao respeitavel publico e a povoação de meu lugar natalico; pois todos os meninos em sua infancia, eram e serão ainda de uso e costume nesse lugarejo que me serviu de berço e emfim em toda a parte de lhe dar os principios educativos do lar domestico, que consiste o de mais importancia, ensinar-lhes a doutrina ereta entre o cristianismo; em todo orbe catolico.

Foi esta educação que me deram nesse lar familiar, e como criança tornei-me saliente entre os meus collegas meninos, que nemhundelles apprendeu tão bem e tão depressa como eu; que dei ensejo a que meu ente querido e caro nome de mãe com grande prazer se vangloriar exaltando-me em conversas com suas visinhas; tanbem rainhas de lares domesticos que tinham filhos para ensinar; porem emquanto a escola não teve, teve sim, um homen que em paginas da opportunidade narrarei seu nome; -de boa indoli e de coração caridoso que me ensinou a ler e a escrever uma carta; mas muito mal apperfeiçoada; pore com o andar do tempo a força de vontade mesmo sem mais escola alguma, me exercitei apperfeiçoando me mais; os escriptos que appresento essesivos; demonstrando qualquer educação superior áquella que eu digo ter recebido; não foi mais do que esforços da propria vontade, superiores as minhas forças inctelletuaes; porem se a minha pouca intelligencia em minha idade infantil, não teve mais cultivação, alguma da que deixo escripto; alguma coisa de isso ou bastante approveitei da idade de vinte annos aos quarenta e cinco, e relações conviventes que teve, sem ser espiculativas nem theoricas, com pessoas instruidas e algumas de alta sciencia. Pois foi d' ahi o meu ardente fanatismo que me levou a escrever este, e mais alguns pequenos livras, fazendo esforços intelligiveis. Ja antes dessas relações com pessoas gradas ao ocorrer do tempo da minha infancia e dahi por diante; as designações enblemathicas das situações da freguezia e indicios, as conversas que tinha muitas vezes convestutos anciões antigos. Sobre tradicções, uso e costumes dos tempos passados me fazim suggerir e me espirava a ideia de que era presciso um livro memorias; julgar o necessario entre o povo de minha freguezia que nada sabia nem (importava) lhe constava destes passados historicos. Diz o Snr Pinheiro Chagas no seu livro Migalhas que deixou a sua historia de Portugal escripta por elle, vagamente com muitos pontos obscuros, por não poder definir sobre a puresa da verdade por falta de memorias escripta em cada uma das diversas povoações do reino sobre os usos e costumes e o que se passou na antiguidade em cada uma dellas, adianta elle que em diversas nações com especialidade á França, que aquelle povo escreve suas memorias desde a povoação maior até a mais minima e que por isso, a historia francesa é uma das mais completas de (verdade) a puresa de verdade. Assim o meu livro de memorias deveria ser insitante as diversas povoações ruraes, para que as respectivas juntas de parochias fa-

çam escrever suas memorias para que no futuro sejam engrossadas com todos os visos de verdade as paginas de sua historia patria, dou por completa a presente introducção .

-P R O L O G O

Caros leitores em geral com especialidade de VILLAR do MONTE, o trabalho que vou appresentar, com a epigraphe memorias de minha e vossa povoação, foi como ja sabeis; devido a minha indole de caracter natural, no vigor de minha idade concernente por esta vocação a incutir-me um exame minucioso em minha memoria dos factos que achei escriptos e os ralitivos concernentes e outros e de indicios analogicos, que observei veridicos e outros com visos de verdade; sã o alguns destes factos ou quasi todos historicos trechos da nossa historia e outros que se ligam ao nosso patrio lugar em remoticimos seculos por isso a minha dedicatoria se dirije somente ao respeitavel publico, e nãe especifica a uma povoação, a quem me dedico, em vez de memorias, poderia dar-se-lhe a epigraphe novella historia; e esta a materia thematica de assumptos antigos que vou relatar. Assim me refiro primeiro a dois monumentos nesta povoação archeologicos dois mausolêos um solar em ruinas de antiga nobreza, que por ahi ouve. Toco de leve na historia de cinco antigos conventos que tem ligação com a historia deste lugar. Os indicios ainda ruinas de duas hermidas que existiam nos limites desta povoação e ainda outra em dúvida; a fundação da freguezia dos feitos antigo vale longo em territorio do antigo São Miguel do Monte, hoje Villar do Monte, o lugar onde se supõe ter existido a antiga igreja em antes da actual; e seu antigo calvario, os vulgares nomes significativos; a partilha da herança por sorte, a sorte do frade; ainda indicios que provam alem de documentos que existe, terem sua antiguidade ahi existido um feudo senhor com a patente de marquez de São Miguel do Monte, que segundo um documento que esteve em meu poder; era este o nome da antiga freguezia; a veracidade do lugar aonde exitia o calvario da actual igreja os antecessores da casa de Álvaro Barbosa, fidalgos da freguezia de Quintiães, relacionada com a historia dos Feitos, um supposto frade no antigo convento de Bouro decendente da familia do referido feudo senhor marquez do antigo São Miguel do Monte, presumptivo senhor e dono que foi ou seria de Vale Longo hoje Feitos, facto este a que se relaciona o Paço em seu lugar hoje assim denominado; os conigos do cabido da sede Braga, sua attitude para com a antiga igreja de São Miguel do Monte e actual de Villar do Monte. Os padres da casa do Paço ou Quinta, hoje só

indicios, que foram conigos do cabido da Sé do Braga a quem constituiram herdeiro. a que deu origem ao acabido ser senhor de vastas terras em Villar do Monte. O fidalgo Antonio Ferreira Ferrão sargento mór seus ancendentes e decendentes e o anno mais ou menos de falecimento. Villar do Monte origem do antigo Villar, fundação ou construção da capella de Nossa Senhora do tempo e boa morte e seu patrimomio para igreja de povos que moravam em manello, e reccusaram adrir a nova igreja. Suas antigas festas ou romarias, um rapto antigo original genese de duas familias. Antonio Francisco Ferreira Campos, as brigas de Villar do Monte com os de Santa Leocadia; os parcos e o cesto da obrada, as veriedades dos homens ahi em 1846 e seguinte; os limites devisorios do destricto de Villar do Monte veridicos por onde segue de antiguidade. Algumas preteritas minhas desde a infancia aos vinte seis annos, os signaes analogicos da pedra escripta, a camisa talhada, a estinta freguezia de Palma, o antigo couto da Noiva e seu senhor o abade de Santa Maria do Abade, a capella em ruinas de São Gonçalo, um influente politico antigo vigario dos Feitos, a antiga estrada que foi do antigo convento de Santa Maria de Villa cova, o antigo condado e depois ducado da casa de Bragança uma das damas de esu Paço que a tradicção traz que foi de Villar do Monte, ou São Miguel do Monte, a antiga freguezia deste nome que existiu onde é hoje a Quinta de Manello e Pinheiral do mesmo nome. A fonte de aldea, Crexomil em seus inlegaes limites de Monte Alto até a antiga estrada de Villa Cova e de vis a vis, os soldados do contrabando, do Sabão Galego, Os parcos e coadjutores e curas em Villar do Monte desde 1820 a 1855; a confraria do sussino e seu Juizes e obrigações a cumprir. O cantico do reis no seu dia e a procissão ao cerco em volta da freguezia a São Sebastião. A romarias e rezas das Senhoras das Areas em Darque e outras, o capitão mór Mattos, a Quinta antiga de João Enxate Sobreira e os queijeiros. A venda da cabra, a cruz da venda, um thezouro na bouça do Tula desencantado pelo padre Jacintho parco da freguezia da Silva, a pedra que a guardava, o marco a cruz da venda o penedo do ladrão e sua historia. Dahi a indicação concluida dos factos a exhibir que vou referir circunstanciadamente prolongando as paginas de meu livro que com amôr consciente consagro a este lugar patrio, -de alguns factos adquados ao assumpto, sinto não poder citar documentos autenticos apezar de não deixar de existir.

de outros são evidentes, e bem reconhecida sua identidade e o estado de-
ploravel em que se achavam sem veneração alguma dos povos successores de
seus autores e veneradores. Tem outros ainda que formam uma conjunctura
ou concorrencia de vestigios, factos comparados as cicatrizes no rosto hu-
mano, como signal de feridas ou chagas saradas. Assim no districto super-
ficial dessa povoação encontra-se visivelmente aqui e acolá essas cicatri-
zes signaes como de feridas saradas, causadas pelas evoluções occorrentes
e descoroladas em remotos tempos que deixaram na occorrencia das epocas
signaes veridicos analogycos dignos de plausibilidade que nos são im-
portantes chamando-nos a memoria esse recordo a dar-nos uma idéa do que se
passou ao atravéz dos seculos com nossos antigos. Os dois mausoleos conhe-
cidos deteriorados sem lustro algum, um dos quaes de um homem illustre co
a epigraphe lapidal da lousa sepulcral, que lhe cobre a cinza quasi apaga-
da ; o outro que não era menos illustre, tinha em sua lousa sepulcral or-
ganica em 3 pedras, o emblema monastico em relevo da ordem onde pertenceu
que abandonou em fuga perseguido por inimigos do christianismo que lhe ti-
raram ahi a vida; e devido aos luguebres acontecimentos do dia, não poude
ser sepultado nos claustros de seu convento. Foi lhe dada ahi a modesta
sepultura, talvez por alguma alma caridosa ou por seus parentes ou patri-
cios da freguesia de banho. Assim o entregaram ao dominio publico esperan-
çados n'um sentimento erecto e consagrado a veneração e respeito aos mor-
tos, inspiração de Deus em todos os corações do genero humano desde tem-
pos pre-historicos, e ainda de conformidade com as leis, e gentes por isso
ahi era visto desde centos de annos esse tumulo á face da estrada inspiran-
do dos viajantes que por ahi passavam. Tucantes sentimentos e homenagens
as cinzas do illustre morto cujo tumulo guarda ou guardava; e realmente
repugnante esse desdouro soffrido depois de ahi estar talvez uma meia du-
zia de seculos inspirando dos povos o mais funebre e lutuoso sentimento;
e chegarem emfim o dia em que pela falta de principios sentimentaes de um
homem elevado pelo entreçe; essa reliquia ser vedada, sacrilegiamente da
vista e face do dominio publico devido tambem a inesperiencia de certos
homens que exercem autoridade e deixaram de prohibir. Assim foi essa me-
moria vedada mais por negligencia que os povos conheciam e conhecem por

Campa do Frade, lançada á sombra da arvore do esquecimento. Caros leitores essas restos mortaes que são de um martyre do christianismo, hoje cinzas convertidas em terra, deve ou hão de ser mais tarde ou mais cedo restituidas ao dominio publico, a quem foram entregues depois do ultimo suspiro dessa victima, para voltar a receber deste o devido respeito e homenagem. Na primeira parte no intervallo successivel das paginas do meu livro encontraes o meu brado grito de clamor a fim da restituição devida ao publico, desse tumulo. O meu intento é fazer reviver e recordar e trazer á memoria todas as tradicções e tudo quanto está esquecido de que me recordo e lembrar tudo quanto possa esquecer. Tenho esperanças, em que nesse lugar onde nasci e vivi 45 annos se levantára de entre a juventude pessoas patriotas de caracter natural de nobres e elevados sentimentos que depois de ler o meu livro em seus corações aspirará o corajoso animo e vocação activa e veemencia de velar por tudo quanto eu inicio, espero que sejam zeladores energicos de seu districto para o qual mais do que o foram nossos avós e pelo que se assevera, se as povoações visinhas quizessem passar com a demarcação de seu districto pelo leito onde dormiam, elles deixavam de reagir. Via-se por ahi uns signaes feitos pelos usurpadores, marcas sem importancia em pedras que mais pareciam brinquedos de creanças. Foram feitas pelos de Santa Maria do Abbade e Santa Leocadia, já se vê, e e assim o indica sem consentimento dos usurpados, pois se o fosse apparecia de marcação de algum caracter. Tem apenas um marco a cruz da venda que pela resistencia de um unico homem que apparece foi collocado ahi para ponto ou esquino de angulo a cristado morro de Christello por onde segue desde o marco da casa de Bragança os nossos limites, como narrarei nas paginas successiveis. Todos sabiam e os homens dessas povoações velhos já em meu tempo me diziam que esses terrenos de que se trata tanto do lado Crèxamil como do outro lado pertenciam á Villar do Monte; e há documentos que o assevéra os escriptos nesse tempo de antiguidade, vendas e emprasamentos de terras com tratos passados e datados como sendo em Villar do Monte. O Tombo ou documentos de demarcação de Villa Cova, da confrontação da Campa do Frade para o Norte com Villar do Monte. Na torre do Tombo em Lisboa deve existir o Tombo de Villar do Monte; quando não seja mais no

archivo que lá deve existir do Cartorio do recebimento dos dízimos. Aqui fica bem patente o meu desejo sincero de augmento e progresso d'essa terra que foi meu berço e que por certo não mais tornarei a vêr; incito os homens dessa freguesia a pugnar por tudo quanto deixo manifestado é o que desejo.

MEMORIAS DE VILLAR DO MONTE

PRIMEIRA PARTE

A tradicção nos traz que de Villar do Monte houve um das damas do Paço dos muitos nobres e antigos condes de Barcellos, ou seus successores os serenissimos duques de Bragança. Não ignoro que a uns seis seculos mais ou menos que isso poderia ter succedido que Villar do Monte fosse conhecido pelo mesmo nome de hoje por um documento que li, tinha nome differente o que é certo é que é a mesma tradicção nos traz que aquelles senhores cederam seu dominio direito que tinham nesse territorio a essa dama; por certo mediante qualquer fôro a que se sujeitou a pagar nesse tempo a essa alta nobresa. Tambem é certo que existe actualmente um antigoissimo Tombo documento de demarcação de limites no cartorio da serenissima Casa de Bragança em Barcellos com refferencia ao substituido nome que presumo de Villar do Monte, sem contudo eu saber se sim ou ñão esse documento se refere ou se foi passado por aquelles fidalgos a essa dama de seu paço. O documento foi visto por mim porém não chegou ás minhas mãos. Succedeu isso por causa de pequena pendencia que teve com o respectivo delegado da mesma e serenissima Casa de Bragança; foi o caso de eu ter requerido á Camara Municipal, o aforamento de um pequeno terreno em Villar do Monte, proximo á divisa e limites de Santa Maria do Abbade da qual todos os terrenos são foreiros á Casa de Bragança. Houve por isso um emphyteuta que foi queixar-se endevidamente de que eu tinha entrado com a medição n'aquelles limites e por conseguinte medindo terrenos que lhe pertenciam, deo ~~um~~ motivo a que o mesmo respectivo delegado falasse á alguem para me pedir o obsequio de lhe ir falar a essa repartição; o que fez promptamente, a discussão foi pequena e quasi amistosa, foi só elle dizendo que havia queixa contra mim dessa medição. A minha resposta foi energica. Disse-lhe eu: não senhor, a Casa de Bragança não tem nada em Villar do Monte que foi justamente onde fez a medição e não em limites de Santa Maria do Abbade. O homem respondeu as seguintes palavras: visto o que o senhor está dizendo eu vou mostrar se sim ou não, a Casa de Bragança tem ou não terreno em Villar do Monte; pois que se formos a isso digo-lhe que Villar do Monte é todo da Casa de Bragança. Foi então que elle desceu de uma estante um volumoso documento e leu em minha presença qualquer narrativa, porém não continuou. Pois pareceu-me quasi impossivel

poder ler-se tal documento. Mas apesar do pouco que leu comprehendi que a freguesia dos Feitos está toda nos terrenos de Villar do Monte e que Villar do Monte pagava á Casa de Bragança 400 reis ou um carneiro ou as duas cousas se bem me recordo, em quanto ao avalisamento nada fiquei sabendo, porém conhece-se bem por onde não pode deixar de ser os limites em Villar do Monte. Todas as freguesias confrontantes se apoderaram de terrenos de Villar do Monte em quantidade eceptuando-se a de Villa Cova que não possue terreno algum dos limites do referido Villar do Monte; é veridico que ahi pelos annos de 1200 mais ou menos os antigos condes de Barcellos, e depois seus successores os serenissimos duques de Bragança foram senhores e continuaram a ser de todas as terras desde o rio Ave ao rio Minho, numa distancia em largura entre o oceano e o restante continente de uns 22 kilometros mais ou menos. Dentro deste percurso nessa antiguidade não existia cidades nem villas a não ser Barcellos; pois sabe-se que Barcellos já existia antes de Christo, 400 annos como cidade e com nome muito differente; todas as outras villas e cidades que existe desde Santo Thyso, Villa do Conde nesse percurso até o rio Minho foram fundadas depois ao correr dos seculos. Villa do Conde foi fundada pelo mesmo conde de Barcellos, onde foi sepultado elle e sua mulher em sepultura sua na igreja do antigo e extincto convento de Santa Clara da mesma Villa, tambem fundado por elle. Depois disso veio a epoca da divisão e empyteuticar essas terras talvez com direito de remissão pois que hoje poucas são as que pagam o foro a Casa de Bragança. Essa divisão podemos desde já julgar que sendo o referido documento como eu creio o existente e indubitavel Tombo, em Villar do Monte não está conforme essas medições da antiguidade feitas em vastos terrenos como foram os da Casa de Bragança, não deixavam de ser quadrado, digo quadrangolares de quatro angulos, e a ser assim os primeiros dois angulos devem ser formados na vertente de Mont'Alto em linha rectangular de nascente á poente confrontando com os limites das freguesias que medem do covado até ahi, fazendo angulo onde passa a linha recta que vem do sul, onde confronta com marcos dos limites da freguesia de Creixomil, cuja linha se prolonga só até á Campa do Frade ponto onde os limites de Villa Cova fazem angulo a seguir sua linha rec-

tangular para o poente a confrontar com Crexomil e para o Norte com Villar do Monte, e desse ponto em monte alto até a Campa do Frade de onde Crexomil em continuação de seu prolongamento em linha recta confronta com Villar do Monte, d'ahi para cima de ser arrancada qualquer balisa existente assim como todas as outras desde Barreiras negraes até ahi pois que ainda mesmo que a medição deixasse de principiar em Mont'Alto como deixei dito; vou mostrar ainda com mais claresa que essas balisas estão todas em terreno de Villar Do Monte. Em Mont'Alto não sei de signaes caracteristicos nem significativos pois nunca fui ahi tratar disso. Seria preciso saber-se com quem confrontavam essas freguesias que medem do covado até ahi pelos annos 1200 a 1300 o que não será fácil, o que sei é que as divisões da Casa de Bragança a quem pertenceu Villar do Monte como já disse e se vê por freguesias que ainda são emphiteutas e lhe pagam o foro que eram e são quadrangulares, e da forma como se acha a linha de demarcação de limites da parochia de Crexomil, dá bem a conhecer que esses terrenos entre as freguesias que medem até Mont'Alto e Villar do Monte, foram usurpados como se vê esses limites divide por sua linha rectangular que vem do Sul a Norte confrontando com Mariz ou São Pedro, e se há-de seguir sua direcção ao Norte, o contrario faz angulo no ponto onde termina suas confrontantes, e segue para o Nascente, confrontando com as mesmas e outras tomando-lhe a frente até Santa Maria do Abbade. Isto dá bem a entender que houve usurpamento, estes terrenos nos foram usurpados em remotos tempos, nesta parte só digo o que sinto. Porém vou declarações mais importantes afim de provar e mostrar que esses terrenos ao sul da antiga estrada de Villa Cova eram e são de Villar do Monte. A tradição nos traz que a freguesia de Villar do Monte com outro nome, era aonde é hoje a Quinta de Manello e se estendia como já disse por todo o Pinheiral do mesmo nome bem o demostra os vestigios e nomes significativos dos sitios no mesmo Pinheiral aqui e alli e a quem esses povos eram Vassallos nessa antiguidade de nobresa que existia mais ao norte no logar por onde hoje está a igreja e outros lugares que mais adiante narrarei. Umas das mais recentes dessa nobresa possuia propriedades vinculares para o sul da estrada de Villa Cova, ainda bem mais ao fundo da Quinta de Manelloo que

é chemada bouça da Polaina e outras esses contracto de vincular e perpetuar bens da fundação de Morgadios; data de muitos seculos e como esses nobres eram de Villar do Monte por certo que as propriedades tambem o eram ou deviam ser no mesmo territorio, a Quinta de Manelló, ahi pelo anno de 1816 mais ou menos era terreno baldio situado em Villar do Monte. Isto me foi dito por seu dono o fallecido escrivão de direito senhor Domingos Silverio da Cruz, de Barcellinhos, e que tinha sido dado por uma provisão a um de seus antepassados. Todos estes dados demonstram sendo a realidade concreto que a freguesia de Crexomil não ia confrontar com Santa Maria do Abbade, e mesmo se a freguesia que hoje se chama Villar do Monte, existiu, o que é inegavel onde hoje existe a Quinta de Manello e suas dimensões.; mais nos leva a querer que o angulo do lado do sul de seus limites é em Mont'Alto, em vista da commodidade que tinham esses povos de lhe ficar mais proximo, não podia ser de Crexomil o que hoje não seria tanto asseveravel, em vista da actual freguesia ficar muito mais distante, veja-se o documento existente no cartorio da Casa de Bragança que creio confirmará o que escrevo. O ribeiro de Manello ao sul da ponte do mesmo nome da estrada de Villa Cova sempre pertenceu ao districto de Villar do Monte, Deve ainda existir no mesmo ribeiro ao sul da mesma estrada as ruinas de um antiquissimo moinho que pertenceu devidido em quinhões uns tantos dias. As diversas casas de Villar do Monte uma das quaes onde foi meu berço, que Maria Josepha, Solteira, dona da mesma casa tinha quinhão desse moinho um dia por semana, compra que tinha effectuado depois do fallecimento de seus paes a um consorte do mesmo moinho cujo documento eu lí; essa estrada na antiguidade tinha fôro de estrada real; pois era a estrada de Barcellos para o convento de Santa Maria de Villa Cova, que existiu onde está a igreja Matriz da mesma freguesia. A igreja que foi demolida no mesmo lugar para construir a actual, tinha sido igreja do mesmo convento; ainda existiam do lado do norte da mesma igreja, as portas em arco, que deviam ter communicação com o mesmo convento. Por isso, essa estrada na antiquidade foi de grande transito. Passava por alli não só a populosa freguesia de Villa Cova, como tambem as freiras do mesmo convento. E gente de alta categoria que iam de Barcellos, provável a cavallo e em liteiras vi-

sitar parentes e conhecidos nessa antiga morada religiosa. Pois não havia ou tra estrada que facilitasse o transito para aquelle antigo convento , como devem saber as leis administrativas de antiquidade até 1854 mais ou menos impunham obrigatoriamente as povoações cada uma dentro de seus limites, a concetar essas estradas, eram do que tenho plena certeza os de Villar do Monte que a concertavam desde tempo immemorivel; dessa divisa de Santa Maria do Abbade até até a divisa de Crexomil, ponto onde passa a a linha vertical que desce do pinaculo de São Mamede confrontando com Villa Cova até a Campa do Frade e dahi até a altura do logar de Molarido Até este ponto é incontestavel. Em respeito ao concerto da estrada deve existir documentos de era remota na camara municipal; e sei que ha mais recentes archivados em um cartorio, ignoro qual, é veridico que a Quinta de Manello existe nos limites de Villar do Monte; isto digo não só por seu proprio dono muito antes de seu fallecimento m'o afirmar, mas tambem pessoas de Crexomil por vezes em conversas que tiveram commigo m'o certificaram. Além disso como ja disse a tradicção nos traz que a antiga freguesia existiu ahi; os vestigios e bens que foram vinculados ao sul da estrada é um forte indicativo, e, por isso repito: não ha a menor duvida em que os limites de Villar do Monte continuam da altura do lugar de Molarido seu prolongamento em linha recta até ao ponto do lado do poente das freguesias que sobem do Rio Cavado até Mont'Alto , sendo só até esse ponto que Crexomil deve confrontar com essas freguesias, e não cercal-as ou confrontal-as do ladó do Norte com seus limites. Os significativos mais importantes que nos traz á memoria, é o caracter fraudulento como se apresentam os limites da freguesia de Crexomil nas confrontações com Villar do Monte. Essa artimanha dolosa dá bem a conhecer a usurpação desses terrenos a seu bello prazer. Se retiraram de seguir sua linha recta até a Campa do Frade, para formar ahi um triangulo que mede até os limites de Santa Maria do Abbade e volta até a linha vertical e recta que deixaram de seguir usurpando o que não lhe pertencia. Não se deve concordar de forma alguma que essa demarcação esteja legal. Nem o primitivo tombo dos limites da freguesia de Crexomil por certo não demarca assim como ella hoje se apresenta o que pode a elles possuir como possue um documento de

demarcação dá era muito recente já escripta antimanhosamente e ter sumido o antigo. Leitores de Villar do Monte o unico a quem entrego essa, até aqui estamos referindo até aqui estamos referindo aos terrenos que vos pertence e que primeiro vos foram usurpados ao sul da estrada de Villa Cova, pois que sua pessima forma orthogonal assim o está demonstrando. Se necessario fosse photographar essa superficie triangular entre os limites a que acabo de referir-me. Deveria mais ou menos dar um resultado assemelhando-se a um coichão de boi com a pata em barreiras negraes; nessa superficie no mesmo triangulo, existe ainda mais provas que são a existencia de documentos de que tenho certesa, que dão em Villar do Monte. A propriedade chamada Vieira que foi ou é pertencente aos herdeiros do Snr. Sebastião José do Valle Botas, ao sul da estrada de Villa Cova, e assim pode ou deve haver mais dentro do mesmo territorio, por isso não são obscuros os elementos de prova que deixo escripto ao sul da estrada. A propria superficie que ponho em litigio como já disse, está mostrando a nenhuma seriedade com que se houveram os autores dessa limitação, a parte em que a tradicção nos traz a antiga freguesia na Quinta de Manello, tambem dá todos os visos de verdade, em quanto as propriedades que de antigo eram conhecidas como sendo no limite de Villar do Monte; tambem é significação que dá toda a prova. Pois existe documentos é só saber de seu paradeiro. O antigo moinho de que falei tambem é uma prova de caracter, chamavam-lhe o Moinho de Baixo, pois que no logar onde hoje há um engenho de serra, havia um outro moinho de consortes, a que chamavam o Moinho de Cima. Os dois engenhos não existiam; o primeiro foi mandado construir pelo pae do Snr. Sebastião José do Valle Botas, em 1843 mais ou menos. Se os antigos parochianos de Crexomil usurparam terrenos a Villar do Monte. Os mais recentes já em meu tempo quizeram e querem seguir a mesma rotina. Foi ahi pelo anno 1858, que elles quizeram augmentar ainda seus esturquiados limites ao ao norte da antiga estrada de Villa Cova que já era para seguir paralellamente desde o ponto em Barreiras Negraes até além da Bonte de Manello, e dahi seguir em linha recta até ao pequeno morro ao norte da Campa do Frade sobmisso a S. Manede. Porém, desta vez foram repelidos pelos dois vogaes de junta. O senhor Manoel José Ribeiro e o Snr. Manoel

José da Silva vulgarisado Manoel Verga, que como infelizmente Villar do Monte não possuia tombo pediram a seus collegas da freguesia de Villa Cova para mandar ahi um homem de sua confiança com o Tombo de sua freguesia, afim de verificar na presença dos de Crèxomil as confrontações nessa parte da Campa do Frade, até ao pequenos morro com quem confrontava, como de factos foram attendidos. Appareceu ahi um homem portador do Tombo, que foi lido demonstrando clàramente que as confrontações até a Campa do Frade eram com Villar do Monte, e não com Crèxomil. Os dois vogaes da junta de Villar do Monte, não lhe consentiram passar a estrada em ponto algum; com os meus 16 annos, mais ou menos, fui testemunha ocular de tudo que se passou. Dahi ha uns 10 annos foi eleito vogal de junta em Crèxomil um padre que querendo mostrar perante seus conterraneos sua indole prestigiosa de escamuteador. Teve a audacia de passar esses limites já elegaes até esse tempo ao sul da estrada de Villa Cova para o lado do norte da mesma, formando assim uma vile idegradante divisa com curvas que bem mostram a nenhuma sinceridade cercando propriedades quasi em esquina viva bouças que sempre foram conhecidas pertencentes ao districto de Villar do Monte e assim foram até ao pequeno morro de que fàlei ao norte da Campa do Frade; tal foi essa incidia chefiada pelo padre. Leitores meus patricios já deveis saber que ha para ahi um folheto com a epigraphe "Reminiscencias" em que escrevi duas linhas em discredito de um padre. Não é nem a minima parte do que se devia escrever em discredito desse indigno pastor das almas se elle existisse para se defender que a terra lhe seja leve. Trago esta fracção a colleção motivo porque nos dois assumptos referentes reminiscencias e memorias; me foi e é indispensavel para me não desviar da verdade. Notar o ingresso com desdêm de um padre em cada um desses dois livros podendo assim dar motivo a que os meus caros leitores e patricios ajuizem de mim que estou completamente revoltado contra os padres. Caso assim seja, vos peço para desistir de taes discernimentos. Nunca fui contra os padres, pelo contrario reconheço que sempre foram úteis, e são á sociedade quando cumpram sómente a missão que lhe é incubida de ser BONS PASTORES EXEMPLARES cada um de seu rebanho aconselhando seus parochianos a seguir a trilha do bem em beneficio de suas almas. Os padres não têm

que se envolver em politica, nem em questão alguma, a não ser concernente a seu ministerio; pois que questã em que elles entrem no meio, resultado é sempre fatal. Continuando a narrativa deste manuscripto peço aos leitores meditar até certo ponto para ajuisar do que deixo escripto se sim ou não é verdade serem o de mau grado as questões em que os padres se envolvem, pois succede que com seu enredo de escamoteação até os mortos têm prejuiso, como já disse os dois vogaes da junta de Villar do Monte da primeira tentativa resistiram, pois que com collegas lavradores combinaram mas dahi ha 10 annos mais ou menos ninguem poz resistencia, não pouderam com a labia ardilosa desse padre mas essa usurpação dos de Crèxomil de terrenos além dos que lá ja tinham, deste que o padre deu causa, deu em resultado que os prejudicados não foram só os de Villar do Monte, mas sim um morto e o publico em geral, que por causa disso lhe foi vedado o dominio dessa memoria que ahi existia. Talvez há mais de seiscentos annos, sempre respeitada, faciando com um caminho publico bastante transitavel que vem das freguesias de Alvito em Todo Valle do Tamel para exposende, fazendo desapparecer do publico, pois desviaram, d'ahi esse caminho e vedaram esse tumulo elevado á memoria de um morto illustre que ahi assassinaram ha tantos seculos sem nunca lhe ser prejudicado o respeito e homenagem desses povos que por ahi viajaram, e que tanta nomeada tinha esse logar por causa da existencia desse venerando sepulchro, falo morto illustre, pois se o não fosse não lhe dariam uma sepultura mais ou menos decente, embora modesta; mais conhece-se que era os costumes da epoca em que succedeu o assassinato. Tem o emblema da ordem a que pertencia embutido no centro da pedra sepulchral e bem assim nas duas pedras, que fazem testada na mesma do lado dos pés e cabeça do corpo ahi sepultado. O morto, segundo a vulgaridade era um frade do antigo convento de banho e foram mortos. Além de outros companheiros que fugiram para longe, dois ahi perto na Quinta de Frigemil em Perilhal e outro em Roriz motivo porque foi e deve constar do antiquissimos Annais existentes em algum archivo antiquissimo. Por certo foi perseguição tenaz que houve em epoca remota contra a religião christã que esses frades foram forçados a abandonar seu convento e foram mortos barbaramente por seus inimigos em qualquer lugar

quê os encontravam. Vêm-se na historia em remotas e differentes epocas essas perseguições;assim como actualmente está succedendo. Por exemplo: São Trucate arcebispo de Braga,numa perseguição dessas tambem foi morto em terras de Guimarães,esses heróes da religião catholica nos preteritos tempos eram os mais eminentes e elevados nos estudos entre os povos e firmes a religião que professavam em seus conventos.Morriam mas não se entregavam por isso em epocas que succede haver modificações politicas ou ante.christianismo procurava e procura com tenacidade ferós. O ensejo para dar golpe mortal em todo clero o que nunca até hoje poude conseguir,não quer dizer com isso que só se dava respeitar as cinzas desses mortos illustres. Pois entre os povos catholicos,é uso quando ha um assassinato qualquer que seja a pessoa levantar-lhe uma cruz emblema da morte de Christo no lugar de seu martyrio para incutir e tocar nos corações humanos a prestar-lhe contrista homenagem,com tudo entre os mesmos povos sempre se differensou esses a quem Deus dotou de espirito mais esclaredido como a esse de cujo monumento tumular,existe ou existia. Agora pergunto eu preterictoriamente porque não conduziram dahi o mortuario para a igreja de seu convento ou cemiterio ou outra igreja qualquer? E' de presumir que nesses dias em que succedeu o obito houve grande sanha feroz e grande matança dos fieis que para escapar de morrer julgaram por dante deixal-o ahi esperando opportunidade até que emfim seria depois preciso dal-o a terra ahi mesmo; depois disso provavel algum parente,ou mesmo seus patricios da freguesia de Banho mandariam esculpturar essas pedras funerarias para collocar em memoria sobre as cinzas desse martyre da Santa Religião que devia talvez professar no convento ou casa de oração de sua freguesia,pode bem ser que esse heroe da christandade seja algum dos do catalogo das vidas dos martyres do christianismo. O que é certo é que ahi se conservou alguns centos de annos até ao ultimo quarteirão do seculo passado só a esse tempo em virtude da alta ração de limites menos presiveis a que me tenho referido, entre Villar do Monte e Crexumil,é que deu o motivo para que desapparecesse do dominio publico,ficando escondida a sombra do esquecimento,isto devido não a incredulidade mas sim a falta de conhecimentos,essa

antiga reliquia não podia ser vedada, e o publico, principalmente as trez povoações entre as quaes ella existe deviam ter prohibido esse acto de profanação. Quantos milhares de creaturas ahi viajavam com seus corações ternos affectuosos movidos de amor dessa flama divina accesa em toda humanidade, que approximasse dessa memoria sepulchral, se lhe inspiraria a catamento e respeito sentindo vibrações em seu pensamento con tritando-se alguns segundos como a inquerir desses sete palmos de terra onde jazem as cinzas, o motivo do martyrio nesse deserto, seria em sentido alegorico a resposta, mas tambem não podia deixar de ser analogica. O emblema signal cateristico symbolo sacro de santidade, é quem respondia, fazendo-lhe suggerir e encutir no espirito sua autentissidade irrecusavel a memoriar e exprimir a crença em tempos remotos na santa fé catholica, pela qual foi victima esse heróe da christandade, trasendo mais á memoria do viandante, inspirado pelo aspecto funerario dessa paisagem, approvavel verdade de que esse desventurado membro do catholismo em remotos dias de de grandes treguas, seria forçado pelo approximar de seus inimigos, abandonarem em fuga em salvamento em vão de sua vida. O pateo claustral de seu convento, sendo-lhe depois seguidas as pisadas a alcançal-o nesse lugar onde sucumbiu victimado por seus algozes, tendo ahi succedido o funesto delicto. Este trecho é sem duvida a unica verdade desse distanciado facto embora um tanto longo em narrativa mas velozmente inspirado por essa subtileza de espirito, de que todo genero humano é doptado, por isso ahi chegado o viandante possuidor desse poder inaudito que nos asseste. Toda essa tragica em menos de um segundo lhe era inspirada e seguiria sua viagem dando alguns passos pensativo, até que alguma causa do acaso o distraisse. Talvez alguma ave esvoaçando enriquieta de entre a frondosa romaria dos sobreiros que ahi existiam, lhe sahisse de encontro occasionando-lhe a mudança de pensar para o exito de sua viagem. Tudo que digo a tal respeito aconteceu commigo, que desde tenra idade ahi passava; bem me recordo de que meus paes me mandavam a Esposende comprar meia fanga de sal, e lá ia eu num domingo pela manhã de sacolinha ao hombro e um pequenino bordão na mão impondo-me, meus paes a ouvir missa do Padre Manoel de Leal na capella do Avronheiro onde era capellão. Ao chegar

a essas trez pedras sepulchraes me inspiravam um tal sentimento que tinha que parar ahi alguns segundos meditando na morte desse homem em lugar tão distante de povoações, e ao passar pelas ruinas do antigo convento de Banho onde elle foi frade me vinha ao pensamento elle e seus companheiros mortos por ahi nesse tempo. Apesar de tudo em ruinas ainda se fazia na igreja desse convento uma festa á Nossa Senhora de Banho, vendo ahi em frente tocando zabumbas e caixas os pitos de São Claudio. Além disso a Campa do Frade é o logar donde se destina do ponto da partida cada um de suas casas passar ahi em horas certas a seguir viagem a tempo de chegar as horas convenientes ao ponto de parada. Assim succede com os povos das freguesias da Silva, do Couto de Carapeços. Santa Leocadia e Villar do Monte romeiros do Snr. Bom Jesus da Fão que todos os annos na 2ª feira depois da oitava da paschoa se preparavam com intuito religioso para seguirem para Fão cumprir ao referido Bom Jesus um boto solemne que consiste em cantar acompanhados de um padre a ladainha envocando o nome da virgem e dos santos seguindo em sua frente uma cruz arvorada de que se fazem acompanhar desde sua freguesia. Este bóto é um uso e costume que lhe vem de antiquidade por seus antepassados. E' entre canto ver esse bom povo logo desde manhã preparar seus bornaes munindo-se de ovos tingidos de vermelho ainda o ex vso biblico do óbolo paschoal tradiccional da estituição de Moysés, movendo-se numa azafama na maior alegria chamando um aos outros para seguirem reunidos ao som do toque de uma viola e uma rabeca cumprindo as ordens do juiz da confraria do sussino que os tem prevenido de que a tantas horas se tem de passar á Campa do Frade pois sempre existiu onde a enxergavam. E' realmente repugnante as pessoas de criterio e sentimentos nobres, ver esse modesto monumento pertencente ao dominio publico por quem ha tantos seculos sempre lhe prestaram homenagem de respeito sem nunca ser violado. E a ver agora quem o fecha dentro de uma propriedade como se fosse propriedade sua. Por isso para que os leitores se convençam da importancia que mesmo mais ao longe dessas freguesias se dava a essa chamada Campa do Frade vou relatar-vos, mais o seguinte: Por serem parte ligado a esta narrativa, os leitores desses lugares conhecem muito bem o largo do

Bemfeito em Barcellos onde existe um grande edificio de construcção antiga com vastas acommodações e elegantes frentes. Cása solarenga do antigo capitão-mór ou Mattos cujo nome por inteiro eu ignoro. Neste ponto direi alguma cousa de historico que gente desse tempo me dizia, desse homem. O capitão mór-Mattos ahi pelos annos de 1825 a 1833 foi um dos mais altos personagens politicos de Barcellos, era elle valoroso forte e inquebrantavel sustentaculo; ahi da causa de el-rei, D. Miguel, contra D. Pedro. Além de capitão mór, foi pelo mesmo rei D. Miguel agraciado com a patente de brigadeiro, organisou em Barcellos um batalhão de voluntarios para maior numero de forças a baterem-se a favor da causa do referido rei illegal D. Miguel; este batalhão commandado pelo mesmo capitão mór guarneceu Barcellos depois do Batalhão de Melicias ter seguido para as linhas do Porto; depois disso ainda commandado pelo mesmo capitão foi guarnecer Vianna do Castello onde esteve bastante tempo. Ahi o capitão mór foi substituido no commando pelo Visconde de Azevedo e veio para sua casa. O Batalhão de Barcellos depois de estar em Vianna e commandado pelo mesmo Visconde de Azevedo, foi guarnecer Villa Real, detraz dos montes. Demorou-se ahi e depois seguiu tambem para as linhas do Porto. Essas cidades depois das tropas seguirem para o Porto, eram guarnecidas pelas companhias de ordenança. Era o capitão mór de Barcellos amigo intimo do povo da freguesia de Villar do Monte. Obteve dessa pequena freguesia para o seu batalhão, seis voluntarios, seus nomes foram: Os senhores José Bernardo da Silva, João Rodrigues da Cunha, e seu irmão Francisco Rodrigues da Cunha, Antonio José Gomes e seu irmão José Gomes, Manuel Luiz da Costa. José Gomes foi morto em combate nas linhas do Porto. Traz destes homens que sobreviveram aos outros me narravam todo o passado. Mandou o capitão mór construir a estatua de sua figura em relevo inteiro. Cabe essa gloria a um escultor da freguesia dos Feitos que por ahi deixou nome e parentes. Dizia-se por ahi que esta estatua era para levantar-se no Largo do Bemfeito em frente a sua moradia. Caso D. Miguel vencesse a guerra contra D. Pedro, mas devido a essa infelicidade foi collocada dentro do edificio, no segundo patêo da escadaria. Voltando ao assumpto do qual me desviei, pelo que falavam as

pessoas desse tempo era a caça da perdiz nos montes de Villar do Monte o constante passa tempo do capitão mór de Barcellos. Era dessa convivencia na caça donde originavam as relações de amizade com todo esse povo, diziam que ja era sabido entre elles o dia que se podia encontrar o o capitão mór caçando nos montes, diziam elles que seu intenerario era sahir de sua casa de manhã cedo a cavallo e seguir a estrada de Vianna desse tempo acompanhado de sua commitiva e os cães perdigueiros até as Penadantes. Dahi subia na cordilheira sobre a Varzuela a Ninho do Pombo, Alto de Crujeira e descia a Bouça do Manso, atravessava a Bouça Velha, Bouça do Mato passava para as coutadas de São Mamede, e seguia pelas fraldas do Monte do mesmo nome, e descia a Campa do Frade. Ahi era esperado por pessoas que lhe trasiam a janta quer fosse de Villar do Monte, ou de Crèxomil e muitas veses que mandava vir para ahi de sua casa. À comitiva do capitão mór mais das vezes ajuntavam-se-lhe amigos de longe que elle convidava para vir a caçada que não tinham visto nem sabiam onde era a Campa do Frade, pelo que me disia os senhores João Joaquim Barreto, Manoel José da Silva o apellidado Manoel Verga e Manoel José Ribeiro de Ogueiro, que algumas veses iam ahi nessa occasião; diziam elles que estes homens antes de mais nada logo que ahi chegavam iam ver e rodeavam a Campa e perguntavam para o capitão mór: Ha quantos annos alli existia. Esta resposta do capitão mór é que elles ignoravam. Mas diziam que elle continuava dizendo para os seus amigos. Isto é um monumento, e ao mesmo tempo padrão da Balisa de 3 freguesias; continuava elle é aqui onde 2 freguesias; a de Crèxomil e Villa Cova; fazem cada uma um de seus pontos quadrangular, e onde passa em linha recta de norte a sul a de Villar do Monte confrontando com Villa Cova e Crèxomil quasi em toda a estensidade. Hoje pelo que tenho lido é dono desse edificio do Largo do Bem Feito, o senhor Dr. Mattos Graça, bisneto do antigo capitão mór, Caros leitores dessas freguesias que cercam essa paisagem, ou lugar que se chama Campa do Frade com especialidade meus patricios de Villar do Monte, declaro que tambem fui testemunha ocular dessa insidia tramada por um padre de os de Crexumil ultrapassar pela ultima vez em meu tempo; seus limites a usurpar mais terrenos no districto de Villar do Monte, occa-

zionando por isso ser escondida do dominio do respeitavel publico, essa monumental sepultura. Bem me recordo do homem de Crexumil que nessa occasião adquiriu esse terreno onde está a referida sepultura a beira do caminho. Escutei elle dizer: vou mudar esta estrada, e cercaram uma bouça a que darei o nome de Bouça da Campa. Leitores eu nesse tempo não era ou visto para cousa alguma, mas quando o homem disse esta palavra, fiquei encommodado, o povo entregava bastante os destinos parochiaes ao Snr. José de Jesus Mano, homem de bem, porém deixou-se lograr pelo padre; tinha esse fraco pois d'ahi a tempos deixou-se lograr por outro padre. Mais tarde é que eu soube e vi que havia um documento no cartorio da Casa de Eragança, com referencia a Villar do Monte. Depois me disse o mesmo dono da Quinta de Manello que toda essa quinta estava em limites de Villar do Monte. Mais tarde achando-me um dia na propriedade chamada Vieira, juntamente com o seu dono o fallecido senhor Sebastião José do Valle Botas, este me disse que aquella propriedade estava no districto de Villar do Monte, que tinha documentos ou os tinha visto que assim davam. Se esse enredo doloso succedesse; mais dahi ha tempos quando eu já ao par doque acabo de narrar e com qualquer apoio desse povo prejudicado nos seus enteresses parochiaes. Era de prever que commigo não teriam a audacia de passar para cima da Campa do Frade nem ultrapassar mais nossos limites. Por isso é veridico que os terrenos ao sul da estrada de Villa Cova pertence a Villar do Monte, e que os de Crexomil á seculo os foram tomando em proporção que a referida freguesia, foi desapparecendo desses lugares onde é hoje a Quinta de Manello, e suas dimensões. E continuaram nessas series de rapinagem, se os deixar, dessa ultima vez que elles passaram ao norte da estrada como já deixei dito em parte, eu vi que elles apresentaram ahi um Tombo documento de demarcação, sem que me recordo da era, porém sei que era muito recente proporcionalmente escripto, ha poucos annos, a freguesia de Crexumil é muito antiga, não podia deixar de possuir um documento de demarcação dessa antiquidade. O que succedeu foi o seguinte: é que elles precisavam de um documento que lhe garantisse os terrenos de que se foram apossando em Villar do Monte, sumiram o antigo e organisaram um outro e seu bello prazer pois que elle demonstra, a nenhuma seriedade não dá

os pontos de balisa onde se possa julgar que é a realidade. Passado a ponte de Manello diz seguir por valle de espinhosa, direito a penedo redondo; é no pequeno morro acima da Campa do Frade, quando tal penedo nunca existiu; todas essas freguesias antiguidade foram terras que pertenceram á nobresa ou aos conventos, onde deve ou deverão existir os originaes documentos de demarcação; de tudo isso pode muito bem não ser custoso quem se der ao trabalho, obter qualquer documento desses. Porém emquanto ao presente não é preciso. Creio que em Villar do Monte pode existir algum parochiano que seja veloso pelos interesses de sua parochia, que tenha esse sentimento como eu tive e teria se ahi continuasse a viver; é a esse a quem eu faço meu appello fazendo-lhe a observação de nenhum receio pelo seguinte: a junta da parochia de Villar do Monte e Crexamil não firmaram contracto algum por escripto, não consta no livro das Actas esse accordo entre as duas juntas, e que constasse pouco valor podia ter sem as assignaturas da maioria dos habitantes. Por isso appello além disso para todos os dignos representantes desse povo, incito o mesmo em geral a que cumpram o que já deixei escripto de derrubar esses marcos que existir fazendo angulos a quem gosta das gandras cercando bouças que lhe não pertence desde o morro acima da Campa do Frade a Barreiras Negráes. Todo o restante ao sul da antiga estrada de Villa Cova de que tantos endicios de verdade deixo escripto. Espero que os mesmos aos seus successores adquiram esse documento existente no cartorio da Casa de Bragança e outros que existem para mostrar em juiso ou fora delle aos habitantes de Crexumil e de outras freguesias, ao diente escriptas que estão possuindo terrenos que devem ser restituidos a Villar do Monte. Para mostrar aos leitores e patricios que não é difficil obter esses documentos lhe vou esclarecer o acontecido ha uns 35 annos mais ou menos, numa das freguesias desse conselho. Na freguesia de Germonde existia nesse tempo um homem, se bem me recordo de nome Antonio Machado, era negociante em pequena escala no lugar de Rebordões da mesma freguesia. Era um dos eleitos quasi sempre a junta de parochia e escolhido pelos seus collegas e pelo povo para tratar de enteresses de sua parochia, vinha a miudas vezes a Barcellos onde se relacionou commigo, tratar de negocios de sua fregue-

sia e de outros,me disia elle,que sua freguesia era prejudicada desde tempo ememorial em seus limites por algumas freguesias suas visinhas, e no archivo de sua parochia não existiam documentos com provativos; por isso andava elle incançavelmente procurando antiquissimos archivos onde quer que os houvesse de originalidade de sua freguesia.Nessa lida andou elle alguns annos até que afinal obteve esses documentos,e conseguiu ficar claros e evidentes os limites de sua freguesia,sendo-lhe restituidas todas as terras que desde ha centos de annos as freguesias visinhas as consideravam em seu districto parochial nessa occasião ficou verificado que o convento e igreja da Franqueira estava estava no districto da freguesia de Gòlmonde;quando ha tantos seculos os de Sampaio do Carvalhal ou haviam como em seu districto parochial.Por isso os meus patricios de Villar do Monte devem crer que tudo é possivel quando houver quem se dê ao trabalho de procurar. Neste ponto continuarei mais a insitar-vos no que diz respeito a Campa do Frade. Como já disse quando nesse tempo eu era presente esse homem tratou de violar,ou por outra escondeu do dominio publico aquillo que ha tantos seculos tinha sido entregue ao respeito e homenagens do mesmo publico,sem nunca por este ser violado nessa occasião achei-me eu offendido em meu pudor como parochiano de Villar do Monte,e envergonhado por não haver de antre estes um só que se opuzesse a esse sacrilegio ou ultrage a esse venerando e tão antigo tumulo. Senti e sinto dor de coração.As nossas leis em todo tempo prohibiram e prohibem essas violações profanas a memoria dos mortos; e por isso ainda se está a tempo. E' repugnante ser um padre que originou essa profanação,e nenhum dos povos das 3 freguesias inpugnou tal ultrage.Por isso repito ainda se está a tempo,o publico precisa dessa reliquia a sua vista e face para lhe prestar a devida homenagem e respeito,e para recordações do que se passou em tempos antigos e para ahi ficar a vista e face de seus vindouros,afim de por elles ser tambem venerando e respeitada,e recordar-se do mesmo passado,por isso faça-se conhecer o actual dono dessa propriedade,que essa sepultura não é objecto de posse,nem mesmo apezar de ahi cercada ha bastantes annos,não tem prescripção pois embora lhe seja respeitada a propriedade,mas mediante uma pequena avenida,

tem que entregar ao dominio publico. Declaro mais que desde tenra idade sempre respeitei e fiz venia a tudo quanto é antigo; pertenço mesmo ao numero dos opiniaticos da conservação dos antigos monumentos; por isso mais uma vez insito meus patricios de Villar do Monte, para que devisem amistosamente o actual dono dessa propriedade que occulta essa memoria que abra uma entrada afim de o povo ir ahi render-lhe preito e homenagem. Caso elle não seja concorde, seja-lhe devassada a propriedade. Ide visitar esse tumulo que sempre foi e é do publico, que sendo para esse fim, não ha lei que condemne tal devassidão; e mesmo afim de punir pelo nosso padrão de divisa que é entre Crexomil e Villa Cova. Insito ainda o povo das outras freguesias visinhas, com especialidade a freguesia de "Banho" patricios desse homem ahi morto em tempos remotos, que façam restituir a memoria de seu antigo patricio e visinho, outra vez ao publico conforme sempre esteve. Retornando ao ponto onde prometti dar esplicações sobre a existencia da nobresa e seus vassallos antigamente em Villar do Monte, direi o que me occorre a memoria tradiccionalmente com indicios de verdade e mesmo decendentes de alguns desses nobres. Como eu ia dizendo os vassallos dessa nobresa eram os povos da antiga freguesia que existiu em Manello e suas dimensões que eram terras de cultivo não existiam os fidalgos, a não ser o lugar onde está hoje a igreja, que já existia esse lugarejo a que davam o nome de Villar, pois que tambem existia ahi um solar que adiante esclarecerei; todos esses sitios no referido pinheiral de Manello, a tradicção lhe dá nomes significativos mostrando claramente indicios de ter sido por ahi habitações desses povos que eram vassallos e soldados exercitados de linha e cavallaria dessa nobresa aptos para a guerra quando a mando delles fosse preciso seguir; os que pertenciam á linha eram fardados de couraças e escudo e capacete, e vem adextrados em esgrima, jogo de espada lança e florete, o resto eram armados em cavalleiros, cada vez em mais apuro de destresa. Nesses tempos era assim em todo reino. Tem ainda um sitio que a tradicção lhe dá um nome tão insignificativo em relação aos antigos militares da nobresa, que é o de bouça dos cavalleiros, que bem demonstra com claresa em sua expressiva, fazendo-nos exprimir, incutindo-nos ser de toda a verdade o assumpto

a que me estou referindo;não se pode negar que esse nome significativo que dè antiguidade por tradicção se dá a esse lugar,não fosse o ponto onde se reuniam os fidalgos e os vassallos dessa nobresa,afim de fazer exercicio de cavallaria em occasião que tivesse de seguir para a guerra. E'sem duvida devido a esses exercicios de antiga cavallaria dos fidalgos que ahi chama ainda hoje a esse sitio Bouça dos Cavalleiros,que mostra indicio de ter sido feichada. Sabe-se bem onde existiram os solares desses nobres que parecem não ser menos de tres. Os antigos diziam que a tradicção dava que de antiguidade,Villar do Monte era uma só quinta.Podia ser que sim,e depois por successão de herança se dividisse os sitios denominado Casa Alta,é um dos nomes significativos que parecem ter sido ahi um dos solares de nobresa,dahi até ao campo do Outeiro,apparece vestigios de caracter que nos traz a memoria ~~su~~ ter existido ruinas de casas.Ainda lhe dão o nome de padrinheiros que não podiam ser senão habitantes submissos a esse solar de nobresa que ahi tivesse existido;mesmo pérto tem uma entrada que parece ter existido portão de entrada da casa.Lá mais ao centro onde lhe chamam Sagueiral,ha um circuito que pertenceu em tempo á familia da casa que me serviu de berço que tambem mostra ter existido ahi uma casa de habitação. Tem ahi bem proximo d'onde se diz casa alta onde se chama pomar,nome que se dá ás terras destinadas a agricultura de fructa que sempre foi e é a mais proxima da habitação que tudo nos faz crèr que existiu ahi esse solar e que por certo era de nobresa; pois bem demostra por onde se estendiam suas terras ou quinta, todas essas terras cercadas pelo cabeiro mais ou menos em volta até aos curtos de gaudrachã,e dahi a seguir por um vallo tosco que bem mostra ter sido cercania até a cancela de Germonde,dahi até a poça do Salgueiral,mostrando dahi o mesmo sitio denominado Casa Alta vestigios bem caracteristicos,que não envolve dentro o campo de Outeiro. O nome de caveiro significa fazedor de cabos de faca. Por certo existiria ahi algum habitante desse officio. A existencia dessa cruz especie de cruzeiro. Ahi entre os dois caminhos que cruzam,indica ter sido cruzeiro de capella particular talvez de alguma casa nobre,e se

,assim o foi só o poderia ser da que existiu onde se diz Casa Alta;os antigos sempre muito religiosos usavam levantar uma cruz para algumas horas de culto,num lugar mais elevado,representando o golgota ou o calvario monte da palestina,primitivamente fora de jerusalem onde Jesus Christo foi crucificado.presumo que seja de querer essa provalidade.Pois os habitantes existiam do lado de baixo,essas cruzes são assim elevadas em todo lugar que existe em lugar alto Outeiro.Para que os povos quando vão ahi prestar culto vão subindo penitenciando como a dar os passos que Jesus Christo deu para o Calvario. Tambem tem por muitos lugares onde morreu ou mataram qualquer pessoa uma cruz levantada symbolo emblematico da morte de Christo,porém essa ahi nem a tradicção traz nem os antigos nunca falavam disso,pelo contrario diziam elles que parecia ter sido cruzeiro de igreja,mas de igreja tambem não pode ser como já disse,que fosse de capella ou representação do calvario da antiga igreja lugar de oração dos antigos povos como já deixei dito e é o mais provavel,pois que as palavras que deixei escriptas sobre a presente narrativa,ao correr da pena me fizeram vir á memoria que ahi nesse lugar ao fundo onde existiam 3 entradas,na que dava entrada para soutello existia ahi um socco ou suppedaneo de uma cruz,não se ainda ahi existirá,parece que se serviam delle atracar o pertello,porém essa entrada foi suprimida,puxaram para fora a parede do lado de cima e colocaram uma cancella de modo que reduziram essas duas entradas a uma,dentro da cancella seguem cada um seu intenerario para Pumarinho ou soutello, desse supedaneo muitas vezes o Snr.José de Jesuzmano dizia elle que na sua oppinião a antiga igreja devia ter existido nesse terreno inculto entre o caveiro e soutello, deve existir ahi talvez vestigios,pois o nome significativo denominado Pumarinho ahi proximo,assim o demostra,Pumarinho é terras destinadas a fructas,por conseguinte,indica que de antiguidade,existiam ahi proximos habitantes,por isso não é de duvidar que a igreja antiga existisse tambem ahi,pois que sabe-se que a actual igreja foi transferida de outro lugar para ahi; e ahi teve tambem seu calvario doque na 2ª parte deste manuscripto,me occuparei minuciosamente.Quando dei-

C. M. B.
BIBLIOTECA

xei essa terra ainda existiam esses calvarios nas freguesias de Arcusello,Lijó e Silva em Crexumil no lugar onde foi a antiga igreja; na freguesia de Villacham quando se ia a São Partholomeu,lá se encontrava o antigo calvario ao sahir dos campos agricolas,pulando um portello,lá estavam as cruzes num elevado subindo entre uma penedisse. Essas cruzes deviam ser doze a quartoze representando as estações dos martyrios desde o horto até ao calvario. Os antigos destinavam certos dias no anno para ir visitar essas cruzes,creio que era na quaresma,meditando e resando a sagrada morte e paixão de Christo,principiando na primeira cruz até as 3 do golgota que eram as ultimas 3 a par umas das outras. Deixando-nos de crer que ha cruz ahi existente fosse cruzeiro de capella particular,e sendo asseveravel como creio,que o primitivo calvario mais antigo doque a actual igreja fosse por ahi. E' de presumir que as 3 cruzes que representavam o golgota estivesse ou existisse lá no cimo da superficie ahi nesse lugar; pois como deixei dito e repito; por ahi não existia casas nem propriedade alguma a não ser os fidalgos que sempre tiveram os seus solares no mais alto de suas quintas sempre sobranceiros donde e dominasse suas propriedades; veja se ainda hoje a posição elevada em que se acha superficialmente o solar da casa da Silva,que todas as terras e quanto diz da Silva do Lijó tudo lhe pertenceu de antiguidade pois eram de seu dominio e cultivada por seus vassallos.Por isso ahi não existia nada,a não ser essa casa que se dizem ainda hoje casa alta,que de sua descendencia nada se sabe,e a do fidalgo que se conhece ahi pela casa ainda existente em parte do antigo sargento-mór de Villar do Monte de que ao diente me occuparei. Suas terras lhe ficavam sempre sempre em frente e sempre no olivallamento das aguas de rega; d'ahi para cima era um arneiro de que nessa antiguidade ninguem fazia conta. Por isso o calvario se por ahi existiu,devia ter seu prolongamento até onde esta hoje mais ou menos a era que foi de José Manuel da Silva que de antiguidade foi tambem da casa do sargento mór ou do terreiro como lhe chamavam. E por ahi onde havia de ter existido as 3 cruzes que representavam a scena do cal-

vario. A cruz que ahi existe por certo parece ser uma das do calvario,mas isolada.Pelo desapparecimento de suas companheiras,creio que a cancela de Novaes deve existir talvez mais em algum valo soccos de cruzes,ou ahi nessas paredes velhas da casa e portal e moradia que foi do antigo manuel das Almas cujo appelido era do antigo dono della;hoje dos herdeiros do antigo Areas de Villar.Deve quem sabe existir tambem ahi alguns suppedaneos das cruzes. Algumas dellas seriam talvez retiradas para o calvario que se fez depois da actual igreja. Dou por terminado esse assumpto,e direi o que me occorre á memoria sob o antiquissimo patente de Marquez que houve em Villar do Monte, pois que disso ha indicações caracteristicas de verdade,e até documentos comprovativos,pois existe escripto; e na historia de Portugal não sei em qual dos volumes,nem em qual das historias,neste ponto parei com este serviço. Uns dois annos em comprei a historia de Portugal escripta por Pinheiro Chagas,por lembrar-me que ahi pelos annos de 1869 mais ou menos,quando estava sahindo em jornaes em fasciculos, a mesma historia de Pinheiro Chagas,si bem me recordo ou outra qualquer. Em qualquer dia nesse tempo estava eu,em Barcellos em frente ás casas dos negociantes Snrs.Anselmo Antonio da Costa Leite,e Custodio Rodrigues Leite.Apparecendo ahi certo individuo palestrando commigo, que me disse ter visto no jornal num dos fasciculos o nome duma notabilidade de minha freguesia,perguntei-lhe: o que essa notabilidade era. Respondeu-me:que era poeta. Não me satifez a resposta,pois se me dissesse que era militar vá lá,militar tivemos. Ahi o sargento mór Antonio Ferreira Ferrão,mas poeta nunca me constou que houvesse em Villar do Monte,o que é certo é que me deu um trabalho,a mór me procurando e lendo livros historicos,e em todos eu achei Antonio Ferreira o grande poeta.Mas custou-me achar um que me esclarecesse onde era natural; por fim achei,era natural de Lisbôa,mas o meu palestrante,era natural que tivesse lido os dois Antonio Ferreira o poeta e o militar; e na occasião que m'o disse por equivoco trocou,envez de dizer que era militar,disse que era poéta. Existia ahi em poder d'uma familia um documento conhecido por prazo de Vianna,que me foi confia-

do para negocios de interesses de seu dono, cujo documento em seu prefacio apresenta mais ou menos a seguinte narrativa, com data de 1500 e tantos, diz em seu principio como petição; mais ou menos esta narrativa: O Conselheiro Antonio dos Santos, como mandatorio de sua sobrinha Marqueza de São Miguel do Monte, pede aos Exmos. e Reverendissimos senhores conegos do Cabido da Sé arcebispal de Braga; lhe mande passar por certidão todo teor d'huma emphyteuse em prazamento feito a Tristão da Silva e sua mulher da mesma freguesia. Em 1360 mais ou menos, D'ahi seguisse a certidão em que envolve um casal e terras do referido prazo, e mostra claramente que a freguesia pelos annos de 1500 tinha por seu orago S. Miguel, e não São Salvador como actualmente faz persuadir, que foi São Miguel o padroeiro da igreja antiga, em outro lugar antes do actual, e provasse por esse documento que por certo existia. Em 1500 ~~ainda existia~~ ahi familia dessa alta nobresa. A sobrinha do conselheiro Antonio dos Santos não deixava de ser viúva do Marquez, o Snr. José de Jesus Mano, e sua irmã Violante e toda a familia da casa dos engeitados do logar da casa nova; conheciam esse pequeno morro que á beira a propriedade das Carreiras da Varziella por Casto da marqueza, o nome que se dá ainda hoje ao chamado Alto de Castellinho, indica ter havido ahi qualquer simples fortaleza para deffender o solar do antigo Paulo que parece ter existido ahi dentro da cercania, fazendo parte do antigo Logar de Cupido, hoje Casa Nova. Pois existe ahi fóra além do caminho no pequeno morro continuo ao eirado e casa que foi de Antonio José Gonçalves, vestigios de qualquer obra, em remotos tempos. Despertava-me curiosidade, o antigo uso e costume, ahi da partilha das aguas, por sorte todos os annos no mez de Julho; aquelles papellinhos em que se escreve o nome da sorte postas enterra virados com o branco para cima, e depois de virados por uma das pessoas presentes, mostram a cada um dos consortes, quando e os dias que lhe toca a agua para regar seus milhos. Ahi se via num desses papellinhos escripto Frade, que é uma das sortes da partilha da água. A sorte do frade disia: São trez dias de rega que ainda hoje se dá ~~ou é sorte e~~ a quinta e suas pertencentes, que foi do an-

tigo Feudo. A agua da sorte do frade assim dividida até a poça da fonte e poço dos herdeiros. Foi dada ás terras pertencentes da mesma quinta, o nome assim chamado Poço dos Herdeiros, e em todo ponto significativo, entendesse que a agua que a hoje junta, foi dada aos herdeiros do Feudo, ou de quem quer que fosse. No ponto onde os barreiros, entram em suas propriedades proximo ao chamado Moinho da Barziella, existe vivos vestigios que se dizia ter sido ahi o pombal do antigo Feudal. Apesar dos indicios que bem mostram por onde existiu a quinta e suas pertencentes do antigo Feudo, não me parèce grande cousa para um Feudal; o que pode ser, é a alludida quinta Casa Alta, em vista de seus vestigios remotos que pertencesse tambem a elle, ou talvez proprietario em outras povoações, ou o primitivo dono de tudo por ahi. Pela conhecida sorte do frade, sistema e sse de partir ahi as aguas no tempo das regas, da indicação firme de que um dos ultimos senhores desse feudal. Foi um frade o qual se relaciona com suposições que ao diante tenho a narrar: O documento que por ahi existe com data de 1550 e tantos mais ou menos, como já citei, certidão requerida ao Cabido de Braga dessa epoca, pelo solicito conselheiro Antonio dos Santos, em favor de sua titular sobrinha, de prazo feito a Tristão da Silva, em mais de meado do seculo de 1300, para mim nessa epoca de meado desse seculo. Era, sem duvida, Tristão da Silva o feudo senhor de São Miguel do Monte, hoje Villar do Monte, darei adiante melhores motivos de prova desta minha suposição; tambem o mesmo documento é prova suficiente que o orago da freguesia nessa antiguidade era São Miguel do Monte e depois que mudaram a igreja que parece por um Roteiro da era que se vè na porta na antiga da capella da Senhora da Boa Morte, que succedeu essa mudança em 1600; pois a capella foi igreja dos povos que não quizeram pertencer á nova igreja como adiante narrarei. Foi dessa era em diante que ficou sendo o orago da freguesia de São Salvador; é certo que continuou a existir ahi familias nobres. Depois de 1550, e 1600 em diante, descendencia que veio até Antonio Ferreira Ferrão, que era dessa familia fidalga de antiguidade, e ainda existe descendentes; sua residencia resto de um incendio de muitos annos, ainda era habitada por

caseiros dessa familia descendentes. Ahi pelos annos de 1860 a 1870 pelo que consta de documentos, em mãos particulares, dahi e em outras freguesias. Antonio Ferreira Ferrão era um protector da igreja, foi elle quem legou em seu testamento a igreja da sua freguesia, um donativo que paga as 3 missas que se dizem em dias de finados. Deixando no mesmo testamento a condição de ser enterrado fóra ao entrar da porta principal da mesma igreja, onde se encontra até hoje esse sepulchro coberto com uma pedra esculpturada com a lápida apagada devido ao desleixamento dos Reverendos parcos e das auctoridades de nomeação, e eleitos do povo, por isso peço e espero ser attendido, á actual junta de parochia, e a todos os meus patricios em geral, que mande reformar essa lapida nessa sepultura, com a seguinte inscripção: Aqui jáz os restos mortaes do antigo fidalgo, e bemfeitor, Antonio Ferreira Ferrão, sargento mór, nesta freguesia fallecido em 1725 mais ou menos. Era isso preceptivo, provavel constaria do testamento, em dia de Todos os Santos e de Finados, puxava-se para fóra da porta principal da igreja, um banco collocava-se em cima a caldeirinha da agua benta, para o povo que fosse entrando resar um Padre Nosso, pela alma do antigo sargento mór, e derramar agua benta em cima de sua sepultura. Os leitores principalmente meus patricios, notarão em mim leviandade citando a era do fallecimento desse homem, quando portador. Ahi é ignorada, e por isso vou lhes mostrar o motivo pelo qual não deixa de ser verdade, o fallecimento do sargento mór em 1725 mais ou menos, pois é por um documento assignado por elle que se prova a era em que elle vivia e direi a esse fim o seguinte: no anno de 1875 mais ou menos foi a pedido de certas pessoas dessa freguesia, falar com o reitor de São Claudio de Curvos, afim de uma remissão de um foro ou especie que esse individúo pagava a confrasia do Santissimo da mesma freguesia de Curvos. Esse foro e outros tinham sido doados por escriptura passada pelo sargento mór aquella confraria, sujeitando para garantia em todo tempo, propriedades suas no sitio do Sanguinhal e Manello e outras. Na residencia do referido reitor, foi por elle me apresentada uma dessas escripturas, em que entre mim e elle verificamos, estar assignada e

authenticada por Antonio Ferreira Ferrão sargento mór de Villar do Monte ha 160 annos certos. Mais ou menos em 1715 diz elle authenticando essa escriptura: Antonio Ferreira Ferrão fidalgo, cavalleiro da casa Real commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, sargento mór morador na sua quinta em Villar do Monte. Pelo que constava o fidalgo Antonio Ferreira Ferrão de Villar do Monte foi um militar e forte guerreiro, segundo diziam, tinha alguns feitos heroicos que não deixarám de estar archivados, e constar dos annaes d'el a esse respeito o que me disia o Tabellião e escrivão de direito Antonio José de Azevedo, de Barcellos, quando me achava em seu escriptorio me disia do sargento mór, e além de outras façanhas, me disia o seguinte: que elle tinha guerriado com suas tropas com os hespanhóes afim de tomar uma cidade na raia entre o continente portuguez, e a Hespanha, e para isso assenhoriou-se, como ponto estrategico duma montanha em frente á cidade afim de fazer suas operações. Porém como os hespanhóes eram muito superiores em exercito, não lhe era facil e mesmo quasi impossivel sua acção victoriosa. Por isso, depois de diversos combates sem exito algum, usou elle da seguinte tactica, como ultima cartada para ganhar ou perder a acção: A altas horas do dia mandou avisar na cidade que lhe aprompta sse uma quantidade de milhares de Rações para as tantas horas da noite, horas em que as suas tropas tinham de entrar na cidade. Os hespanhóes em vista desta arrogancia audaciosa prepararam-se para resistir ao ataque, e por certo em vista do atrevimento com maior vigor e coragem para lhe dar a derrota final. Emquanto isto o antigo fidalgo de Villar do Monte incutia coragem e bravura em seus soldados, e mandára reunir milhares de rezes cabras e carneiros, mandou collocar uma especie de collar verde ao pescoço de cada uma rez e um pequeno pharol amarrado a um chifre de cada uma das rezes. A hora designada ordenou a marcha á guarda avançada de sua cavallaria, fazendo escutar o extrondo dos tambores e clarins charangas de guerra desse tempo, ordenando ao mesmo tempo a seus corajosos soldados, a marcha enrenques, allas em fileiradas a esperar combate. No espaço entre a cavallaria os soldados marchavam embora desordenado mas em gi-

,ro direito. Um exercito de cabras e carneiros guiados por pastores, superior talvez 3 vezes mais do que as tropas do sargento mór, que , marchando de noite no alto da montanha e visto da cidade daria uma perspectiva a mais aparatosa possivel. Por certo figurando-se ao commandante das tropas inimigas, que o trapo feito collar de cor verde que sobresahia do pescoço das rezes, a alta hora da noite, de entre as luminarias seria a cor da farda de grandes reforços de tropa extrangeira que o adversario talvez tivesse recebido e mesmo o aviso audacioso da entrada com suas tropas na cidade, a mesma hora em que ia marchando pelo alto da montanha. Tudo isto devia incutir terror aos soldados hespanhóes, que em linha de batalha, estavam esperando. neste ponto o meu narrador me verbalisou que o sargento mór tinha despertado e animado seus soldados, impondo-lhe toda coragem, persuadindos de uma victoria certa, caso essa coragem não falhasse; e os soldados inspirados dessa fé, marchavam completamente senhores de si, sem receio algum, porém me disse o narrador que á primeira avançada o sargento mór encontrou de parte dos hespanhóes tenaz resistencia mas que os seus soldados firmes a seu commando, não recuaram um passo dessa tenacidade dos inimigos; como a batalha decisiva, preferiam vencer ou morrer em combate e os restantes avançariam sobre os inimigos, de pois de varios ataques no mais reenguido, o sargento mór escutou no commando hespanhol o toque a retirar, momento em que ordenou a seus corneteiros o toque de avance. Os hespanhóes retirando, e a cavallaria portuguesa avançando em sua perseguição, os hespanhóes pelo apparato que viram marchar na montanha, pensaram que estava um exercito collossal em cima delles. Quando a maior parte, eram cabras e carneiros, e assim o fidalgo de Villar do Monte, antigo sargento mór entrava na cidade victorioso, tratando logo de fortificar. Repito tudo isto que diz a respeito desta façanha, me foi narrado pelo referido tabellião Antonio José de Azevedo de Barcellos tambem escutei em minha infancia de alguns anciões, dessa freguesia, mais o menos esta narrativa, era tambolgar essa façanha do antigo sargento mór. ainda em minha infancia que crianças minhas companheiras, todas fa-

lavam que naquelle velho sollar alli existente um homem que venceu uma guerra com um rebanho de cabras porém na historia de Portugal, segunda edicção que tenho em meu poder por Pinheiro Chagas, não encontrei ainda a veridica verdade, que prove o que deixei escripto a respeito, nem mesmo o nome direito do sargento mór Antonio Ferreira Ferrão, pode que ainda appareça, pois não teve tempo de ler todos esgrossos 12 volumes. Achei em 1643 um heroico assalto que tem semelhança com o que deixo escripto em Salva Terra, Villa Galega, ao norte Margem do Rio Minho em frente a monção. De noite uns 50 mosqueteiros precedidos duma especie de batalhão de tambores, que deram de subito a toque de caixas sobre os hespanhóes, que retiraram em desordem, pensando que estavam entre dois fogos, sendo elles uns 10 mil homens só de infanteria, e isto succedeu depois dos portuguezes terem dados immensos ataques, sem poder vencer o inimigo. Historia de Portugal, Pinheiro Chagas, capitulo III, paginas 62, volume 8, pelo que se supõe a epoca em que o sargento nasceu, podia ter 13 annos, nesse tempo, porisso não era bastante idade propria para entrar em batalhas, apesar de que no movimento de guerra, nesses dias em Salva Terra, andava um sargento mór, mas com outro nome, pode muito bem haver engano, tanto na era como no autor do heroismo. Dahi ha 12 annos, pois foi em 1655 achei um sargento mór, de nome Antonio Soares da Costa commandante da praça de Salva Terra da Veira praticou ahi um heroismo, mas tão barbaro que a oppinião publica em geral envez de em lhe fugir, tomou por um barbaro horrorismo, a mesma historia de Pinheiro Chagas, volume 8, capitulo III, paginas 306; achei Antonio Ferreira Ferrão, mestre de campo commandante da Guarnição de Castello Rodrigo, 1664, capitulo XX volume 8, paginas 487. Devia ser nestas ultimas epocas, mais ou menos que o sargento mór de Villar do Monte, devia ter funccionado na sua laboriação de militar, como já deixei dito. O individúo que me encontrou e pallestrou commigo ahi pelos annos de 1870 mais ou menos, me falou de uma notabilidade em Villar do Monte disse-me que era poeta mas o caso de se elle enganar ao referir-me. Pois concluhi que ha dois Antonios Ferreiras, um é poeta, e nasceu em Lisboa, em 1528, e

falleceu ahi mesmo em 1569, conclui-se que tinha lido os dois. Continuando a narrativa tambem escutei de alguns anciões dessa freguesia, que um desses homens do antigo solar da familia de Antonio Ferreira Ferrão sargento mór, que tinha matado sua mulher, deixando cair sobre ella um esteio, de uma lata de vidro, si bem me recordo diziam ser um irmão ou sobrinho do referido sargento mór, segundo as tradicções, e mesmo não deixando de estar escripto pelo que se diz, em algum arquivo historico. Antonio Ferreira Ferrão, de Villar do Monte, tem alguns feitos historicos que cahirão a sombra do esquecimento, causado por ser escondido além dos duzentos annos que ha passados. O povo já falava, apenas como já disse, diziam que tinha vencido uma guerra com um rebanho de cabras. E' sabido que os homens destinados á vida militar em tempos remotos, era para elles uma labutação usada de todos os dias por causa das guerras frequentes, que succediam uma atraz das outras. Por isso Antonio Ferreira Ferrão militar gradoado em Villar do Monte parece que passou todo vigor de sua idade, guerreando, matando gente, ou com rasão, ou sem elle nessas pelleas reenguidas em combates. tambem tinha sobrinhos militares gradoados como adiante narrarei. Estes homens na maior parte despois de ter passado toda sua idade de ouro nos campos de batalha, depois que os peso dos annos lhe aquebrantava o genio, e os fasia cahir na madureza, pricipiavam a meditar passando sobre as duas linhas de conduta, qual a do bem e do mal, que tinham seguido; pois não ha esse que não erre, quanto mais aquelles a quem o destino levou a seguir as armas, que na força, vigor e genio inquebrantavel, pela força do sangue, devido a alguma ellusão, sempre cahiram em algum desregramento, e por isso pelo peso dos annos, e o genio embrandecido. Procuravam alcançar o perdão de Deus, e da nossa historia o grande condestavel, D. João I, D. Nuno Alvares Pereira, depois duma longa vida, sempre em guerra em Portugal e Hespanha. Vestiu o habito de frade, recolhendo-se em um convento depois de velho; para incluzo no pateo do mesmo convento, para alcançar o perdão de suas culpas. Antonio Ferreira Ferrão se não entrou no convento, parece que depois de velho, tambem procurou remediar qualquer mal

causado por se ter desviado da linha de boa conduta; e a prova disto são escripturas mandadas assignar, e assignadas por elle, duando donativos a estabelecimento pios, irmandades e confrarias, e succedeu isso pelos annos de 1715 mais ou menos, como já disse. Pois da era supra a 1875 anno em que julgo ter visto uma dessas escripturas que entrava 160 annos certos que elle sargento mór a tinha assignado. Porém essa certesa ainda pode variar dum anno paro outro pelo seguinte tranzedo: Minha vida: Em 16 de Julho de 1874, recebi pela primeira vez a minha infausta nomeação de primeira auctoridade dessa freguesia, e a minha ida a São Claudio de Curvos, foi num desses annos, antes ou depois, como se vê Antonio Ferreira em 1715 mais ou menos era vivo, mas devia estar velho, porém calculo mais ou menos em termos medio, de ter fallecido entre esse anno, e o de 1725, porisso não pode haver duvida na exatidão da inscripção de Lapida que deixo escripto e peço realisar-se, na sepultura do antigo e referido sargento mór, de renovar essa memoria para em todo tempo vindouro. Para ficar sabendo que Villar do Monte teve dados historicos. Sabe-se que existe essa notabilidade em Livros historicos, e para encontrar comprei e estou possuindo bastantes desses livros, e sinto não ter encontrado, o mesmo succedimento com o outro Antonio Ferreira, que é poeta, que tanto me confundi, pois esse apparece em muitos livros porém sem a natividade nem quando falleceu. Por fim sempre encontrei um livro em poder de um amigo que me tirou dessa confusão, que até ahi me confundi, pensando que ia encontrar a natividade e fallecimento do sargento mór, que tanto desejo saber. e que por causa, e como já disse em tempos de encontro em Barcellos com o meu palestrante, que me disse que tivemos em Villar do Monte uma notabilidade e quando o interroguei, elle me disse por engano: que era poéta. Foi desta palavra onde nasceu para mim um trabalho insano. Continuando a narrativa direi que tambem vi em poder do senhor José de Jesus Mano, uma outra escriptura onde constava o sargento mór, ter mandado a Barcellos um sobrinho passar essa escriptura doando um donativo, em que o sobrinho autenticava mais ou menos essa escriptura, com as seguintes palavras:

referidas pelo tabellião em que disia comparecer perante mim autor-
gante João Ferreira Capitão do exercito, como mandatario de seu tio
o sargento moí de Villar do Monte, tudo isto são documentos que pro-
vam a existencia nessa antiguidade dessa familia de nobresa. No docu-
mento visto por mim, em São Claudio de Curvos, o fidalgo Antonio Fer-
reira disia morador na sua quinta em Villar do Monte a moradia. Ha
muitos annos em ruina, que pelo abandono que por um pavoroso incendio
que succedeu não se sabendo em que anno. Destigue-se caracteristica-
mente pela superficie situal onde se ergue ainda hoje como velho so-
lar, despido de a dor chorando e pedindo vingança contra seus anti-
gos donos por ter abandonado e lançado ao despreso, expoz-se a apro-
veitar da liberdade consedida pelas leis recentes que lhe facultaram
desaneixação das propriedades suas companheiras vincolares que o fa-
sia ir recto em solar continúo de Morgadio para todo sempre. Ahi se
vê as paredes que foram crestadas pelo fogo mostrando os compartimen-
tos em que se dividia o antigo edificio. Vê-se que o incendio devo-
rou tudo, deixando só as paredes. E' de supor que não existisse ahi
na occasião do incendio pessoa alguma da familia; estava por certo
em mãos de caseiros, pois se ahi morasse seus donos tornariam a re-
formar-se o edificio com alguma descencia digna de continuar ahi a
morar, pois que esta partida casa que está coberta, sem forro nem or-
namento algum. Vê-se que foi sómente para servir de abrigo ao casei-
ro, o nobre edificio em ruinas achasse recuado. Ao fundo de um apra-
sivel terreno superficial, em frente era um sistema de toda a nobresa
na antiguidade. Se o terreiro hoje não da elegancia, que lhe quero dar
é porque lhe tiraram, pois ainda em tempo de minha infancia estava
essa frente toda em terreiro, a eira e outros comodos, foi como ja dis-
se, no logar onde está hoje a eira que foi de José Manoel da Silva,
pois foi quem comprou, ainda a descendentes do sargento mór, o que ahi
existia, era a entrada do grande portão, ao lado esquerdo, a dega do vi-
nho e competente lugar, ainda tal como tinha possuido, o antigo dono
Antonio Ferreira Ferrão. O logar era um dos melhores que tenho visto.
Alguns lavradores, assim da casa que foi meu berço, iam ahi fazer uso.

delle por favor do caseiro, afim de apurar seus vinhos, volto ainda dis-
sendo o que escutei de gente idosa, em meu tempo, diziam elles que na
casa do terreiro, pois era assim o nome que lhe davam, que estavam
guardados todos os papeis, documentos de importancia da freguesia, as-
sim como o Tombo da demarcação de limites e outros, que se perdeu nes-
se incendio, que tanta falta tem feito. E' certo é que estava guar-
dado em casa do chefe que era desse povo, não se pode negar, mas se fo-
ram devorados pelo incendio isso não se sabe, pois pelos motivos já
apontados vê-se que essa familia já ahi não vivia, o incendio pelo
que disia essa gente não era tão antigo; é de presumir que succedeu
ha muitos annos depois da morte do sargento mór, ou talvez depois do
fallecimento de algum sobrinho herdeiro delle, que depois disso quem
herdou foram os parentes distantes muitas leguas como adiante narra-
rei. E podia ser que condusisse junto com todos os papeis da casa,
esse documento que repito, tanta falta tem feito; não se sabe o es-
tado do fidalgo Antonio Ferreira Ferrão, se é casado, solteiro ou vi-
úvo, o que se sabe é que não tinha filhos, pelo menos legitimos, pois
como sabe pelos documentos ahi existentes, que rodeava eram os sobri-
nhos, mas disia ainda essa gente que depois do incendio, ou esses her-
deiros, ou qualquer outro, que promoveram uma demanda em juizo, e ob-
tiveram uma sentença favoravel, para em todo o tempo em diante não
lhe ser desviada de todo a água que vem da portella a passar nesse
rego foreiro que passa rente nas traseiras do velho solar, de modo
que corresse sempre a agua, apenas que poudesse nadar uma tegolla ahi
na incrusilhada a cruz das almas, voltando a disignar a importancia
foral do antigo fidalgo. Chega muito, presta attenção no aspecto res-
peitavel, como dum velho ancião, do elegante e antigo portão de entra-
da de seu solar, apresentando como adorno no cimo, uma altaneira fi-
leira de ameias, symbolo emblematico a memoriar, insigna timbre scien-
tifico dessa estincta nobresa. Lá estão até hoje essas pedras escul-
turadas em para-peitos impondo respeito a quem entrou, passa por fó-
ra no caminho; homenagem que lhe é devida pela velhice e existencia
ahi ha centos de annos, essas altaneiras figuras devem estar ahi ha

mais de 3 seculos, por certo transferencia do velho Logar de Cupido, para ahi pelos muito antigos anteccessores de Antonio Ferreira Ferrão linhagem fidalga de que já falei, e adiante tenho de voltar a esclarecer, caros leitores e meus patricios, cabe-me neste ponto repetir o que disse em outro logar, que sempre respeitei tudo quanto é antigo, sendo como disse um dos oppiniaticos, a conservação de todo e qualquer monumento, o novo progresso, não se pode avaliar seu merito differencial, sem conhecer do antigo, ~~sem conhecer do antigo~~, e por isso esses signaes caracteristicos, historicos e memorias. Deve-se conservar pafa que assim como nós, nossos vindouros conheçam do passado, essas ameias existe ahi a implorar das gerações contínuas de seculo em seculo, sua conservação e veneração, fazendo-nos inspirar, lucto funebre em que continúadamente estão. Desde o dia em que o fidalgo Antonio Ferreira Ferrão sargento mór, seu dono foi condusido morto no ataúde, ultima vez que passou submisso a ellas por esse portão, para a ultima morada, por elle destinada é envi-da no adro da igreja de sua freguesia, onde jazem até hoje suas cinzas. O sentimento e pondonor das pessoas que o possue. São duas clunas onde se apoia um pharol que dá luz a uma immensa extensibilidade, esta luz é a virtude, que permita Deus que resplandeça nos corações dos actuaes donos, ou successores do velho solar, onde viveu e morreu o sargento mór Antonio Ferreira Ferrão, eu por mim partecipo só de um desses sentimentos, em quanto ao pundonor, deixo isso a meus caros leitores para que se ajuizem de mim o que a consciencia lhe aprover. Porém elevado desse sentimento, e esperando achar os actuaes donos do antigo predio, enflamados dessas chamas de amor e virtude, peço attender a meu pedido, que conserve esse symbolo emblematico que ahi existe; o unico nessa freguesia que ha uns 48 annos mais ou menos, deixou de pertencer aos descendentes de Antonio Ferreira Ferrão, hoje a merecia de seus actuaes donos. Peço mais encarecer a seus herdeiros ou successores a conservação dessas ameas. E ainda mais peço a todos os meus patricios o apoio de meu pedido, tomando interesse pelo bom senso e conselhos, a que em todo o tempo os donos desse solar cumpram não por

dever mas por devoção o meu pedido.E assim peço ás futuras gerações; deixando do velho solar direi o que disse a respeito a quinta e suas pertencentes.A quinta suas divisas comprehendiam o quanto diz ao sul ahi da fonte da aldeia ou do velho predio eirado do antigo das almas. Segundo do lado do nascente a confrontar com o caminho até Vallinhos e dahi até com o cargo até a fonte do Gaio ao norte,que findava ahi em ponte aguda do lado do poente. Principiapiava no mesmo velho predio. Cercando estas terras chamadas bouça da fonte,pomual e outras até ao mesmo ponto,Fonte do Gaio e outras. As primeiras habitações que por ahi existiram encostadas a cercania da quinta,deviam ter sido vasaallos do mesmo fidalgo. O pombal do sargento mór existiu onde é hoje achamada bouça do mesmo nome. Não havia gente nobre alguma que não possuisse um pombal. Chamada quingosta da fonte.No tempo do sargento mór,ou de sua familia ahi moradorés,não existia,foi aberta arequisição dos povos,já por ahi existentes. Depois que os herdeiros do finado sargento mór dividiram e venderam os bens da quinta e outros. A fonte da aldeia,parece ter sido exclusivamente nessa antiguidade só da casa do sargento mór. Pois a água sae encanada em alvenaria da propriedade da existente familia. A superficie da mesma propriedade nessa parte tem muito declivio, e nesse tempo vê-se ainda tinha mais,pois não tinha como tem hoje,lá no fundo esse vallo em regular altura,serviam-se da agua dentro da sua propriedade,por certo desciam em parte por escadas de cantaria. Foi depôis que os povos desappareceram lá do sul em Manello,e a povoação foi augmentando ahi, e que por força maior foi permettido ser aberta essa quingosta,e a agua ser entregue para serventia e uso do publico. Pois antes vinham ahi alguns tomar agua,vinham de volta ou por dentro da propriedade com licença do dono. A quinta desta familia nos antigos tempos não podia ser cortada por caminho algum,disia-se ahi que esta obra mais ou menos de arte em relevo com que se fregue tou o pequeno Frontespicio e fechada a bica onde sáe a agua da Fonte da Aldeia,hoje dada ao abandono,que foi obra mandada fazer pelo sargento mór.No meu pensar o sargento mór já neste tempo não existia,mas como os bens do

vinculo perpetuados, não podiam ser vendidos; o morgado dessa familia a quem o vinculo succedeu, onde quer que existisse, podia ser que concorresse para esses adornos da pitoresca fonte mesmo em beneficio dos caseiros. No tempo de minha infancia ainda se conservou o Frontespicio da fonte da aldeia, tal como quando foi construido. O Snr. Antonio José Galhano, de tempos em tempos mandava dar uma mão de cal nas ameias e toda a fachada do elegante portão de entrada do solar, e ao nixo de almas que existe proximo de onde foi sua moradia a cruz das almas, e ao mesmo tempo mandava branquiar a fachada da fonte da aldeia. Era elle o caseiro nesse tempo desses bens vinculares a bastantes annos dos descendentes do fidalgo Antonio Ferreira Ferrão que residiam distantes dahi talvez umas 15 leguas como em outra pagina onde mostrarei: A fonte da aldeia conservada a construcção totalmente como era zelada por esse homem a quem conheci, tornava-se vella e pitoresca a vista dos povos que por ahi passavam, principalmente nas manhãs do dia de S. João. Quem ahi passava ha alguns annos ao romper da aurora, encontrava o Frontespicio, ~~encon~~trava todo enfeitado de lindas e aromaticas flôres, e brinquedos; a de vindos por tradicção dessa noite por gente alegre e na idade de ouro dos 18 aos 25. Na maior parte, rapazes que tinham suas namoradas para lhe fazer surpreza de manhã, quando ellas vinham á Fonte. A tradicção nos traz que são imitações dos brinquedos que S. João fazia envida, e para isso citarei uma das vulgares canções que ahi se cantavam em meu tempo.:

São João para ver as moças,
Fez um chafariz de prata;
As moças não vão a elle,
São João todo se mata.

Ahi era collocado ao descer para a bica da fonte, de uns trez degráos de escada da cantareira, um pequeno arco enfeitado de verde murta e flôres. As moças tinham de passar por baixo para encher o

cantarinho na bica, por cima da cornija da fachada, eram assentes elevadas num relevo elegante. Duas pedras esculturadas que os excultor caprichou no formar de cada uma; um esse que figurava com o revolto no mais alto delles, de encontro um ao outro, e no centro de cada uma dessas figuras, a legorica e simultaneamente, outro esse em cada uma, que produziam um vel o effeito no Frontespicio e Fachada da fonte. Os brinquedos dessa noite de São João, eram feitos por mão ou carta, embora persebesse que eram namorados de rapazes, que tinham de ir a esta ou aquella fonte. Na mesma noite as realisavam, roubando-lhe vasos de flôres, caixões de cravos, da janella de sua moradia, collocavam em cima da Fachada da Fonte, ou de lado, quando as namoradas chegavam, pensando tel-as seguras em casa, e encontravam ellas ahi. Bem me recordo dessas madrugadas aromaticas, pelas flores silvestres, tão attrahente e condigna desse dia, e do halar e entre os brinhães ao romper da aurora, o perfume aromatico de todas essas flores, que por simples brinquedos esses moços ahi collocavam em volta da bica da fonte. Tudo isso era um ambiente de attrahente satisfação e alegria de todos, que ahi concorresse essa hora, esperando o despontar do sól, que nesse dia parece vir dançando, como quem vem associar com esses grupos de corações alegres, nesse regosijo envolta de amenas e pitorescas fontes publicas; e assim emprecionados com esses incessantes brinquedos nesses sitios de plasivilidade, depois do solnado. Voltavam ás suas casas até escutar o virar do sino que os chamava á igreja a ouvir missa. Depois de quem tellasse do Frontespicio da Fonte, a certo tempo deram em desabar essas duas pedras lavradas em baixo para assentar os cantaros e encher de agua na bica, e com minha idade de 14 a 15 annos, elevado desse sentimento ou mania que me vem desde o berço, de ver conservado todas as obras de arte, que os antigos com todo gosto mandaram construir, tinha certa repugnancia por essa malvadez, a ponto de por varias vezes quando ahi passava, algumas veses acompanhado de bois e carro, parava ahi, e empregava a minha unica força em tombar essas pedras por esses degráus de escadas. Collocava em cima tal como ellas existiam, porém era excusado, era mal que

não tinha cura: por fim cansei e deixei disso. Continuando a narrati-
sobre os bens de raiz. do sargento mór, além da quinta e dos perpetua-
dos em vinculo. Sabe-se mais ou menos por onde eram, mas é inutil d-
vellos. Falarei apenas de algum que mais entreça. A chamada bou-
ça do capitão, não deixou de ser nessa antiguidade propriedade dessa
familia, e, comprada quando os herdeiros do sargento mór, venderam es-
ses bens. Pelo capitão de Melicias os seus ante-successores da casa
de Calvelhe em Crexumil, a quem pertenceu por muitos annos, donde lhe
vem o nome de bouça do capitão; e que depois foi comprada por Mano-
el Bento Pereira, ou seus ante-successores de Villar do Monte, que seu
descendentes a possuiram até ha poucos annos, a chamada hoje Leva-
da, onde se levanta a agua para tocar o machinismo, engenho do Bottas,
Foi essa Levada antigamente, somente, sem mais dono algum, da casa do
Sargento mór. Todas essas terras o quanto diz das duas margens do rio
de um lado, e de outro, lá até proximo do engenho Calvelhe, foram ~~da ca-~~
da casa da mesma familia em Villar do Monte, Nesse tempo era quase
todo Lavradio. Beija-se ainda na altura do engenho do soldado, onde
houve casas de habitação. Ainda se vê ahi os vestigios de casas de
cultivadores, por certo vassallos dessa familia nobre; houve tempo an-
tigo, que os de Crexumil, claudistinamente, vinham á noite cortar agua
na referida Levada para regar seus milhos; até que deu em resultado
ser mortas por gente do sargento mór. Ahi dois homens daquella fre-
guesia, isto era dito depois á filhos desde esse tempo em Crexumil,
pessoa de lá assim m'o disiam. Voltando ao que diz respeito á terras
vinculer, Vinculo era uma instituição que existia desde tempo immemo-
rial, afim de ligar e perpetuar bens de raiz, para não ser vendidos
nem a lienados pelos herdeiros, nem por successor algum; era um meio
de segurar os Morgadios, herdavam mas não podiam vender. Embora o Mor-
gadio fosse dissipador só podia desfructar; e assim por sua morte era
entregue ao morgado herdeiro, que era o filho mais velho, ou parente
mais chegado no mesmo grão de idade, porisso verificasse que Antonio
Ferreira Ferrão, era d'uma linha de familia fidalga muito antiga, e por
isso é de querer que o vinculo instituido nessa familia, já existia

ha muitos annos em 1500, e continuaria se não fosse a nova colecção do seculo 19, que facultaram a liberdade da bulição. As terras ligadas em perpetuação para organisação do vinculo eram na maior parte trechos ou pequenas partes, ou propriedades maiores do que a casa dessa familia possuiu. Comtudo algumas eram sós, que era bouça do terreiro assim chamada, que seu caminho era pela cancella de Germonde, e atravessava a agt. do mesmo nome, para entrar na mesma bouça. Não confundir com outra bouça do terreiro proxima á Enxate, que foi da casa do terreiro em S. Martinho, esta era da casa do terreiro em Villar do Monte, tambem era preso ao vinculo, o solar do sargento mór, e a chamada boucinha, proxima á bouça do pombal, e a já referida bouça da Polaina proxima ao engenho de Calvelhe, este em Crexumil, e muito mais que é inutil descrevellas, desde o fallecimento do sargento mór não se sabe a freguesia, villa ou cidade, onde residiram seus parentes herdeiros, sabe-se que pelos annos de 1834 mais ou menos até 1850, eram senhores desse vinculo, uma familia nobre, da freguesia de Santa Maria de Goiaes, conselho e desviado legua e meia de Villa Real, atraz dos montes, e era hereditaria do mesmo vinculo uma senhora dessa familia, de nome D. Maria, e seu caseiro nesses bens em Villar do Monte, era como já disse. O Snr. Antonio José Galhano, que era dono da casa do outeiro. Ahi proximo ao anníxo e cruz das almas, bisavó dos actuaes donos, no tempo das ordenanças, que eram cinco freguezias inclusivel Villar do Monte. Era o Snr. Antonio José Galhano o cabo de ordenança nessa freguesia, com quem se correspondiam as auctoridades de suas alliadas. Depois que falleceu a Snra. D. Maria de Goiaes, foi hereditario do vinculo, um sobrinho dessa senhora, de sobre-nome Salgado, que residia ou veio residir na freguesia de São Conselho de Esposende. Porém houve um outro sobrinho de D. Maria de Goiaes, que veio a juizo desputar a Salgado o seu direito de hereditario. Demandaram muitos annos, e por fim Salgado perdeu a acção, ficando seu contedor senhor do vinculo, este ultimo tinha por sobre-nome Magalhães, conheci pessoalmente. A esse tempo já a legislação em Portugal tinha collecionado, e já decretadas leis, que facultavam, como disse em tempo, Aos hereditarios de terras vinculares, o direito de requerer em juizo

a bulição desses vinculos, creio que essas leis não contragiam nem davam o direito a qualquer parente ou irmão do successor do vinculo a requerer essa bulição. Supponho que era o morgado senhor do vinculo, que podia se lhe conviesse requerer em seu beneficio, ou de seus herdeiros, foi o que fez Magalhães desde que venceu a demanda. Passado pouco tempo requereu a bulição e vendeu esses bens, que ha tantos seculos essa familia possuia, e que as leis nunca tinham consentido desmembral-os. Succedeu isso ahi pelos annos de 1860 mais ou menos, epoca em que os descendentes de Antonio Ferreira Ferrão, sargento mór em Villar do Monte, deixaram de ser proprietario nessa freguesia; ainda existe pessoas descendentes dessa antiga familia fidalga, que existiu em Villar do Monte. Aqui me relacionei com um bis-sobrinho de D. Maria de Goaes, desse mesmo logar, proximo á Villa Real de traz dos Montes. Homem mais ou menos da minha idade, que me abriu grandes claros para a presente narrativa: sobre sua descendencia, tinha seu pae vivo muito velhinho, sobrinho direito de D. Maria de Goiaes, disia-me elle que seu pae se orgulhava, de ser descendente dessa gente fidalga, e que narrava delles algunas façanhas em antigos tempos na guerra; fálou de seu primo Magalhães, emfim é que o desejo de seu pae, era que seu filho se considerasse presumptivamente como pessoa de familia nobre, a que elle não ligava a menor importancia, mas o procedimento cavalheiroso, que o filho desse velho tinha para com todos. Era prova sufficiente de ser descendente de sangue nobre. Em 1898 seguiu elle para Portugal para ver seu pae, e dahi apouco a seu tempo recebi cartas delle, dizendo estar junto a banhos na povoação de Brazim. Por isso sabe-se é incontestavel que Antonio Ferreira Ferrão, era de linha fidalga, descendente do antigo Feudo anterior a 1900, e que ainda ha descendentes delle precedentes da Casa de Iguaes, proximo á Villa Real de traz dos Montes, tambem está provada que foi homem d'armas. Ahi está attestando o aspecto tristonho, do antigo solar, tanto do nobre como do guerreiro, demostrando pelos adornos as ameas sobre a Corniga do elegante portão, que desde que foram cobertos do lutuoso crepe, a caminho de duzentos annos. Ainda ahi estão, como fazendo inspirar a quem passa em frente no ca-

minho. O comovente toque sentimental, pelo luto em que estão desde esse tempo, em que seu venerador baixou ao tumulo, cujas cinzas como disse em paginas transactas, gdzem em sepultura sua no adro da igreja de sua freguesia de Villar do Monte, porisso mais uma vez, peço veneração e respeito, a esses restos mortaes do ultimo fidalgo de Villar do Monte, Leitores, em paginas transactas deixei dito que no logar do Paço, ou antigo villar, houve um solar de familia nobre, minuciosamente vou explicar: não foi esse solar d'uma nobresa como a que acabei de narrar. Mas assim um morgadio que se ahi criou, e que tambem ainda a descendentes, o Logar do Paço, e o antigo Villar. Villar quer dizer logarejo, casal desviado de povoações, pequena aldeia antiga, porém assim mesmo pequena, antigamente não tinha menos de umas 25 casas, ~~a 25~~, Do lado do nascente existiam umas 15, e do lado do poente não eram menos de 10, tenho certeza disso, pois lí quasi todos esses documentos de prazo que por ahi existe, onde que marcam um pequeno circuito onde na antiguidade existiu uma casa, debaixo da janella da casa que foi dos Cunhas, onde plantavem uma pequena horta, ahi existiu uma casa, assim em toda a extensidade que o Villar se estendia, que desde a casa da residencia do Parco, até a Ponte do Meio, o solar fasia parte desse logar, no ponto onde se dá ainda hoje, o nome de quinta, porém a quinta não era só essa propriedade, por ahi existe os vestigios bem claros, que mostram por onde se estendia, chegava até Gandarella e pelos Cortinhos até o Casal que tambem lhe pertencia. Além disso, todas essas terras que lhe ficam defronte, ahi pelos farregaes e outras, tudo lhe pertencia. Pois eram terras que de tempos por força maior, tinham deixado de pertencer ao rico homem Feudo que por ahi houve. Como já disse em paginas trasactas, que os velhos antigos disiam, que a tradição trasia, que Villar do Monte, foi uma só quinta, e parece confirmado ser verdade pelas seguintes rasões que vou expor: Villar e o mesmo logar do Paço, assim chamado hoje, que na antiguidade pelas significações que deixei escripto, era Villar e nada mais; porém os povos que moravam lá onde é hoje a referida quinta de Manello, e Pinheiral do Mesmo Nome, como este Villar lhe ficasse ao norte, proximo aos montes, chamavam-lhe provavelmente, Villar

do Monte.e dahi por certo d'onde vem esse sobre-nome; envez de lhe chamar Villar, ficou Villar do Monte. Mas vou mostrar em partes; primeiro anologicamente, e em segundo logar, o axioma evidente, e incontestavel, de que esse rico homem Feudal já existia ahi muitos annos antes da fundação de Portugal. Era senhor de toda a freguesia desde Monte Alto a São Gonçalo, ou já emphyteuto, ou veio asselo. Dos condes de Barcellos patente que se encontra, caso desde a fundação do reino, ou depois dos duques de Bragança. Mas estes parecem que sobreveio epoca em que lhe succedeu todo o feudalismo ahi, e que depois cederam seu dominio a uma dama de seu paço, que a tradicção traz, como deixei dito, que esta era de Villar do Monte, por certo da familia do mesmo Feudo, pois na casa ou palacio dos duques de Bragança, só entravam damas de gente nobre, Ora, esses nobres por todo reino, nesse tempo condados. Segundo se vê da historia, ha muito tempo desejavam ser independentes do reino de Leão, onde esses condados pertenciam; já prestavam todo auxilio ao conde D. Henrique, e depois a viúva D. Thereza, trabalhando pela independencia, tanto os fidalgos como o povo, pleiteou em beneficio seu, e dessa primeira rainha. Mas ainda assim não pouderam até ahi conseguir a independencia; os fidalgos já nesse tempo muito poderosos, despunhão de forças sefficientes e em quantidade, tentaram auxiliar com tudo quanto estava a seu alcance. O filho de D. Thereza D. Affonso Henrique, que tomou as redeas de governo, e sua mãe ainda viva, com todos os esforços e força de vontade da nobresa, e todo o povo, pode D. Affonso Henrique conseguir a independencia. Depois de tanto heroismo, e de um longo reinado, e mais longa idade, sucumbiu esse homem de ferro. Diante do Archanjo da morte, succedendo-lhe seu filho, D. SanchoI, que depois em 1208 andou percorrendo as provincias convidando os prellados e ricos homens a fundar povoações e villas. Por isso foi sem duvida, fundado nesse tempo, pelo grande Feudo ahi; o velho villar que ahi existe, mas essa nobresa já muito poderosa nesse tempo, não se contentou com isso. Durante os 80 anno e reinado de D. Affonso Henrique, e seu filho D. SanchoI, apoderaram de quantas terras pouderam, sem que lhes pertencesse, e ficaram immensamente poderosos, a ponto de querer mandar tanto ou mais

do que o rei. A D. Sancho I, succedeu D. Affonso II, em 1211, que viu quasi todas as terras do reino em poder dos nobres, e do clerigo. Estando quasi a ficar, sendo sómente rei das estradas publicas. A nobresa ufanava-se, que tudo lhe era devido, pois que Portugal, tirado as guarras dos Leonezes e Moiros, sua independencia em grande parte se devia a elles. D. Affonso II, acima de tudo procurou dar força ao poder real, cortando os abusos ás classes mãis poderosas, a nobresa e o clerigo. Por isso o rei mandou umas juntas por todo o reino, para averguar quaes as terras usurpadas pela nobresa e o clerigo, diligencias a que deram o nome inquirições. O mesmo rei D. Affonso II, em 1216, e 1217 andou percorrendo, algumas provincias afim de tratar dessas inquirições; e assim fundando conselhos, a exemplos de seus anteccessores com a fundação de conselhos. Essas inquirições, o rei adquiriu a sympathia de todo o povo miudo que o apoiava. E revoluncionava-se com elle contra a nobresa e o clerigo, sendo lhe tiradas immensas terras, que as juntas verificaram, que não lhe pertenciam; até qui tenho seguido e seguirei ampla estrada, parando de recanto em recanto, como procurando em certos caminhos visos de verdade, do que se passou na antiguidade. Por aqui se vê que essas inquirições do rei D. Affonso II, prejudicaram grandemente, o antigo donatario, do antigo São Miguel do Monte, E assim muitas outras terras que a junta de inquirição arrancaram a Feudo Senhor. que Cahiram todas, ou quasi todas em poder dessa casa que se chamou Paço, e que dahi a um seculo mais ou menos, vimo-las todas pertencer ao Cabido da Sé de Braga, e em Mães ao meado do seculo 13. Em vista duma certidão pedida como já disse em 1500 e tantos, pelo conselheiro Antonio dos Santos ao mesmo Cabido, como mandatorio de sua sobrinha marqueza de São Miguel do Monte, por essa certidão se vê que Tristão da Silva, nessa epoca de 1360 mais ou menos, pediu essas terras por prazamento, toda ou parte della a seus possuidores, os conegos do Cabido da Sé de Braga. Tristão da Silva era sem duvida nesta epoca o donatario desse feudolismo, já diminuto em São Miguel do Monte, desse tempo, e andava adquirindo por prazamento o Cabido, terras que tinham sido ha 143 annos arrancadas pelas juntas inquiridoras, a seus

antecessores, para me approximar mais da verdade, de assim a não ser Tristão da Silva o donatario senhor nesse tempo em São Miguel do Monte. Vou descrever mais a seguinte conjuntura: Tenho neste momento em frente um livro extractos de gracia de resende, que vou em vista desde folhas 327 a 338 o nome de 286 grandes senhores fidalgos.. Todos elles trovadores com trovas cantadas neste livro cancioneiro. Entre esses fidalgos acha-se um com o nome de Tristão da Silva, que cantou trovas a folhas 135v, e 154, e 181; a folhas 327 indica pelo numero simples, a folha e-v onde se vê cada um tem cantado suas trovas de poesia palaciana uso desse tempo, dos nobres cortejar por meio dessas trovas o seu rei e uns aos outros em suas reuniões em seus salões nobres, pois ainda não haviam descoberto as musas do campo, nas margens ~~do~~ dos crystallinos regatos. Mas vamos ao que entreça. Tristão da Silva suas trovas cantadas a folhas 181. São trovas dolorosas e bem tocantes a morte de D. Ignez de Castro, tragédia que succedeu em coimbra em 1355 epoca em que mais ou menos era pedido por prazamento, as terras e o Cabido como consta da certidão, pedida cujo documento eu vi. Nada mais natural do que Tristão da Silva trovador e senhor nessa epoca de São Miguel do Monte; dedicasse suas trovas, assim como outros fidalgos exprimindo sua sua manifesta. dor As regias familias enlutadas, por tão funesto acontecimento não era nesse Tempo marquezado apenas um Feudo senhor; marquez-marquez foi patente que existiu ahi de 1450 por diante. Voltando a narrativa a respeito do solar que foi Paço. Vê-se por essas escripturas de prazo, que por ahi existe, em casa de Marrancos e no archivo do Cabido da Sé de Braga, que essas terras pertenceram a esse solar. De pois de tiradas como disse, pelas juntas de inquirição ao Feudo senhor desse tempo; ficando este, senhor dos que lhe pertenciam do feudolismo antigo; e assim continuaram a seus successores. São essas terras que foram possuidas por estes descendentes do Feudo senhor que nunca pagaram nem pagarão até hoje. Foro ao Cabido de Braga, por esse meio poudesse dizer ainda hoje que estão divididas. do solar Da casa que foi Paço; já se vê que não foi casa de tanta nobresa como a que desde do antigo Feudo. Nem como disse a principio. Fasia

parte do antigo Villar, e por certo vassallos do mesmo fidalgo. Mas com a fundação, por ahi de um conselho e a queda em parte desse feudolismo. Abalo causado pelas juntas inquiridoras, ficaram toda gente do villar, e todos que lá voltaram nessas terras que deixavam de ser vassallos. Porisso a familia dessa casa talvez mais activa, e influencia por combinarem com a gente do governo real, afim de fortalecer o conselho por ahi fundado. Não só englobou em si todas essas terras como deixei dito. Como tambem ficou sendo Paço para deliberações ahi a ser transferida a sede do conselho, que não era em Barcellos, como actualmente parece ter sido em Carapeços. Pois existe lá uma casa ameias muito antiga, que ainda lhe chamam hoje Paço ou casa de Camara; todas as povoações por ahi houve Paço, que se correspondiam com a sede do conselho, que na minha opinião era como já disse em Casapeços, era nesse paço do conselho desse tempo que se deliberavam todos os leticios da povoação, que era muito mais importante do que hoje, e para isso darei aqui á povoação por onde se estendia em habitantes. A principiar lá ao fundo como disse; da quinta de Manello e todo o Pinheiral, o antigo villar e dahi para cima, os habitantes que haviam no logar do fojo, uma casa que ainda lá existe, está nos antigos limites de Villar do Monte, em Enxate e queigeiros, houveram habitantes que tambem eram; todo logar da Basiella, está nos antigos limites de Villar do Monte. Já vê os leitores, que os chamadas homens bons desse tempo, que eram os que reuniam para essas deliberações, não tinham pouco que fazer. ~~Se~~ essas casas onde elles reuniam, veio a ser casa abastada, toda essa gente que havia no villar, e todos que deixaram de ser vassallos do feudo, ficaram trabalhando em terras delles. No correr dos annos ordenaram-se nessa casa alguns padres, que depois foram conegos da Sé de Braga, aliás do Cabido; e tambem houveram militares graduados, gente do povo de conselho, que tiveram qualquer feitos de maior serviço militar, que lhe mereceu ser elevados familiarmente a cathegoria de gente de dom e de mães privilegias e tensas que os reis concediam especialmente aos militares, e a esses povos aderentes e os conselhos que mais se salhentasse na guerra em sua defeza, não sei ao certo em qual anno

mas vê-se que esses bens e haveres dessa casa, por morte dum chefe qualquer da mesma, terras que a quantidade de annos haviam pertencido ao feudalismo, cahiram primeiro umas e depois todas, em poder desses padres já conegos do Cabido de Braga, mais elevado ao angolo possivel, porisso todos os confrades, tanto frades no convento. Como os conegos dqs cathedraes, e outrascorporações religiosas, eram exhortados pelos Abbades dos conventos, e por todos os chefes dessas corporações a deixar ahi por sua morte todos os haveres. Era mesmo praxe nesses tempos todos que entrasse nos conventos, ou corporações religiosas, deixar ahi toda a sua fortuna. E isso chegou a ponto que mesmo os povos de fóra, mais delles que não tivesse herdeiros forçados. Deixavam aos conventos suas fortunas, tinham isso por um acto de mais merecimento perante Deus, tanto que os governos chegaram a ponto de lhe ser preciso criar leis afim de prohibir taes abusos, pois só os conventos estavam ricos e tudo mais era pobre, até mesmo o proprio rei que nem os conventos nem os fidalgos lhe pagavam impostos. Como se vê dominio direito dessas terras, depois da morte de seus donos, que faziam parte dessa importante corporação nesse tempo do Cabido da Sé de Braga, ficaram pertencendo ao mesmo Cabido; assim continuaram no correr dos seculos, e foram continuando sempre, até hoje, a exercer nas referidas terras, o seu dominio direito sobre os emphyteutas que as possue. Em 1785 vieram elles á Villar do Monte reformar as escripturas de prazo. Hospedaram-se na casa da descendencia paterna de seus antigos confrades. Foi cosinheira delles durante uns 3 mezes que elles ahi estiveram. Escullastica Barreta, Molher de Custodio Barreto, pais do finado João Joaquim Barreto, e a vòz do finado Francisco José Barreto e outros, são descendentes dessa casa que nessa antiguidade foi Paço. Hoje apenas escombros, a familia dos senhores Ferrazes de Barcellinhos, e a familia da Casa de Marrancos, freguesia do mesmo nome, conselho de Villa Verde, Mas estas são ramos familiar dos referidos senhores Ferrazes de Barcellinhos, quando os conegos ahi estiveram reformado os prazos. Já este Solar não era habitado por seus donos; era proprietaria dessa casa e bens uma senhora que morava na

referida freguesia de Barcellinhos de nome D. Antonia de Gouveia Lobo; era habitado esse solar por caseiros daquella senhora, que possuia ahi uma fracção das muitas terras que tinham pertencido a essa casa, terras essas que ha uns 40 annos, ainda eram tidas como terras do Morgado de Marrancos. Creio que desde que falleceu D. Antonia de Gouveia Lobo, nunca mais ahi voltaram seus donos; pois essa senhora em 1790 ainda era viva, essas terras tambem eram foreiras ao Cabido da Sé de Braga. Naturalmente foi segunda fracção, que lá succedeu por herança de um outro conego, que entrou no Cabido sendo da mesma familia, é provavel que o Cabido as entregasse por prasamento, a algum herdeiro desse conego. O que é certo é que essa fracção de terras, e as paredes do solar existiram ahi pelo pelo menos uns 80 annos, sem que seus donos ahi apparecesse; mas é praxe sabida, tudo tem um fim. Ahi pelos annos de 1872, mais ou menos, um barão estravagante, uniu-se pelos laços do matrimonio, com uma morgada rica, neta de Diogo Freire de Caldas de Gouveia, Lobo da casa de Marrancos, já fallecido, ainda tinha seu pae vivo, mas ignoro o nome, e era elle o successor por morte de seu avô, desse morgado em Villar do Monte. Passados poucos annos, depois do seu casamento, seu marido, Barão de São Roque, que era esse titulo do baronato. Veio a Villar do Monte, acompanhado de um secretario, escadrinhar todas essas terras, que lhe eram apenhoadas. Hospedou-se em casa do Abbade de São Fins e tomou para seu guia, nesses negocios, o coadjuctor do mesmo Abbade, na igreja de Carapeços, para tratar da venda desses bens, a miudas vezes, vinha de São Fins a Villar do Monte, e hospedou seu secretario em casa do Senhor Manoel José da Miranda, um dos possuidores de maior numero de propriedades, para que ahi lhe fosse intencionalmente dados em face de documentos esplicações a seus prescriptos arrendatarios sobre a venda desses bens. Não havia quem se recordasse de vir ahi seus antecedentes, nem eram salvos. Antes de 80 annos atraz importavam-se, com recebe-um rendas, que ao arrendatario estavam taixadas desde antiguidade. O morgado de Marrancos, vinha receber essas pensões em casa sua unida ao repuxo da agua das freiras, na rua da estrada de Barcellos. Na actualidade

os possuidores dessas terras eram Manoel José da Miranda, José Manoel Barreto e Francisco José Barreto, que só este ultimo se oppos á venda, allegando em juizo uninho direito ás terras pelo senhorio, em vista de prescripção, como de facto o não tinha, e nesse intento continuou disputando em juizo instando pelo seu direito, pois que o tinha de sobra; porém o adversario era forte e o magistrado subornado por elle, deu sua sentença contra, pois isso o posso dizer, pois o advogado do barão, era o Doutor Salazar, intimo amigo meu, e me disia que a sentença contra o Barreto, fôra uma injustiça. O Barreto em vista de sua desigualdade com o contendor, perdeu a coragem não quiz appellar; e assim foram vendidas essas terras, e com ellas as paredes do antigo solar, onde tinha sido Paço para decisões camararias, talvez desde 1220 por diante, até não sei que annos, não havia ahi emblema que indicasse ter existido ahi nobresa. O que havia era apenas as portadas e janellas, todas ellas de Corniga. Essa proprjedade com o nome de Quinta, e as paredes do velho solar, foi comprada por Manoel José de Miranda, e logo vendidas por elle as portadas e pedra do mesmo solar. Uma das portadas com prova José Manoel Barreto, onde se pode ver assentada em portas ao fim da calçada no logar do Paço, ainda com o rotulo na madeira da numeração, conforme se numeraya as portadas nos antigos tempos. Dando por concluido este assumpto occuparei-me da transferencia do outro logar, para o logar onde ella hoje existe da actual igreja. Por uns reparos ou concertos que fizeram na referida e actual igreja, dirigidas pelo senhor José de Jesus Mano que consistiu em levantar as paredes, dois palmos, e forrar tudo, somente no corpo da igreja, da capella mór até á frente, pois nessa occasião não tuliu na capella mór; viu-se que a madeiramento tinha servido na outra igreja antiga, e abrindo-se de novo uma fresta na mesma igreja proximo ao porpoto, appareceram pedras a cinselladas de uma fresta da igreja antiga, O mesmo se v io quando se constituiu de novo, capella mór, e se levantou o arco correiro, e o alargamento do adro, pois viu-se que o madeiramento da capella mór, tinha servido na capella mór da igreja antiga, porisso ficou sabendo que a igreja antiga, foi da mesma dimensão da actual

Porém neste anno que construiu a capella mór, foi crescido a mesma para o lado de traz, 1 metro. Tambem construiu de novo a sacristia, e collocou uma porta de novo, que a antiga não tinha. Já em paginas transactas, me occupei do supposto sitio, onde existia a antiga igreja, e volto novamente ao assumpto. Como já disse e nesse reduto que mais me approxima da verdade. Entre o caminho que desce para o cabeiro e soutello, era essa a oppinião do Snr. José de Jesus Mano, firmo-me embora no nome significativo, que ahi dão a esse sitio. Cabeiro, quer dizer um artista fazedor de cabos de facas, e talvez por ahi habitasse; mas a origem desse nome, tanto pode vir d'um artista, como pode vir de uma caveira de gente humana, que nessa antiguidade seria vista, pelos povos, os enterros. Desde ha seculos eram feitos na igreja, mas muito mais antiga . Enterrava-se nos cemiterios, como actualmente se está enterrando; porisso podia ser que em alguma escavação da antiga igreja, ou do muito antigo cemiterio, que por ahi desmazeladamente deixasse alguma caveira, dahi a origem desse logar o nome Cabeiro. Outro indicio que dão realidade, de que existiu a igreja antiga por ahi, é como já disse ter existido onde apartam do caminho trez entradas, hoje duas, existiu ahi um supedaneo ou socco duma cruz, assim como ainda existe a cruz que tanto deixei escripto, lá em cima onde atravessam os caminhos, porisso demostra bem claro, que existiram ahi as cruzes do antigo calvario, e que se enfileiravam, desde onde esteve o supedaneo da cruz, dão fundo no reduto, onde se entra para o Pumarinho, Soutello e e Novais, porisso sendo vida que a igreja lhe ficava ahi na recta guarda, nesse terreno inculto entre Soutello e o caminho que desce para o Cabeiro, haverá quem sabe, conhecer-se ainda ahi ha vestigios, como disse em outra pagina, ao leitor, em respeito a este assumpto da antiga igreja e calvario. Quando me contornei tinha repetido em parte, o que deixei escripto a paginas 26 e 27. Continuando, vereis que esses calvarios na antiguidade eram sempre em logares elevados, porisso vê-se que em Villar do Monte, não ha em outro logar vestigios tão evidentes, nem nomes tão significativos como ahi. Para poder asseverar que ahi foi a antiga igreja e calvario da mesma. Sendo as cruzes retiradas

para o calvario que existiu da actual igreja, de que na segunda parte narrarei, ainda prescistindo no logar onde existiu a antiga, direi que ahi no alto do Cortinhal acima de Gestido, existiam ou existe Ruinas superficialmente sularengas, mostrando paredes com dimensões tal, que parece ter sido igreja; por vezes ahi parei junto com algum companheiro, e elle era o primeiro a dizer:-isto foi a antiga igreja de Villar do Monte, que realmente o parece, mas a igreja Matriz não foi, podia ser que fosse igreja, mas assim uma capella, quem o afirma é o madeiramento do titulo da actual igreja, que tendo servido em outra igreja, vê-se que não podia nesses alicerces sularengos, pois apresentam bem, menos largura e comprimento, mesmo não ha ahi um nome significativo, que a severe a existencia da igreja ahi, como se ha no outro lugar, que tudo se condis com a existencia da igreja de antigo ahi. O que é certo é que nesse logar onde ella existiu, pertenceu ao dominio feudal, e nesse dominio por certo administrada e eclesiasticamente. E assim continuou desde que o feudolismo deminuiu e os terrenos cahiram por herança em terceiro dominio. Vê-se que a igreja pelos dados que vou apresentar. Ficou sem ter quem a venerasse, e administrasse, por não haver quem pagasse ao padre; e assim supponho pelos seguintes motivos; que continuou inutilisada imensos annos; porisso que os primeiros successores do marquez em tempo de muito menos importancia de seu poderio. E' natural que não se importasse mais com a igreja, e mais dois motivos. O primeiro, é sem duvida essas terras cahir no dominio dos conegos, e isso prova-se pois que elles passado ainda muitos annos, vieram reparar o mal, outro motivo a tradicção traz que houve uma grande epidemia, que matou e fez fugir ou mudar, a maior parte dos povos que viviam, na hoje Quinta de Manello, e Pinheiral, sabe-se que houveram nesses tempos epidemias medonhas. Santa Leocadia, a freguesia era no logar das Maias, e com essas epidemias, fugiram dahi, assim vêmos que o nosso antigo Villar, hoje logar do Paço, sendo como era na antiguidade umas 25 casas, todas por certo habitadas. Teve tambem nesses tempos sua decadencia fatal, mas isso parece não ser tanto devido a epidemia; foi mais por certo devido a transferencia do domi-

nio das terras para os conegos de Braga, que até nesse tempo eram possuidas pela casa matriz que foi paço de deliberações nesse logar, nesse tempo a tradicção tambem dá que o sagrado biatico vinha da freguesia de Villa Cova, só correr os enfermos. Isto diziam- , os velhos tanto de Villar do Monte como de Villa Cova, creio até que constava do archivo parochial daquella freguesia. Um criado ainda menor, do reitor Manoel Antonio do Valle, que era de Villa Cova, tanto elle como o seu Amo, até esse em conversa commigo, m'o dizia que dahi eram só corridas, com o sargento biactico, os povos de Villar do Monte. Isso parece inegavel, mas o que admira é não vir esse soccorro de uma freguesia mais perto. De certo foi no tempo que a igreja de Villa Cova era conventual, antigo convento de freiras, e que coubesse a ellas esse soccorro. Por ahi se confirma que a igreja esteve por muitos annos sem haver que a venerasse, e o mesmo se confirma que a população desde essas epidemias e o dominio dos conegos, nunca mais tornou a ser numerosa como era. Mas a seu tempo como já falei, os conegos de Cabido da Sé de Braga, lançaram sua vista sobre a igreja onde os paes e avós de seus fallecidos ex-companheiros tinham sido baptisados e prestado culto a Deus. Reparando o mal principiaram a mandar para ahi um vigario parochial, por nomeação delles, e pago por elles; pois que os povos que por ahi haviam, não tinham forças, a maior parte dos rendimentos eram para os conegos, nem mesmo havia ahi quem podesse dispor de meios, nem representasse cousa alguma, a não ser algum representante da casa do Paço, mas esse nem com a decima parte do que tinham possuido antes de cahir em poder dos conegos, essas terras. A transferencia da igreja do logar de onde ella estava, para ahi. Não podia ser senão promovida pelos conegos, aproveitando-se apenas do serviço braçal desses povos com mais qualquer auxilio, que queiro ter dado nos principios annos de 1600. Foi na epoca da transferencia que a freguesia mudou de padroeiro. Que envez de ficar sendo como era São Miguel do Monte, ficou sendo São Salvador de Villar do Monte, e isso devido a igreja ficar junta a esse logar que tinha o nome de Villar. Os conegos continuaram por muitos annos, a mandar por nomeação delles e pago por elles, o vi-

gario para ahi parochial. Porém chegou o tempo de reformar pela primeira vez, essas escripturas de arrendamento de terras; e que nesses contractos as condicções ficaram mais favoraveis do que até esse tempo a essa gente que as possuia; e porisso em vista da melhor posição em que ficaram esses povos, os conegos ficaram ainda a mandar, nomeando o vigario para Villar do Monte, mas só pagavam 30.000 reis, e o povo pagava o restante. Assim continuou a nova igreja a ter vigario, sem contudo ter confraria do Santissimo Sacramento. Foi então que um desses vigarios nomeados pelo Cabido, coube por bem fundar a confraria, que actualmente existe. Chamava-se esse vigario, Pedro Martins. Era da freguesia de Prilhal, e caso o patrimonio que obteve não rendesse para as despezas da administracção e veneração da confraria, hypothecou seu patrimonio na freguesia de Prilhal. Depois desse vigario, ainda o Cabido de Braga, nomeou outro, que foi o ultimo nomeado pelo Cabido. Foi o vigario José Macedo Jaches, foi o ultimo a quem pagaram os 30.000 reis. Era do Pé de Braga da freguesia de São Martinho do Dume, foi padrinho de Baptismo do Snr. José de Jesus Mano. O actual torreão da igreja, foi construido em 1840; foi o Snr. Manoel José Ribeiro quem administrou o serviço. Continuando direi: parece que no archivo parochial, não consta nada dos vigarios antecendentes ao fundador da confraria, pois que em eras transactas houve ahi um incendio, onde perderam todos os papeis. Esse incendio, segundo diziam, succedeu com pequeno intervallo de annos, ao da Casa do Terreiro. Para mudar de assumpto ainda direi, que os conegos do Cabido se não tivesse recebido o rendimento que lhes succederam por herança de seus confrades dessas terras em Villar do Monte, Nunca mandaram vigarios para Villar do Monte, ainda com o onus de lhe pagar. Passando a outro assumpto, congeturando ainda sobre os habitantes que ainda moravam em todo Manello. Conclui-se que todos ou parte delles, não quizeram annuir á nova igreja, ou talvez por mais algum motivo que tivesse suas divirgencias uns com os outros. Pois conclui-se que quizeram fundar sua nova freguesia, afim de ~~que~~ separasse dos de Villar e dos outros povos cá de cima. Pois supponho conjecturalmente que foram elles quem mandaram

construir a capella de Nossa Senhora do Tempo e de Boa Morte, que teve de ser sua primitiva, igreja, pois aprova mais caracterisada de que serviu nesses tempos de igreja, a esses povos, e um nicho existente de banda na parede da mesma capella, ao lado do altar, que só podia ser para guardar os necerarios para o baptismo e celebrar missa. Se não tivesse sido igreja, não existiria tal. Fizeram-lhe para sua veneração um patrimonio, que segundo diziam, era de grande valor; por certo para com esses rendimentos, ir accrescentando, fazer de pequena igreja uma maior, ainda existia no archivo da junta de parochia um documento que era quasi inligivel, porém lê-se e comprehende-se que teve uma propriedade desse patrimonio, num sitio chamado Porta do Sól. Esse nome torna-se incongetural, pois eu pergunto a mim mesmo a qual das situações nas proximidades, dessa Ermida, cabera esse nome, e respondo de conformidade com o que me occorre á memoria. Esse sitio assim chamado, não podia ser senão um logar de onde se avistasse a sombra entre as duas vertices, no pequeno monte, em Barreiras Negras. Nesses tempos não havia assim pinheiros como hoje; era tudo ou caso tudo cultivo, e essa propriedade do patrimonio de capella, para se dar onde elle existiu o nome de porta do Sól. Devia ser forçosamente logar onde se avistasse Barreiros Negráes; era justamente ahi por essa superficie. Dos lados hoje Quinta de Manello, onde os habitantes que por ahi moraram, dariam como era justo dar esse nome. Pois da parte de manhã, o sól vem visitar esse sólo primeiro por essa baixa, a que se pode dar, vem o nome de Porta. Os habitantes que por ahi moraram, lhe apparecia o sól de manhã dessa entre aberta, o que por certo chamariam Porta do Sól. Mais vem Cabido era chamar-lhe Portella do Sól. Emfim só quem fôr nesse sitio vêr onde aponta o sól, logo ao nascer poderá ter idéa onde se pode dar o nome de Porta do Sól. O rotulo na padieira da porta da capella da era em que ella foi construida, data de 1600, mais ou menos, se bem me recordo, justamente quando se calcula que foi transferida a igreja Matriz; congetura-ração que faz prever as realidades que deixei dito sobre a separação dos povos em 2 freguesias, talvez por ter de passar por caminho de muitas aguas, com referencia a esta ermida. Na terceira parte serei mais

extenso. Neste ponto continuarei, fazendo vêr em alguns sitios seu nome e sua origem. O lugar do Fogo, é original d'um fogo que ahi existiu. Fogo quer dizer cova de apanhar lobos, quando vão andisfilada a fugir as montarias, que antigamente se faziam nesses montes constantemente; pois no tempo da neve andavam ahi sempre quantidade de lobos, faziam-lhe montarias, e faziam vir povos de todas as freguesias, até de Espozende e de alguns de Vianna e Villa Verde, que a auctoridade obrigava, ora os lobos eram atacados de todos os lados, de modo a vir cahir; quando não fugisse para outro logar, no fogo que era sempre em um logar a descer. Ao fundo num estreito entre dois outeiros, como esse que acabo de escrever. As camaras municipaes desse tempo pagavam dez mil reis por cada uma pelle de lobo que lhe fosse apresentada, ahi pelos annos de 1840 a 1847. No tempo da neve appareciam lobos, constantemente, a miudas vezes eram vistos atravessar a estrada ao Benedo do Ladrão e subir o morro de São Mamede. A quinta de Enxate era rodeada do lado do poente de uma devesa fechada que custava entrar. Nesse anno de 1840 os lobos criaram nessa devesa, filhos, de modo que era perigoso passar por ahi de noite, que é quando elles mais procuram devorar o homem. Vinham de noite dos montes e procuravam entrar na devesa. O lado da parede nova, que era assim como se chamava, a parede do lado do poente da Bouça do Terreiro, ou Relojoeiro, reunida a Enxate. José Narcizo da Costa ia passando ahi de noite no tempo da neve. Guiar as águas nas suas propriedades no logar do Fogo, numa occasião que elles ahi appareceram; e viu-se apertado, teve de dar de Villa Diogo. Emfim que causavam um tal ou qual terror, que deu em resultado os de Villar do Monte, resolver cercar em montaria essas devesas. Haviam ahi nesse tempo dois homens que ainda viveram em meu tempo. Ambos tinham sido milicianos; chamavam-se José Manoel Mano, e João José Gonçalves. Eram tidos ahi por bons atiradores. Assim foi. Cercaram a devesa, atacaram os lobos que estavam dentro, lobos e lobas, que fugiram em vertiginosa desfilada, direitos ao alto do Subral, porém nesse desfilar os dois atiradores mostraram com suas armas, ainda da milicia, o quanto valiam. Atiraram cada um o seu, de modo que foram

morrer perto um do outro. A quingosta chamada Bucha, e os lobinhos novos cachorros, mandaram dois de presente ao fidalgo da Silva. A antiga quinta de João Enxate Sobreira, parece ter pertencido a um Feudo donatario de todo territorio do logar de Enxate da freguesia de Villa Cova, é porisso que esse logar tem esse nome de Enxate. Pois o digo pelo que dizia, um carpinteiro que ahi vinha dessa freguesia trabalhar, de sobre-nome Dalgado. Dizia elle que o antigo fidalgo donatario que foi de todo logar do Enxate em sua freguesia, tinha o nome de João Enxate Sobreira, por isso é de notar que a velha quinta ~~de~~ de Enxate fosse sua pertencente. Ha um significativo nessa quinta, si bem que pouco inspiravel: A casa de morada, ou onde vinha estar o dono da quinta, havendo na quinta logares mui proprios, onde com facilidade poudesse obter água; existiu num logar longe, onde só podiam tomar água nesse sitio chamado O Pocinho, què fornecia agua para elles, e é por isso que tem esse nome. A casa existiu nesse alto onde é matto, suburbios do Viso; parece que demonstra seu dono queria ver della o logar da Campa do Frade, ou do mesmo logar vêl-a, dos limites de Villa Cova vêr a quinta, e da quinta ver os limites de seu feudolismo; os queijeiros quer dizer homens que fazem queijos de leite de vacca, ou de ovelha, era nesse logar que os faziam no tempo do senhor dessa quinta. Era gente vassallos delle que por ahi moraram para cultivar a quinta, e como ella se prestasse, e sussetivelmente se presta, a produzir excellentes pastagens para gados, vacuns, é dahi a origem desses antigos habitantes terem possuido vaccas, para o leite fazerem queijos. Continuando em sobre os munhos; mas antes pergunto a mim mesmo, que significa Cova de Enxate, Cova de apanhar Lobos, parece que não, pois tinha lá entre os dois outeiros o Fogo. Lá na baicha além da Fonte Carreira. Certamente era por ser assim uma baixhada muito proxima da quinta de Enxate. Será porisso que se diz Cova de Enxate? Voltando, sobre os móinhos direi: que a origem desse nome, é devido á ter existido ahi trez moinhos, em ruinas que foi do antigo solar, ou casa do Paço, dois ainda existem. Tambem ahi houve um engenho de serrar madeira, mandado construir por Custodio da Pena da freguesia da Silva, como por engano passei

a escrever na pagina seguinte. Direi aqui mais alguma cousa deste homem. Custodio da Pena, os Penas da Silva sempre gostaram de passear por Villar do Monte, casava por ahi algumas de suas filhas. Este era sogro do antigo Fagundes, mas diziam que Jo- de mais antigo, tinham casado ahi filhas dessa familia; já Francisco da Pena, neto deste Custodio, o gosto delle era passear e conversar em Villar do Monte com seus amigos e parentes que descendiam do antigo Fagundes, antigo dono da Casa do Souto. Isto se passou no meu tempo, mas por ahi se contavam pilheiras engrassadas de seu pae Domingos da Pena, que tambem o gosto delle era passear em Villar do Monté; era na freguesia da Silva onde se faziam esplendas festa á São João, e eram os Penas quem sempre as promoviam com a maior pompa e brilho, que faziam sahir. Elles e seus auxiliares, na procissão, os entreçantes e curiosos bailes de pastores, a saber: O chamado baile de São João, o baile das fitas, o baile dos pastores, o baile do rei David, e o baile dos pretos; emfim faziam um apparato esplendido, na procissão, subindo da igreja esses caminhos ruraes, até o territorio do Fidalgo; formavam ahi um arraiel esplendido. Cada um baile a seu lado dansando em compassos musicaes, de musicos da banda que assistiam, abrilhantavam a festa. Em frente as barandas e sacadas do importante solar da casa da Silva. Até findar essa tam a mena e pitoresca tarde do dia. 24 de Junho. Os fidalgos e mais personagens, que de Barcellos vinham ahi nesse dia, desfructavam das sacadas e janellas do solar, essas danças e canticos tão alegres desses moços vestidos condignamente do mysterio que representavam, uns como pastores, outros como prophetas, outros, e estes uma dança por demais accelerada, o grupo dos do rei David, e assim por diante. Voltando a falar sobre os moinhos, a dizer em repetição sobre o antigo engenho de serrar madeira que ahi existiu. que foi construcção de Custodio da Pena, da Silva, em beneficio de sua filha e genro, o Fagundes, moradores que foram no logar do Souto. O Romano ou alto do Romano; a origem desse nome, segundo a tradicção, houve um habitante nesse logar que foi a Roma em penitencia mendigando. Porém na ida e volta perdeu a saúde, que antes de ir gozava, e como elle antes de morrer, estivesse

quasi todos os dias ahi por esse alto encostado ou deitado, ficou o nome de Romano, ou alto do romano que era nesse tempo valdio. O vulgarissimo nome de portilinha; esse nome não está conforme, esse nome é portelinha e não portilinha. Portelinha que dá o nome a esse logar, e ao subir do logar da casa nova, entre o alto do castelinho e o outro do lado do poente, é ahi a portelinha por ser portella pequena, menor do que a outra, lá ao penedo do Ladrão, pois essa e a portella grande, entre a cordilheira, depois desse espraiado chamado Souto da Portelinha, passava ahi antes da actual, a estrada para Vianna. Existia ahi um nicho de almas que enfrentava a estrada, cujo foi transferido pelo Reitor Manoel Antonio do Valle, pará enfrentar a nova estrada. A cruz da venda logo que ella ficou prompta nesse logar, mas antes disso ahi pelos annos de 1852, passou ahi D. Maria II, nessa antiga estrada, onde estava ainda esse nicho de almas, além de muitos arcos embandeirados e festas por muitos logares, o regedor de Villar do Monte e seu povo, quando ella regressou de Vianna, já estando ahi esperando, todos os fidalgos e personagens de Barcellos, que vieram de Carvalhe bem assim bastantes doceiras. Então o nosso Regedor e o povo, preparados ahi para na chegada lhe fazer uma recepção alegre, com regozijo e grande estrondo, tinham ahi os morteiros da igreja bem atuchados de polvora, e quantidade de fogos. Manoel José da Costa, o vigairelho, era o incendiario dos fogos, enfileirou e rastilhou os morteiros em cima do alto barranco do lado do norte. Além de algumas tropas, os primeiros que chegaram ahi, ambos á cavallo, foi o Snr. D. Fernando, e seu filho Augusto. O Snr. D. Pedro 5º o nosso homem logo, ao elles parar, em frente aos fidalgos e o povo, incendiou os morteiros, mas o estrondo inesperado fez o Snr. D. Fernando virar o cavallo de pião, pensando ser alguma hostilidade, e no meio do estrondo do foguetorio, levantou o Snr. Joaquim Pereira, os vivas á familia Real, com o mesmo enthusiasmo, como nos campos de Lisbôa nosso tempo de miliciano. Soltou ahi a voz de um forte pulmão, de que era suceptivel, e de idade de uns 10 annos. Foi testemunha occullar de tudo, jogando-lhe flôres de uma varandinha feita no barranco desse ballado, do outro lado da velha estrada. Emquanto a cruz da venda, para onde de-

pois de passar ahi a estrada nova transferiu o nicho das almas. Não é por causa do nicho que esse logar tem esse nome. Esse sitio com esse nome, é de tempos immemoriaveis, e o motivo porque, eu o vou explicar:

-Esse terreno que ahi existe do lado do poente da estrada de Macadam, que ainda hoje tem o nome de Venda da Cabra, por onde passava a antiga estrada. Já muito antigo foi uma propriedade fechada, onde houve uma casa em frente á referida estrada que era venda de uma mulher, segundo a tradicção que se chamava cabra, talvez por apellido, e mesmo haveria ahi mais habitantes nesse tempo, pois nesse deserto não hia morar uma mulher sósinha, e a prova é que a casa existiu, como vou mostrar: Durante minha infancia, conheci esse terreno a Muntulo, porém com pedras rodeando o mesmo terreno, mostrando claramente em Ballisas, ter sido como disse fechado, e apresentando ainda em frente a velha estrada, monstras pedras como a ballisando, mostrando claramente od alicerces da ahtiga casa. Esse terreno era nesse tempo um ex-campado, onde se dizia iam dançar á noite, as feiticeiras entre ellas o diabo transformado em carneiro preto. Tria muito que escrever a esse respeito, se possivel fosse desviar-me do assumpto a que me é preciso seguir. O terreno assim em ex-campado pertencia a uma familia ahi do logar da Barziella, cujo chefe chama-se por apellido, o menino gordo, era foreiro, á rica irmandade do Bom Jesus de Matosinhos, proximo á cidade do Porto; quem recebia esses foros e muitos mais, eram os Chaves de Barcellinhos, depois disso a certo tempo foi comprado, a esse homem menino gordo, por um tal Antonio Moraes, cunhado do antigo e finado capitão mór de Barcellos. Antonio Moraes cercou este terreno com paréde como hoje está, e cultivou, applicando-lhe bons estrumes que trouxe de Barcellos. O terreno produzio fructos excellentes, e conservou os alicerces da casa que tinha sido Venda da Cabra, e deu principio á construcção de uma nova casa, proximo ao nicho das almas, quasi unida á nova estrada Macadam, o que não chegou a concluir; depois vendeu á Antonio José da Cruz, o Palmeira, que foi este quem arrancou os alicerces da antiga casa que foi Venda da Cabra, porisso o motivo por que ahi se chamava, e chama ainda hoje a Cruz da Venda; e porque um dos travessos da freguesia cruzava a antiga estrada a seguir para a Barziella, ahi

mesmo onde se atravessa hoje a estrada de Macadam, onde hoje existe o nicho das almas. Eis o motivo porque se chama ahi, e chamou sempre, A Cruz da Venda, por cruzar ahi onde houve a venda da cabra; tem ainda nesse mesmo sitio o Marco da Venda, do qual adiante me occuparei. Continua nesses terrenos ahi proximos suburbios a Boucinha e Bena de Anta, onde tem de antigo o nome de Bouça do Tulla, na mesma onde passa a estrada, entre essa e o caminho que emboca na quingosta da Boucinha, e o travesso da nova estrada, para Villar do Monte e Santa Leocadia. Existe ahi um pequeno Montullo, que em seu cimo tem o vestigio de ter havido ahi uma profunda escavação, como de facto houve ahi pelos annos de 1840 mais ou menos, o caso foi o seguinte: O padre Jacintho, vigario da freguesia da Silva, guiado por um livro de São Sipriano, ou hão sei porque veio ahi uma noite, acompanhado de pessoal necessario para descobrir um thesouro, como de facto o descobriu. Não sei se foi metal de valor se foi qualquer cousa inutil; o que é certo é que a pedra que elles encontraram na escavação cobrindo ou guardando o thesouro, é a mesma pedra de Lagar ou Lagareta, de espremer o bagaço do vinho, na casa e logar da casa nova dos antigos engeitados, que vieram ahi depois disso, e a conduziram para esse fim. Thereza Nogueira ou a Jacintha de Santa Leocadia, tinha esse apellido, pois foi favorita do padre Jacintho, vigario da freguesia da Silva, a origem do sitio do Felão, esse nome é original de um Felão que ahi existiu, mas como não desse resultado ou interesse, foi abandonado. Continuarei a descripção da origem de nomes das situações nesses montes e montanhas que conheço:-Os nossos montes assim como todos os outros nas freguesias Locaes, nos mostram indios e as situações com nomes significativos, que podemos conhecer, e distinguir que esses montes foram habitados nos primitivos tempos, segundo nos orienta nossa historia patria, os povos que habitaram o minho e traz os montes. Antes de Christo muitos séculos foi uma parte dos callaicos a quem chamavam Bracharas Gallegos. Estes povos eram muito atrazados, cultivavam e moravam nos montes e desprezavam as terras baixas. Depois destes, vieram por ahi estabelecer-se outros povos mais civilisados que foram os phenicios e os gregos e os carthaginezes. Mais tar-

de antes de Christo trez seculos, ainda vieram outro povo muito mais civilisado, que foram os romanos, que construiram aqui obras de grande utilidade. Foi no tempo delles, que se pregou aqui pela primeira vez a doutrina christã no nosso reino. Depois de Christo cinco seculos os romanos vencidos pelos barbaros evisigodos, estes tambem por sua vez foram vencidos no seculo 8 pelos mouros, estes á que parece que cultivavam as terras baixas, tambem andavam pelos montes onde faziam fortissimas fortalezas para resistir aos christães a quem guerreavam, por onde andavam faziam obras collossaes dessas que sempre deixam vestigios mas nos nossos montes parece não ser dessa importancia os vestigios que se encontram parece ter sido tempo dos callaicos; seja o que fôr ahi os vou descrever. Por exemplo: o nome de Regedoura, não ha significativo que mais indique; era ahi onde morava quem regia, quem administrava e quem sabe se seria uma mulher, pois nesse tempo nos diz a historia, que quem trabalhava eram as mulheres e os escravos. Os homens occupavam-se sómente nas guerras. No mesmo logar tem um sitio denominado as Heiras. Era nessas heiras onde ~~se~~ vão os ceriaes. O nome desse pequeno, essa penedia que se chama Coto do Forno, seria por certo onde havia forno para cosinhar pão, mas tambem pode ser que seja original de um penedo que havia no mesmo coto, que se prendia na cahida da terra e fasia coberto que podia abrigar 4 homens, mas nesse abrigo hem no meio, onde se rouçava com a cabeça ao sahir-se desse abrigo, havia uma cavidade em com cabo bem redondo, que podia entrar para dentro do penedo, um menino de 13 annos, dentro tinha um compartimento que cabia bem um homem deitado, menos poder entrar. Era tambem aplanado, que parecia obra feita Acinzel, quando olhava ovelhas não me esquecia de ir ahi admirar esse phenomeno, e encontrava senhores do bello alojamento do penedo, quasi sempre grande quantidade de moixos, que ao chegar com a cabeça ao com cabo redondo, o co de entrada, eil-os ahi vinham em seguida, numa das filadas, mostrando com energia e actividade que a visita não lhe era agradavel. Os leitores por certo me classificarão de antiquario ou archeologo, porém este ultimo não pode caber na edeia de quem quer que seja. Pois não, vejo nos nossos montes

indicios de monumentos antigos; mas quem sabe se os haveria tão antigos, a ponto de ter desapparecido os vestigios, o que houve foi o seguinte e que é inegavel: Ahi da regedoira para cima, norte, foi tudo uma propriedade, uma fazenda. Sei que principiava ahi, mas não sei até onde chegava, o mesmo foi para o sul. Muitas vezes chèguei ao pequeno ao longado Outeiro Coto do impedido. No meio onde atravessava um caminho ahi parava attrahido curiosamente, por me oppor á vista um bailado cercanico, que seguia em linha recta, atravessando no meu ponto de parada. Souto de virgem, tanque costeira do tanque, camisa talhada, subia sempre na recta, até ao pincaro de São Mamede, vestigios bem claro que se desfructava perfeitamente. O leitor se for ahi observar encontrará a realidade, salvo se hoje existir arvoredos, que não possa differençar. O nome do Cotto do impedido, significa que se impedia de passar ahi, gente ou animaes. Depois de subir a costeira do tanque, tem o sitio que se chama Camisa Talhada, como de facto; quem ahi se affirmar, vè na superficie, perfeitamente uma camisa talhada, não posso advinhar o significativo de tal phenomeno, as fontes do tanque que são assim chamadas. os povos desses remotos tempos, não se aproveitavam das aguas para regar os fructos, como nós hoje o fazemos, cultivavam as altas e esperavam as chuvas. Limitavam-se apenas a ver dellas no logar mais proprio, onde ellas corriam, para dahi ancorar num grande e extenso tanque, para os animaes viver e banhar-se. Os tanques desses antigos que por ahi moraram. Pode se asseverar. Os indicios são veridicos, foi ahi mesmo as fontes, a que ainda hoje se chamam fontes do tanque; foi ahi nessa portella estreita, entre o chamado Cotto do Pullo, e a casterra. Foi ahi que deu nome a essa situação por ahi toda. Tem lá mais acima o morro Cotto de Cavanellas, nome bem significativo; quer dizer que existiram por ahi cavanas, pequenas casas de moradores, chupanas, choças, alto de crujeiras, tambem quer dizer pardieiros, casas arruinadas, casas toscas. Ahi pelos annos de 1852, tempo em que os pedreiros de amares ainda ahi não tinham chegados, nos dois morrinhos que ladeiam a bouça velha e outros sitios, onde que se encontravam circuitos, alinhaves de pedras, restos de ruinas de cazebres, das habitações desses antiquissimos habitan-

tes, porém os nossos montes assevera-se que ha uns 300 annos mais ou menos, achavam-se divididos em propriedades particulares como hoje está. Assim nol-o indica o nome dado á algumas situações por ahi. Apenas hoje Nominães, mas vê-se que é pelo nome que é ainda hoje, Seda, pertenceram ás antigas e estinctas familias de Villar do Monte cujos nomes acham-se escriptos em estatutos ahi de confrarias, e atestada n'um manuscripto, livro de resas da senhora das areas e outros. Tal se vê ahi na chamusca, onde se abriu um fundo corte para passar a estrada de Macadam, ahi tinha o nome de Bouça de Margarida Affonsa. Via-se bem as ruinas das paredes que a cercavam, era por certo da familia de Tume Affonso, que está escripto no livro da resa e de outros. A Bouça Velha e Bouça Nova, assim chamadas, foram propriedades do solar do paço. E assim tudo era dividido, Viam-se mesmo por ahi pedras de marcantes, dividindo pequenas leiras, e assim tudo nesse tempo dividido em propriedades, que depois pelo que nos faz crêr houve taes decadencias, que, ou por seus donos terem morridos na guerra, e não houvesse herdeiros, ou porque essas propriedades perdesse seu valor total, vê-se que tudo ficou sem dono. No correr dos annos tornou-se terreno maninho, até que pelos annos de 1869 mais ou menos, foi outra vez dividido amigavelmente em favor dos parochianos, pelo Snr. José de Jesus Mano, e aforado á Camara por um processo completamente nullo. Ninguem reclamou em attenção á combinação amigavel em que todos concordaram. A pedra escripta o nome desse sitio, assim chamado. Era um penedo que do lado do norte se univelava e alastrava em Lage, no planavel da superficie da terra desse lado, mas apresentava uma frente ao sul da altura até esse univel de 5 palmos mais ou menos nessa lage univalada com a terra; subindo a referida altura via-se os seguintes signaes embutidos laboriosamente na mesma lage: 2 pés de homem em grande ponto, e outros dois pés de homem ainda mais demasiados e outros menores, tinha além disso duas crusadas, tal comeram os antigos, pintos, 480 reis em prata, mas eram em ponto muito grande, da largura de uma peneira, tinha pés de menino, e diversas cruzes pequeninas. As crusadas eram rodeadas de uma especie de aro, emfim tinha mais signaes que não recordo. A altura dos 5 palmos ao sul,

era quasi a prumo, tinha essa alturação ou melhor, vallo fronteiro, segura-
mente uns 15 a 18 palmos, correndo de nascente a poente. Essa frente
apresentava quasi em toda a essa distancia, um letreiro bem escripto
em linha recta, e bem embutidas as letras na mesma pedra; enfelizmente
esse padrão de signaes desappareceu ahi, pelos annos de 1865; devido á
falta de sentimento e zello dos vogaes da junta da parochia desse tem-
po, que era a quem cabia prohibir os pedreiros, cortadores de pedra pa-
ra Barcellos de não bolir nessa pedra memorial, com todos esses signa-
es que deixo escriptos, que por certo estavam ahi embotidos nessa pe-
dra e caminho de 800 annos, epochas dos tempos das cruzadas aos loga-
res santos, a primeira pregada em 1095 por Pedro Heremita, foram 8 as
expedicções á terra santa, sendo a ultima commandada por São Luiz, em
1268, por isso os signaes, apesar de ser em grande formato, eram os mes-
mos como cruzados novos, pintos moéda que correu em Portugal. Atraz
uns 50 annos. Se não fosse desse tempo em outra epoca, ninguem os em-
butia daquelle systema. Eram emblemas carateristicos desse tempo e
que o sentimento do povo actual, não chegou ou não soube dar-lhe o ver-
dadeiro merecimento, desde o tempo das cruzadas, a nossa moéda era sem-
pre mais ou menos cunhada com emblemas dessas crusadas, esses emblemas
e o letreiro, na frente numa extensidade d'uns 15 palmos mais ou menos
tudo era serviço aperfeiçoadissimo. Muitas vezes quando pastorinho
de ovelhas, me foi enfrentar com essa pedra, para vèr se podia lèr e
conhecer dos factos, que essas letras representavam. Conhecia todos
mãs não me era possivel, pois além de nada, mestrado na leitura, pare-
cia ser em outra lingua e não a nossa. Diziam alguns que como eu, ti-
nham teimado a vêr se comprehendia, que era escripto em latim; chegava
muito ser a nossa lingua do tempo das cruzadas, que é falada em latim
em nosso tempo por algum de nós ninguem o comprehendia. A distancia mais ou me-
nos tambem de 15 metros, 13 metros da frente dessa pedra que foi que-
brada. Caminhando essa distancia para o nascer do sól, mais um pouco
a nordeste, encontra-se escondida na terra, uma pequena cruz, que foi
vista por nós dois pastorinhos enseparaveis. Eu e um meu irmão José, filho
de João da Costa, Villas Boas, vulgar o Gandarella, e sua mulher Doro-

thea, que parece que ainda estou vendo esse amiguinho leal de infancia, morto, elle e uma irmã de nome Anna, que morreram um a cauda outro, vi os dois amortalhados numa tumba que por ahi existia na igreja. Essa cruzinha depois ainda foi vista por mim mais vezes, era pequena não tinha nem um palmo as duas estes, a terra estava cobrindo a pequena lage, onde ella estava embutida, faltaria apenas palmo e meio em roda, pouco a pouco ficou escondida, e nunca mais foi vista, pois nunca em meu tempo ahi, foi ninguem fazer escavação, mesmo porque o terreno era maninho, mas tinha adquirido dono. Neste ponto volto de novo á Camisa Talhada, como já disse desse sitio não tinha edeia da significação de tal phenomeno, porém me occorre á memoria que aquillo não deixou de ser limites; fechados para os originaes jogos de esgrima e lança onde se exercitavam militarmente esses povos montanhezes; pois ainda hoje a arte de jogo de pão, em muitos logares quando se exercitam fazem riscos quadrangulares, a certo compasso na terra, para dentro de certos limites, formar o jogo, e o que me parece ser asseveravel, é o penedo do ladrão, foi d'um ladrão, pois tem a cama, que parece não ter havido mão que fizdsse esse trabalho, parece ser natural do mesmo penedo, no entretanto tem uma cama que pode acommodar-se bem um homem deitado, trepei muitas vezes ás escadinhas que conduzia ao cimo do penedo, e ahi me deitava alguns estantes por brinquedo. Antes de construir a estrada de Macadam, o penedo do Ladrão era conhecido e falava-se delle por onde quer que passeasse. Em todo Portugal, Hespanha e Brasil era conhecido, dizia-se, mesmo não sei se é verdade que o penedo do Ladrão, era um ponto estrategico, escripto e archivado na torre do Tombo em Lisboa do antigo mappa do reino. O ladrão segundo a tradicção foi um salteador que ahi assaltava os passageiros na estrada no ponto dessa vertice, ou portella de cordilheiras de montanhas, cuja estrada uma das de maior transicto, pelo menos desde que se construiu a ponte de madeira em Vianna tambem a tradicção traz que esse salteador veio a ser morto por uma mulher, que vindo de levar de comer a uns roçadores do matto, o salteador lhe sahiu á estrada, pedindo-lhe vinho para beber e como pegasse a botija, ~~em~~ em que ella trasia para beber, a mulher com

a faca de partir o pão, com toda a coragem votou-lh'a a Jorge, e o ladrão sem esperar foi morto. Essa cordilheira é um ramifero que a grande serra do Gerês tão longamente nos fornece; assumando-se por entre importantissimas planices, e appaziveis e productivos valles, como o do Tamel e outros, apresentando-nos a pequenos entre valles, extensas lombadas, de modo a facilitar de um lado a outro, a concorrencia transitavel laboriosa e commercial desses povos, e ainda nos apices as portellas do homem, de Abbade, das cabras, de São Fims de de Valle Longo que lhe estão chamando Portella do ladrão, onde se ergue ainda na mesma cordinheira, na vertice continua; o morro de São Mamede, que a natureza caprichosamente nos quiz mostrar ahi seu esmero, inspirando nos ter ahi collocado, um posto de vigia de guardas avançada, para no caso que fôro de Palmeira dahi a uns 6 kilometros. Não possa resistir ao allegorico, encontrar ahi tenaz resistencia; quem em dias de sól claro e sereno, subir o morro de são Mamede e procurar sentar-se num penedo do mais elevado corôto do mesmo morro, desfructará um panorama dos mais deslumbrantes, e mar abilhoso que a natureza jamais nos pode fornecer, poderá haver maravilha igual? não; duvido; mais, mais bonita é vêl-a e aprasivel que a nossa vista alcança do alto morro de São Mamede, não pode haver. Desfructa-se a costa do mar, numa infinidade até perder-se de vista; vê-se da fóz da barra do Porto, Castello do Queijo, até para cima da barra de Vianna do Castello, e mais se avistaria se o morro de Santa Luzia subranceiro a essa cidade, não nos impedisse nossa vista com sua altaneira posição, causa assombro maravilhoso esse rendilhado alvura scintillante sobre o asul das aguas côr do céu, que, desse morro a nossa vista arcança por esse oceano infinito a perspectiva nos incute a ser todo esse extenço mar, coberto de alcactifas listadas, que mais parece-taiadas de prata, doque outra causa qualquer que desse rendilha do prateado sobre as aguas; exploe chuva immensa de scentelhas, e co ricos, que faz o observador ficar tonto. Pois parece que todos os peixes nesse infinito gomitam fogo côr de prata. Lanchas de pesca avistam-se dahi navegando na costa afigura-se nada menos que a cabeça d'uma rã num lago d'agua doce. Desfructa-se ainda no mar largo ao lon-

ge as embarcações de alto bordo crusando-se, caminhando para o norte, e para o sul parecendo caminhar atulhadas entre espessas neblinas, no meio dessa paisagem só de aguas perspectiva crystallinas, elevando-se a uma altura que mais vizivel se torna, rolloso corações immensos de fumo, que mais parece dum thorivallo conduzido templo portatél, celebrando tedeum em acção de graças ao altissimo, pela deslumbrante e maravilhosa obra, do ajuntamento das aguas, num tudo que mar chamou, dahi se avista essas planices verdejantes, que para o nascente, que para o poente e norte, onde se estende superficialmente, immensidade de poderosas povoações, distinguindo-se a qual mais com sua igreja e torre de sinos para chamar o povo a oração. Existiram ahi no morro de São Mamede duas ermidas ou capellas, sendo a de São Mamede em ponto pequeno, e a outra que era Santo Ouvido em ponto grande, ambas em Villar do Monte. A de Santo Ouvido foi pertencente dum convento de frades que houve em Santa Maria do Abbade, muito antigo, segundo dizia o Abbade Arcipraste: Fundado pela rainha D. Mafalda, mulher de D. Affonso Henrique; cuja igreja foi do mesmo convento; a capella de São Gonçalo tambem foi pertencente do mesmo convento, e pelo que me dizia o Arcipraste Abbade daquella freguesia, tambem a dava em Villar do Monte, salvo se houve engano da parte delle, pois pelo que elle me dizia a caminho de Barcellos para sua residencia. As hermidas constam do antigo archivo da Abbadia. A tradicção traz que essa de Santo Ouvido lhe faziam uma festa e romaria todos os annos; o quanto diz dos vestigios da capella fraoldando para o lado dos Feitos, tem o nome de Castanheira; isto porque existiu antigamente em toda essa ladeira um enorme souto de castanheiros, é dahi que vem uma praxe, ou quasi uma lenda, que todos os moradores ahi pelos mezes de Janeiro e Fevereiro, quando susseptiveis as carapeleiras, e fortes ventanias que sopram do lado de São Mamede, todos esses povos ahi em Villar do Monte, diziam, costumam dizer: o tempo esta mão, está zuando a castanheira porque realmente assim houve, o vento vem desse lado mais frequentemente nesses mezes. Tem occasiões com uma furia tão forte que parece querer levar as trapeiras e telhas das casas; tem vezes que vem com tanta força, que des-

pelos menos da metade da freguesia para Barcellos; por ahi seguia porcos, gados, vacum, tudo que vinha para a feira, até pouco tempo depois que construiram a estrada de Macadam. Diz a tradicção que a rainha santa, uma vez no couto da Neiva perguntou, vendo a superficie tão montanhosa: que nome tinha a povoação, disseram-lhe o nome que tinha, cujo ignoro, diz que ella respondeu: Fragosa lhe chamo eu, e ficou o nome de Fragosa por muitos annos. Mas no correr talvez de alguns seculos, transformou-se o nome, envez de Fragosa, Fragoso. A rainha santa Izabel quando ahi esteve não só deu, segundo a tradicção, nome de Fragosa á povoação. Como tambem lhe fez doação de todos os montes que lhe serviam de districto, cuja doação existe ou existia ainda em meu tempo por ahi. No archivo parochial da freguesia de Fragoso, assignado por ella. Volto ao meu assumpto que ia seguindo. O Valle Longo é o nome que tem do antigo, esse territorio, onde hoje existe a pequena freguesia dos Feitos. O isolado couto de Valongo, pelo seu nome indicativo, é o unico que nunca deixou esquecer o nome de seu valle que lhe fica inferiormente defronte. O correr dos seculos e gerações fez desapparecer 3 letras desse nome, pois era seu nome couto de Valle Longo, e não couto de valongo, como actualmente lhe chamam. O valle Longo é todo esse valle que se alonga ahi dos Corutos, que é de vidé achamada Bouça Velha, até lá a devisa de Villa Cova, todo esse territorio que se chamou Valle Longo, foi dominio do convento de Bouro . E' supposição minha que fosse patrimonio de algum frade que professou nesse convento, e ahi morreu e deixou ao mesmo convento, como era de praxe nesses antigos tempos, sendo como era esse territorio em São Miguel do Monte, hoje Villar do Monte, o frade que supponho, por certo, tambem o era, e sendo-o. Não podia senão da familia do antigo feudo, pois dessa familia está mais que povoado, que houve eram frades, para prova bem justificavel veja-se o systema usual ainda hoje de partilha das aguas, por sorte que ahi escreve . num dos 12 bilhetes, ou quanto sejam, a sorte do frade. Por certo o Valle Longo, hoje os Feitos foi desse mesmo, ou de outro da mesma familia. Esse terreno pelo que no correr dos annos veridicamente succedeu, a supposição me dá, e não podia ser o contrario, depois que seu dono morreu. Se os herdeiros, os frades do mesmo

convento. Envista dessas 8 leguas mais ou menos, de distancia do convento a seu valle longo, ou talvez por causa das guerras contínuas que succediam, pela difficuldade de arranjar pessoal para cultivar nesses tempos revolucionarios ou porque não conviesse, sabe-se que Valle Longo ficou nesses tempos abandonado, as casas que havian pelos muitos annos de abandono cahiram em ruinas, depois chegou o tempo que os anteccessores de Alves Barbosa, fidalgo de Quintiães, ou talvez elle mesmo. Adquiriram essa propriedade dos frades de Bouro, creio que como emphyteutas, ahi é que se sabe que o Valle Longo, como até essa tempo se chamou, estava de todo dado ao abandono, o nobre fidalgo mandou ahi reformar alguma casa campestre. Desde que mais facilidade lhe offereciam, e mandou para ahi pessoal para cultivar. Foi ahi que tomou o nome de Feitos, pelo terreno ser susceptivel dessa planta, que foi o que elles mais encontraram ahi, feito e mais nada, pode se crer que coube, ao nobre fidalgo, de Quintiaes; a fundação da freguesia dos feitos, corria ahi uma lenda com referencia aos primeiros cultivadores que o fidalgo para ahi mandou. Dizia-se que elles fugiam e ia apresentar-se a fidalgo queichando-se que não podiam ahi estar que era um logar que o dia custava muito a apparecer, e que tinham medo que viesse uma noite, de o dia não apparecer mais. De que tudo o fidalgo os ouvia com paciencia, emquanto a difficuldade que allegavam do medo de vir a noite e não vir mais o dia. Dizia-se que o fidalgo lhe mandou entregar um gallo, e que lhe dissera: levem este gallo que este é quem chama o dia, quando alta hora da noite o gallo principiar a cantar, esperem pois que não tardará o dia. Mais tarde quando resolveu emprazar essas terras aos cultivadores dizia-se que o fidalgo estipulou como epigraphe na escriptura de prazo, o seguinte onde diz: Prazo do chama dias. Foi assim o principio da freguesia dos Feitos no districto, embora de antigo outro nome, hoje Villar do Monte. As freguesias de Palme, estincta Salvador de Palme, couto da Neiva, hoje Fragoso, contém-se em sua linha divisória de sua antiguidade, o logar de Custello, foi propriedade do convento do Salvador de Palme, e assim continuaram os dos feitos, primeiro ~~uma~~ uma adeolla em Villar do Monte, e depois quizeram ficar independentes. Cuja independencia, foi mais ou me-

nos ha 196 annos. Isto porque tendo eu a idade de uns 10 annos mais ou menos abeirando 1860, foi visto por mim o Tombo de demarcação da freguesia dos Feitos, no sitio entre o chamado Outeiro da Cruz e o Couto de Valle Longo, hoje Valongo. Vi que esse tombo, quando ahi visto por mim tinha sido escripto ha 140 annos, foi apresentado ahi pelos dos Feitos, por causa de uma questão de limites, que nesse sitio se solicitou entre os Feitos, e Villar do Monte, não ha nada mais claro. Villar do Monte como eu disse segue ou seguia a sua linha divisoria, da vertente de São Mamede, a fazer angulo confrontando com a freguesia de Santo André de Palme. Os dos Feitos quando fizeram sua independencia, fizeram comparavelmente, collocação de um cintel no ponto angular, e foram medindo quasi em volta; terrenos de Villar do Monte para seu districto, fizeram muito bem, criaram-se em territorio de Villar do Monte, quizeram ser independentes, estavam no seu direito, e precizavam do seu districto, ficou sendo os Feitos á freguesia das duas cancellas, uma chamava-se Cancella da Portella e a outra Cancella do Cião. Dava-lhe o nome por todo o Portugal, os soldados que por ahi passavam, a miudas vezes em serviço militar, por onde quer que andavam contavam com certa admiração, de ter passado quando eram soldados, ao Penedo do Ladrão e na freguesia das 2 cancellas. Criaram ahi a sua vigairaria, com casa e passal para vivenda do vigario; chegaram a ter unidos com seu vigario, certa influencia, que conseguiram mudar a estrada afim de não passar por entre suas propriedades, e trancaram as duas cancellas, fizeram seguir a estrada do sitio do Cião, approximando a igreja pelos trancadouros. Bouça Nova do Paço e do Silva, e descia ahi por baixo da bouça do monte, um exercitio hespanhol, 1808 ele deu por ahi mais tarde; não poderam sustentar. Pois os povos queixaram-se da incapacidade da nova estrada, e foi preciso abrir de novo as duas cancellas, e voltar á antiga. A data que se lê no Tombo da freguesia dos Feitos, é mais ou menos con diferença de algum anno a data em que deve ter fallecido o sargento mór Antonio Ferreira, por ahi se pode asseverar, que só depois da morte desse homem ds dos Feitos fizeram sua independencia, Como não tem sido possivel continuar a sustentar sua parochia independente, e ter de annexar a outra, deviam tel-o

feito com Villar do Monte pois que descendem de Villar do Monte, e não de Santo André com que se tem annexado, isto o deviam fazer, não por obrigação mas por um proceder digno e liberto. Fiz vêr a principio aos leitores, que demostraria algumas freguesias que ainda são foreiras á Casa de Bragança. A forma como se apresentam com sua demarcação superficial quadrangular, farei vêr de preferencia, Santa Maria do Abbade. que faz seu primeiro angulo, se não me engano. Com São Pedro do lado, do lado do poente, e segue sua linha directa para o nascente, confrontando com São Martinho, abrangendo algum territorio da quinta de Penedo, pela moradia da familia de Villa Mesm, ficando a cosinha em Abbade do Neiva, e continua na mesma direcção, atravessar a estrada de Macadam, mais ou menos, ao segundo kilometro de Barcellos até ahi, e vai fazer angulo confrontante com São João de Villa Boa, e dahi segue para o norte tambem em linha recta, confrontando com a mesma, e a freguesia da Silva, que segue pelo mais alto do lado do poente da quinta da Cotuvia, e pela quinta da Casa da Silva, cuja capella da mesma casa, esta em Abbade do Neiva, ahi fora do muro da mesma quinta, onde havia um portal que dava sahida para a costa da Silva. Existia ahi um marco de pedra com os brasões da Casa de Bragança, em relevo assim como em todas os outros o mesmo. Continua, e a travessa pelo lado do poente da quinta do Cordeiro, a Barsia, faz angulo confrontando com Santa Leocadia, onde existe outro marco, e segue para o poente prolongando-se com Santa Leocadia, pelo lado do norte das poças de surci, e real até fazer angulo, confrontante com Villar do Monte, ponto terminal, onde existe outro marco; ahi segue em linha recta para o sul, deixando Santa Leocadia, confrontando pelo lado do poente, pela demarcação da Casa de Bragança, com Villar do Monte; divisas que conduz Villar do Monte ao primeiro angulo, entre São Pedro e São Martinho. Eram assim todas as medições da Casa de Bragança; não admitiam zigue-zagues. Como se observa hoje entre Creixumil e Villar do Monte, os de Santa Maria do Abbade, não tem nada fóra dos marcos da Casa de Bragança, tudo que lhe fica do lado do poente, desde São Pedro, ou São Martinho, até Santa Leocadia, pertence a Villar do Monte, e esses terrenos pelo Fojo, Enxate, Bouça, da estrada, toda a Barziella, Bouça do Monte, Pouça do Silva, Bouça do Manso, de tudo se pagou dizimo a Villar do Monte, até 30 de Junho de 1833.

Todos os documentos de prazo, ou qualquer contracto, com data de antiguidade com referencia ás propriedades no logar do Fojo, e Enxate, e assim outras são escriptas citando-as, ou dando ellas em Villar do Monte, os de Santa Maria do Abbade chegou a tanto que em meu tempo quizeram tomar para seu districto, a capella de Nossa Senhora do Tempo e Bôa Morte. Os leitores devem saber que ainda não muitos annos se fazia por ahi quasi em todas as freguesias o cerco em volta da freguesia, que constituia uma procissão solemne com o maior apparato a São Sebastião, o caminho, de elles passar com essa solemnidade, era por ahi em frente a capella, deram elles em cercal-a com sua procissão, e assim o fizeram. Creio que uns dois annos, porém os de Villar do Monte, tendo se deixado exorpar por todo lado, e de ha muitos annos em seu districto, dessa vèz que era a terceira, acordaram, acharam que era demais exorpar-lhe tambem a capella, e no dia do cerco, um grupo esperou em frente a capella armado com algumas espingardas, cadeiras, foices, roçadeiras, e alguns varapaus, pôrem o cortejo em vista disso seguiu direito não quizeram entender com elles. Voltando aos dizimos, bem me recordo, de achar-me na officina do ferreiro em dias de chuva. Em Santa Maria do Abbade, elles mesmo diziam, o logar do Fogo, pagava dizimo á Villar do Monte, e assim o mesmo diziam os de Santa Leocadia, que a Barziella ahi desde proximo á Bouça do alte, para o poente, era de Villar do Monte que pagava lá seus dizimos. Volto ao ponto onde está o marco da Casa de Bragança para cima muito das poças de Sucri do logar de Real, onde Santa Maria do Abbade, deixa Santa Leocadia, e segue para o sul confrontando pelo poente com Villar do Monte. Deixando assim Villar do Monte, segue para o norte confrontando pelo poente com Santa Leocadia, seguindo em linha recta só até os montes onde principia os dois de decliveis ladeaes da vertente confrontantes, pelo alto de cruzeira, até a divisa de Fragoso, ponto onde ligam as duas linhas divisorias de Santa Leocadia e do antigo Villar do Monte, hoje de certo ponto até ahi. Area limitada que divide a freguesia dos Feitos, antigo Valle Longo, entre as freguesias de Palme, Fragoso, Santa Leocadia, Villa Cova e Villar do Monte; no tempo que por ahi andei, ainda se encontravam pelo alto de cruzeira nos decliveis ladeais, altaneiros aos olheiros, as iniciaes da divisa das duas freguesias, Villar do Monte e Santa Leoca-

dia demostrada essa divisa pelo perpendicular da vertente, escripta envo-
tida na pedra V.-S.-B.-que quer dizer Villar do Monte e São Bento. Pois
Santa Leocadia foi de certos tempos em diante, dominio do estincto convento de freiras da ordem de São Bento da cidade de Vianna do Castello. O convento de freiras de Barcellos era submisso ao mesmo convento de freiras de Vianna. Ahi via-se escriptos os logares por onde era a demarcação da area limitada do antigo São Miguel do Monte, que ao transferir da igreja, trocaram-lhe o padroeiro, ficou sendo Villar do Monte, entre as referidas freguesias do Abbade do Neiva, Santa Leocadia, Couto de Neiva, hoje fragoso, o estincto Salvador de Palme, hoje Santo André de Palme, Villa Cova, Crexumil, São Pedro de Villa Frescainha, como já disse, foram trez freguesias as que usurparam terrenos á Villar do Monte, São ellas Crexumil, Abbade do Neiva e Santa Leocadia. Os de Crexumil estão bem demostrados, logo que a freguesia do antigo São Miguel, principiou a desapparecer ahi do logar da Polaina para cima, hoje Quinta de Manello suas dimensões, foi ahi que elles se apossaram de Monte Alto. Para isto não se~~r~~ verdade. Teria de negar a existencia de antigo da povoação ahi. Mas isso não pode, pois, além da tradicção e os indicios, a Quinta de Manello como disse em paginas transactas, foi dada por uma provisão, situada em Villar do Monte. Além disso tem por ahi propriedades taes como a já referida Vieira e outras, que documentos pelos quaes seus antigos donos as possuiam. Dão nos limites de Villar do Monte, as freguesias Abbade do Neiva e Santa Leocadia, e ainda no restante Crexumil, organisada a conjunctura, vê-se que só depois da morte de Antonio Ferreira, e da familia da Casa do Paço desapparecer. Supposto que bastantes annos depois deste, vendo os habitantes desta freguesia que não havia mais quem reagisse., trataram ~~de~~ de apossar-se de terrenos nos limites de Villar do Monte, sem mesmo concordar em cousa alguma com os habitantes que existiam no referido Villar do Monte; os de Santa Maria do Abbade ~~disse~~ dizem:-Os nossos limites são por aqui; sem apresentar demarcação caractelisada, um marco, a exemplo dos que elles possue nos seus limites da Casa de Bragança, porque não está demarcado, porque Villar do Monte não concordou, e a demarcação de seus limites nesse espaço entre as duas freguesias, e a mesma da Casa de Bragança, nem mesmo com os de Crexumil.

nunca houve demarcação só agora ha poucos annos um ardiloso padre ludio o Snr. José de Jesus Mano, o maior escandalo, uma vergonha para os de Villar do Monte, mais uma vez peço a juventude da terra onde nasci, que quebrem esses marcos, não existe entre as duas juntas de parochia, accordo algum por escripto Sabe-se que as duas ultimas familias que por ahi existiram, faziam respeitar não só pelas freguesias visinhas, mas até por muito mais longe, principalmente o Snr. Antonio Ferreira Ferrão, que segundo a tradicção era o terror dos de Crexumil. Depois dessa gente fallecer os povos que por ahi ficaram eram atrasadissimos, não havia entre elles homem que sobre-sahisse em questão alguma, não sabiam lêr nem escrever eram insovis, além disso não tinham energia, vestiam-se de serguilha, calçavam tamancos eo chapéo era uma carapuça de lã. Da serguilha que vestiam, guardavam um dos vestidos menos usado para ir ouvir missa do seu vigario, que os conegos da Sé de Braga lhe mandavam para ahi, a quem elles respeitavam e adoravam como um Deus. era o vigario com suas praticas e conselhos que os fazia conter de modo a não praticar barbaridades, quando eu principiei de meus tenros annos a ir a Barcellos; bem me recordo de alguma vez, perguntado por pessoa de avançada idade, perguntava me de onde és. Dizia-lhe eu:-sou de Villar do Monte, diziam-me:- Villar do Monte houve tempo que em Barcellos não se sabia onde era; essa gente nunca aqui vinha. Em vista da ineficacia dos povos, as freguesias visinhas abusaram., ainda mais sabendo que não havia Tombo. Santa Maria do Abbade e Santa Leocadia a conjuntura assim m'o indica, combinaram-se afim de trazer cada um seu ponto angular do logar onde existe o marco da casa de Bragança, bastante ao poente das poças de Surrei, que é o ponto terminante das duas freguesias e seguir dahi, assim combinadas em linha recta até ao sul da pequena conhecida Quingosta chamada Boucinha. Leboraram ahi uma simples cruz numa pedra, que servia na parede que cercava uma propriedade possuida em meu tempo por Francisco José Basilio, nunca soube que houvesse na travessa da Quingosta da Boucinha, ao marco da Casa de Bragança, na altura do Surrei, demarcação alguma. A cruz era feita com o agudo de um alvião, ou enchada, via-se que foi feita de momento. Mostra bem claro, que assim procederam haver se encontravam resistencia, que se a encontrasse não continuariam, como até esse ponto dos dois angulos terminantes não encon-

trasse resistencia alguma; os de Santa Leocadia pensaram que dahi para cima aconteceria o mesmo, e segundo se dizia por ahi: quizeram levar sua linha divisoria dahi directos ao Penedo do Ladrão. Porém dentre esses homens desse tempo pacato, ignorantes sem acção alguma, sempre houve um unico, atrazado mas de coragem. A prova disso, e o existente marco a Cruz da Venda, ou mais lhe chamavam, ainda, o marco da Venda, esse homem, segundo a tradicção quando elles vinhão vindo ahi nesse logar chamado bouça do Tulla, apresentou-se sósinho de certo mais ou menos armado, em frente delles, até diziam, e eu buvi dessas pessoas de edade avançada, que elle pulava diante delles, de braços abertos, e que dizia: daqui para diante não passam, ao contrario, ou eu os mato, ou vocês me matam a mim., aqui de duas uma, ou eu morro ou morre vocês, e assim teve mão nelles até que os de Santa Leocadia, não tiveram outro meio, senão leval-o por bem, e resolveram transigir com elle, collocar mais adiante um marco, onde o caminho travesso da freguesia encrusava na estrada Real. Cujo marco ainda existe, como disse confirmando a narração do facto, que escrevo veridicamente; pois nos faz persuadir de que por meio de um accordo, e que esse marco ahi foi collocado, pois em todo esse transe de divisas de terrenos usurpados pelas das freguesias visinhas, não se encontra outro marco que symbolise caracteristicamente, esse accordo entre os de Santa Leocadia e esse homem, que tão dignamente representou Villar do Monte. Não foi por certo escripto autenticamente, pois não havia ahi papel e tinta, nem talvez quem soubesse escrever, mas mesmo assim pensando-nos bem, teve um alcance importante. Elles queriam seguir seguir do ponto dos dois angulos, onde marcaram com uma cruz direitos como disse o Penedo do Ladrão. Assim o afirmavam alguns homens velhos, já em meu tempo, que tambem sabiam por outros antigos lhe ter contado, mas foram repellidos tanto dahi; como para não seguir de onde está o marco para cima, pois o accordo foi para ser collocado, ahi o marco, e Santa Leocadia ficar com toda essa baixada, até a nossa antiga divisa, e o marco angular da Casa de Bragança, e a fazer angulo ao referido marco por accordo collocado a cruz da venda, e seguir a divisa entre Santa Leocadia e Villar do Monte, ahi procurando os corutos por sobre a Barziella, até a Crista do chamado Morro de Cris-

tello, e dahi ficar seguindo a divisa antiga para assim ficar Villar do Monte sem questão alguma contra seu direito, ás nascentes das aguas ahi pelos olheiros, e todos esses contornos ladiaes de seu lado da vertente, foi assim o accordo, pois se assim não o fosse, não era preciso collocar ahi marco algum, continuariam fazendo qualquer simples signaes, como até ahi tinham feito e tão destinamente, pois se tal accordo tivesse estido tambem em outros pontos, appareceriam marcos divisaes com outro caracter, como aquelle unico, a Cruz da Venda, ou pelo menos as iniciaes das duas freguesias. O accordo existiu e por certo seria respeitado alguns annos pelos de Santa Leocadia, porém com o tempo tudo faz esquecer, ou talvez por fallecimento desse homem, o Pusitor. Mais tarde fizeram por ahi areberiada povoação, umas marcas qualquer, como ahi nas lages assim chamadas do Silva; pela fralda do cotto onde se enteirava o arddo para cultivar a chamada Bouça do Manso, assim outras, isto succedeu, depois muitos annos que os dos Feitos tinham tomado seu districto, porisso não sei o motivo porque não quizeram fechar essa divisa fraudolenta com elles, logo cá em baixo ao principio da Bouça Velha, e preferir feichal-a, lá ao solheiro, do mesmo nome, de duas uma, ou a Bouça Velha nesse tempo ainda era pertencente da Casa do Paço que era o mais provavel, ou era para os dos Feitos juntar esse triangulo quasi em ponta aguda, a seu districto. O direito commum fundamental permitiu e permite, e não pode ser por menos, ser divididas as povoações, de modo a não ser prejudicadas nas aguas que lhe declivar da vertical para cada uma, tanto das chuvas que ra ir perpendicularmente, como qualquer nascente, Essas nascentes possuias Villar do Monte desde seu principio ahi pelos olheiros proximo á vertente e outros logares com a manutenção de posse de as ir ahi limpar todos os annos, formando essas nascentes, fluentes, para Villar do Monte se avastecer de aguas e entregar a linda corrente aos de Crexumil, assim o era de antigo com as nascentes do Fogo aos de Santa Maria do Abbade, Villar do Monte em vista de seu districto superficial não pode prejudicar freguesia alguma nas aguas, cabe sómente essa possibilidade a os de Santa Leocadia, como succedeu. Segunda parte direi.

Conclusão da primeira parte

MEMORIAS DE VILLAR DO MONTE

SEGUNDA PARTE

OS COSTUMES DE UM POVO

Em 1770 mais ou menos, existiam em Lisbôa dois irmãos, solteiros, negociantes, por nome Custodio João Ferreira Campos, e Antonio Francisco Ferreira Campos, naturaes da freguesia de Villar do Monte, termo da Villa de Barcellos, provincia do Minho. Tinham como seus caixeiros dois sobrinhos de nome José Pedro, e Manoel Pedro, filhos de seu irmão Henrique João Ferreira Campos, e sua mulher Marinha Domingues, naturaes da mesma freguesia, moradores que foram no logar das Caselhas, hoje Carreira, pelo que diziam seus descendentes, meus antepassados, os dois sobrinhos causaram desgostos aos seus tios, por elles devulgar segredos de seu commercio, a outros negociantes, ou qualquer outro motivo houve, que deu em resultado despedil-os de sua casa. José Pedro, embarcou para o Brasil, residiu na antiga Villa de Campos, onde contraiu matrimonio, do qual teve numerosa familia. Manoel Pedro voltou a gosar o lar domestico com seus paes em Villar do Monte. Não gozaria muito na viagem, pois diziam que fizera essas 80 leguas caminhando a pé. Proximo da morada que foi de Henrique João, entre a casa onde nasceu, o vigario Pereira, e a de Manoel Luiz da Costa, onde deve existir escombros cobertos de eras, trepadeiras e figueiras, de cujas folhas, dizem que o primeiro homem, depois do sopro de Deus, se vestiu, foi moradia nesse tempo de dois irmãos, tambem solteiros, um delles de nome Manoel Seraphino e o outro ignoro o seu nome. Tinham esses dois irmãos, uma sobrinha em Villa Cova, de nome Maria Roza que mandaram vir para sua companhia, e casaram-n'a com Manoel Pedro. Os Seraphinos, além de outros bens de raiz, eram possuidores de uma Bouça denominada Eirado, proxima á Fonte do Gaio, onde tinham uma pequena casa, com a qual Bouça, e outros bens. Adoptaram sua sobrinha Maria Rosa Seraphina, afim de effectuar aquelle casamento. Foram elles quem desenterraram as lages da Cheira, e lhes pouseram cerca e as possuiram como propriedade sua. Nesse tempo ainda o Marquez de Pombal não tinha quebrado os dentes á inquisição. Porisso sabe-se que um destes homens, foi victima desse tribunal, facto delictuoso, em uma noite desfolhada, em casa de José Antonio do Val, Nome que adiante tem de figurar, neste

manuscripto. Manoel Pedro e sua mulher herdaram de seus paes e sogros casa e eirado no logar da carreira, e mudaram depois sua residencia para o seu eirado da bouça, onde mandaram construir uma casa com todos os commodos proprios para lavradores, deixando a antiga casa depois de mudar, ou digo, convertel-a em forma de servir para guardar-se os gados. Manoel Pedro e sua mulher, houve de seu matrimonio 3 filhos, e 4 filhas, a saber: Manoel, Antonio e José. Filhas: Maria, Gracia, Thereza e Joaquina, que todos foram creados na sua casa no logar da bouça, todos ficaram solteiros, a excepção das duas filhas, Gracia e Thereza, que casaram a ultima com Francisco José Basilio, a quem seus paes deram a casa e eirado que, tinham herdada de Henrique João e Marinha Domingues. No logar da carreira, Gracia casou com Manoel José Gomes, filho daquelle José Antonio do Val, de quem falei. O filho deveria assignar o sobre-nome de seu pae, porém preferiu o da parte materna, donde descende a familia Gomes. José Antonio do Val, nasceu na Casa da Ponte, e seus irmãos Manoel José do Val, Izabel Maria do Val e Rozendo José do Val, donde descende, á familia dos Rozendos, de Villa Cova, onde elle casou. Foram estes 3 irmãos os appellidados Manos da Ponte, nome de familia que ainda existem, assim como as dos Engeitados, que vem a ser os mesmos, do qual darei uma explicação, mostrando a razão do seguinte: Os paes dos Manos da Ponte, cujos nomes ignoro; estando uma noite em seu leito, sentiram chorar uma creança, fóra da porta de sua cozinha. Sahiram fóra e deram de encontro com uma cesta pendurada em uma ramada de vides que ahi possuiam, dentro do qual estava enfaixado um infante, que recolheram em sua casa, e promoveram seu baptismo, e o criaram com seus filhos. Deram-lhe o nome de José, conhecido depois por José Engeitado. O Engeitado, logo que chegou á idade competente, foi ser serviçal, em casa de um lavrador, do logar de Medros da freguesia de Barcellinhos, sem nunca mais perder aquelle amor, e intima amisade á seus paes adoptivos que o criaram. Pois, de Medros, vinha elle a Villar do Monte todos os dias de festa, visital-os, e pelo natal com elles. Não há duvida nenhuma, nem podia deixar de ser cordeal, essa amisade, de que tinha para com aquelles bemfeitores que lhe serviram de paes. Recebiam-n'o em occasião de visitas, de braços abertos alegres co-

mo se fosse seu proprio filho, porém interior intrinseco muito ligado a intranhavel amor; tinha elle de coração e alma claudistinamente, a uma das pessoas da familia, sem que nunca fosse percebido, pois as amistosas conversas que tinham uns com outros, pareciam a seus paes, tudo amizade fraternal entre irmãos. José Engeitado em casa de seus patrões, em Medros não deixava de ter seus sonhos dourados, alvejando o futuro, a lembrar-se desses innocentes brinquedos, em creança com a menina, que a esses tempos já estava em idade propria, e que já eram dois corações unidos, que não podiam mais separar. Em noites de inverno, das quaes dão mais tempo para dormir e pensar, não deixavam de lembrar-se do tempo em que ia junto com ella, vestidos cada um com seu mantinho acima do do paredão, em frente o velho moinho do Romano, vêr as aguas bravas pularem por baixo e por cima da ponte em occasião das grandes cheias que o vasco recebia e avolumava de suas affluentes dos montes de entre crugeira e cavenellas. Outras veses lembrar-se-ia, de que brincavam, puxando uma tamanquinha cheia de terra tirada por um barbante em cima das lages e parte em eira de pedra que existiam dentro da propriedade ao nascente, e onde os manos seccavam seus sereaes, com estes brinquedos e outros, esse amor puro assim se alentou no perfume florescente da innocencia dessas duas crianças amamentadas em um só peito, que depois de seu uso de razão assenhoraram-se do coração um do outro, para em seu futuro ser como foram dois amantes inseparaveis. Mas os annos iam succedendo, e o futuro de José Engeitado não era servir seus patrões em Medros, nem em outra qualquer parte. Era preciso tomar novo estado, e para isso a maior difficuldade, já elle desde ha muito tempo tinha vencido. Izabel Maria do Val, tinha lhe prometido sua mão, faltava pedil-a a seus paes, de quem elle não tinha a minima esperança de ser attendido, em occasião de visitas tratava-os com o devido respeito. Dirigia galantejos á sua filha lisongeiramente, sem que elles conhecessem que se namoravam. Seus trez filhos já eram casados. Rozendo José do Val em Villa Cova, e José Antonio do Val e Manoel José do Val, em Villar do Monte, sendo que este ultimo ficou em casa com seus paes, e trouxe sua esposa da freguesia de Alvarães, nesse termo de Barcellos. Todos casaram em casas onde havia vastos bens de raiz. Bem demostra

que os Manos da Ponte, e seus paes desejavam vêr sua irmã e filha unica, casada em casa de lavrador opulento. O Engeitado era querido de seus paes adoptivos e de seus filhos adcionava-se-lhe o bom comportamento moral e civil, mas em vista da desigualdade de meios de dubsistencia, era lhe impossivel obter dos paes, por livre vontade, a mão de Izabel, o que tanto lhe convinha. Um criado de servir, tentar pedir em casamento a filha de um lavrador rico desse tempo, em Villar do Monte. Não caberia no possivel espontaneo dos manos. Era bastante tel-o criado e educado a seu modo sem que de leve lhe passasse pelo pensamento que viria a ser conjuge de sua filha, mas o humilde serviçal do lavrador de Medros, era lhe necessario dar fim, a sua conquista desde ha muito principiada, da qual havia vencido o primeiro baloarte. Faltava-lhe planejar, o ultimo assalto para vencer, o segundo nesse plano, quiz elle usar com seus bemfeitores, de um meio mais brando possivel, afim de lhe ser mais facil de aplacar de futuro, o odio que delles lhe poderia vir... Mandou emissario expor o seu audacioso intento aos paes de Izabel. A resposta foi negativa, nem elle esperava outra cousa, ficaram furiosos, mandaram vir a filha á sua presença, perguntaram-lhe se tinha promettido casar-se com José. Respondeu-lhe que sim, mas que só casaria sendo de vontade delles. Minha filha, disseram elles, o José é bom moço, mas é pobre, e que vida ha de ser a vossa. Olha que o ser pobre é muito triste. Resposta della:-O José vai ser jornaleiro, eu trabalharei no tempo do verão, maçando linho e espadelando-o, por casa dos lavradores, e em tempo do inverno hei de pedir fiação, para ter que fazer em casa, linho e estopa para fiar, e lã para cardas. A estas palavras respondeu-lhe a mãe de Izabel:- Com a maior tristeza, deixa-te disso. Tu não estás acostumada a esse modo de vida, e continuou. Vês aqui as ovelhas nossas visinhas, que são bem trabalhadores, e andam sempre na miseria? Chegando Abril, já não tem milho e vem aqui pedil-o as rasas emprestado, para recebel-o pelo São Miguel, e mais das veses pelo São Nuncas, não sahem daqui de casa, sempre a pedir sal e tanto, tú minha filha, quando vais á fonte da feiteira ao encher o cantaro de agua, bem vês as Longas trabalhando, pois trabalham de noite e de dia, e tem seu modo de vida, são fazedores de trofas, e estão pobres não tem nada. Tu queres andar a pedir de

porta em porta como elles? Olhe minha filha, fala para o José e, dize-lhe que não estás resolvida a casar-te, tú as de casar com um moço rico. Pois tú és merecedora disso. Izabel respondeu:-Olha minha mãe; o melhor é não casar com ninguem, ficarei solteira. Os paes de Izabel, procuraram todos os meios a seu alcance para retiral-a de se casar com o engeitado, só pelo facto d'elle ser pobre; faziam-lhe vêr outros casamentos, mais ou menos ricos, porém ella não acceitava, a resposta era sempre a mesma, que preferia ficar solteira. Tinha e verdade, quando lhe perguntaram se prometteu casar-se com José; disse que sim, mas só casaria sendo de vontade dos paes. Mas isso disse, ella por disfalse, só para não os desgostarem, porque já não havia força humana nem geito, nem por mal, que a tirasse de tal intento. Nesse tempo era muito vulgar quando succediam destas em familia de nobresa, constrangiam-n'a a entrar num convento. Porém os manos da ponte do meio, não possuiam na padeeira de seus portaes, escudo de armas, eo timbre que dellas lhes haviam de pervir. Limitava-se apenas a humilde lavrador, que envez de escudo, era um péqueno avanço no telhado, que se alongava por cima da padieira, para desviar as chuvas dos portaes. O que elles tinham de mais monumental, era fora ao lado direito, onde o animal esperava, uma pedra lavrada em forma de banco, aonde a mãe dos manos trepava para sentar-se entre as andilhas, quando montava á cavallo. José engeitado mandou, segundo, emissario pessoa de mais apparencia do logar, pedir pela segunda vez aos paes dos manos, a mão de sua filha. Lembrando-se de que por ser pessoa de mais representação, que obteria resposta favoravel; enganou-se. A resposta foi a mesma. Em casa todos lhe eram adversarios, menos Izabel, que não perdia do sentido, nem da vista, quando o lubrigava de longe, queria vel-o de perto. O Engeitado, exgotando-se-lhe os meios mais suaveis, ao seu alcance de abrandar a impertinencia obstinavel de seus futuros sogros, perdendo de todo, a esperança de que nem com affagos lisongeiros podia obter delles a promessa de acompanhar sua filha á Igreja, para assistir as cerimonias nupciaes de seu casamento, lançou mão do ultimo recurso, que era a extorção desde ha muito premeditada, em ultimo caso, Izabel já estava combinada com seu noivo, de que no caso seus paes não cedessem, esperar dia e hora, mais opportuna, em que pudesse ser illudida toda a

familia,para se entregar nos braços do homem que amava,quasi desde á infancia.Para isso foi preciso que passasse certo prazo de tempo,afim de os procurar,com outros embaraços para retirar um tanto sua actividade em vigial-a,ou mesmo quasi o esquecer para poder conseguir,e foi seu fito firme deixar seu lar domestico em qualquer noite no fim de fazer serão, por sér esta a hora em que estavam todos deitados,menos ella e sua mãe, que não se levantavam do pé da Lareira,sem fiar cada uma,a sua tarefa de maçarocas. Combinada foi a hora definitiva. Em uma dessas noites de Dezembro com luar claro,tempo em que,de certa hora em diante a superficie da terra fica qualhada de fria neve,que esse homem,a quem chamavam o Engeitado,armado de varapáo e vestido de roupas grossas para resistir ao frio,teve que ir esperar sua noiva,por successo no mesmo logar,debaixo da ramada de vides,onde havia 20 annos mais ou menos que os paes della o tinham tirado da cesta,abandonado por seus progenitores;a essa hora tinha elle prevenido uma casa de familia de sua confiança,onde Izabel,ia hospedar-se o tempo necessario para annunciar e lèr os proclamas. Ahi ficou elle em Brusca sensação escutando o chilrar de uma coruja,como que agoural-o,em cima de uma larangeira proxima,e o munir da agua do rio de Basco,batendo no rodizio do moinho do Romano,e como a noite estava clara e serena,disfructava impaciente o scintillar da branca neve pelas collinas dos outeiros,succeptibilidade de intenso e insuportavel frio,ao ponto de deixar gelado o homem que se via obrigado a estar allí algumas horas de pé firme esperando o momento em que ia dar fim á sua conquista de tantos annos. Depois de ahi chegar precentio o chefe da casa e parte da familia,deitar-se,deixando sua mulher e filha e nora,a fiar na roca sentadas ao calor do fogo das brazas de lenha de carvalho em volta da lareira. Desse logar occulto em que se achava,escutava perfeitamente as conversas que as trez mulheres mãe,filha e nora,tinham uma com as outras,esperando ancioso o momento em que sua futura sogra,desse ordem a levantar, pois que era essa a hora approximada,de ser feliz ou deixar de ser em seu exito. Esperava até a meia noite,mais ou menos,quando de repente escutou:"Vamos deitar" levantaram-se depois que contaram sua tarefa de maçarocas,collocaram as rocas em cima do armario,e seguiram,as duas cada

uma a seu leito conjugal, e Izabel seguiu igualmente a seu dormitorio, onde tinha, desde cedo, prompta a sua troxa para poder seguir á hora combinada. E assim o fez. O Engeitado com os pés gelados e cansado de esperar vendo que havia socego em casa, e que todos tinham deitado, desceu em baixo em frente á porta da sala que dava sahida na varanda do lado do norte, onde existia o ferro de cortar a palha para os gados, que era essa a porta onde Izabel tinha de sahir, e não se fez esperar. De repente ella ahi veio com a roupa debaixo do braço, e assim em horas mortas, seguiram á casa onde havia combinado ella hospedar-se, a qual ignora onde seria. Era tempo da sementeira do centeio, e porisso o pae de Izabel, seu filho e um criado, levantaram-se cedo afim de encher os carros de estrume e para conduzil-os ao campo. Um pouco mais tarde quando já os carros estavam cheios, levantou-se de seu leito, a mãe de Izabel, e extranhou sua filha, não apparecer a dar principio ao serviço da cosinha, pensando que estaria incommodada, foi vêr e encontrou a cama onde ella devia estar deitada; correu a dar a noticia a seu marido que já estava com os bois ao carro para seguir, e voltaram á casa para vêr o que ella teria levado comsigo. Viram que apenas tinha levado as suas roupas de trabalho e domingueiras. A sorpresa causou como de natural; sorprehendimento em toda a familia. Reuniram em grupo proximo aos carros carregados de estrume, lastimando-se da farça do que acabam de ser victimas, e em supposição do paradeiro de Izabel, a visinhança mais proxima, acostumada a vêr o movimento de todos os dias em casa dos Manos, conheceu desde cedo que houve qualquer successo desagfadavel, pois estavam de fóra vendo elles todos reunidos e que os carros deixaram de seguir. Escutaram de seu chefe estas palavras:-Não a quero mais em casa, nem a quero mais vêr, e porisso approximaram-se delles a scientificar-se do acontecido e condolenciar-se com elles em seu desgosto, e depois de lhe aconselhar resignação, voltaram embora, embora; mas, fóra da calçada já encontravam pessoas que passavam á ponte e perguntavam-lhe: o que tinha acontecido em casa dos manos?

Respondiam-lhe: roubaram-lhe a filha. Diziam elles, isso já se esperava. O dia estava claro, e esta scena ia passando até que deu tempo ao sól apparecer, aquecendo a superficie da terra, e derretendo a grossa neve que ti-

nha cahido de noite, e a dar coragem a quem estava gelado de frio, e contrariados. Mais tarde, depois que tinham ido ao campo e voltado, viram que o vigario vinham passando á ponte do meio, e entrou pelo portal de baixo e veio dar onde elles estavam. Comprimentou-os respeitosamente, e depois de trocar poucas palavras, chamou de parte o pae e a mãe de Izabel, afim de os distrahir com palavras consolatorias, fazer com que elles não tivessem odio á sua filha e futuro genro. A essa hora já o vigario se achava empenhado por um entermediario de José, engeitado para pedir aos paes de Izabel, o seu consentimento, afim de mais facilitar o processo nupcial do casamento de sua filha. O padre instou com elles sem que elles cedessem. Responderam-lhe, que não davam seu consentimento nem auxilio algum. O vigario fez-lhe vêr, que com isso os não prohibiam de se casar, por isso que era melhor dar o consentimento; não cederam. Porém nessa hora chegaram seus dois filhos. Rozendo, que estava em Villa Cova e José Antonio que tinha mandado chamar logo que soube do occorrido, em casa de seus paes. Comprimentaram o vigario, beijaram-lhe a mão á seus progenitores, e tomaram parte no assumpto em questão. O vigario desanimado por não ter obtido delles, o sim, chamou de parte os dois recenchegados, e fez lhe vêr a rigides em que se achavam. Seus paes de não dar consentimento para sua irmã se casar, trazendo-lhe a colleção de difficuldades que lhes causariam, delles não cederem. Difficuldades estas sem utilidade alguma, pois que não era meio, nem o podia haver, de prohibir o casamento. Rozendo escutava o padre com attenção, e se a questão poudesse ser levada aos tribunaes civeis, seu futuro cunhado teria de soffrer as consequencias, de uma indole de rijo demandista que era, que emquanto na ordenação do reino houvesse, leis que lhe facultasse as appellações, não haveria tribunal em que a lei lhe permitisse, que não levasse lá a questão pendente até obter sentença favoravel, e vêr seu adversario cançado, os dois irmãos escutando o vigario attenciosamente e accordando de que taes males não tinham cura, entravam novamente em conversações com seus paes, e pouderam conseguir delles, o promettimento de assignarem os papeis de casamento, afim de consentirem no mesmo, e essa resposta foi dada ao vigario com a condicção de que os não queria vêr em sua casa. O vigario satisfei-

to com a resposta, deu-lhe um ar de riso, dizendo-lhe que os noivos tinham de vir pedir-lhes abenção, e que elles não teriam coragem de lhe negar e foi dar a resposta ao seu amigo, que estava tudo arranjado. Depois de 22 dias, mais ou menos, tempo necessario á leitura dos proclamas, veio Izabel e seu noivo, animados de coragem pelo vigario, beijar a mão a seus paes e voltaram sósinhos á igreja afim de se confessar, e receberem o sacramento da Eucharistia, para em seguida, apenas em presença dos dois padrinhos indispensaveis, receberem do padre cerimonialmente, os laços de união matrimonial. A essa hora já lhe tinham preparado almoço na casa onde Izabel tinha sido hospedada. Depois que almoçaram foram morar numa casa, no logar do Paço, numa esquina, bem em frente á porta de entrada da morada que foi de José Rodrigues da Cunha, mais para lá, um pouco da casa em ruinas onde falleceu João Joaquim Barreto, bem proximo onde os Cunhas, amontoavam os estrumes para suas terras. Existi dessa casa só as paredes, e ainda a porta de entrada, refeita de parede. Não podia e não devia ser contrariada essa união, pois pareceu destino da Providencia, e quem podia evitar a sorte dessa criança, pois pareceu ser de terminação inevitavel, chorando em horas mortas, fóra da porta da antiga casa dos Manos, que foi recebida nos braços da Rainha de seu lar domestico da mesma casa, em companhia de seu patrono, e depois de aconchegada a seu peito e acalentada deitada no mesmo berço, onde se achava a outra criança, já baptisada com o nome de Izabel, ficando assim essa mãe de familia, com mais o sagrado dever, como mãe adoptiva, afim de crial-o, de sugeitar-se ao sacrificio, de levantar-se de seu leito, de noite, de cabellos soltos e longos ao sentir elles mexerem-se, e de bruçar-se sobre o berço, supressando-lhe risonhamente segredado, acompanhado de beijinhos naquellas faces adolescentes, afim de abrandar a seus entes queridos, os arquejos sobuçantes, e assim nutrillos até elles alcançarem a idade de passar as cercanias de seu florescente jardim de infancia, e entrar risonhos no periodico de seu uso de razão. Esse successo se não foi um phenomeno, foi caso mysterioso. Duas crianças dadas á luz, cada uma de sua mãe, e uma de cada sexo e deitadas e criadas ambas num berço, sem mais perder a amizade uma a outra, tinha direito á legalisar a sua união conjugal, que se todas dependem da benção divina,

a de José Engeitado, com Izabel Maria do Val, viu-se pelo progresso, resultado de seu consorcio que Deus lhes lançou a sua Divina benção. Izabel ficava em casa sosinha, fiçando na roça fiação que lhe davam seus visinhos para ella ir tendo que fazer, emquanto seu marido ia ganhar os jornaes em casa dos lafradores, porém não passaram muitos dias já Izabel a miudas vezes era visitada por dua mãe; e pouco a pouco entraram na firme amizade de mãe e filha, quem lhe não dava confiança, era seu pae, porém não prohibia que toda a familia falasse com ella. Depois disso até certo prazo de tempo, as conversas que tinham com pessoas de sua amizade era sempre lastimando-se da pobreza de sua unica filha, por não poder ter conseguido tiral-a dos dentes da miseria, e casal-a em casa mais ou menos abastada em bens, assim como tinha casado seus 3 filhos. Rasão tinham elles pois quando visitavam Rozando em Villa Cova, encontravam o grande aparato do opulento lavrador, um dos primeiros da freguesia, viam sahir pelos portaes os bourgoidos de cabellos nedios para o pasto, viam do outro lado os gordos capados, ou porcos esperando a matança pelo Santo André. Os seleiros cheios de cereaes, as sulgadeiras entupida de presuntos, e debaixo do chaminé no fumeiro, bastantes salpicões, e em casa de José Antonio, via mais ou menos o mesmo. Em casa de Izabel, o que tinham elles a vêr! Um cantarinho cheio de agua fresca da fonte do Paço, bem crystallina, em cima de uma taboinha, uma pequena chaleira e uma panellinha de barro para cosinhar, e a quarta parte de uma libra de unto por não haver dinheiro para comprar mais. Mas passados alguns annos, José Engeitado e sua mulher, deixaram essa casa onde viviam no logar do Paço, e tomaram a sua residencia numa casa no logar da Gandarella, na mesma que ha poucos annos pertencia a Bristes Josepha; mas que ná naquelle tempo que o Engeitado ahi morou. Era propriedade de um tal Agostinho, da familia dos Rodrigues, que morava na freguesia de Silveiros onde se tinha casado. Diz o Rifão: -Deixa correr o tempo; pois é o tempo que tudo cura, e eu accrescento: Deixa correr o tempo, pois é o tempo que tudo faz esquecer. Os paes de Izabel não lhe fizeram dote para ella se casar com o Engeitado, não por conhecerem que o homem que ella amou e escolheu para seu esposo, era algum despota, pelo contrario, tinham elle como homem de bom proceder, mas

sim pelos motivos já esclarecidos. Porém havia um outro motivo que era de maior importancia. Nesses tempos, para as familias que se consideravam. Os Manos eram de bom ramifero familiar, e não sabiam a origem familiar da descendencia desse homem, pois nunca se soube quem foram os seus paes, mas todas essas manchas, com o tempo se apagaram. E vendo elles que elle empregava todos os meios a seu alcance para tratar com estima a sua querida Izabel, tambem lhe prestavam o seu auxilio. Além disso gosava da estima de todos os lavradores da freguesia que tudo concorria para auxilial-o, porisso quando mudou para Gandarella, já estavam em excellentes condicções, e conseguiu adquirir um terreno proximo á divisa desses terrenos que foi quinta do antigo Feudo, e depois marquez, cujos marquezados em Portugal, datam de 1452, sendo o primeiro nomeado para Valença. José Engeitado levantou ahi uma casa. Já existiam ahi 6 habitações, cujas casas conheci, em ruinas; pelo que me enformava Francisco José Bazilio, tinha o nome de logar de Cupido, porém com a nova casa de José Engeitado, ficou sendo logar da casa nova até hoje. Depois disto, José Engeitado e mulher herdaram de seus paes e sogros, a sua parte que lhes coube em partilha com seus irmãos e cunhados, e mais tarde coube-lhe ainda outra herança, por fallecimento de de seu irmão e cunhado Manoel José do Val, que fallecendo sem filhos de seu casal, foram divididos por inventario, os bens de raiz moveis e semoventes. O requerimento de Rozando José do Val, entre elles e a viúva sua cunhada Rita Maria do Val, ficando esta na conformidade da Lei, com a metade. Posso dizer com verdade que a Casa da Ponte ao fallecimento de Manoel José do Val, ainda possuia immensos bens de raiz, pois teve em meu poder a copia, de inventario que me foi confiada por José Gomes Rua, ultimamente dono dessa casa, ainda da mesma familia; José Engeitado com essas heranças e sua bôa administracção, deixou uma casa em bens de raiz, das primeiras desse tempo em Villar do Monte. Em quanto isto a Casa da Ponte onde elle e sua mulher foram criados, ia em decadencia. A Alvarães, que era o nome com que appellidavam, não era bôa administradora; passou a segundas nupcias, com um homem a quem chamavam O Cavaco, do logar da Portella, freguesia de Villa Cova, e esse homem, segundo diziam, era homem de bem, e dado á economia e ao trabalho, porém ella desbaratava, por fim tornou a viuvar, o que

foi certo é que deu com as finanças em terra e a casa foi em praça. Voltou a mesma familia, pois foi Manoel José Gomes, filho de José Antonio do Val, quem arrematou. Voltando a conclusão de José Engeitado, este sobreviveu a sua mulher, pelo que dizia um de seus filhos, que ainda conheci, e seus netos falleceu de uma idade das mais avançadas. Seus dois filhos chamavam-se José Manoel Mano, foi este que eu conheci, e falleceu em 1856; quando falleceu ainda ahi se cumpria a risca os estatutos da confraria do sussino, ou como diziam á roda; tocou a meu pae um dos que o ia conduzir, á sepultura. Porém meu pae não sei porque motivo, não quiz ir; mandou a mim. Ora, eu com os meus 15 annos mais ou menos, ia com grande medo de não igualar com os outros trez. Porém o fallecido era irmão, numa confraria importante no Salvador do Campo. Tinham mandado avisar no Salvador o fallecimento do irmão, para a confraria vir enterral-o; mas o tempo estava chuvoso, e pensava-se que a confraria não vinha, quando de repente apparece o grande apparato funebre, com uma grande campahinha na frente, tocando á defunto, uma ou duas bandeiras em lucto, todos vestindo opas, e quatro homens, carregando um tumulo, tudo o mais descente e o mais luctuoso possivel. Com tanto receio estava, e por fim não foi preciso nenhum de nós carregar o cadavel, pois os da irmandade o conduziram em seu tumulo, tambem alvoravam uma cruz pertencente á irmandade. O outro filho de José Engeitado chamava-se Antonio José Mano, já era fallecido; foi o pae do Snr. José de Jesus Mano, e Francisco José Mano e suas irmãs Violanta e Maria Joaquina; de José Manoel Mano foram seus filhos, Manoel Antonio de Miranda Manno, e suas irmãs, Joaquina, Maria e Antonia, casadas nos Feitos, e ainda Rosa em Villar do Monte. Todos se desviaram do sobre nome de Val; accepção dos descendentes de Rozendo em Villa Cova, que ainda hoje assignam o sobre-nome de seus bisavós da Casa da Ponte em Villar do Monte.

Declaro que em minha narrativa, quando descrevo o sobre-nome de duas familias que foram visinhas da antiga Casa dos Manos, que além de nomes esquisitos, são muito desconhecidos dos actuaes habitantes, e para que os leitores de Villar do Monte, não imaginique que desviei da verdade, vou indentifical-os do seguinte: Na casa que foi de Maria Berga ou Maria Mota, proxima á que foi dos Manos, existia uma familia com o sobre-nome de "Ovelha"; a

ultima pessoa dessa familia foi uma mendiga, que dos seus haveres, e do que adquiriu mendigando, fez doação á Santa Casa de Misericordia de Barcellos, da qual mereceu, como bemfeitora, daquella instituição piedosa, o estar na galleria dos retratos, o seu, entre os demais, com a seguinte inscripção: D. Maria Ovelha natural de Villar do Monte, bemfeitora desta Santa e real Casa de Misericordia. Além disto Maria Mota, parece que ella ao seu fallecimento contemplou, com qualquer donativo, que nas rezas que faziam todos os annos, á Nossa Senhora das Areias, na sua capella, proximo á Vianna do Castello, mandava resar um padre-nosso, em intenção de Maria Ovelha, que era a mesma. A Fonte da Feiticeira do lado de dentro, existiam nesse tempo, uns 3 moradores, um delles, a confraria do Santissimo tomou-lhe por divida nesses tempos, a casa e terrenos; sei que uma dessas 3 familias, tinha o sobre nome de Longas. Na casa que me serviu de berço, havia um documento que lí muitas vezes, escripto por Francisco José Bazilio, e assignado por Pedro Longas, de venda por elle feita. A Maria Josépha Solteira, duma propriedade denominada Paul de Vallinhos; pelo que me disia a mesma Maria Josefa Solteira, Pedro Longas era carroceiro, ou fazedor de capas de palha de junco. Eis o motivo dos dois nomes esquisitos, e eis o motivo, ou evidencia clara de que as familias, Manos, Engeitados, Gomes Vales, é tudo uma cousa só, sendo todos Origenaes da antiga casa da Ponte do Meio, e bem assim esclarecido, fica o motivo porque apparece no meio entre a familia Gomes e Vales, o nome de Manos e Engeitados.

CAROS LEITORES

Quando me desviei da continuação sucessiva, para dar como explicação, conhecimento do assumpto que até este ponto deixo escripto, determinava escrevel-o mais resumido possivel; mas, ao correr da penna, circumstancias minuciosamente, afim de dar a conhecer, melhor aos apreciadores deste enfadoso manuscripto, o que se passou, pois intitul-o "MEMORIAS DE VILLAR DO MONTE", que vou continuar a escrever, deixando aqui o meu pedido de desculpa pela tão maçante narração.

CONTINUAÇÃO

Tendo de voltar atraz a paginas 84, a continuar o assumpto que principia a paginas 83, que segue.

Foi no anno em que casou Manoel José Gomes; segundo disia sua cunhada.

Maria Josefa Solteira, que o referido Antonio Francisco Ferreira Campos, negociante em Lisbôa. Tendo liquidado seus negocios, veio residir em Barcellos, em uma casa que comprou em frente ao templo do Bom Jesus da Cruz, na mesma aonde negociou; o fallecido negociante dessa praça, o Snr. Forte de Sá, da qual foi dono; Quereo veio que já era fallecido seu irmão Custodio João Ferreira Campos; Antonio Ferreira visitou pela primeira vez, desde que veio de Lisbôa, seus parentes em Villar do Monte, no mez de Julho, tempo das malhadas do centeio, e foi convidado, pelo referido José Antonio do Val e seu filho Manoel José Gomes; para ir assistir em um desses festins em Villa Cova. Em casa de seu irmão e tio, Rozendo José do Val, que todos os annos, emquanto vivo, e depois seu filho, mandavam ir de Villar do Monte, sua terra natal, uma banda de malhadores para objectar em sua eira a outra banda de malhadores de Villa Cova, afim de apreciar quaes das bandas, o echo mais estrondoso da pancada dos malhos sabiamente a ferida. Pois que era e continuou a ser o dia da malhada do centeio e do trigo nessas paragens, um dos festins mais importantes em cada anno em casa de lavradores; era curioso, pois que ambos os bandos faziam por se distinguir uma da outra, a qual estrondo que mais echo fizesse e mais longe se escutasse, era que ficava com a victoria, ou ambas famosas quando iguaes. A esse respeito direi neste ponto o que me dizia João Joaquim Barreto quando eu ainda de menor idade, dizia-me elle que um lavrador de Carapeços, cujo nome não me recordo, que vinha um dia, em tempo das malhadas, de vender algumas pipas de vinho em Esposende. Chegando ao antigo Convento de Bonho, escutou longe um estrondo de malhada de centeio. Veio caminhando chegou a Villar do Monte; era uma malhada na antiga eira dos Basilios, e mais tarde dos Coelhos, que eram da mesma familia. O lavrador de Carapeços, veio ahi ver a malha que escutava em caminho, e contou como por admiração de onde vinha escutando a malha, e foi vêr como elles malhavam. Voltando ás malhas ou malhadas do Rozendo em Villa Cova, se todos da banda que lá iam, fosse da força de José Antonio do Val por certo que a banda de Villa Cova não poderiam com elles, no que diz respeito a malhar centeio, pelo que diziam seus netos; José Antonio era um segundo Sançam. Diziam elles que elle pegava o carro de bois ao hombro, a cabeçalha no logar da cabilha onde os bois puxam,

e levava-o sósinho á sua propriedade denominada Bouça d'Aranha que era nesse tempo sua, e continuou a ser depois de seu filho e netos. E que em tempo de verão, quando haviam annos de grande secca, e as moendas ficavam longe, e porisso difficil de obter farinha para fazer pão, que elle, de per si moia sua fornada puxando uma tafona, a uma mó de moer milho e centeio, que possuia na sua casa da eira de guardar ceriaes, cuja casa ainda existe. Continuando a narrativa sobre as occorrencias de Antonio Francisco Ferreira Campos, direi, que convidado que foi para o referido festim em Villa Cova, foi ao mesmo tempo para outra festa, que era acompanhar, no primeiro sabbado de Agosto, os irmãos, o Juiz e mordomo da confraria do Susino, na viagem á Nossa Senhora das Areias, na sua capella, freguesia de Darque; nesse tempo termo de Barcellos. Para satisfazer a promessa solemne religiosa, que lhe ordenou sua lei organica, ou regulamentar de antiguidade no referido estatudo da mesma confraria do Susino, da qual obrigação religiosa e outras, me occuparei minuciosamente, na terceira parte deste manuscripto. Antonio Ferreira, despois destes convites e recepções carinhosas por todos os seus parentes, como recen-chegado de Lisbôa, continuou a ir de Barcellos á miudas vezes á Villar do Monte, passar seus dias em casa de seu sobrinho Manoel Pedro, e das filhas deste, Thereza, casada com Francisco José Bazilio. Gracia, casada com o referido Manoel José Gomes, e ainda outras tambem parentes originaes doutras linhagens, pois não se tinham visto ha muitos annos, nesse tempo para vir de Lisbôa, á Villar do Monte, e de Villar do Monte á Lisbôa. Precisava-se fazer testamento, proximo, da casa que tinha sido de seu irmão Henrique João. Já em poder de sua neta, e marido, o referido Francisco José Bazilio. No mesmo sitio e ponto orthographico onde morou durante os meus annos ahi, João José da Costa, por cognome o Lapato, morava nesse tempo, uma irmã de Antonio Francisco, pelo que me dizia, Maria Josefa Solteira, tambem neta de Henrique João. Essa unica irmã que elle veio encontrar viúva, quando chegou de Lisbôa, estava pobre, tinha apenas algumas poucas terras. Nesse ponto é me preciso voltar atraz, contar alguma cousa de Fracinso José Basilio, para depois continuar a occupar-me de transes que se passaram, com Antonio Ferreira e sua irmã pobre; Francisco José Basi-

lio aprendeu o officio de alfaiate,mas apesar disso teve que assentar praça e serviu no exercito 18 annos,assistiu em diversas campanhas,uma das primeiras a Tomada de Badajos pelo general Silveira,e a todos os transes que se passaram com os franceses,até elles serem derrotados. Foi um dos que os perseguiu,quando elles batiam em retirada,até além dos altos perineos. Tinha a patente de cabo,mas quando precisavam,alvoravam-n'o em commando mais superior. Foi alvorado em alferes,que elle commandou nessa investida,até além dos Perineus. Quando voltou veio commandando as tropas que conduziam as bagagens,e me contava casos enteressantes que se passavam nas estradas,astumar os gados para puxar as carroças e carretas. Pasado os 18 annos ainda ficou na reserva bastante annos, pois disse, succedimentos ~~que~~ em 1827 nas revoluções do absolutismo contra a carta consticional;sendo contra esta o grande absolutista Marquez de Chaves,veio este occupar a cidade de Braga,afim de se fortificar ahi,e a ponte do Prado,para resistir as tropas Cartistas. Foi então que Francisco José Basilio teve que voltar,depois de descançar não sei quantos annos; a reunir-se em Braga ao exercito do Marquez de Chaves,uma vez elle ahi partia do Porto,o exercito Cartista commandado pelo marquez de Angueja,em perseguição do Marquez de Chaves,teve que partir de Braga,umas duas companhias pertubar a marcha ao inimigo,até as rampas de Macada da freguesia de Tebosa,onde ia Francisco José Basilio,esperando ahi o inimigo,muito submissos a esse alto,onde a estrada descia e desce ainda hoje fazendo rampas em zigues-zagues. O inimigo chegou ao alto de Macada,e viu-se pertubado,por esse troço de tropas do Marquez de Chaves,fez suster ahi a artilharia deu de desparar balas de peça sobre as tropas pertubadoras que principiaram a baterem-se em retirada,até chegar á ponte do Prado. Ahi o marquez de Chaves estava bem fortificado,e resistiu heroicamente;mas por fim não poude,e foi derrotado pelo Marquez de Angueja, que seguiu ahi a Bonte da Barça;morreram ahi centenas de homens.Francisco José Basilio,não seguiu a perseguir o inimigo a Bonte da Barca,para não ser obrigado a marchar. Na confuzão ao fim do combate,escondeu-se em casa de um lavrador,que o recebeu carinhosamente,e lhe matou a fome, dizia elle,e lhe emprestou ~~roupas~~ para se vestir á paizana,e ir ver se-

us collegas mortos, ou ainda alguns vivos, por áquelles campos de Brado onde se deu a batalha. Dizia elle que onde quer, estava um cadavel, e alguns ainda gemendo. Voltou a Villar do Monte, escapo de ser victima dessa batalha, e continuou militarismo, a viver em sua casa com sua mulher. Pois, durante os 18 annos, quasi sempre em guerra, se vinha alguma vez voltava logo. Sua mulher Thereza viveu durante esses annos, pode-se dizer sosinha na sua casa que lhe tinham dado em casamento, seus paes. Auxiliada por estes, emquanto vivos, e depois de fallecer, por seus irmãos em todos os serviços. Laborava com actividade, algumas terras que já possuia. Antonio Francisco Ferreira Campos, tambem lhe prestou, como sua segunda sobrinha, algum auxilio, e vendo que a casa onde tinha nascido voltava á prosperar, quiz ter o gosto de mandar construir dentro do circuito de que seus paes tinham sido donos, e mesmo em beneficio de sua segunda sobrinha e marido, o referido Francisco José Bazilio. Uma eira de pedra (construcção) construcção essa que devia ser pelos annos de 1800 mais ou menos. Foi por esses annos, mesmo, mais ou menos, que Francisco José Bazilio, se casou, e logo segundo diziam, assentou praça. Essa eira era de cantaria construida a capricho, porém essa construcção foi propositalmente, arromada a um lado desse circuito, ou cirado, bem proximo da morada daquella sua referida e unica irmã, com o fito de ella seccar ahi tambem seus cereaes, e para isso dividiu a eira ao meio com mogos pequenos padrões de pedra, bem esculturados, que eu assim a conheci. Mas depois de tudo tomar outro rumo, ficou sendo só dono della, o mesmo Francisco José Basilio e mulher. Estamos no mesmo ponto onde voltei atraz, afim de aproveitar o caso opportuno a falarmos de Antonio Ferreira. Neste ponto a continuação da narrativa, sobre as occorencias do homem que quiz mostrar o seu tinheiro, ufanando-se da construcção da formidavel eira de pedra, e outros edificios. Tem que seguir algumas paginas em desdouro de sua honestidade, e pundonor. Antonio Francisco passou o tempo de sua mocidade na capital do reino, ahi passou a florescente e da de media, onde a livirtinagem sempre teve seu predomino, não deixou de se envolver nessas doudivanas de pandegas que sempre foram e são successiveis ao homem no vigor da idade. Depois desse tempo apesar dos annos lhe ir adiantando, e a convivencia mais ou menos com algumas pesso-

,as de moralidade, e conegos e deaconos do Cabido da patriarcal, que provavelmente frequentavam sua casa de negocio, em dias de tarde, demorando-se ahi em conversações catecheses, nem com essa convivencia exemplar, nem com a madureza dos annos, conseguiu suster-se dentro das cercanias da moral, e veio em Villar do Monte ultra passar-se della, e teve porisso de ser escripto seu nome, emcorrectorio; não sem grande surpreza de seus parentes e amigos, que sempre foram cumpridores a risca de todos os preceitos religiosos. Não era só a comenidade, de sua segunda sobrinha, e sua irmã seccar na eira seus ceriaes. Levava outro alcance: tinha a referida irma delle, uma filha de nome Maria Custodia, que pelo que me dizia, Maria Josefa Solteira, a prima de seu pae, é em segundo logar sua, era bella em extremo, e por isso o homem apesar de ser tio e de uma avançada idade, a sem pretendora, fez lhe o salto do pescoço, se Antonio Francisco procurasse desde logo um brevistà para solicitar de sua santidade, o papa obteve apostolico a seo em trece como dispensa e absalvição, e recebesse sua sobrinha por sua mulher pelos laços do matrimonio, tudo ficava sanado, mas não o fez. Logo que as rellações amorosas, em resultado de sua progenitura se conheceu o feto. Mandou vir uma liteira e conduziu-a para Braga, onde deu á luz uma criança do sexo feminino, que segundo me informaram, nunca se soube que fim lhe deram, e continuou innupto. Nesse tempo quando succediam casos desses, eram por demais intulaveis, porisso suas rellações interromperam-se com muitas pessoas de sua amisade, tiveram-n'o por immoral, contrario aos bons costumes, e libertino deppis de velho, quem nunca lhe perdeu amisade, e não perdeu nada com isso, desde que elle veio de Lisbôa, foi Manoel José Gomes e mulher, tambem sua segunda sobrinha, que era nesse tempo a autoridade local; commissario de policia, e por isso por certo dado ao respeito entre esse povo, porém todas as maichas desapparece quando dinheiro para as apagar, e não as deixar provallecer. Depois disso Antonio Francisco, continuou a prestar, mais ou menos auxilio, á sua irmã e familia, por achar que a casa onde ella morava, era inconveniente, é muito mal assituada. Mandou construir com outra ellegancia á beira do caminho central d'Aldeia, uma casa bem visinha, e em frente a moradia de Manoel Bento Pereira e sua mulher Maria Propheta, que foram os paes do vigario

nesta casa nasceu e morreu Manoel [illegible] Ferreira, Mulher e fi-
Pereira; pois seu filho João Ferreira e mulher, descendentes da referida
irmã de Antonio Francisco Ferreira Campos, tambem me informaram que foi
Antonio Francisco que mandou contruir a casa que foi do antigo cirurgião
Almeida, porém é o de tudo, que escrevi; e vou escrever a respeito, tenho
certeza, mas menos disso, se foi elle quem mandou construir essa casa, que
eu conheci como era de antigo. Foi talvez, porque eram parentes de outra
proveniencia, ou ramificação; ainda conheci 2 filhas do cirurgião Almeida
e duas netas e um bisneto. Uma das filhas era cerviçal na casa dos senho-
res Moreiras da freguesia de São Virissimo de Tamel, onde falleceu velha
de muitos annos nessa casa. Seu fallecimento teve logar em São Paio do
Carvalhal, na casa e bens que aquelles senhores ahi possuiam, falleceu sol-
teira, a outra filha, em Villar do Monte. Era viúva. Dizia-se que tinha
sido, depois de viúva, favorita do padre José Berga, que foi da familia dos
Bergas, chamava-se Maria, e não fugia disso; pois as duas suas filhas tam-
bem se chamavam ambas ellas Marias. Eram as 3 Marias, mãe e filhas, todas
as trez se assignavam Almeidas, porém chamavam-lhe por appelido as Navi-
ças. Tinha uma das filhas, um filho, bisneto do cirurgião Almeida, casado na
freguesia de Fornellos onde falleceu. Era vóz corrente entre esse povo,
que uma dessas netas, do antigo cirurgião Almeida, que era filha do padre
José Berga, do qual tenho de me occupar na terceira parte. Todos os livros
da cirurgia parte delles, do cirurgião Almeida. Ficaram em poder de Mano-
el José Gomes, dos quaes fazia uso theraupeticamente, pois se applicava de-
pois a cirurgia acertadamente. Cheguei a ter em meu poder alguns livros
desses, que couberam em partilha a minha mãe por seu fallecimento; pois
que era uma de suas filhas, do que adiante fallarei. Voltemos outra vez
a fallar de Antonio Francisco. Depois disso quiz mostrar fingidamente
a seus parentes, que desejava ser proprietario em Villar do Monte. Foi seu
fito seguinte: Em volta da bouça, ou eirado, de que tinham sido donos os
sarafinos mas que na actualidade já era de seu sobrinho Manoel Pedro e
mulher. Existia do lado do nascente e sul, um terreno valdio, a que chama-
vam alto do Calvario, pois que era ahi o calvario da actual igreja, do
qual na primeira parte prometti falar. Esse terreno era cortado por ahi
proximo nesse tempo, por um dos travessos da freguesia, que vinha de San-

ta Leocadia, fazia cruz na estrada, porisso a tão antiga e vulgar cruz da venda, passava as poças de Vasco, a direito subia o alto; a seguir pelo logar de cupido, hoje casa nova, e seguia mesmo por onde está hoje construida a casa dos herdeiros do Snr. José de Jesus Manno, passava no terreno que hoje é Tumadia debaixo dos mesmos ao canto do lado do poente, mas o canto de cima onde se conhecia ainda indicios dos trilhos dos carros. Dahi atravessava nesse antigo valdio, ahi por onde existia um pinheiro, manso que sobreviveu a um carvalho seu companheiro, que foi em 1845, devorado por um raio que o deixou em estilhas. Assim como queimou as medas de palha presas a elle. Tudo isso perdeu seu dono João da Costa Villas Boas, e ainda mais o mesmo raio desceu-lhe em casa, e matou-lhe uma junta de bois. Seguia esse travesso ahi por essa pequena bouça de Vallinhos passar as poças do mesmo nome. Ahi se conhecia rente ás cercanias dos dois eirados a profundidade e escavação do antigo e velho caminho. Continuando direi: Antonio Francisco requereu á Camara de Barcellos o aforamento de parte desse terreno mais do lado do nascente para o lado de cima, a procurar o norte do referido caminho travesso da freguesia, de modo a deixar ligada a linha divisoria. Com as hombreiras da casa Velha, que seu sobrinho Manoel Pedro tinha adquerido dos sarafinas, e da que tinha construido de novo, porém do lado de baixo sul e nascente desse caminho, e ainda ao poente o que é hoje bouça de Ballinhos. Tambem era tudo terreno baldio, a excepção de um pequeno eirado e casa dos antigos Villas Boas, apellidados Gandarellas, que conheci ainda dois irmãos, desses João José da Costa Villas Boas, a quem o raio prejudicou nos bois, o Carvalho e as medas de palha, e Manoel José da Costa Villas Boas, esse pequeno eirado dos Villas Boas, sempre ahi existiu, só depois desse tempo, e que lhe juntaram mais terreno. No mesmo terreno onde Antonio Francisco requereu o aforamento, existiam nesse tempo as 3 cruzes, ponto onde terminava o calvario da actual igreja, uma grande e duas pequenas, paralellas, conforme o estatuto religioso desse tempo, representavam o Golgotha, ou calvario, posso dizer que ainda vi ahi pelo logar do Paço alguns suppedaneos ou soccos das cruzes que a espaço seguiram da igreja até esse logar do antigo calvario. Essas cruzes ou parte dellas, é natural que fossem do antigo calvario da outra igreja, com o tempo tudo tem fim. Mais tarde nos-

sos avós, acharam conveniente collocal-os em volta da igreja, afim de se não cansar de vir da igreja tão longe resar. Essas trez cruzes existiram desviadas uns treze metros, mais ou menos para o lado do nascente da eira que foi de Manoel Custodio Ferreira. Assim m'o diziam em minha infancia, as pessoas dessa casa, filho de Maria Custodia, pois que esse calvario existia no tempo della e seu marido, quando Antonio Francisco requereu o aforamento, com fim de beneficiar sua sobrinha Maria Custodia, como depois se verá. Encontrou ahi o calvario, e a casa de Bragança, creio que lhe restava esse direito de antigo, a esses terrenos onde existisse esses monumentos de recordação da paixão de Christo, pois veio embargar esse afpramento; Antonio Francisco tevé de requerer a concessão á Casa de Bragança de novo aforamento; mas a Camara opetou pelos seus direitos, e Antonio Francisco, porque não lhe conviesse questões, e não querendo esperar a sentença no juizo entre as duas fortes litigiantes, pediu a escriptura de aforamento as duas partes litigiantes, e ficou pagando foro á Camara, e á Casa de Bragança. Depois disso e desde o principio com malicioso intento, quiz Antonio Francisco mandar construir a moda do tempo, uma elegante casa no mesmo terreno aforado, e como sua irmã, como já disse era pobre, não possuia bois e carro. Enludiu seu sobrinho Manoel Pedro, para conduzir para construcção da referida obra, toda a escuadria e alvenaria, que preciso fosse; e além disso consentir a construcção de uma das faces, sobre as solidas hobreiras das suas casas; como se poudera ainda verificar. Pois a referida casa ainda existe a mesma, como Antonio Francisco a mandou construir a excepção da cosinha que foi levantada ha poucos annos ao nivel da sala. Em poder já de bisneto daquella referida sua irmã, pois a casa era para a filha desta sua sobrinha Maria Custodia, e assim andilmente conseguiu o serviço de bois e carro de seu sobrinho, dizendo-lhe que trabalhasse, que esse trabalho que ahi prestasse, seria para elle mesmo, que tudo por sua morte lhe deixaria. Muitas vezes escutei os filhos do referido Manoel Pedro, Maria Josefa Solteira, e seus irmãos, á noite em volta do lar domestico, falar desse logro, que seu tio Antonio Francisco, tinha feito a seu fallecido pae, e assim Manoel Pedro, levando-se de enganos attrahido pelo dinheiro, pagou em grande parte como pato esses delleites e gosos a es-

se velho rico seu tio, deveria lembrar-se da esfrega que tinha tomado quando espedido de seu caixeiro em Libôa, ser lhe preciso vir a pé caminhando por escabrosas estradas, dos antigos tempos, procurar o abrigo e carinhos de seus paes Henrique João e Marinha Domingues, em Villar do Monte. Antonio Francisco logo depois da casa construïda, e o terreno cercado, fez o dote de um conto de reis, a sua sobrinha, para se casar, que nesse tempo era uma fortuna. Porém nem assim tinha pretendentes, pois tinham ella cómo amasiada com seu tio, no entanto havia um homem ahi, tambem de nome Antonio Ferreira, que não possuia nada de seu. Antonio Francisco Ferreira Campos, instou com elle para receber sua sobrinha em casamento, mas pelo que me disia Maria Josefa Solteira, o outro Antonio Ferreira não a queria, apesar de não ter nada de seu, e ella ser rica, não a queria acceitar, e custou muito a obter delle o sim, por fim acceitou. Mas empondo Antonio Francisco, a condicção de estipollar na escriptura de casamento, a promessa delle Antonio Francisco, depois desse casamento não voltar mais a Villar do Monte, e ainda declarar elle Antonio Francisco na mesma escriptura, a razão que o lavrava a acceitar por aquelle publico instrumento, tal condicção. Como de facto nessa escriptura, a exigencia do primeiro outorgante, empregaram-se termos, que longe estão os taballiões de hoje de os empregar. O traslado autentico dessa escriptura, existia em casa de Manoel Custodio Ferreira, neto de Maria Custodia. Esteve empredtado em meu poder por varias veses. Antônio Francisco Ferreira Campos, desde que assignou essa escriptura, não mais tornou a por seus pés em Villar do Monte. Quando precisava fallar com alguem de sua terra natal, vinha de Barcellos por Villa Meam, a Vilheira, e subia a divisa da freguesia, que fica na baixada, ao sul da capella de Nossa Senhora do Tempo e Bôa Monte, e mandava pessoa que trasia em sua companhia, chamar alli a quem precisava fallar. Tudo isto me rellarava Maria Josefa Solteira, da casa que foi meu berço. Antonio Francisco fez testamento com que falleceu no anno de 1805, deixando toda a sua fortuna, com excepção de alguns legados, á Santa Casa de Misericordia de Barcellos. Existindo porisso como benemerito dessa Santa instituição, na galeria dos retratos o seu, com a seguinte inscripção: Antonio Francisco Ferreira Campos, natural de Villar do Monte, bemfeitor desta San-

ta e real Casa de Misericordia. Deixou que fosse seu testamenteiro, Manoel José Gomes, e no mesmo testamento deixou a sua segunda sobrinha Maria Josefa Solteira, filha de seu sobrinho Manoel Pedro, 100$000. Tambem teve em meu poder a copia do testamento com que falleceu Custodio João Ferreira Campos em Lisbôa. O irmão de Antonio Francisco Ferreira Campos, que deixou uma fortuna colossal, a irmandades e confrarias, tambem contemplou a Santa Casa de Misericordia de Barcellos, com 200$000 e com muitas importantes quantias a todas as outras Santas Casas, a saber: A Santa Casa de Penna Fiel, a do Porto, a de Villa da Feira, a de Coimbra e outras; Em Lisbôa a Santa Casa, irmandades e confrarias, e familias pobres, onde entravam as filhas de uma tal D. Quiteria, mas todos esses legados. O menor foi a Santa Casa de Barcellos; os mais foi tudo quantias de contos de reis para cima; poucas havia de 500$000. Essa lista dos legados no testamento, leva tempo a lêr, e por de mais, se esse dinheiro cahisse em mão dos parentes em Villar do Monte. Ainda hoje, existiriam ahi bôas fortunas. Recordo-me que tinha alguns legados de 3:000$000, e dahi para cima. Deixou a seu sobrinho Manoel Pedro a herança que lhe coube de seus paes, que era uma leira no sitio chamado Estrigueira; deixou mais a Manoel Pedro, um praso que diz no testamento, ter comprado por escriptura publica a irmandade da Senhora da Graça da Villa de Barcellos. Citava o dia e anno em que recebeu da irmandade a escriptura e o nome do tabellião. Manoel Pedro, ou porque lh'o não quizeram entregar e elle não quiz questionar, ou não sei pelo que; - nuca tomou posse desse praso, que ficou na mesma casa de Maria Custodia e seu marido; conheci algumas propriedades desde que os mesmos descendentes de Maria Custodia me enformaram ser desse praso, uma das quaes a chamada Barroca, que era possuida ultimamente por Francisco José da Silva, pois era essa e outras pertencentes a esse praso. Foi tambem Custodio João Ferreira Campos, negociante em Lisbôa, quem deu uma cruz de prata de grande vallor á confraria do Sussino de Villar do Monte, cuja caixa de couro ainda existe ou existia na igreja na capella mór encostada nos degraos da escada de trás, de subir a tribuna, tal como veio de Lisboa remettida por Custodio João Ferreira Campos, a confraria do sussino. Estava bem consevada. A cruz foi roubada pelos franceses, quando envadiram

Portugal, anno de 1808 a 1809; Custodio João Ferreira Campos, tambem deo uma vara de prata á Confraria do Santissimo Sacramento de Villar do Monte. Era nesse anno thesoureiro João de Miranda do logar da Cheira, da familia dos Bergas, nome original da freguesia de Albergaria, ponte do Lima e Miranda era original do logar de Real Santa Maria do Abbade, pessoas que se familiaram por casamento em Villar do Monte. Mas tambem a familia Bergas, e Mirandas, eram parentes, nesse tempo, de Custodio João Ferreira Campos, e tambem tinham originalidade de parentesco da casa dos Manos da ponte do meio; pois tambem tinham vallos em sua assignatura. Um dos Bergas que era Manoel, assignava-se Manoel José da Silva do Val Miranda. O sobre-nome Silva, creio que vem do homem que veio ahi casar-se de Albergaria. Pois Bergas foi um apellido que passaram por ter vindo de albergaria, não era o verdadeiro nome do homem, era apellido, e como apellido segue ainda hoje. Neste ponto volto atraz a referir-me a restantes occorrencias de Manoel-José Gomes, como já disse foi nomeado por Antonio Francisco Ferreira Campos, seu testamenteiro em primeiro logar, ignoro qual o beneficio com que foi contemplado nesse testamento, mas pelo que me enformaram, elle estava bem. Dessa data em diante, melhorou muito de fortuna, e gozou segunamente uns 40 annos e mezes teve de seu casal 5 filhos e 4 filhas, uma das quaes Francisca Maria Gomes, que foi criada com seus cunhados, Maria Josefa Solteira e seus irmãos, na casa do logar da Bouça; que na idade competente casou com Antonio José da Silva, da freguesia de Gemezes, conselho de Espozende. No fim do anno de 1840, foram estes os meus progenitores; seu pae e sogro, Manoel José Gomes, falleceu no anno de 1845 a 1846. De edade de 5 annos mais ou menos assisti ao fallecimento delle. Não fez desposição testamentaria, ficando por isso sua mulher Gracia Maria Mieira em metade dos haveres, que dividiu amigavelmente com seus filhos a outra metade. Foi nessa divisão que coube a minha mãe uma inferior gaveta com livros, como deixei dito, livros que foram do antigo cirurgião Almeida, e que mais tarde eu li. Assim como tambem lhe coube em partilha, algumas roupas de veludo fino, que consistiam em calções e colletes, costume uso desse tempo, que tinham herdado de Antonio Francisco, dos quaes logo que me serviram no corpo, eu o usei delles. Tinha 18 annos quando fallecimentode Manoel Pedro

e mulher Rosa Sarafina, que falleceram num dos annos que as tropas de Napolião primeiro invadiram todo Portugal. Em 1809, quando os soldados francezes chegaram em casa, estavam elles de cama moribundos. Sua filha Maria Josefa Solteira, da edade de 24 annos, para fugir aos franceses, desemparou seus pais, e fugiu ella, e companheiras, para a montanha de São Mamede; os franceses entraram em casa, até a cama dos dois moribundos, e pediram vinham para matar a sede; mas como os dois moribundos não pouderam levantar-se, foram embora sem lhe fazer mal algum, para casa dos visinhos destes: Maria Custodia, Antonio Ferreira e filhos. Fizeram ahi o mesmo pedido de vinho, e foram attendidos. Manoel Pedro e mulher, logo depois dos franceses lhe entrar em casa, nesse anno de 1809, dahi ha dias falleceram um, numa quarta-feira e o outro no sabbado, da mesma semana. Direi mais, que Maria Custodia, já viúva, ignoro ha quantos annos. Falleceu no anno de 1843, posso dizer que ainda vi sentada á porta da cosinha, e eu ao collo de minha mãe. Julgo necessario, fazer vêr aos leitores que meus paes, me criaram naquella mesma casa de Maria Josefa Solteira, onde juntas com ella viviam seus irmãos, Manoel Pedro e Joaquina, que eram estes como já disse os irmãos, de Gracia e Thereza. Aquella mulher de Manoel José Gomes e esta mulher do referido Francisco José Bazilio. Os outros dois irmãos, cujo nome já em paginas tranzactas, falleceram depois de seus paes. Um em casa de seus parentes em Villa Cova e outro nas trincheiras do porto em 1833. O pae delles chamavam-lhe vulgarmente Manoel Pedro, porém era Manoel Pedro Ferreira Campos. Faço esta declaração; pois que o filho tambem lhe chamavam Manoel Pedro. Supposto que seu pae um dos irmãos da confraria do Sussino- sua assignatura é só Manoel Pedro. Joaquina Rosa sua filha, falleceu em 1853 mais ou menos; e Manoel Pedro Filho, falleceu em 1856. Neste ponto volto a escrever as occorrencias de Francisco José Basilio, no ultimo quarteirão de sua vida. O valente cabo de guerra depois de muitos annos de sua vida militar, não poz duvida em que sua mulher continuasse na administracção de seus bens. Comprehendeu e certamente que mandar os humildes trabalhadores na lavoura de seus bens, que era muito differente do commando de seus soldados, quando commandava ou era commandado. Era energico, não dava o braço a torcer á pessoa alguma; porém o

que sua mulher lhe proposesse. Era a unica pessoa q quem obedecia; e assim com a boa administracção e economia, depois de velhos possuiram uma casa regular em bens de raiz. Não tiveram filhos de seu consorcio, e por isso ahi pelos annos de 1832, casaram elles dois sobrinhos, a quem fizeram doação de seus bens, com reserva do uso fructo para elles doadores emquanto vivos, ficando essa escriptura com a clausula de poder vender se preciso lhe fosse; chavam-se os dois sobrinhos José Gomes e Bernarda Bazilia, aquelle filho de sua irmã e cunhado Manoel José Gomes e Gracia Maria, ella tambem sobrinha por parte do doador. Como as leis desse tempo obrigasse a quem possuisse bens de raiz sufficientes, a sentar praça na Mellicia. José Gomes para se livrar de ser milliciano, sentou praça no batalhão de voluntarios, que a esse tempo o Capitão mór de Barcellos, estava organisando para reunir as hastes de D. Miguel, a esse tempo em guerra com seu irmão D. Pedro IV, facto que já deixei escripto na primeira parte. José Gomes dahi ha pouco, ao tempo que se casou, falleceu em combate nas linhas do porto 1833; não deixou filhos de seu consorcio. Francisco José Bazilio teve a infelicidade de sobre-viver a sua mulher, que falleceu repentinamente numa manhã de neve, quando vinha da igreja de assistir as novenas, ahi no caminho, que da igreja indireitava por o sitio de Soutello 1899, mais ou menos. Motivo porque o fim da vida de de Bazilio, foi triste. Veio a viúva Bernarda Bazilia, sua sobrinha, e os herdeiros de seu marido José Gomes, amigavelmente, receber em bens de raiz o que lhe pertencia, deixando ao velho, sem fazer questão alguma, as melhores propriedades. Nem mesmo levar a risca, essa partilha. Pois foi completamente amigavel. A escriptura tambem tinha nullidade, por falta insinuação, que deixou de ser requerida pelos doados em tempo competente, a que as leis obrigavam antes da existencia do codigo civil. Era sua cunhada, irmã da fallecida Maria Josefa Solteira, que sobre-viveu a sua mulher, a quem competia disputar em juizo essa nullidade, porém não se sabia disso. Nem que soubessem, por certo não iria encommodar seu cunhado. A esse tempo Francisco José Bazilio, já velho bastante, pertubado de suas faculdades intellectuaes, devido a seu espirito já enfraquecido, não pude resistir as ciladas, que lhe formavam um grupo, chefiado por um fanfarrão de grande labia, que nunca o des-

acompanhou, foi por este enduzido a vender seus bens aproveitando-se da faculdade na escriptura instipulada, de poder vender se precido fosse, es- individuo de grande lavia tinha o sobre-nome Fanfarrão. Ja no dia do ovito, elle e sua mulher para que os herdeiros não chamasse a partilha as melhores roupas e joias da fallecida, as fez desapparecer de noite, e escondeu-as em sua casa. Constava esses objectos de grande quantidade de lenções de linho fino, cobertas de differentes cores e qualidades, cordões e arrecadas de ouro de bastante vallor. Na noite do obito, emquanto alguns dos herdeiros e outros rodeavam o mortuario, foram arrombados as caixas. De manhã appareceram sem cousa alguma de vallor. Dahi ha mais de anno desde que ia cahindo no esquecimento, já os cordões e as arrecadas eram vistas ao pescoço da mulher e das filhas, e as cobertas tambem eram vistas na occasião da visita paschoal ornamentando a casa, Quantos tem padecido por menos culpa numa enxovia, e este que foi autor de crimes, um dos quaes de alta importancia, como adiante veremos, e não foi laparar. Taes occorencias fazem virar ou mudar de pensamento sobre nossas leis vidaes que tem como ideal religioso, em praxe corrente. A crença de que a providencia pune o criminoso, pune, mas é a quem não tem abilidade para cometter o crime ou meios para se deffender delles. Depois logo em seguida ao funeral, continuou elle e seus convidados, ardilosamente a enganar o velho. De uma noite para o dia, faziam no vender, ou milho dizer, dar uma propriedade a troco de um arratel figos comadre. Chavamam ahi um letrato lareiro, de alcunha o vendedeiro, escrivão do juiz eleito, que se prestava a qualquer hora da noite, a auxilial-os, escrevendo de fraulde esses documentos em altas horas da noite, nas quaes o vendedor tinha que declarar, já ter embolsado, em presença das testemunhas, convidadas a proposito, a quantia instipulada no fraudulento documento. Assim o enganavam promettendo-lhe por fora umas tantas razas de milho, por cada uma propriedade cedida ou vendendo, e assim vendeu todas as propriedades, a troco de pamarriços figos e outras golodices, inclusive a casa e eirado, promettendo-lhe dar-lhe rasas de milho, o que elle nunca mais viu. A casa cahiu em poder dum individuo a quem chamavam por Alcunha o Cabeça Negra. Era a fallecida esposa de Francisco José Bazilio; como deixei dito em paginas tranzactas,

neta de Henrique João Ferreira Campos, e sua mulher Marinha Domingues. Foi a ultima dos descendentes que habitou essa casa. A famosa eira de pedra de que tanto me preocupei nesta segunda parte do manuscripto, foi vendida pelo tal Cabeça Negra, para uma freguesia visinha, que a vieram ahi arrancar, e a levaram em carros. Francisco José Bazilio, depois que não tinha casa aonde viver o resto de sua vida, foi para casa de Fanfarrão que lhe prometteu tratal-o na velhice. Em recompensa das propriedades que dolosamente delle obteve, e das joias e melhores roupas de casa; ratunice feita por elle na occsião do obito, porém essa promessa, contou a verdade perante o publico, que o Fanfarrão assim prometteu, mas se prometteu não compriu. Achou que tudo lhe convinha, menos o velho, não estiveram para aturar suas rabugices, e procuraram um meio de se ver livres delle que foi o seguinte: Os leitores não lhe deve ser estranho, que as pessoas velhas, que devido a sua idade avançada, principiam a malucar, dando numa mania qualquer devido a sua velhice. Foi assim que Fanfarrão com sua lavia persuassiva, que não havia igual. Aproveitando-se dessa fraquesa de espirito, incitou Francisco José Bazilio, a se casar. Unico meio de se ver livre delle, e para isso levou em sua companhia, á casa de Maria Motta, ou Maria Berga. Nome que antecedente figura neste manuscripto. O Fanfarrão empregando ahi todo seu ardil, querendo convencer Maria Mota, de que Bazilio tinha de receber a volta da pensão em milho, dos inlicitos possuidores de seus bens, e que convinha ella casar-se com elle. Maria Mota bem conhecedora das impostorias do Fanfarrão com genio e actividade para o repellir. Mandou as favas, e disse lhe que quem lhe comeu a carne, que lhe comesse tambem os ossos, mas o Fanfarrão não desanimou. No logar do souto da Lem, em casa de Francisco José do Val, existia uma mulher que tinha vindo de Santo André, e Fanfarrão em companhia de Bazilio, tinha bastante que comer e beber, de que tinham de lhe dar os possuidores de seus bens. O Fanfarrão emfim teimou e conseguiu, que essa mulher casasse com Francisco José Bazilio, que ao calculo teria uns 76 annos, mais ou menos. Depois disso a mulher, viu que ninguem lhe pagava cousa alguma, e que nem os compradores tinham ficado com essa obrigação, pois Bazilio, como já disse no acto da venda fizeram-n'o confessar, diante das testemunhas, ter re-

cebido a importancia do cimollado ajuste. Bem que esses documentos todos escriptos pelo couçueiras ou vendeiro, actual escrivão do juiz eleito. Por certo não teriam fé alguma em juizo. Se houvesse algum irmão ou parente que levasse aos tribunaes uma acção afim de provar o estado das faculdades intellectuaes de Francisco José Bazilio ao assignar esses documentos, e dahi o dolo ou Fraude. Com que esses actos foram realisados, o que é certo é que o deixaram na maior precaria miseria, a mulher sahia de casa para o trabalho, e para elle não ir embora para alguma parte dar espectacullo vergonhoso. Fechavam num quarto, ahi ficava definhando-se, no maior desespero.

Em certo dia, poude escapar-se rouçando-se por uma pequena janella do mesmo quarto, do lado dos fundos da terria casa, e veio tropicando, vêr pela ultima vez e matar a fome, á casa de sua cunhada Maria Josefa Solteira, chegou ahi; logo ao entrar, as primeiras palavras foi pedir de comer, que trazia muita fome. Sentou-se deu-se-lhe de comer, e de beber vinho bastante, mas muito fraco. Pois nesse anno, além de pouco não havia melhor. Me recordo bem; pois estava presente, que elle em conversa com sua cunhada, perguntou-lhe de Thereza sua mulher, se lhe tinha ficado a dever alguma quantia de dinheiro. Maria Josefa Solteira respondeu que sua irmã, não lhe tinha ficado a dever nada, e que devesse não pagava, pois não tinha com que pagar. Bem se lembrava elle que seus bens foram adqueridos com auxilio de seus cunhados e com dinheiros emprestados de Maria Josefa Solteira. Foi isto a despedida do fim da vida com sua cunhada, pois em breve tempo falleceu, obito que se deu em 1865 mais ou menos, de outros mais peripecias do Fanfarrão que disse ter de rellatar, as rellatanei na terceira parte.

Os leitores não deixaram de notar, que já na primeira parte, que na segunda em grande numero de paginas, o constante nome de Maria Josefa Solteira, no qual nome em muitos factos narrados nestas memorias eu me apoio. Pois durante 27 annos que vivi em companhia desta senhora, que veio a ser desde o berço até seu fallecimento, com idade de 85 annos que succedeu em 1868, me narrava factos dolorosos, que tinham acontecidos já em tempo della, annos atraz, que consistiam em fome e guerra, que deixo de os rellatar apenas desses factos darei um. Dizia ella, que em alguns annos se passava muita fome por não haver milho. Algum que havia vinha de fóra, a um preço tabolloso,

que não havia dinheiro para o comprar; chamavam-lhe milho de cunha, que andando saxando milho na agra da breia, que se encostavam a saxolia cahindo de fome, esperando sua irmã Joaquina que ia vender feixes de torgas, apanhadas no monte, a Barcellos por um pataco, ou a muito trez vintens, e que os empregava em pão, e que vinha correndo, e por essa estrada de Santo Amaro, estrada que era neste tempo, a toda a pressa matar a fome a seus irmãos. Mas senhores! Matar a fome com dois ou trez vintens de pão? ainda minimo do milho tão caro. E ella dizia-me que o feixe da torga não dava mais do que esse dinheiro, e a arrancar a torga no monte, carregar o feixe até á Barcellos, que sacrificio se fazia. Tambem que mesmo em annos que havia milho, sendo anno de muita secca, que tambem se passa fome por não haver onde moer o milho, que chegaram a ir moer a fornada a São João moendas de Fragoso; e a boim logar de selleiro, e que muitas vezes esperavam lá, dias a espera da vez de moer a fornada. Como já disse meus paes ahi me criaram, mas Maria Josefa Solteira foi minha segunda mãe. Zellou por mim como seu afilhado que eu era, desde o berço. Tinha-me uma mizade como nunca pessoa alguma me teve, foi emquanto viva. Como é praxe dizer-se por ahi, o meu anjo da guarda. Na infancia livrou-me de muita sova, quando meu pae vinha para me dar; não me poude livrar de uma grande tareia que mais adiante narrarei. Era ella a dona da casa, pois que seus paes lhe tinham deixado em terço de seus bens; viveu solteira, assim como seus 4 irmãos; que dois; o que morreu nas trincheiras do porto, e o outro, muitos annos antes, em Villa Cova. Não cheguei a conhecer, era ella que governava. Os irmãos respeitavam-n'a, como se ella fosse seus proprios paes. Prestavam-lhe toda obediencia. A esse respeito narrarei um facto occorrido em minha presença, e o de tenra idade, mas testemunha occullar. Seus dois irmãos, Manoel e Joaquina não se davam; a miudas veses brigavam um com outro. Um dia de tarde estave chovendo, e estavam elles em casa brigando. Joaquina estava sentada numa banca na lareira, enfrentando o fogo, e enfrente a sua irmã Maria, que estava sentada do outro lado; e Manoel seu irmão sentado ao meio da cosinha numa pequena banca. E assim estavam brigando, quando de repente sua irmã Maria, pega uma vardasca comprida, e cascou com ella em Joaquina, uma porção de vardascadas. Joaquina, em vez de

se irritar contra sua irmã; não senhor, principio a chorar como uma creança; e Manoel sempre naquella tuadilha de afligir. Chega nessa occasião junto com meu pae, o Padre Manoel Valdes ou Goldes, padre gallego que era cura do vigario Manoel Antonio do Val. Tratou de paziguar os dois briguentos. Principio de chamar a ordem; Joaquina que tinha, havia poucos instantes tomado as vardascadas. O padre principio com bons modos, bem melhores do que os de Maria que lhe cascou vardascadas; mas neste entroito não sei que palavra o padre lhe disse, que ella não esteve para o aturar. Não se revoltou contra a irmã que lhe cascou, e revoltou-se contra o padre, que num momento furioso, pega uma pedra, das que existiam na lareira de encostar as panellas para não tombar, e disse com arrogancia: o padre, o que diz, diabo que te parto essa cabeça, e levanta-se da banca onde estava sentada, movendo-se para dar com a pedra no padre, quando num repente, meu pae bem do lado, e tirou-lh'a a pedra das unhas; bem ella sabia que o respeitar e obedecer a sua irmã Maria Josepha Solteira que era o mesmo que respeitar os seus paes por certa recommendação delles antes de fallecerem; este padre dava-se com meu pae, e vinha ahi passar as tardes já com intento de armonizar os dois briguentos irmãos. Manoel Pedro deitava-me com elle na cama dormiamos a este tempo n'uma sala; foi mais ou menos por esses tempos, que choveu uns 8 dias ou mais pedra, ou pedra continuadamente sem parar e sempre fortemente, demodo que a superficie em lugares, apezar de derreter rigolava à grossura de um palma mais ou menos os telhados dascasas; já havia receios em algumas de não aguentar o peso; não corria vento algum; era só chover pedra continuadamente, não se pudia sahir de casa só com muito sacrificio. Era o tempo das matansas dos porcos gordos; pois apezar do tempo tão importuno, matou-se n'essa occasião como de costume para passar o anno o porco; por esse motivo estava-se como se diz ahi de sarrabulho; n'esse dia que se matou o porco; sempre chovendo pedra continuadamente sem correr vento, seria meia noite mais ou menos estava-se dormindo debaixo das grossas mantas de borel, e alguns cobertores da serra do maram, quando de repente entre ruido forte da pedraceira echôa um trovão o mais estrondoso possivel, que accordou a todos, que se levantaram debaixo das cobertas e ficaram de joelhos rezando a Santa Barbara em altas vo-

zes na cama. Manoel Pedro a quem eu chamava padrinho, embora o não fosse, esse não ficou de joelhos, mas sentou-se; quem ficou de joelhos tomado de medo foi eu; e para mais escutando tanto resar, que pareciam sufocados do medo. A esses tempos essa gente que me criou, colhia grande quantidade de ogados de linho, e na sala onde dormia Manoel Pedro e eu, existiam em volta, em cima partelleiras, que estavam entupidas de linho, em dobras. Ainda levantei e vi illuminada pelo relampago toda a casa, pelo menos um segundo, que afinal não foi do relampago, como vamos vêr. Vi perfeitamente todo esse linho nas partelleiras, e escutou-se um outro trovão lá ao longe, e mais brando; porém a chuva de pedaço continuou toda a noite, e ainda no dia seguinte. Emfim escutando a pedraceira, cahimos outra vez no socego de espirito, até amanhecer, sempre debaixo de pesada chuva de pedra, espiando as portas e janellas a pesada athmosphera do dia; até que ahi pelas 8 horas mais ou menos estando a lareira munida duma grande fogueira de canhotas de carvalho, que se tinham trazido da devesa de Enxate, onde os meus paes possuiram nesse tempo umas 13 propriedades. Já estando ao fogo duas panellas de barro, cada uma com sua pedra encostada para não tombar, e a agua dentro já fervente, cozinhando boxe de porco, e alguma farinha de milho, muita mais grossa do que o natural, a que lhe chamavam milhoros, que se punha para cozinhar primeiro para mais tarde ajuntar a farinha fina a cozinhar junta, que com bastante gordura e cuminhos, e algum sangue de porco. Eis as saborosas e succulentas papas de sarrabulho; ao mesmo tempo se via sobre ~~sobre~~ as fortes brazas de canhotas de carvalho, uma temper, instrumento de trez pernas, sustendo uma grande caçarolla fazendo rigões, pois era chegada a hora do almoço, e a chuva de pedra não cessava, o frio era intensimo, porém com a grande fogueira a casa estava quente, e demais que se tratava de passar bem, pois era o dia do serrabulho, quando de repente entrou pela porta da cozinha a dentro, Francisco Bernardo Gomes, irmão de minha mãe; e disse estas palavras: Vós não sabeis o que aconteceu? Resposta de meu pae: Nós não sabemos nada. Pois esta noite quando houve aquelle trovão caiu um raio ahi no eirado de João da Gandarella, queimou-lhe as medas de palha, e o carvalho onde ellas estavam presas, ficou em istilhaços, e não só isso como seguiu fazendo um rego na terra, e foi lhe a côrte dos bois, matou-

lh´os. Isto já está dito em paginas tranzactas, mas não rodeado das circonstancias que o acaso permittiu, as quaes estou narrando:- Francisco Bernardo Gomes veio ahi trazer essa nova, e contudo deixou bastante impreccionada toda familia, que tratando se de almoçar a sarrabulha, já não foi mais com aquelle gosto e alegria como que estava para ser. A chuva de pedraço continuava, não se podia sahir de casa, só com grande sacrificio. Depois que veio abrandar, viu-se que do raio, partiram immensas faiscas electricas, pois viu-se ahi nosso souto de Gandarella, que nesse tempo não havia casa alguma, era tudo subreiros e carvalhos, pois poucos ficaram sem ser esfullados por uma faisca. Nessa casa do alto da levada, Maria das Neves, depois que falleceu Francisco José Berga da Feiteira, com quem morava, veio para ahi morar sozinha, cahiu-lhe uma faisca num pequeno subreiro de traz da casa, não lhe fez mal algum, desviado uns 9 metros mais ou menos, do curral da velha casa dos Bazilios, seu dono, Francisco José da Costacom essa distancia, existia ahi um grande castanheiro, e foi esfollado por uma faisca de alto a baixo nessa noite; pois Francisco José da Costa, tinha dentro desse curral, uma vacca, e não lhe fez mal algum mesmo em frente a sala onde eu estava e mais Manoel Pedro, casa de minha familia, canto do eirado ainda de Joaquim Ferreira, onde havia um grande colmeial de ovelhas, tinha ahi sobre o vallo do caminho, hoje a bouça de Ballinhos; uma meia duzia de castanheiros; pois uns trez foram esfollados nessa noite pelas faiscas. Ahi mesmo em frente a nossa morada. Porisso a luminaria, que deixou vêr, como se fosse dia dentro de casa, foi por ficar proximo essas faiscas que ahi cahiram, pois a luz creio durar mais de um segundo. João de Gandarella , que seu nome era como já disse, em paginas tranzactas. João José da Costa Villas Boas, tinha ido nas vesperas desse dia perante o tribunal em Barcellos dar um juramento, que diziam ser a pedido de Rosa Gonçalves Affonsa, mulher de quem na terceira parte tenho de me occupar. O povo dizia que elle foi jurar falso a pedido dessa mulher e que porisso o raio queimar-lhe a palha e matar-lhe os bois, que foi um castigo de Deus. Neste ponto passo a escrever algumas reminiscencias, que retenho em memoria desde minima infancia, até aos 26 annos. Apesar de já ter escripto em livro separado outras reminiscencias,

em sentido diverso: Para esse fim preciso voltar atraz aos ultimos annos da vida de meu avô Manoel José Gomes. Era esta familia da casa onde me criei, e visinhanças muito dada abusões supersticiosos; a esse respeito contarei um caso que me aconteceu da idade de uns 5 annos e tanto, por causa dessas superstições. Manoel José Gomes, como já disse em paginas tranzactas, era homem dado á leitura, e como foi visinho do padre Antonio Bento Pereira, a este exotava avôs resando exorcimos, como em terceira parte narrarei. Creio que meu avô com alguns livros que pedisse a esse padre emprestados, para estudar sobre o assumpto, se lhe incutisse no espirito exercer a mesma arte que o padre exercia, pois o caso foi oseguinte; um dia entendeu esta gente, minha familia que eu andava muito doente, com mal empecido ou cousa que ovalha, e mandaram-me á casa de meu avô, pois já o tinham prevenido, para elle me talhar o ar; ou resar os exorcimos, que é o que me parece que elle fez, o que é certo é que lá fui eu. Encontrei elle sosinho em casa, amarrado a um bordão, mandou me entrar, levou-me para a sala, a que chamavam a torre. Tinha ahi a cama onde dahi a pouco tempo o vi fallecer, e um oratorio bem pintado de differentes côres, e elegante formato, com a imagem de Nosso Senhor Crucificado, e de Santo Antonio que diziam que era de páu preto, e ter sido esculturado, por um homem a quem chamavam o do portal dos Feitos. Sentou-se meu avô num pequeno caixão de costas virada para o referido oratorio, e mandou-me ajoelhar diante delle, e que resasse o acto de contrição, um Padre Nosso e uma Ave Maria, assim eu fiz. Principiou a resar pinhado sobre as mãos no bordão, uma lenga-lenga, que só mais tarde desde que adquiri algum conhecimento, e que fiquei sabendo que elle decorava latim; o que é certo é que passados alguns tantos minutos, eu de joelhos, e elle naquelle murmurar de latinista. Levantou o bordão, e deu no soalho com o pé do mesmo, uma pancada sem eu esperar, que fez grande estrondo, e disse umas 3 vezes; em vóz arrogante e batendo: sáe diabo...sáe diabo...sáe diabo!...Em vista disso levantei-me o mais assustado, desci as escadas dandas de villa Diogo, e foi parar ao caminho, fóra dos portaes. Meu avô veio atraz de mim, pedindo-me que voltasse, dizia elle, aquillo não é comtigo, não tenhas medo volte para a torre. Não pode comprehender com quem era, pois ahi não estava mais pessoa alguma, a não ser eu e elle e os santos. Lá em

cima no oratorio fez protesto de lá não voltar mais talhar o ar. Apesar das estancias de minha familia, não voltei. O pequeno caixão onde elle sentou, veio por fallecimento delle, avaliado em 600 reis para minha mãe, e foi e foi entregue a mim para guardar de minha roupa, domingueira, que me serviu de memoria. Mas não era só esta gente que eram dados abusões. Em certa occasião me recordo dahi chegar gente da visinhança, e contar cousas de arco da velha, fallaram de males empecidos, de ter apparecido o diabo nas encruzilhadas, que nos labadoiros de Ballinhos apparecia um cabrito á meia noite, e que em certo dia quando ahi tinha passado no mesmo caminho de Ballinhos, um acompanhamento funebre, que disseram tinha sido de uma pessoa que não me recordo, que appareceu ahi um cabrito, procurando seguir a tumba, que conduzia o cadaver. Fallaram de esconjuros e de feitiços, do mesmo occasião disseram ahi: que um antigo fidalgo da Silva, se lhe tinha perdido a alma, e que tinha sido esconjurado, e degradado para Villar do Monte, para a montanha de São Mamede, que havia pessoas que o tinham visto subir ao ar, vestido de casaca vermelha, no meio de um rodopio de vento, que se levantava dos penedos do inferno, situados na mesma montanha. Posso dizer que essa lenda teve qualquer principio de origem de antiguidade pois por motivos que deixo de escrever. Aos 15 annos foi parar á freguesia da Silva, um amigo alguns haviam ahi, que por brinquedo me faziam troça, me chacoteavam com palavras abrilhantes e desdenhosas, que eu ser de Villar do Monte, diziam elles que Villar do Monte era um logar deserto para onde se degradavam os demonios que se esconjuravam dos processos. Em vista disto, não deixava de me lembrar o que tinha escutado ao lar domestico da casa que era meu berço. Continuando minhas occorrencias direi que meus superiores desde mui tenra idade, me mandavam pastorar gados ovelhas e cabras, e as veses gados, vacum. Cabras nesse tempo, não havia lavrador ahi que não tivesse, e com muita abundancia. Ahi pelas 9 horas do dia, o monte cobria-se de cabras, de Villar do Monte, Feitos, Santa Leocadia e até de Santa Maria do Abbade, logar do Barreiro. que o Snr. Manoel Bento das Dores Aves, tinha immensas, que mais das vezes vinham ahi pastar no monte da Gandra, pastoradas por Thereza Cega, d'um olho só, tendo sido criada de servir na casa dos Rodrigues em Villar do Monte.

Foi depois para o Barreiro guardar cabras, ahi esteve muitos annos e ahi falleceu. Era conhecida pelo nome de Cega do Barreiro; algumas vezes tocava a mim alguns dias pastorar as cabras das 4 casas; 2 do logar da casa nova e 2 do logar da bouça, que era pastorar cada um seu dia; gostava que me tocasse a quinta-feira, para de tarde trazel-as ahi ao coto do impedido, e vir sentar-me numa varandinha, feita num barranco alto, em frente ao nixo das almas, que depois se mudou, como disse em tempo, para a nova estrada, sitio da venda. Ahi via eu, passar immenso povo que vinha da feira, onde vinham. Alguns, bastante vinho, pois a esse tempo tinha ahi João Joaquim Barreto uma venda, numa casa feita de taboado, ahi se viam passar as sardinheiras das Neves, algumas fiando numa roca atraz do burro de carga. Todas as povoações desde Barque e a portella de dou Christo, tudo que diz do lado do poente dessas cordilheiras que tivessem de vir á Barcellos passavam ahi recordo-me bem de alguns homens um tanto notavel e mais conhecidos que ahi passavam, como fosse; Antonio Felippe de Fragoso, Dor. Seferino da espregueira, o ferro de Fragoso, e o Irmão Abbade de Villa Cham, Domingos do Valrro e Aldreo, o capitão de Palme e outros; Outros dias pastorava ovelhas ahi pela regedoura e outros logares, seguindo-as pelos carreirinhos entre o matto mullar rastejante, escutando o zumbido da velha, calçando-se na roça do mesmo matto, em dias quentes e calmosos. Vendo a cada passo serpentear diante de mim, um liscranço transparente susceptivel nesses logares. Despertando-me a curiosidade, as flores por entre o feno do mesmo matto, que a natureza nos mezes da primavera, mesmo nesses logares agrestes faz visitar, tão atrahentes de differentes côres, mostrando-nos essas flôres tão naçaras, em antes de ser tosadas pelos animaes. No mesmo sitio da regedoura onde se represam as aguas no tempo de verão, a que dão o nome de poça do mesmo nome, que innocentes brinquedos era o meu e de outros meninos. Nessas tardes calmosas dos dias claros dos meses de Junho, Julho e Agosto, despindo-nos dos nossos humildes trajos, para nadar nessas aguas tão nitidas, tão aprasiveis, tão crystallinas, que em vez de poça, parece uma taça de prata transbordando aguas puras filtradas, mas nem sempre gozei desses brinquedos assim satisfatorios, quando pastorei de ovelhas. Tive tambem um desses dias de grande tormento, que vou narrar a meus

caros leitores: um dia pastorando o mesmo rebanho, já com o meu fito em me entreter em brinquedos, conduziu pela ribanceira chamada do moinho torto, ahi as deixei pastando com muito socego, pensava eu; e voltei atraz até proximo da Bouça do Silva, brincar com a agua nos es campadinhos que descem para os indicios, ou roinas do antigo moinho torto, que foram justamente esses brinquedos que me tentaram a eu conduzir o rebanho nesse dia para ahi; andava eu ahi represando a agua, e soltando-a a regar os paullinhos, pois era esse brinquedo de todo meu prazer, mas não me descuidava das ovelhas, mesmo porque umas quatro traziam cada uma seu chocalho, e eu no ponto que estava, escutava ainda assim a miudas vezes, ia ver as ovelhas, e ellas lá estavam; bem me enganava eu, se o não estavam todas, e voltava a minha lida de brinquedo na minha tranquillidade, represando a agua no rego em dois e trez logares, para depois ver correr, quando soltasse aquella enxorrada, mas o peior foi que a maior enxorrada veio-me por outro lado; as malditas tinham se desapartado a maior parte, ficando um pequeno bando, onde ficaram as quatro dos chocalhos, que eu ao escutal-os, era o que mais me persuadia, de que o rebanho estava ahi. Tinham ido entrar aos campos da espanadeira comer milho e feijão. Meu pae ou porque estivesse ahi, ou porque lh'o disseram, tocou-as diante delle a procura de mim. Seriam 3 horas da tarde, o dia sereno e claro, no céo nem um farrapo de nuvem se via; eu lidando nesse innocente brinquedo que emfim só é dado ás creanças como eu era. No momento que o meu pensar era só nos verdes paullinhos e nas ovelhas pensando que as tinha muito seguras, sem mesmo eu ter visto elle chegar. Meu pae rente commigo, com uma verdasca verde e comprida na mão, e pergunta-me pelas ovelhas, e eu respondia-lhe que as ovelhas estavam alli, pois pensava mesmo que estavam. E a resposta era proveniente da minha tranquillidade ahi. Ao vèr a verdasca na mão delle, já eu fiquei sem tranquillisação alguma, e para prova, eu ainda curvado sobre o reguinho da agua, elle casca-me as primeiras vardascadas. Se fosse só as primeiras!... Mas o leitor vai vêr!...fez-me seguir diante delle pelo mesmo caminho até ahi a baixada em frente a bouça do Silva, ponto aonde eu tinha deixado as ovelhas, mas de instante a instante, com a vós hostel, preferia a impordente palavra, que das ovelhas; e o que havia de responder; dizia que as ovelhas es-

tavam alli; ainda na mente que o crime seria penas por não estar abeirando ellas, e assim retirado a brincar. Desde onde eu estava brincando essa repetição disendo que das ovelhas, ao mesmo tempo que a preferia descarregar sem dó, pesadas verdascadas umas em cima das outras, debaixo desse tormento, chorando em altos gritos, ao chegar ao ponto onde as deixei, foi então que eu vi, que só estavam ahi um pequeno bando ou manada onde estavam as 4 dos chocalhos, e o outro bando bem maior, avistei elle lá mais longe, que foram os que deram causa a eu ser severamente castigado. Essas malditas, tinha meu pae dexado proximo ás chamadas lages da Silva, para onde sempre debaixo de fortes vardascadas, me fez seguir e sempre com a palavra agoureira, perguntando pelas ovelhas. E a vardascada sempre em cima de mim. Fazia um zunido comparavel ás carapelleiras e ventanias què nos 28 dias do mez de fevereiro sopram do lado da castanheira, e assim me foi tocando para o lado das referidas lages, como nos fossemos aproximando das ovelhas que se tinham desapartado, e elle ahi deixou. Então é que elle mais dizia, que das ovelhas, e continuou ainda mais num fastigar terrivel de vardascadas. Meu pae naquella occasião fundado no direito e rqzão que tinha de me castigar, parecia tornar-se meu algoz. Não havia quem me acudisse. Olhava para os lados, só via os penedos e nada mais. E assim hia subindo aquella arribadinha proximo das lages, sem allivio algum, já quasi sufocado de tanto gritar. Bem me lembrava eu do meu anjo da guarda, Maria Josefa Solteira, que em casa sempre prompta a estender sua mão abençoada por Deus para me acudir. Porém devemos crêr, que no meio de uma afflição, pensando em Deus, sempre teremos algum allivio. Assim me aconteceu, quando vinha subindo, deu de apparecer uma pessoa que vinha dos lados da Bouça Nova; primeiro só a cabeça, depois os hombros. Era uma mulher com uma saia vestida nos hombros approximando-se de nós asselleradamente. Essa mulher era minha avó, Gracia Maria Gomes, viúva desde ha uns dois annos, que de onde estava escutou os meus gritos, e veio em meu soccorro, que chegando perto já dizia para meu pae: -deixe o pequeno; botou-me a mão, e meu pae obedeceu. Leitores; se em algum logar deve existir a devoção á Nossa Senhora da Apparecida, era esse das Lages do Silva, onde devia ter sua veneração. Pois foi sem duvida

Nossa Senhora que tocou no coração de Gracia Gomes, viúva minha avó, para me vir ahi acodir. Em tempo corria como lenda popular, dizendo que quando São José se retirou com Nossa Senhora de Belém de Juda, fugindo a perseguição de Herodes para o Egypto, por sua vez os soldados de Herodes iam em seu encalço. Chegando a um logar onde a estrada se dividia em duas, não sa viam qual era a que seguia para o Egypto, por onde tinham fugido os fugitivos. Então diz a lenda, que andavam ahi cabras e ovelhas, e os soldados não tendo a quem perguntar, perguntaram ás ovelhas. As ovelhas, diz a lenda, que lhe disseram quaes das estradas era a que seguia para o Egypto, facillitando a perseguição. Mas as cabras diz que diziam do outro lado: mentes...mentes...Dizia-se então, que as ovelhas eram por causa disso, amaldiçoadas por Nossa Senhora, e as cabras que não são. Para mim, as ovelhas desde aquelle dia ficaram mais do que amaldiçoadas.

——Mais peripecias de minha infancia.

Sabeis leitores de Villar do Monte, que ahi pelos annos de 1845 a 46, haviam em Barcellos, e creio que em outras cidades e villas, uma ordem de soldados, que esse fardavam côr de pinhão, lista verde de lado de alto a baixo na calça e no canhão da fardeta, hombros e bonet de viseira armados de carabina. Não sei se eram exercitados millitarmente. Esses homens andavam pelas freguesias a procura de contra bandos, que eram nesse tempo certos tabacos e sabão gallego. Algumas vezes vieram á Villar do Monte, andavam pelos lavadouros, vendo as lavadeiras com que sabão lavavam. Algumas vezes os vi chegarem aos lavadouros de Ballinhos e fonte de aldeia, era conhecidos pelos malsins do sabão. Neste ponto algumas linhas que vou escrever, pareceram aos leitores de Villar do Monte, e a quem lêr sem importancia, mas preciso de as escrever, para chegar ao ponto que desejo. Os leitores de minhas memorias, principalmente os de Villar do Monte, lhe dou a saber, que essa propriedade, que na antiguidade foi bouça das Sarafinas, e a uns 28 annos minha. Essa propriedade, em minha infancia, tinha castanheiros por todos os cantos e beira corgo, e sobre todos os vallos. Foram vendidos por meu pae pae, castanheiros para a construcção de uma importante casa, em fonte bôa, do importante lavrador da mesma freguesia, denominado o Basquinho, e ainda para outra construcção, do opulento lavrador da casa dos do souto de São

Chadio de Curvos, e ainda para uma outra do negociante de fazendas, Manoel do Affonso de Barcellos, para uma casa que mandou construir em sua propriedade proximo á igreja de Fragoso, além de mais que foram vendidos por outros. O ultimo castanheiro que dahi sahiu, o ultimo que existia, o menor, foi vendido ao Snr. Sebastião José do Val Botas, para o Barracam de um engenho de amassar linho, que elle construiu para ser movido a força de bois, ainda lá deve existir. Tinha uma, mas carcomida apodrentada no pé. Com ella foi collocado na obra. Em quanto ao negociante o Affonso de Barcellos, creio que meu pae lhe vendeu esses castanheiros a troco de alguns covados de baeta crepe, e de uma fazenda que se chama varas, uso desse tempo. Veio elle á Villar do Monte ver e comprar os castanheiros, e tratou com meu pae a conduzil-os á igreja de Fragoso, onde tinha de construir a referida casa. Nesse tempo se viajava pela antiga e velha estrada. Meu pae do primeiro carreto, levou-me com elle. O castanheiro foi collocado no carro sobre altos malhaes. Entramos ahi na estrada, ao nixo das almas em frente á estrada na portellinha, que nesse tempo ahi estava, e fomos bem regularmente por essa estrada a passar ao Benedo do Ladrão, e a antiga cansella da portella de valle longo, hoje Feitos. O castanheiro era muito longo, chegava por cima do jugo dos bois, um pedaço grande, e a cauda que fazia além de trazeira do carro, era enorme. Passado a cansella nessa estrada, ou descida até onde era o antigo ferreiro dos Feitos. A estrada era toda preparada de calçada de pedra. O castanheiro, emquanto foi descido, ia com a cauda rouçando na calçada, e a cada instante focinhando os bois, que de vez em quando beijavam a superficie. Fomos indo até passar lá o fim das agras dos Feitos, a antiga cansella do Sião ou cião, como lhe chamavam. Quando hiamos passando a meia dessa gandra, ou monte entre os feitos e Santo André, quebrou um arco de segurar boi e o jugo ao carro, porque talvez já viesse fendido pela força que os bois tinham suceptivelmente feito, quando a cauda do castanheiro ao rouçar na calçada da portella os afocinhava. O arco quebrou, e diguemos a verdade: a ignorancia de meu pae, ou porque confiasse demais na mansidão dos bois, motivo porque não lhe occorresse á memoria o perigo que podia acontecer, cometteu a falta de não perver o perigo. Mandou-me ficar alli adiante dos bois com a mão na soga, e disse-me, que ia á Santo André pedir emprestado

um arco. E deixou-me os bois opposto ao carro, tal como vinhão, e seguiu. Desappareceu sumindo no declive da superficie. D'ahi as primeiras casas de Santo André, eram bastante longe; os bois estavam ao carro, porém um estava sem o arco, só com o jugo do lado delle no seu logar. Meu pae demorou demais; os bois depois de estarem muito tempo parados, principiaram a estarem inquietos, agitando-se em desasocego; com o agitar, o jugo do lado do boi, sem arco foi escapulindo. Eu metti o meu hombro debil ao castanheiro que passava por cima do jugo e de mim bastante. Pois que o peso por pouco tempo era sustentavel, em vista de me ficar mais ou menos no nivel balancial do carro aonde pesava e mesmo auxiliado pelo outro boi, apesar de ficar mais baixo, que ainda estava sustendo o jugo e a cabeçalha do carro, que tudo se prendia amarrado com a corda ao castanheiro. O boi que eu substitui, mettendo o hombro ao castanheiro, ficou de lado enlaçado a soga, bem socegado; mas eu não podia sustentar muito tempo. Meu pae não apparecia, lançava minha vista, já em lagrimas para todos os lados, não via uma viva alma que me acudisse em semelhante afflição e eminente perigo. Ainda assim concorria muito em meu auxilio a mansidão dos dois bois. Mas o tempo foi sendo demais; eu chorando por quem me acudisse, nem meu pae me apparecia, nem pessoa alguma; eu já não podia mais continuar nessa triste posição, tanto tempo sustendo ao meu debil hombro, o celebre e sempre lembrado castanheiro. Não podia mais, as minhas franzinas pernas já pareciam dois vimes vergando. Meus gritos afflitivos do meio daquella gandra enorme ninguem os ouvia; estava quasi no ultimo instante de deixar cahir o castanheiro; ahi o perigo de me apanhar, ao assustar do boi preso ao jugo. Mas a maior certeza era esganar o mesmo boi, pois ficava com o jugo preso a elle e o castanheiro, e a cabeçalha do carro tudo derrubado embaixo, e tudo preso a elle, não era possivel escapar. Neste ponto nos vão apparecer transformados em amigos, aquelles malsins do sabão que eu vi chegar aos lavadouros de Ballinhos, e seguir para a fonte d'aldeia a procura de contrabandos. Leitotes, não escrevo exaggerações, meu pae não apparecia e eu estava em sinistra posição, estava no maior perigo. Chorando por não haver quem me acudisse, quando nesta afflição, principiei a escutar um rumor, como de falas de homens, eu estava com as costas para esse lado, e não podia vi-

rar-me; desse lado a superficie apresentava um declive, depois de pequena distancia, que descia para uma pequena corrente da agua, que ahi passava de lá não se enxergava onde eu estava, nem eu que poudesse virar-me, poderia enxergar lá pessoa alguma, pois o logar onde eu estava, não deixava ver lá no corrego quem passava. Emfim, que esse rumor ia me suando nos ouvidos, sem eu ver quem rumorisava; emcoberto na baixada num carreiro pela veira da agua, cada vez mais para cima, e me ia ficando mais longe. Neste comenos, quando o mesmo carreiro por onde elles seguiam, os conduzia por uma pequena arribada, a desviarem-se da corrente, a subir ao ponto onde me ficava, a superficie, embora um pouco longe a descoberto, ahi é que me certifiquei de que o rumor que me fazia escutar lá da baixada era fala de homens. Quando eu vejo surgir aquelle poder de homens todos de carabina ao hombro seguindo avante pelo caminho de Barcellos, ficando-lhe eu já um pouco retirado na retaguarda. Estava chorando, mas não me escutavam, queria gritar por elles, mas não sei o que era que me entupia a vóz; mesmo porque em minha menor idade tinha medo de soldados, porisso como creança, mais se me incutia o medo delles de que a provalidade de me virem acudir, mas não foi preciso, o caso permittiu de um delles olhar para traz. Foi esse a quem a divina providencia destinou vir me acudir, quando o perigo em ultimo trahze. Viu-me e disse em vóz compassiva:-Ai, um menino em perigo. e correu para onde eu estava em vertiginosa carreira, e os companheiros vieram após elle, já todos de carabina na mão. Chegaram ao pé de mim, jogaram ellas em terra. Um ficou logo por de traz de mim, e tomou em seus hombros a trave; outro arranca a chavelha da cabeçalha onde estava o jugo encostado, e ainda outro arranca a partizella da sugadura do jugo, pondo o boi que me era companheiro á tragica scena, em liberdade, e um outro tira fóra do alcance do carro, presos pela soga os dois bois, e desceram em terra a cabeçalha do carro e a trave, pondo o jugo dos bois de lado, e entregando-m'os novamente presos pela soga, e perguntaram para mim:- Quede teu pae menino. Resposta minha:-Meu pae foi pedir um arco á Santo André. Sabemos que Santo André não tinha arco algum para dar ou emprestar, mas sim algum lavrador, meu pae assim m'o disse quando seguiu, e eu assim respondi a elles; sobre minha resposta disseram elles:-teu pae é muito desmazella-

do; quem deixa uma criança arriscada a perigo destes, não tem juizo; a minha idade era de uns 9 annos, os malsins como lhe chamavam o povo, olhavam para mim com ternura, tiveram dó e pegaram nas carabinas e foram embora. Se isto não foi um milagre. Eu não deveria acreditar d'ahi por diante que mais milagres houvesse. Já elles poderiam estar perto dos Feitos, é que chegou meu pae; viu a transferencia que havia e perguntou o que houve: contei-lhe o que se passou, parece-me , não sei que não deu grande importancia. Leitores, como já disse, na minha narrativa aqui escripta não é exageiro a tragedia que se passou n'esse lugar ~~desatou~~ commigo, é a pura verdade. Eu estava na maior afflição proximo a um sinistro lugubre, esse rumor surdo que eu escutei n'essa hora angustiosa, pudesse crer que eram uns 15 a 20 amigos que a Divina Providencia, n'esse momento angustioso determinou vir me salvar da situação sinistra em que eu estava. Esses homens no que me fizeram,mostraram serem piedosos e de bons sentimentos. Mas a maldicta posição que elles exerciam, talvez por não obter outro modo de vida, lhe acarretavamo odio e o rancor de todos os povos. D'ahi ha pouco tempo, ou esses ou outros ou todos, foram a freguezia da Pousa, por denuncia que tiveram de um contra-bando. O povo dessa freguezia revoltou-se contra elles em campo livre, elles deffendiam-se optimamente, porem, vieram sahindo da freguezia. As antingas vendas da Pousa, que nesse tempo era por ahi a estrada, depois de ahi passar descendo ahi na Quingosta funda, que ahi ficava proximo as vendas. Os inimigos ficavam-lhe por cima do vallo, elles não se podiam defender como lá no centro. Foram ahi mortos uma porção delles, entre esses um tal Joaquim Parauta, e um outro por apellido o porta nova, e outros que não me recordo. Direi mais, afim de meus caros leitores saber como meu pae facilitava empregando-me de tão tenra idade os bois e o carro, embora desta vez não corresse perigo. Era costume na casa onde nasci, e em todas mais. Nos mezes do outono cortar ou cegar aquella gramma, ou milhão por entre os milhos no campo, ou por onde houvesse, para vender as quintas-feiras em Barcellos. Pois que eram bons elementos substanciosos para nutrir os animaes cavallares, e por isso um dia de quinta-feira, tendo-se cortado na vespera um carro dessa herva prompto,elle meu pae fez-me seguir de

manhã, antes de nascer o sól, sósinho conduzindo os bois com o carro carregado de milhão, não sei que meu pae tinha a fazer em casa. Disse para mim: vai e toca depressa que o carro não tomba, ou disse elle, não se emborca. Ora, eu segui; o mandado de meu pae era executado a risca, tocava os bois depressa; disse elle que me seguia logo, e que me alcançava. Passei ahi o rio de Basco, pois que era por ahi o caminho; não havia ponte, se a tem hoje deve-se a mim. Chegando a venda da cabra escutava-se descendo a estrada, já da portella para baixo e alguns já entre as espanadeiras. A cantiga chilriante de enorme quantidade de carros como de costume sempre mais as quintas-feiras, de que em outros dias, A estrada seguia como tenho dito, pela cruz, ou marco da vénda, das espanadeiras. Os de villar do monte não entravam ahi. Seguiam o caminho que sempre houve para os carros de villar do monte, e alguns de villa cóva. Ahi por donde hoje é o travesso da Bouça do tulla, a entrar na estrada as penadantas pois para povo da freguezia que tivesse de ir sem carro, era n'esse tempo sua estrada pela gandra passarem em frente a hermida de Nossa Senhora do Tempo e Boa Morte. Voltando as penadantas, a estrada real, como lhe chamavam n'esse tempo, atravessava ahi para os queijeiros alta reforçada entre dois vallos, ou para-peitos. Cujo um desses vallos ainda deve existir ou outro com toda terra da estrada. Foi mandado derrubar por Domingos de Rego de Santa Leocadea, depois que comprou a panelleira da Barziella; essa propriedade, ahi atravessei eu com o carro de milhão a passar como era, ahi por baixo dos queijeiros; rente ao vallo da Bouça da estrada pois tem esse nome por estrada passar ahi. Onde lhe era submissa a Bouça de Braz. D'ahi seguia por entre dois muros ou paredes fortes, que dividiam o campo do cachada e um outro. Ainda deve existir uma dessas paredes, por onde seguia entre essa e a que desappareceu a estrada, que depois descia ahi por entre pedreiras e ia encostar as cercanias da quinta do Sardoal. Assim eu ia n'essa estrada tocando os bois com mais ou menos ligeireza, passando as possas do Nassiso. Assim chamavam porque foram de Nassiso, mas depois tambem se chamava possas do Sardoal. Segue-se que logo que passei ahi, mais abaixo um pouco, alcancei 4 carreteiros; como eu precisava ir ligeiro quiz passar pelo lado, e não me deixaram. Foi indo mais

adiante, encontrei no caminho que se desviava da estrada para voltar a entrar n'ella mais adiante, desviei por esse caminho para depois ficar adiante delles mais fui infeliz, que o caminho estava escavado das chuvas, e formava ahi um despinhadeiro, e apezar de meu pae ter me dito que o carro não tombava nem borcava, mas elle n'esse pequeno espinhadeiro tombou até ficar com as rodas a espiar o sól da manhã. Os carreteiros que viram da estrada o carro tombar, levantaram a dar rizadas, e seguiaram embora, e eu ahi me deixei estar diante dos bois, maís o cantico chilrate da carraria que eu tinha escutado na estrada entre as espanadeiras, quando passei na venda da cabra. O mesmo vinha approximando-se de mim, emfim que foi esperando um pouco, e ahi foi chegando aquelle sussurrar de cantico de carros. Uma quantidade enorme, todos cobertos com lençóes de linho. O que vinha na frente era um velho muito parecido com o Snr. José Rodrigues da Cunha, que a esse tempo vivia. Então esse velho ancião que parece que ainda estou vendo diante de mim. Parou ahi o carro delle, pararam todos; então diz o bom velho: ó rapazes vinde cá: vamos endireitar o carro d'aquelle menino. Quem sabe se um dia ainda elle nos será preciso. Então veio elle e os outros, mas não todos; os que estavam mais longe não eram precisos virem. Metteram a hombro ao carro endireitaram-o n'um instante. Apertaram mais a corda e empararam-mo até entrar na estrada, e segui tocando depressa. Quando cheguei em frente a casa de Felis Peixoto, ahi me alcançou meu pae, contei-lhe o acontecido, que os carreteiros não me quizeram deixar passar, que o carro tombou, e que em paga se tinham rido de mim. Meu pae respondeu-me: vamos de pressa, vamos alcançal-os, que eu quero passar diante delles. Emfim eu ia diante dos bois, e elle ficou de traz botando a mão ao carro, e tangendo os bois, de modo que o carro ia em balanços, tomba não tomba por aquellas calçadas. E fomos alcançar os 4 carreteiros, passado a capella de Santo Amaro, debaixo de umas latas que ahi existe. Meu pae não fez deu satisfação alguma, fustigou os bois, e fez seguir o carro pelo lado, e passou diante delles todo ofanno, e provocou os homens carreteiros, dizendo-lhes mais ou menos essas palavras: oh! meus amigos, o meu filho passou a frente dos senhores, querem agora alguma cousa delle, a occasião é opportuna. Eu estava vendo que a mos-

tarda derribada dos varapáos debaixo das ramadas de vides onde nós estavamos, que ia principiar a ser derramado, porem deu em nada. Os homens não respondenam a meu pae nem uma palavra; não deixavam, talvez de estar arrenpendidos por não me terem endireitado o carro; não porque fosse de seu dever, mas por humanitaria condecedencia com uma creança. Receio que meu pae os vencesse, tambem por certo não deviam ter, sendo meu pae sósinho e elles 4.

Determinava escrever mais peripecias ou passes, mais interessante de minha vida, porem deixo de escrever todas, porque daria por isso mais uma immensidade de enfadonha escripta. Vou escrever apenas uma. Pois o quanto estas ultimas que acabo de escrever, tem de dolencia e humilhação. Esta vai ter de garbo, arrogancia e enthusiasmo:

Eu na idade de 18 para 19 annos mais ou menos no verdor da idade, segundo periodico da vida, edade que adimite pelo verdor e força de sangue o namoro sexual. A esse respeito encontrei-me, por um acaso n'um dia de Agosto ahi no alto da levada, ou romano com Custodio José Gomes, a quem chamavam Custodio da Feiteira. Principiamos ahi como do costume em conversa, era n'um dia de sabbado a nossa conversa versou sobre namoros, a respeito de moças bonitas. N'esse tempo a moça bonita que estava por ahi mais na bailla, era nos feitos a Rosaria da eira de baixo, que depois desceu mais para baixo que veio para villar do monte. Custodio Gomes, apezar de que tinha bem mais idade do que eu, tambem namorava; pois era solteiro porem eu é que estava no meu mais agudo periodo. N'essa conversa trouxe elle a colleção, que no logar de Real de Abbade do Neiva, havia uma moça de idade de uns 15 annos, e que era bem mais bonita do que Rosaria da heira de baixo. Perguntei de quem era filha. Resposta: é filha de José da Costa. Repeti: já Tem namorado? continuou; tem, é um tal fidalguinho; filho de um tal Franciscquinho de Santa Leocadia. Leitores os meus namoros por esse tempo, eram mesmos na freguezia de ha tempos que dezejava ser canditato a uma namorada em qualquer outra freguezia. Pois que me parecia que na qualidade de namorado me collocaria em muito maior altura do que actual. Mas não me agradava muito elle dizer-me que o namorado dessa menina era fidalgo, Pois persuadia-me de que não me cus-

taria pouco vencer a candidatura contra um simples rival, quanto mais além de rival. O poderio de fidalguia, não me cabia muito no possivel; Custodio Gomes, que era meu parente, com essas palavras que me disse, afim dessa linda menina. Me incitou, e eu desde logo firmei minha tenção de lá ir; pensava eu de mim mesmo, que ~~se~~ me podera acontecer; poderia me acontecer a moça não me acceitar a corte, ou vir de lá com as costas amolentadas, de alguma carga de páu. Mas isso não seria tão facil ao meu rival, pois eu já me tinha achado em algumas brigas, e não tinha ficado mal. Decidi a lá ir; no dia seguinte Domingo, de tarde, hora em que os gados nesses meses do estio são appacentados pelas Bouças e pantanos.

Fui nessa tarde amena floripha,
Entre aromas da madre silva;
Conquistar d'uma meiga nympha,
O pudor, e face, donaire, e Diva.

Era uma dessas tardes pitorescas de Agosto, quasi sempre successivas da menoidade, correntes a terceria estação do anno, sempre aprazivelmente deleituosas, coecidencia essa da minha ida pella primeira vez ver a pretendida namorada, e nesse tempo e nessas tardes, que quem caminhar por esses caminhos das povoações aldeianas, encontra em qualquer lugar arrumado ao lado dos caminhos, essas poças onde os moradores represam as aguas, para regar os milhos; aguas que por esses lugares são tão nitidas e transparentes, que quando as poças estão em transbordam mais parece um acervo de crystal, ou prata do que esse manancial, a que lhe chamam agua. E' bello em dias quentes e claros, sem nem um farrapo de nuvem no céu, que o grande astro, rosa fulgente, incute mais alegria as avezinhas que as faz rir em horas já cadentes, a tona dessas aguas, pularem inriquietamente rebulindo as azas e tomando banho. E assim o caminhante seguindo por essas estreitas quingostas, por onde a silva florida e nativa, e os milhos a esse tempo embadeirados, de onde aonde a nativa marsella e gramina. Tudo isso nesse tempo e nessa tarde faz sentir a quem passa, a mais suave exhalação perfumavel e aromatisada, foi entre esse es-

mero caprichoso da natureza, que eu cheguei ao lugar de real, chegando ahi indaguei onde poderia encontrar o ente que levava no sentido. Disse-me essa pessôa: pois era uma mulher, que a menina tinha sahido de casa de seus paes pastorando os gados, a poucos instantes, continuei: não me sabe dizer para qual propriedade ella foi, ou para que lado seguiria? Respondeu-me: que lhe parecia ter seguido para uma Bouça, que ficava logo ao fundo do lugar, ou pequena quinta da familia de quem a menina fazia parte. Segui o caminho por onde me ensinaram, era ahi perto, d'ahi uns 4 minutos já estava vendo-a. Não a conhecia, mas pelas informações que me deram, e por todos os mais dados, não podia ser outra. Fui feliz. Pois que ainda estva sósinha, fui me aproximando, dirigindo-lhe as boas tardes, em gallantejos, com mais ou menos delicadeza. Lisonja namoravel, correspondeu-me? Vi que sua gentileza era reflexo de uma alma candida, tão airosas eram as ondulações de seu pescoço gentil, sustentando a formosa cabeça moldurada profusamente de lindas tranças. Mas o que tinha principalmente, o que n'ella mais captivava, era esse indefinivel encanto, que dava prestigio ao meu olhar. Prestigio a minha vóz, prestigio a irradiação de sua fronte limpida; era tudo isso feitiço ethereo. Emfim era um conjuncto de bellezas, de traços harmoniosos, effeições e formas perfeitas correntes aos 15 annos de idade, levava commigo uns 2 ou 3 cravos vermelhos, flores alentavel, para com esse alento penetrar e avivar um amor duradouro a dois namorados que se viam pela primeira vez. Levava-os d'um lado no bolso do paletót, tirei dois do mesmo bolso, e pedi-lhe ter a fineza de os receber em suas mãos, como signal da primeira vez que nós viamos; acceitou a offerta. Recebeu em suas mãos com tal o qual agradecimento. Emfim foi acceitando a côrte requestavel e ficou pegado o namoro. Trazia na mão uma fina vardasca sem tona ou casca, côr amarella aguilhoada de fino e minimo aguilhão. Para fustigar, ou tanger os gados quando preciso fosse; e assim principiamos o nosso requesto amoravel. Mas leitores, em vista desse conjuncto de bellezas, e olhando a certa modestia da minha parte, era caso para lhe dirigir a seguinte canção, que segue:

Tu de certo que não sabes,
O valor grande que tens;
Se soubesses me olhaves,
Sem amôr e com desdens.

E assim estivemos até o findar da tarde, nessas conversas requestantes, querentes de dois namorados, que se viam pela primeira vez, sem que fosse encommodado pelo meu rivar, o fidalguinho como lhe chamavam. Não o vi. Si por ahi andava, não quiz vir a presença n'essa tarde, que já estava cahindo. Pois já esfumavam no horizonte, essedes dobravam as primeiras sombras noturnas. Já se viam pouco a pouco os objectos perderem, os seus contornos verdadeiros e assumirem as formas vagas de crepusculo, pois que o sól deixava a tarde calma e quieta, e escondia-se de tráz do morro de S. Mamede. Manifestando-se em ontes a sombra já bastante escura. N'essa cordilheira desde S. Miguel ao anjo em carapeços, até ao mesmo morro. As aves já esvoaçavam de uma arvore para outra, tomando pouso para passar a noite, vamos embora, pois vamos. Viemos vindo até aos portaes de José da Costa, pae da minha recente namorada, que já estavam abertos, e os gados lá foram recolhidos por outras pessôas de casa, e nós ficamos a nossa vontade conversando fóra dos portaes, e ahi estivemos algumas horas. Pedi-lhe se poderia lá voltar no domingo seguinte, disse-me que podia ir, e que me esperava. Leitores, estas palavras eram me ditas já em horas adiantadas da noite, qual seria a tua alegria n'um caso destes; a minha não foi alegria, foi delirio! Vi-me embora satisfeitissimo n'um inthusiasmo sem limites. Como o meu rival fidalgo que não tinha apparecido para me encommodar toda a tarde, receiava que me esperasse, elle e alguns as portas de surrei onde eu tinha de passar. Porém, figurava-se-me, e talvez me enganasse que no caso desse encontro pelo caminho. A coragem que eu trazia da beira dos portaes de José da Costa, que não haveria que me pudesse resistir. Mas afinal passei ileso, sem que ninguem me encommodasse, cheguei a villar do Monte sem novidade alguma. Estava-me reservado para outro dia. Os seis dias dessa semmana que tinham de passar d'ahi até o domingo seguinte, me parecia ter de pasar seis mezes, pela vontade que tinha de voltar para conti-

nuar o namoro. Effetivamente, no domingo seguinte as mesmas horas, lá voltei, e tambem fui feliz. A namorada cumpriu a risca o que tinha prometido. Tornou a acceitar-me a côrte, e conversamos a tarde toda até as mesmas horas, como no domingo anterior. Ainda sem eu ver o meu rival, e não houve novidade alguma. Mas eu andava receioso, no domingo seguinte, terceira vez que eu lá ia, parece que fui mais cedo alguma meia hora, cheguei a casa de José da Costa, e achei a filha, minha namorada tocando os gados pelos portaes aforapara a pastagem . D'essa vez o destino dessa, foi de ir mais longe pastar os gados, seguimos ahi por um lugar chamado arroteia, onde morava João dagada. Ahi principia uma quingosta estreita e longa, por d'onde descemos até dar n'um largo, proximo a agra da Barzia, terras da silva, ahi passamos de traves n'uma quingosta, entre a Barzia e Agrinha, para do outro lado os gados pastarem ahi n'um pantano bem proximo a Poça da mouca, assim chamada. Era n'essa tarde que eu tinha de pagar a minha audacia, com uma carga de pau no lombo. Estavamos ahi conversando quando de repente um individuo de chapéo de aba baixa e larga pulla a parede de uma bouça ahi proximo, e vem passar pela beira d'onde nóz estavamos, quando eu o vejo vir, disse commigo mesmo: será agora que esse sojeito me virá agredir. Fiquei de promptidão para o que desse o viesse. Mas dessa vez não houve nada. O homem veio passar proximo a nós , e fez um gesto como a côrtejar, que mais pareceu desdenhando. Resmungou e não o entendi. Desde que elle ia lá mais longe, perguntei a minha namorada: quem é aquelle individuo? respondeu-me ella: É ahi da freguezia do Silva. Leitores eu fiquei pensativo, por me ella dizer que era da Silva; pois n'esse tempo, haviam ahi uns taes que se chamavam os cachadinhas, é um filho do ferreiro de Mozelhe que eram capazes de tirar os figados a um qualquer, se não vieram esses, vieram outros, que o meu rival fidalgo convidou para o ajudar. A tarde foi passando e chegou a hora de ir embora. Suposto que mais cedo, pois estavamos mais longe de casa do que estavamos nas tardes anteriores. Voltamos pelo mesmo caminho, pois que não tinha mais outro. pela mesma quingosta entre a Barzia e a Agrinha, passar no mesmo largo que tinhamos passado quando fomos Ao chegarmos ao largo encontramos ahi uma velha da freguezia

da Silva, olhando seus gados, Essa velha chamava-se Josépha de Moselho, mulher do ferreiro de Moselho, e mãe de um d'aquelles valentões de quem eu tive receio que o meu rival convidasse em auxilio seu. Essa mulher me conhecia, pois eu da idade de uns 15 annos tinha estado nessa freguezia, visinho d'ella. N'esse tempo e como visinho tinha-lhe eu moralmente, e affeiçoadamente, cahido em graça. Desde quedella sahi poucas vezes nós encontravamos; mas quando succedia isso era uma conversa por vontade della sem fim. Era o que ia succedendo quando chegamos novamente a esse largo; Era mulher de bastante idade dotada de simplicidade, por isso a conversa que sustentava commigo não admittia figurados, tinha-me apenas amizade por isso e como simploria, quando ahi cheguei junto com a minha namorada ella não poz duvidas em nos enterromper com as conversas della, e ao mesmo tempo os gados della e os de minha namorada principiaram a brigar, mettendo os chifres uns aos outros; ella não se importava, continuava a tagarellar conversando commigo e eu pouco satisfeito. Pois trazia em minha companhia com quem conversar, conversa que me agradava bem mais do que a della. Mas o caso foi outro; é que ella pegada nessa conversa, já para mim agourada pois não largava de tagarellar. E nesse entreter a minha namorada teve de apartar-se de mim, afim de separar seus gados dos della, que andavam brigando; e ella sempre tagarellando. Mas lá desviada de mim, não a minha beira, ora eu como aquelle individuo lá no pantano passou por nós com ares carrancudos, e quasi agressivos por certo a ver se eu estava bem armado para luta que iam travar commigo. Em vista disso não estava para conversas, a não ser com quem trazia em minha companhia. Precisava estar ativo sem embaraço algum; como de facto n'esse momento vi sahir 6 homens armados de páu mas uns dois de sacholla, fez me lembrar os malhadores do centeio; estavam agachados escondidos detráz d'um vallo de terra, cercania de uma bouça ahi um delles era o meu rival fidalguinho, Pensei que elles vinham direito a mim, e que o momento seria funesto; pois eu estava sósinho e elles eram 6; mas não. Foram direito a minha namorada, e rodearam-a na occasião que ella se apartou de mim, e apartava seus gados dos da mulher da Silva. A probabilidade era elles agredirem na occasião que eu fosse passando proximo a elles. Mas como succedeu ser preciso desviar-se

de mim. A razão aconcelhou-os cercarem a moça a ver se eu com isso ficava atemoriado e fugia para villar do Monte, e ficar por isso mesmo. Se o sentido delles era esse. Enganaram-se bem, eu trazia commigo uma vara de marmelleiro encorporada. Ao vel-os cercar-me a namorada fiquei de veras furioso. Parecia-me já não saber aonde estava. Os cabellos da cabeça me levam o chapéo para o ar, ainda mais para augmentar a minha ira, a tia Josepha de Mo[illegible]zelho, não deixava de tagarellar, era tão simploria que não conhecia a fronta e menos prezo, que esses homens me estavam fazendo, cercando-me a namorada com quem eu tinha chegado ahi conversando. Fiquei-lhe com raiva, principiei a dar os primeiros passos para o lado delles, e ella tagarellando, e eu já com o meu juizo perturbado e a minha cabeça sobre os hombros já me parecia fogo, já só dizia para ella sem entender. Adeus... Adeus... adeus... já só me importava como havia de vingar a minha afronta teve impetos de mesmo sósinho como estava de romper aggredil-os no acto, sujeitando-me a ser vencido. Mas não seria sem honra, pois era um só contra 6. Mas reflecti. Fiquei um pouco a sangue frio, a minha namorada estava tocando os gados a tiral-os desse largo, para os encarreirar a entrar na quingosta, por onde tinhamos descido que ahi principiava, e vae até as casas de Real. Achava-se ella entre dois; um que não era conhecido de mim, o outro era o meu rival fidalguinho; este dirigia-lhe galantejos e outro auxiliava, dizia com elle. Os outros 4 ficavam de lado guardando. Neste commenos antes de entrar na quingosta, eu pensei e pensei bem. Disse eu commigo mesmo: é a terceira vez que eu venho namorar esta menina, não sei ainda ao certo se ella me estava firme. Vou deixal-os entrar na quingosta. Se eu vir que a namorada acceita de novo a corte ao antigo namorado, nesse caso vou me embora e não volto aqui mais. Mas se eu vir que ella lh'o não acceita, então eu entrarei em briga com elles, e se for vencido; era uma vez um homem que apanhou uma carga de páu. Deixei os entrar na quingosta, os dois em frente um do lado e um do outro, e a moça no meio, pois elles não deixavam, não os provoquei até concluir esta observação, que me deu o seguinte resultado, a minha namorada desde o meio do largo onde acercaram, não lhe admittia conversa alguma. Queria fugir delles elles não a deixavam, desde que entrou na quingosta entre os dois e os quatro que a seguiram,

apezar de tantos gestos galantes requestos, não lhe respondia uma palavra. Com a fina vardasca, aguilhada que trazia fustigava os gados na estreita quingosta, para mais se desviar delles; foi em vista disso e já depois de termos andado bastante quingosta, que eu sahi com o seguinte lance; sem os ter provodado, nem dado palavra alguma; fez-me a marmelleira, virei as costas ao norte contra parede da quingosta, e disse estas palavras, embora grosseiras: oh! meus amigos, onde é a malhada que tambem lá quero ir. E de um ou dois pulos, coberto com a parede tomei-lhe a frente. Fel-os recuar mais ou menos uns dez passos, ahi elles firmaram queriam-me fazer recuar a mim. Mas recuar não sabia, foi ahi onde me desembaracei a fazer zunir a marmelleira, por onde lhe póde chegar mas já eram só tres, pois os dois da vacolla, e um dos outros quando eu os fez recuar retiraram por um vallo acima. Não esperaram mais, deixei-os e vim a toda a pressa alcançar e retomar a namorada que estava demorando-se a ver o que se passava no fim da quingosta no logar de roteio, em frente a casa de João da Gueda. Segui a mais ella até aos portaes como de costume; da casa de seus paes, e ahi esteve algumas horas como das outras vezes. Pedia-me ella que ficasse lá aquella noite, que aquelle e mais alguns que elles convidasse, me poderiam esperar as portas do surrei. E que eu não podia resistir-lhe; eu naquelle enthusiasmo e ufania em que n'aquella hora estava, embora persentisse meu pensar o contrario, disse para ella: olhe menina, aquelles a quem agora fez de desbaratar eram 6, sendo como aquelles podem vir mais 6, que me não fazem recuar. Respondeu ella: deixe-se disso, durma em nossa casa que meus paes e todos nós sabemos quem o Snr. é, e gostam de si; e por isso póde ficar a vontade, que necessidade tem o Snr. de ir sugeitar-se a um perigo? ficou bem de esta, póde ficar mal de putra . Respondi eu: pois por isso menina, no caso de elles esperarem-me, que creio que não; mas nesse caso é preciso apparecer-lhe, para não dar logar a elles poder dizer que dormi em sua casa por ter medo delles. Apezar de todas as estancias de minha namorada, eu não cedi; eu fui embora para villar do Monte; não encontrei ninguem; e fiquei ahi para esses lados com fama de valentão. Quando eu não prestava para nada, diz o proverbio: quebra boa fama, deita-te na cama. Continuei a lá ir namorar essa me-

nina, e logo me relacionei com seus paes e seu irmão, que era só um, e suas irmãs. Apezar de seu pae já de muita idade, d'ahi a pouco tempo falleceu. O meu namoro com essa moça prolongo-se uns quantro annos mais ou menos. Ia namoral-a quasi todos os domingos, ia de noite as espadelladas, aonde ella fosse, em companhia de suas irmãs. O chamado ~~[illegible]~~ de lavradores da Silva, Carapessos e S. Leocadia, no tempo de inverno, e noites compridas, ia lá aos saraús passar essa parte da noite em companhia della, sua mãe e suas irmãs, Fiando nas rocas, em dias de tirada ou juntar os estrumes, que alguns lavradores usam fazer a noite um festim; pois que em casa delles era uso, ella mandava avisar em villar do Monte para eu ir assistir essas festas. Mandava pessoa de sua confiança ao logar da Barziela falar a Ganga (Mulher) do Villencio ou a mulher do Pinheiro, qualquer dellas eram as que me vinham avisar, o mesmo aviso era tambem quando houvesse espadeladas e esfolhadas. Nesse tempo que eu lá ia aos saraús, principalmente em noites compridas do inverno; demorava-se sarausando com ellas, quasi sempre até depois da meia noite. Contarei o caso que me aconteceu nesse tempo e nessas noites que eu fazia essas viagens aos saráus ao logar de Real. Caso muito natural, mas de forma como soccedeu, em meu proceder que assim eu contava com toda a verdade; e ninguem accreditava. O caso foi o seguinte: tinham me feito mordomo do Santissimo Sacramento, eu e mais 3; a quem se impõe a obrigação de reformar a luz na lampada, todos os dias duas vezes na igreja, cada um os seus tres mezes, Quando eu estava com essa obrigação, pois já me tinham entregado as chaves da igreja, mas como eu me occupava junto com meu pae e familia no serviço da lavoura, mas dos dias até de noite, quem me substituia nesse encargo era minha mãe, que de manhã e de tarde emquanto fosse dia, ia a Igreja tratar da lampada. Aconteceu um dia desses, que o rebanho de ovelhas de casa ficaram nos Montes sem descer em casa. Foi preciso minha mãe ir a procura dellas, não podendo por causa disso ir a igreja. Logo que cheguei que foi já pela noite minha mãe avisou de que não tinha ido a lampada reformar a luz, por causa das ovelhas. Aconteceu n'essa noite, eu ter promettido a minha namorada Thereza em Real, que era esse o nome della, de ir lá a saraú, mas em vista do que succedia, tinha eu de ir pela igreja reformar a luz; mas fi-

cava-me desamão, e já éra um pouco tarde e eu estava ancioso por seguir para Real immediatamente, em todo caso poz a chave da igreja no bolso. Ainda maginando se resolvia ao sair de casa ir por lá. Mas não resolvi: Caminhei para Real. Tinha fallecido n'esse dia a esposa do Snr. Manoel José da Silva, vulgarmente chamado Manoel Berga, que n'esse dia ficou viúvo. Chamava-se ella Maria Joaquina, tinha de se effectuar o enterro no dia seguinte não sabia eu, a que horas. Caminhei como de costume pelo logar da Barziela, não sei que magnetismo me atrahia, que me parecia que voava pelo ar, mas o remorso me ia mordendo. Lembrava-me e dizia commigo mesmo: eu trocar por um compromisso que tenho com a namorada, o meu dever a que prometti cumprir, de um cargo que me confiaram, que mais ~~tarde~~ tem de sagrado do que outra cousa. Isto foi máu. Dizia eu commigo mesmo; mas caminhando sempre n'aquelle andar por demais asselerado. Chegei a Real a casa da viuva de José da Costa, bati como de costume, a porta da cosinha. Pois eu entrava por dentro do eirado, ou pequena quinta, e ia dar ahi. Abriram-ma a porta, foi entrando dando-lhes as boas noites e dirigindo-lhe cortezmente, como de costume, minhas palavras lisonjas, que mais erám finezas do que outra cousa. Sentei-me no meu logar dando a direita a minha namorada Thereza, conversando com ella, e ainda acceitando conversas de suas irmãs e sua mãe, que todas fiando na roca. Estava presentes, mas não me sahia do sentido, o estar por minha causa a lampada apagada na igreja de villar do Monte, e o Santissimo as escuras devido a falta de cumprir com o meu dever. Era uma hora depois de meia noite e eu ainda sentado a lararéia da viuva e filhos de José da Costa. Levantei-me e disse para ellas: vou embora, e tenho de ir pela igreja de villar do Monte, reformar a luz pois tenho isso, a meu cargo, e deixei de lá ir hontem. Disseram: cruzes, o Snr. não tem medo dos defuntos? resposta minha: eu deveria ter medo dos vivos, dos mortos é que não tenho medo algum. E fui expedindo-me dellas, essa noite. Vi-me embora ahi pelas pouças de surrei ; não fazia ou não havia luar, a noite estava escura. Vim direito aos queijeiros, d'ahi a igreja de villar do Monte, chegando ahi no adro tirei a chave do bolso, e para não me assustar de cousa alguma, com a maior rapidez, mettia a chave á porta que era a porta travessa. E entrei de rompante. A igreja estava as escuras, ao dar os primeiros

dois passos, n'aquella rapidez atropecei em terra montoada, e nesse atropello fui cahir dentro de uma sepultura, que ahi estava aberta. Junto commigo cahiu bastante terra, levantei-me de meu vagar apalpando fui a capella mór, a um caixão ou armaria da confraria. Tirei para fóra lumes promptos de cera, e accendi uma vela do altar mor, e voltei ver a sepultura aonde tinha cahido na maior escuridão quando entrei, de vela accesa na mão estive vendo muito a sangue frio, algumas caveiras, canellas por um lado e por outro, sem o minimo susto, nem receio algum. A sepultura tinha sido aberta de vespera, para enterar a referida fallecida Maria Joaquina, que era mãe de toda a Irmandade de Bergas assim chamados., que por ahi andava. Não esperava a sepultura aberta pois não era costume abrir sepultura de vespera do enterro. Leitores, contei este caso assim como o escrevo, a varias pessoas; e no que diz respeito a ir a igreja sósinho n'essa hora da noite. Narrando tudo o que me succedeu dentro da igreja, dizia-me essa gente que poderiam accreditar em tudo quanto eu dissesse, mas menos nisso. Diziam-me elles que a igreja essa hora entre os defuntos, um homem sósinho, que isso não podia ser.

Continuando contarei em épocas mais recentes, alguns episodios, praticados pelos homens, de villar do Monte. Ahi pelos annos de 1845 mais ou menos, um grupo de habitantes de Santa Leocadea, exitados por um tal barbeiro de Barcellos, dono que foi de uma casa e terras ahi na Barziela, para nos Montes sitio dos olheiros Abrir Regos para virar as aguas da Barziella, porem, essa noticia correu em villar do Monte, que uniram e foram ahi um grupo, innutilisaram-lhe as escavações, e seus uzurpadores não dão as de villa Diogo, sahiram d'ahi com as costellas amolentadas. Esta façanha embora de minima importancia era me contada, d'ahi a annos em Barcellos pelo mesmo Barbeiro. Já não era a primeira vez que os de S. Leocadia tomaram páu dos de villar do Monte. Cuja narração vai ser o ultimo desta segunda parte, mas afim de esclarecer os motivos que deram causa a isso. Terei de me desviar longamente do assumpto em que estou, para melhor os leitores apreciar. Já disse em paginas tranzactas, que os povos do antigo S. Miguel do Monte, hoje villar do Monte, que desde que faltaram homens que ahi existiam, esse faziam respeitar, ficaram finalmente sem importancia alguma. Pois ninguem lha concedia, pois que èlles não se sabiam fazer

respeitar, porém tudo tem seu tempo; passado muitos annos, começaram a ter conhecimento e mais criterio, e já viviam com certa urbanidade, isto se observa pela fundação da chamada confraria do sussino, talvez exitados por algum dos vigarios que lhe mandavam para ahi; os conegos da Sé de Braga, veem-se a forma como se congregaram, para viver com[illegible], segundo a moral e civil, cumprindo a risca os actos cultuaes desses estatutos, do que me occuparei minuciosamente na terceira parte. Além disso ficaram mais energicos, já se não deixavam lograr tanto como seus antepassados; parece que não gostavam muito de levar suas questões litigiosas para juizo, a justiça delles mais das vezes, parece que era a de faffe, como farei vêr aos meus caros leitores, o que elles apomptaram aos de Santa Leocadea, em tempos mais recentes, e ahi pelos annos de 1837 mais ou menos; se não fui testemunha occular mas conheci quasi todos os homens que fizeram essa execução, que seu motivo foi, o roubo das Votas dos sobreiraes, para dar algum espirito ao acontecimento. Farei vêr aos meus patricios de Villar do Monte, a grande quantidade de sobreiros que por ahi havia nesse tempo. Os montes dessa freguesia, era tudo maninho, ou valdio, quer dizer aproveitavam-se delle, da freguezia, quem quizesse não havia baixada, ou ribanceira; onde não houvesse sobreiros. Embora se torne a narrativa em opportuna, vou dizer por onde me recordo haver em Villar do Monte sobreiros e carvalhos no valdio e dentro de paredes, e outras em sitio que me informavam. Principiarei no logar da Gandra. Nessa baixada de um terreno que a junta de parochia de 1880 mais ou menos, destinava para largo e veneração da capella de Nossa Senhora do Tempo e Boa Morte, ahi mesmo havia um formidavel souto, que era patrimonio da mesma senhora, mais abaixo onde riune as duas bouças, uma que foi da casa da feiteira, e outra que foi do antigo Manoel José da Costa, vendida a Joaquina Pacheco, em antes desse fazer essa alargada do pinheiral para cima, existia um souto de sobreiros e carvalhos, pertencentes ao patrimonio da mesma Senhora da Boa Morte, ao sahir do caminho, que seguia por dentro da Bouça dos cavalleiros, logo fora da referida bouça, onde principia a descer nessa baixada que vai até o Fogo, existiu ahi um souto de sobreiros, que tinha o nome de souto do Gradal, a seguir pela cova de Enxate, haviam ahi tambem sobreiros, proximo ao caminho que vai dar a estrada

afim da bouça danta, e venda da cabra tambem haviam sobreiros, e menos quantidade, na descida do romano, e logo a seguir mais acima logar da casa nova, onde hoje é eirado que foi de José Naciso da Costa, todo esse largo era coberto de monstras arvores, sobreiros e carvalhos. Ahi no pequeno largo, logar da casa nova, antigo cupido, haviam sobreiros e alguns carvalhos de grandura admiravel. Ahi do logar da bouça para cima, havia sobreiros vastos lá até ao cimo; porém o quanto disportellinho em todo esse largo, é uma pequena bouça que ahi se cercou. Até a estrada antiga, havia sobreiros tão vastos, que a gente caminha entre elles em dias claros, sem ver o sól. No pequeno espraiado do alto de Castellinho, e ainda na baixa que desce d'ahi as possas de Basco, haviam bastantes sobreiros ordinarios. Tambem tinha sobreiros fóra da quinta de Mamello, onde morava Leonardo Gomes, filho do fallecido e antigo Barregas. De tráz da gandra chão onde passava um caminho para Crexumil, hoje bouça que ahi se cercou. Havia ahi quantidade de sobreiros pertencentes a familia dos Rodrigues, logo acima a beira do caminho, onde nasce a agua de uma mina só de inverno. Existiu ahi um grupo de sobreiros formidaveis, ahi na chamada estrigueira carvoeiro, mamoá, esteicugueira, tudo isso por ahi era cobertode sobreiros. No souto dalém, assim chamado, em frete ao eirado que foi dosanta, ahi a de ser n'essa baixa haviam formidaveis sobreiros. No chamado Souto do Ougueiro, a principiar do caminho que passa pela tradeirada da casa que foi do Euzebio Joaquim, existiam, e talvez ainda existiram grande quantidade de sobreiros, que principiavam ahi no caminho, e iam até a ferida da agua, até ao sitio do Espinheiro, depois em toda a bouça da aranha, e em volta della n'esse largo. Entre a mesma e a bouça que cercou Manoel José Ribeiro, até os penedos do logar da cheira, existia ahi immensidade de sobreiros; existia ainda ahi perto na baixada proximo ao moinho da portella, um Souto de sobreiros; tambem haviam sobreiros dentro nas beiradas da parede cercania da bouça da portella. Ao norte da poça da portella, d'ahi para cima, em toda essa baixada do tanque, fontes do tanque, ribanceira de onde morreu o cavallo chamusca. Ainda em parte pela costeira do tanque, até onde atravessa hoje a estrada de Macadam, segundo me informavam homens antigos; diziam- elles: eu tambem al-

cancei bastante, que eram tantos os sobreiros e tão vastos e monstros que se caminhava quasi sempre em toda essa distancia. A sombra de monstros sobreiros, que em poucos entre vallos, deixavam ver o sol. Ahi na outra ribanceira que fica mais ao nascente seguindo nordeste aonde atravessa a estrada, que rompe do pullo, e entra no grande corte, onde era a antiga bouça, assim chamada de Margarida Affonsa, existia ahi um souto de sobreiros bons e vastos que alcancei; chamam-lhe o souto da chamusca, que se estendia em toda a baixada, até a subida para as portas da bouça nova, carvalhos não tinha por ahi, apenas conheci dois, passado para cima as fontes do tanque, e passado ainda logo acima uns penedos que parece alinhar-se n'essa baixa em traves. Ahi logo proximo a elles do lado de cima, existiam dois carvalhos velhos, um delles, a uma altura mais ou menos de 4 palmos e meio, fazia um joelho e virava ao nascente, corcovando extensamente, ia findando a corcova, e subia mais ao ar. Pois as cabras subiam em cima e faziam delle quanto queriam, e eu mesmo algumas vezes estive a cavalha perna sobre elle, que bom tempo era esse. No largo e logar da carreira ainda ha uns quarenta annos existia um sobreiro de tanta grandura, que era vulgarmente conhecido pelas freguezias visinhas, pelo sobreiro grande de villar do Monte, e mais das vezes ponto de parada, onde se tinha de esperar por outros companheiros, o souto de virgem ainda hoje com esse nome. Era coberto de sobreiros fóra da espanadeira de basco, do lado do nascente, rente ao caminho havia ahi um sobreiro monstro, fóra das bouças da regedoras do lado do nascente e penedice que desce da bouça do Monte. Entre essa penedice e as bouças, proximo a uma nascente de agua que ahi existe. Existiu ahi já em meu tempo, dois monstros sobreiros, que lhe davam o nome de sobreiros de João Grande, tambem tinha muitos sobreiros dentro das espanadoras, boucinha da venda, bouça danta, e eirado dos barreiras, ao sul do sitio chamado eira, e o cotto do forno na baixada que conduz a Barziella onde existe uma linda nascente. Existia ahi onde passa a estrada n'esse desfille que vem do marco e cruz da venda, um souto de carvalho e sobreiros. Tinha o nome de soutinho da venda. N'este ponto contarei aos meus leitores uma das peripecias de minha infancia, que me aconteceu ahi n'esse souto, uma das do primeiro periodo

da minha vida. Teve muitas de bem mais importancia, que já narrei, porem vamos a esta, mas pelo acaso assim offerecer, e porque nunca me esqueceu, o susto sem eu esperar que debaixo das frondas dos carvalhos e sobreiros do soutinho da venda soffri. Segue: os meus fieis amiguinhos meninos de infancia que me accompanhavam, eram bastantes, um dos quaes os filhos de Antonio José da Cruz, o Palmeira de nome Domingos e Manoel. Este ultimo era o que me acompanhava nesse dia trazia com elle uma cesta que seu pae lhe entregava para apanhar escremento de gado vaccum e cavallar pelos montes. Chegamos ao soutinho da venda muito contentes, brincando nós os dois um com o outro. No tempo de calor, mez de Julho primeiro sentamo-nos a sombra de um carvalho, sempre brincando, ora tombando a cesta ora botando o braço por cima do hombro um do outro, como quem queria luctar; e por fim achamos conveniente para completar com o nosso brinquedo, puxar a baixo uma das galhas do carvalho, e tiramos umas frondas do mesmo, e fizemos della uma especie de nó. Aonde meu companheirinho se sentou e eu fiquei de pé puxando a galha ballanceando de um lado para o outro, quando de repente apparece o pae delle com uma saxolla ao hombro, e uma corda na mão. O pobresinho assim que o viu desceu para baixo, mas que elle botou-lhe a mão, e deu, se fosse poucas, va lá, mas parecia que nunca cessava de fustigar com a maldicta corda, o corpo innocente do menino, e além de menino seu filho. Convém notar que n'esse tempo, longe de passar ahi a estrada de Macadam, essa tapada que ahi existe unida a espanadeira, que era de Manoel Antonio Rodrigues, já n'esse tempo. Oh! era apenas uma coutada por cercar, produziu matto espinhoso susceptivel de terra arreira, em grandes moutas sem desenvolvimento por causa do dente dos animaes que os retuzavam. Ora eu fiquei de lado extasse vento fustigar barbaramente por seu pae que mais me parecia um algos. Aquelle com quem até este momento nós entretinhamos, nos mais innocentes brinquedos, tinha dó delle queria lhe accudir, mas era me impossivel; mas o caso não foi só isso, foi muito mais grave. Quando menos eu pensava o malvado deu um avanço vertiginoso e quasi me pegava sem eu esperar; mal escutei dizer que eu ajudei a romper a roupa do filho delle. Miseravel! Mas qual, o matto espinhoso para mim não era nada, nem sentia-me entrar nos pés; o malvado dava pulo de corça por

cima dos montões de matto. Perseguiu-me até a estrada, que nesse tempo era ainda de antigo. Eu pernas para que vos quero, fui parar do outro lado das possas de Basco, lá no alto, vendo que elle não viesse ainda perseguir-me; que não vinha já era mais o medo que mais nada. Voltando ao assumpto sobre tamanha quantidade de sobreiros que haviam, eram tantas as blotas cahidas ao chão, que se podiam ajuntar com um rodo, ou em cinho; quando succediam noites de tempestadade, sahia-se de manhã com carroça, ou melhor dizer palhoça vestida, aguardar da chuva, levando cestos em minimo tempo, voltava carregando elles cheios de blotas. Os pombos trocazes eram tantos no tempo de blotas, bandadas de tanta quantidade, por um lado e por outro que faziam sombra na terra com as nuvens ao passar em frente o sól.

Neste ponto peço aos meus caros leitores, tolerar-me pela tão maçante narrativa, sobre a descripção da sobreirada de antigo em villar do Monte. Por certo tal narrativa a levariam em conta de um idiotismo da minha parte, pensando talvez que não era preciso tanta importunidade, em todo o caso peço licença expor os motivos que me levaram a isso, que não são mais nem menos do que o seguinte: todos nós sabemos que uma obra para ficar solida é preciso construil-a sobre firmes alicerces. Assim os factos que succederam, com as quaes vou completar esta segunda parte do manuscripto. Precisavam de uma base, e essa base não podia ser outra senão a descripção que deixo esclarecida aos leitores. Pois desta enormidade de sobreiros; o abastecimento sem limites de bolotas, e d'ahi o atrahimento, seguido sempre das zonas turcas, nuvens! nuvens de pombos torcazes; e estes atrahiam ahi aos grupos os amantes dessa bella caça da freguezia da Silva, S. Leocadia, Carapeços e outras. Pois digamos a verdade, não era só os pombos, o sólo terreo de villar do Monte, era o mais fecundo que havia por esses arredores, em toda a qualidade e genero de caça, os habitantes d'ahi não lhe davam a preço, nem conheciam o mimo que tinham em sua freguezia. Não havia um que se dedicasse a caça de coelho ou qualquer outra, a não ser um outro que nas madrugadas vinha mattar algum entre o milho, que lhe fosse comer as folhas do feijão verde. A perdiz com abundancia, era predilecta caça de muitos de Barcellos e outras partes que fre-

quentavam os nossos montes. A bella gallinhola tambem abundava procurada no Outuno pelos lameiros; viam-se n'esses montes em alguns dias no tempo da caça do coelho, alastrados pelas matilhas de cães, umas vezes de José Lopes de Barcellos, outras vezes as do Arantes e do vigario de Lijól, do Salvador do Campo, asdo Enez dos Paulinos, e dos Picões, e do Abbade de S. Fins, de S. Pedro de Alvito, do antigo capitão Barella, que quando ahi andavam. Vinha jantar em casa de Joaquina Ferreira, dequem era amigo, dizia-se na freguezia ao longe, e a mim mo disseram algumas vezes, que no tempo antigo em villar do Monte, os coelhos que se podiam carregar aos carros, a bella caça que em todo o mundo sempre foi tão apreciada, e em villar do Monte não se aproveitavam della, para não faltar nada. Tambem havia pescaria, a bella fruta e a enguia ou eirogo, de Menello para cima até a regedora, havia muita truita e era esse rio frequentado pelos pescadores de fora, que nos mezes de Junho Julho e Agosto andavam ahi pescando, e nem se sabiam de onde eram. Tudo isso alcancei em meu tempo. Voltando ao assumpto dos muitos sobreiros e muitas bolotas, chegamos ao caso dos de S. Leocadia, nas freguezias vizinhas não haviam sobreiros, e se os haviam era em pequena quantidade. Como os montes em villar do Monte eram maninhos, e cobertos de sobreiros por todo o logar, e as matilhas dos caçadores envadiam toda a hora que quizesse, este territorio, sem dar satisfação, assim os de S. Leocadia pensaram fazer o mesmo dom as bolotas. Viam os velhos e monstros sobreiros que por ahi existiam situados no valdio, e pensavam que já não tinha dono, e por isso que se podia aproveitar das bolotas, quem quizesse. Mesmo que fosse de fora de villar do Monte, os de S. Leocadia acostumados a ligar pouca importancia, ou nenhuma aos homens de villar do Monte assim como os outros, deram em vir ahi derrubar bolotas dos sobreiros em baixo, e vinham francamente como quem vinha para o que era delles; vinham não só os homens precisos para o que pudesse acontecer, como tambem pessoal, mulheres para conduzirem as bolotas ahi para o logar da Barziela. Assim o praticaram alguns annos sem serem encommodos, nas primeiras vezes que isso succedeu não se fez muito caso, pois que as bolotas eram muitas, chegavam para todos. O que fazia azedar os annimos era a audacia, o dezaforo de vir de uma freguezia a outra, aproveitarem-se do que não era delles;

vinham lá pelo monte sem saber quando, e se alguma vez se sabia cá em baixo, não se reuniram, nem reunirão nunca, para ir reagir. Era só fallatorio e mais nada, mas os animos dos homens de villar do Monte, andavam por demais exaltados com tal audacia; queriam se reunir para os reppellir, mas não se reuniram, nem reunirão nunca, por não saber o dia certo quando elles vinham, até que chegou um anno que Francisco José Basillio, por um acaso foi dar com elles derrubando e colhendo bolotas ahi ás fontes do tanque; com aquella arrogancia de cabo de guerra que foi. Logo os intimou a irem embora na boa ordem, n'este introito chegou ahi tambem José Rodrigues da Cunha, e depois foi chegando mais alguem, a quem mais de pressa constou ahi por perto, porém os amigos do alheio não fizeram conta da intimação verbal do referido Basillio. Responderam hostelmente, e pegaram-se de veras em bringa encarniçada. Tudo isso me era contado pelos mesmos que se acharam n'essa grande briga. Ora, os de S. Leocadia, ainda em numero superior, estavam levando de vencida os de villar do Monte, que já estavam quasi derrotados a não poder mais. Mas deu-se o caso de apparecer ahi uma pastora de cabras. Conhecendo a difficuldade com que luctavam seus patricios contra os usurpadores, correu a toda pressa, a casa do Snr. Antonio José Mano, que era o pae do Snr. José de Jesus Mano, que estava abrindo varas de cepa de castanheiro, para fabricar arcos de vasilhame de guardar vinho. A mulher só disse: accuda Snr. Antonio que os de S. Leocadia estão as fontes do Tanque dando nos de villar do Monte. Antonio com a vara de cepa de castanho na mão, não fez mais do que cortar a ponta, e botou ao hombro e seguio a toda abrida. Chegou as fontes do tanque, e viu os homens deffendendo-se dos de S. Leocadia, mas ja muito machucados, a correr sangue, e maior perigo. Ao chegar ao local, observou elle, que uma das mulheres das que conduzia bolotas para Barziella, era que mais prejudicava os manejos de deffesa dos nossos, com uma pedra na mão procurava ensejo. Na viva volta do rebolisso, e jogava pedradas nos nossos. Quando o acaso lhos dava mais a descoberto, afim de os fazer afrouchar, era esse um dos motivos pelo qual os nossos estarem sendo vencidos. Neste ponto principiou com todo o brilho a funccionar a vara de cepa de castanheira, tocada pela mão do Snr. Antonio Mano com casca e tudo, cuja memoria desde esse dia ficou celebre. A primei-

ra pancada foi na mulher que a prostrou por terra, e continuou mostrando aos valentões o quanto era gostoso a casca de castanheiro deu á pancada de criar bicho, como é uso dizer-se; até que enfim foram d'ahi tirados em lençóes para sua freguezia, ao escurecer escutava-se o sino de S. Leocadia, tocar a sahir o sagrado viatico, pela manhã houve noticia de ter fallecido 3 pessoas proveniente da briga as fontes do tanque, uma das quaes a mulher que jogava pedras. Não cheguei a conhecer o Snr. Antonio José Mano; porém creio ter fallecido no principio de minha existencia. Apezar do tempo tudo fazer esquecer, os de S. Leocadia que houve essa desordem, durante muitos annos ou bastantes annos, nunca deixaram de ter odio e rancor aos de villar do Monte, que deu em resultado tomarem outra sova, d'ahi mais ou menos uns 7 annos, pois foi em 1841. Foi outro pessoal de parte a parte; de villar do Monte, ignoro dos da primeira sova, se seria vivo o Snr. Antonio José Mano, os outros eram vivos e viveram muitos annos. O caso foi o seguinte: n'esse anno mais ou menos da era supra mencionada, Antonio Jose Gonçalves, por causa de namoros de raparigas d'esse tempo, teve razões calloro-sas, com alguem de S. Leocadia. Razões que fizeram recordar e avivar a esfrega que tinham tomado, havia 7 annos mais ou menos. Já existiam em S. Leocadia, outros valentões de freguancia, que vinham a ser um tal Diogo, o primeiro homem, corpulento; um outro de nome o Mãezinha, João de Agueda, e José de Agueda dois irmãos, e Francisco do Luiz do logar de Real, e outros mais, Isto succedeu pelo tempo das espadelladas do linho, chegou se o dia, melhor a noite de uma espadellada de Manoel José da Costa, O pae de Manoel Luiz da Costa, e avô de Manoel Luiz da Costa Ferreira. Os de S. Leocadia fiados na sua valentia, e com a vontade de se vingar do passado. A pretexto das razões de pouco tempo com Antonio Gonçalves, reuniram-se em quantidade, para na noite dessa espadellada dar uma tareia de pau nos de villar do Monte, e tiveram a audacia, a certa hora do dia mandar a villar do Monte um portador com uma carta dirigida em termos grosseiros, e foi entregue a Antonio José Gonçalves. A carta, alem de muitas grosserias, terminava por dizer que de noite os esperasse na espadellada, que ahi vinham arrancar as orelhas aos de villar do Monte, que lá apparecesse. Como era natural, Antonio José Gonçalves, mostrou a carta a diversos, e alguns casados ou quasi todos.

A carta foi lida e relida, e combinaram-se e organizaram ~~ver~~ ~~valentemente~~ um plano entre todos para reagir a tal audacia, que foi o seguinte para não ficar sem orelhas, não entrar na espadellada, deixal-os a entrar a elles, e advertirem-se a vontade, e serem esperados ao sahir da seguinte forma: achando se na occasião da hora que elles sahirem, divididos nos seguintes pontos, afim de os esperar para qualquer dos lados que èlles viessem a pedir-lhe contas do serviço queelles ahi vieram fazer. A primeira envéstida deram-na,pelo caminho das almas, mas com duas almas bem peiores do que as do outro mundo, se foram elles a encontrar. Logo ahi ao velho portal da antiga casa do Areias de villar, que eram Francisco Rodrigues da Cunha e seu irmão Antonio da Cunha, que ahi os estavam esperando e os fizeram recuar a ponto delles seguirem essa subida para o logar da serrada ., até o ponto que estava tomado por Joaquim Ferreira e seu irmão Custodio Ferreira, diziam mesmo que Joaquim Ferreira estava armado de uma vara de cepa com a casca, da mesma qualidade d'aquella milagrosa de ha 7 annos antes, as fontes do tanque. Principiou ahi a pancadaria, segundo diziam o grande valentão o Diogo de S. Leocadia esperimentou ahi em sèu costado a vara de cepa de castanheiro, apertado que pelos dois Cunhas que pelos dois Joaquim e Custodio Ferreira, os invasores deffendiam-se optimamente; segundo diziam os que ~~se~~ acharam nessa briga, porem não tiveram outro meio se não recuar e enveredaram-se, ou todos ou delles pela quingosta da fonte da aldeia, mas onde passa o rego de agua. Estava esse ponto tomado por Antonio José Gonçalves e João Rodrigues da Cunha irmão d'aquellesoutros dois Cunhas, que lhe resistiram tenasmente, porem escapulliram ahi dois: que foi o Mãezinha, com uma foice da derroçadoira n'um braço tocada por Antonio José Gonçalves e Francisco do Luiz, com algumas cacetadas, e deixou ahi o chapéo e recolheu-se a casa do Snr. José de Jesús Mano seu primo. Esses dois ainda escaparam de muito os que ficaram, lhe succedeu bem peior; os estantes tocaram elles pelo caminho da aldeia acima, até o principio do largo da carreira, que era justamente onde tinham planejado juntal-os todos, Para decidir ahi a grande batalha de pauladas, e saber se sim ou não lhe arrancariam as orelhas, estava tomado esse ponto por Francisco José Rodrigues e Antonio José da Cruz, ou Palmeira , e outros auxiliares, tomaram ahi pancadaria, até pedir mizericor-

dia, e prometter que nunca mais cahiriam em outra.

Conclusão da segunda parte.

XoxoxoxoxoxoxoxoxoxoxoxoxoxoxoxoxoxoxoxoX

XoxoxoxoxoxoxoxoxoxoxoxoxoxoxoxoxoX

XoxoxoxoxoxoxoxoxoxoxoxoxoX

MEMORIAS DE VILLAR DO MONTE

TERCEIRA PARTE

Os vigarios de villar do Monte, e seus coadjuctores curas incommendados, des-1820, segundo narrações desse tempo, até 1842 dessa data em diante conhecidos por mim, era por esse tempo de 1820 e. de ha muitos annos, ahi vigario o padre José Macedo Jaquemo, foi o ultimo que mandaram para ahi os conegos da Sé de Braga, como deixei dito na primeira parte, assim como sua terra natal, e calculo meu ter fallecido esse padre ahi vigario, entre os annos de 1827 a 1828. Causando a falta desse padre, grande sentimento, segundo diziam entre esse povo seu rebanho pastoral; ainda depois uns 30 annos da morte delle, como muito bem me recordo choravam, elle diziam que foi um dos vigarios amigo do povo, parcha exemplar, sem nunca causar um desgosto a pessoa alguma de seu rebanho, dizia o Snr. José de Jesús Mano, que foi elle seu padrinho de baptismo depois do fallecimento do vigario Macedo. Veio ahi parochiar como encommendado, o padre Antonio Moreira do logar de Maréces da freguezia de villa Cóva, padre que eu conheci pessoalmente, quando já elle estava de idade avançada, veio ahi parochiar até que o estudante Antonio Bento Pereira, Filho de Manoel Bento Pereira e Maria Propheta Pereira de villar do Monte, lhe fosse conferidas as ordens de missa, pois de logo lhe tinha sido promettida a vigairaria. Logo que recebeu ordens o padre Antonio Bento Pereira tomou posse de sua igreja e ficou morando em sua casa ou de seus paes que se não eram já fallecidos, falleceram por esse tempo; por isso o novo vigario, deixou de habitar a casa da residencia que lhe era dada. Aconteceu porém de vir para ahi morar na casa, uma familia meia afidalgada do Salvador do Campo, que se tinha alguns foros de nobres, Tinham cahido na pobresa; cuja familia era em numero de quatro pessoas, o chefe de nome Paulo e trez mulheres. Parece recordar-me ter me dito, ser uma tia e duas sobrinhas. Esta gente segundo diziam custuravam costuras finas, e ensinavam a ler os meninos, e nas festas da igreja faziam a orchestra do coro e outros cantos de louvor, mesmo em outro dias de missa, Depois de ahi estar alguns annos, mudaram-se para vianna do Castello, deixando ahi enraisadas grandes amizades, que todos os annos no primeiro sabbado de Agosto, quando se ia fazer o clamor e romaria a dar qua a Nossa Senhora das Areias, elles passavam a ponte e vinham abra-

çar-se com seus amigos e distrairem-se das saudades,pelo que eu observei muito tempo, ou annos se fallava ahi em abono como pessoas de bem dessa familia. Depois que se ausentaram para Vianna, porém o tempo tudo faz esquecer. Ahi pelos annos de 1859 a 1860, já quasi que ninguem fallava delles, a quem custou mais a esquecer essa gente. Foi a Maria Josepha Solteira, dona da casa que foi meu berço, uma das predilectas amiga delles, que cada opportunidade pela acaso lembrava-se dessa familia, de ha muito tempo tinha ella noticia, que o chefe da mesma familia o Paulo, era sacristão na igreja matriz de Vianna. A esse tempo já eu tinha os meus 19 a 20 annos, e a miudas vezes ia a Vianna. Succedeu um dia estando eu lá, e lembrei-me de que ella fallava d'essa familia. Eu que nunca os tinha visto nem conhecido, e como isto tinha succedido a muitos annos, lembrei-me por curiosidade de saber se eram vivos ou mortos, e fui a igreja matriz afim de indagar. Cheguei a porta de entrada principal, e encontrei um pobre velho de habito, já muito arcado e de bastante altura com uma especie de prato ou bandeija na mão, pedindo esmolas a quem estava para as almas. Em antes de lhe fallar conheci que era elle, pois que uma mulher que entrou na igreja fallou para elle e, o tratou pelo nome de Paulo. Foi neste ponto que eu abri minha conversa com elle. O pobre velho nas fallas que teve commigo, sobre suas antigas amizades em villar do Monte e demais com Maria Josépha Solteira, a saudades queimavam-no, as lagrimas corriam pelo rosto sem cessar. Recordou-se de todas as suas amizades em villar do Monte. E convidou-me com toda amabilidade, para eu ir em casa delle, que queria que sua dona conversasse commigo, disse que suas duas sobrinhas se tinham casado. Essas noticias trouxe-as eu a Maria Josepha Solteira as quaes estimou saber. Pois haviam vinte e tantos annos que elles se tinham ausentado, e pensava elles terem fallecido. Voltando ao assumpto a seguir, ve-se que o vigario Pereira falleceu de poucos annos, segundo diziam por desgostos causados por pessoas de sua familia, offendido em seu brio e pundonor. Aqui os descrevo tal qomo nos narravam: o vigario Pereira, talvez por não ser possuido de um genio arrebatado, para se negar a, pedidos que abusivamente lhe faziam, nesse tempo por demais, que o povo era dado a carolisses e patranhas. Sem estar investido para isso pelo seu prelado de braga, que era n'esse tempo senão me engano D. Pedro Paulo, tornou-se e-

xorcita. D. Pedro Paulo logo que recebeu denuncia, suspendeu o vigario Pereira das ordens de missa. Havia n'esse tempo o padre José Berga de quem prometti fallar nessa parte, que segundo diziam tinha sido homem de rara intelligencia, porém com o muito estudar, tinha cahido em alheiação. Mas ainda assim andava coadjuando o vigario Pereira, mas não administrava Sacramente; dizia missa com licença do vigario, tambem não confessava. A missa diziam que a dizia, perfeitamente. Nessa occasião o povo provavel aproveitou-se da missa delle alguns domingos até vir outro. Voltando ao principal assumpto, a respeito do vigario Pereira, ficou sem ordens de missa, e seu cunhado com quem vivia João José de Araújo, tratou de mudar-se uma temporada para a sua quinta da freguezia da Pousa. Como muito proximo a ciadade de Braga, lhe convinha estar ahi para com mais facilidade poder tratar de negocios de seu cunhado, afim de lhe obter novamente as ordens de missa , sua senhora de nome Maria Propheta Pereira, ficou em villar do Monte em companhia de seu irmão o vigario e outros. Tendo elle feito-se accompanhar de outra parte da familia, o opulento lavrador, que era sem duvida o mais poderoso em villar do Monte , apresentou-se em Braga, a ver se conseguia do Arcebispo as ordens de missa para seu cunhado; cousa tão notavel. Porem não lhe foi tão facil. Havia ahi na freguezia da graça, bem proximo tambem de Braga, uma linda mulher que João José de Araujo soube ser favorita d'um personagem graudo triumpho para o prelado , perseguio em se relacionar com ella, afim de obter o dezejado, como de facto obteve, e não se fez esperar, a seu cunhado desde logo foram restituidas as ordens de missa, porém essas relações tornaram-se amorosas. Apezar d'essa mulher famosa ser isenta da virgindade de uma segunda eva. Era bella e atractiva, tinha empenhos modelares , por isso a sempre tentadora, tambem lhe fez o assalto do pescoço. João José de Araujo deixou-se estar na sua quinta da Pousa, como quem estava passando uma segunda lua de mel. Essas noticias correram em villar do Monte, e os dois filhos de Manoel Bento Pereira e Maria Propheta, o vigario e sua irmã, acharam-se offendidos em seu pundonoravel brio e dignidade, que herdadram de seus paes. N'esse tempo esses acontecimentos entre familia que se presavam de briosas, pundonorosos era uma affronta insuportavel, o que na época de hoje pouco ou nada se faz caso disso. O que é certo é que principiou ahi a decadencia d'essa casa, que era po-

derosa e farta em bens em villar do Monte, e ainda uma quinta na freguezia da Pousa. João José de Araujo rebaixado por ter cahido nesta desconsideração perante sua familia, não uzava mais a vir em villar do Monte, deixava-se estar na Pousa, desviava-se de enfrentar-se com seu cunhado e sua mulher, que se achava no estado de gravidez, isto é o que me narravam. Maria Pereira principiou-se a apaixonar-se; tanto ella como seu irmão o vigario não tinham mais gosto na vida. Chegou a hora de dar a luz, e o marido na Pousa apezar de todos os recursos que não lhe faltava nada. Maria Prolheta Pereira falleceu desse parto, salvando-se a criança que foi entregue a familia de Manóel José Ribeiro onde foi criada, e teve o nome de Joanna Pereira de Araujo, conhecida ahi por Joanna Pinta, por se ter casado com José Ferreira Duarte, por alcunha o Pinto, o marido foi avisado do perigo em que se achava sua esposa, na ocasião do parto. Então seguio immediatamente, porem quando chegou já estava morta. Maria Propheta Pereira de Araujo deixou dois filhos homens, um de nome Manoel que foi o mais velho e João que estava estudando para ser padre, e cinco filhas; uma de nome Maria, que foi a mãe do padre Antonio Pereira daCunha de Carapessos, porisso neto de João José de Araujo, as outras de nome Thereza e Antonia, casadas na freguezia da Pousa, Rosa na freguezia da Silva alliáz na Pousa, Anna em S. João de Areias, Joanna em villar do Monte. Porém quando falleceu sua mãe estavam todos solteiros. O vigario Pereira que de ha tempos sofria physicamente, vendo que a morte acabava de lhe roubar sua unica irmã, por certo a unica pessoa de casa que lhe dispensava mais affecto de amizade e carinhos, segundo dizia "dobrara" se-lhe o sentimento; principiou deveras a definhar-se, via-se ainda rodeado de seus sobrinhos e seu cunhado. Mas isso não era bastante para o fazer distrahir do sentimento de que se tinha apoderado. Seu cunhado d'ahi a pouco tempo trouxe para ahi a mulher que tinha dado causa a elle desviar-se da linha de conducta, em que seguia como homem de brio e cumpridor da moral e civil. Passou as segundas nupcias com essa mulher que se chamou Rosa Gonçalves Affonsa, João José de Araujo era natural da pequena freguezia dos feitos, tinha dois tios padres, um dos quaes reitor da freguezia de Frias Tellas, conselho de ponte do Lima, e outro vigario da freguezia de Mainhete. Barcellos, teve ainda um sobrinho padre, que foi o primeiro vigario no Belém do Descalvado, então provincia

de São Paulo, Brasil, e um filho estudante para padre do qual adiante falarei, e como já disse teve tambem um neto que foi reitor em villa cóva desde que João José Araujo casou pela segunda vez d'ahi a pouco tempo. Seu tio o vigario de Mainhete já muito velho veio para sua casa, e ahi falleceu; ainda se fallava ahi que foram de villar do Monte descarros a Mainhete trazer a mobilia desse padre, pelo que me fallava casualmente os meus narradores, o vigario Pereira era bem tratado por sua concunhada Rosa Gonçalves Affonsa. Diziam elles que não succedia tanto assim, com seus intiados, e enteadas que a miudas vezes eram mimosiadas com chinelladas pela cara com a chinella que tirava de seu pé, Menos ao enteado mais velho, que se chamou Manoel José de Araujo, diziam que quando ella lhe via tirar com a chinella, ou qualquer outro objecto, elle resistia-lhe e que seu pae nunca o reprehendia delle ameaçar sua madrasta. O vigario Pereira apezar de ser bem tratado como foi, os seus padecimentos não tinham cura, como já disse andava sempre doente, seus parochianos e amigos, procuravam distrahil-o, dessas maguas que o accometteram, acompanhavam-no de sua casa de aldeia para a igreja, conversando com elle. Quando elle ia dizer missa, outros esperavam-no na sacristia, sempre distrahindo-o empondo-lhe coragem. Porem o vigario ahi pelo anno, segundo eu calculo de 1838, cahiu no leito e não levantou mais e falleceu. Voltou ahi parochiar o mesmo que tinha vindo depois de fallecimento do vigario Macedo, o padre Antonio Moreira do logar de Maréces de villa Cóva, João José de Araujo, depois do fallecido seu cunhado, continuou em companhia de sua segunda mulher, filhos e filhas. Continuando nestas chinelladas tocados por sua madrasta, porem o tempo foi passando e ella trataram de se por ao fresco, logo se casaram. O estudante já adiantado em estudos, pois já era clérigo de ordens menores. Desgostoso, primeiro pela falta de sua mãe e depois seu tio o vigario, e ainda pelo passo que seu paé deu, embarcou para o Brasil e não voltou mais. João José de Araujo já em antes de se casar com Rosa Gonçalves Affonsa, existiu na casa dois animaes cavallares que eram duas éguas bem tratadas, uma branca e outra preta, A branca diz que era em que o vigario ia a Barcellos, e em que sua irmã ia em companhia de seu marido a sua quinta da Pousa, e a romaria da senhora das Areias, pois diziam que nunca lá falhava, e a senhora do bom despacho e outras, e sempre elle montado na egua preta e sua

fonsa, lançou mão do cofre e como houvesse dinheiro bastante, conseguiu da justiça não dar andamento a qualquer processo contra ella, e assim passou inclune, illesa depois tornou-se celebre com as demandas que lhe promoviam os maridos das enteadas, intrepellava os advogados, teistuava com elles insitandos a rabulices nos processos de suas demandas em sua defesa, emfim creio que não ha cartorio em Barcellos, onde não haja processo com o nome de Rosa Gonçalves Affonsa; tornou-se completamente celebre esta mulher, que os advogados e todos os homens do districto de Barcellos desse tempo, deixaram de fallar das proezas dessa mulher só quando morrerram houve ainda nesses tempos outra mulher que tambem deixou fama no mesmo sentido desta, que foi Maria Ignacia, da freguezia de Faria. Continuando, Rosa Gonçalves Affonsa, depois de vencer todas essas difficuldades, ficou senhora da quinta da Pousa, e ainda muitos bens em villar do Monte, inclusive as duas moradas de casas, uma que de antigo tinha sido de José Joaquim da Silva, e a outra o solar que foi do marido que tinha sido de Manoel Bento Pereira, mas este creio que ella o Houve por compra ao enteado Manoel José de Araujo; que diziam a principio, que ella botaria todos esses bens fóra, porem foi o contrario, foi uma boa administradora de seus bens, não é do meu tempo o fallecimento de seu marido mas a conheci desde que principiei a ter pleno conhecimento de tudo. Era e foi como a conheci até 1866 mais ou menos, moradora em villar do Monte, e na Pousa morreu velha, na freguezia da Pousa. Em seu testamento repartiu como ninguem esperava, deixou 1000 reis a cada um dos quatro que pagaram ao caixão conduzido-a a sepultura. Deixou todos os seus bens aos netos de seu marido, e ainda contemplou algumas enteadas. Voltando ao assumpto a respeito do vigario, como deixei ditó em paginas tranzatas. Continuava como encommendadó, o padre Antonio Moreira de villa cóva, e o padre José Berga, apezar de alheado como disse na primeira pagina, continuava como no tempo do vigario Pereira coadjuando pelo menos, segundo diziam, dizia ahi uma missa ao povo, aos domingos de manhã, em antes pouco tempo de elle fallecer, correu ahi um boato ou noticia, de que na antiga estrada as fontes do tanque, estava um homem desconhecido, passageiro da estrada cahido ahi nas agonias da morte, o padre Berga dizem que andava sempre a cavallo, n'uma possante egua, que possuia, quando se

recebeu a noticia assim estava, correu a igreja preveniu-se immediatamente do necessario, correu a toda a brida as fontes do tanque, ou fosse valioso por elle ou não, administrou-lhe o sacramento da Santa unção. O homem foi trazido morto para a igreja, nunca se soube de onde era, foi enterrado no adro da igreja, pelo que se dizia o padre José Berga. Mesmo no estado de alheiação aloucado, era quasi um segundo bocage, tornou-se celebre com suas respostas repentinas a qualquer pergunta, com pretexto de o ouvir. Depois de seu falecimento que foi pelo fim do anno de 1841, ainda d'ahi ha mais de 20 annos, o nome desse padre era fallado, tanto em villar do Monte e mais em Barcellos. Comparando com as de bocage, suas praxes e dixotes, e respostas repentinas as perguntas que lhe faziam de assumptos quasi impossiveis de obter resposta rapida, como elle respondia. Uma das quaes que elles diziam ainda me recordo, diziam que elle um dia vinha vindo na rua direita de Barcellos, a dizer que vinha do céu. Encontrou-se com elle o antigo escrivão Cotto e disse-lhe, perguntando: d'onde vens padre José. Elle repetiu o que vinha dizendo. Disse-lhe:Venho do Céu, respondeu ao ecreivão Cotto: não trazes um certificado do que se lá passa? resposta rapida do padre: não achei no ceu um escrivão para má passar. Este padre vivia com seu irmão Francisco Berga, na sua casa da feiteira, eram bis tios de Francisco José daSilva, a quem chamavam tambem Francisco Berga, que foi herdeiro; a casa e bens de Manoel Dias de Sá, foi patrimonio do padre José Berga, que a deixou a seu sobrinho e afilhado. José Bernardo Berga, como já disse o padre Berga andava continuadamente a cavalho, e tinha a mania para que lhe dava a locura de dizer o seguinte dixote: mesmo a cavallo quando encontrava alguem, agua ao Melão, sopa a pega, chova arroz, olá Barreto. Isto dizia-o elle quando encontrava João Joaquim Barreto, mais quando encontrava outro qualquer, oH! olá era a quem lhe vihesse de encontro. Assim foi visto no dia de seu fallecimento andar a cavallo a toda a brida, de picaria no caminho de sobral, ahi do logar da feiteira até a quingosta da Boucinha e voltar, e tornar a ir; quando de repente apparece a egua só com o arreio ao portal, sem que o padre apparecesse, foram procural-o, deram com elle agonizante. chegaram com elle a casa, falleceu logo, não se sabe se foi da queda, se de algum ascesso de maior loucura que nesse dia o acometteu. Ainda conheci o irmão com quem

elle vivia. Falleceu em 1845 era solteiro, foi conduzido seu corpo de noite para a igreja, sendo quatro homens solteiros que pegaram ao caixão, recordo-me de dois, que foram Joaquim Ferreira e Joaquim Euzebio, este recordo e apenas por meu pae ter ido acompanhar, e alvorar a cruz como juiz do sucino que era nesse anno, e quando voltou assim o dizer para a familia que ainda estavamos em volta da lareira. Depois do vigario Pereira, o novo vigario foi o padre Manoel Antonio do Val, filho do Thomaz, rico lavrador, do logar de Samo da freguezia de villa Cóva. Quando tomou posse da igreja, ainda ahi estava o padre Antonio Moreira da mesma freguezia de villa Cóva; o padre Moreira ao entregar a igreja, questionnou com o novo vigario por causa de emolomentos, que dizia pertencer a elle do resto do tempo, ahi parocho e que o novo vigario nunca lhe pagou tudo que elle allegava pertencer-lhe, ainda do logar de Maréces, lhe escrevia a miudas vezes exigindo-lhe tres mil reis, que dizia restar-lhe e que o novo vigario nunca lhos pagou, por se ver amolado de tanto elle lhe escrever a pedir essa quantia, um dia respondeu-lhe com uma carta e um bilhete dentro, em que ia escripto tres mil reis, em letra de conta. Dizendo-lhe na carta: Já que tanto me amolla com suas cartas, ahi lhe remetto os trez mil reis, isto me contava elle d'ahi a annos em conversa commigo, foi esses dois padres os primeiros que conheci; um já em Maréces que deixou de ser encommendado em villar do Monte, e o outro o primeiro vigario por mim conhecido, tomou posse da igreja mais ou menos no anno de 1840. O vigario Manoel Antonio do Val , a principio teve suas questões mesquinhas com a freguezia, esteve ahi a mais ou menos tres annos, e foi parochiar a freguezia de villa Franca do Conselho de Vianna do Castello, mas não resignou a vigaria. Neste ponto peço licença ao leitor para me desviar um pouco do assumpto, e contar um caso ou socesso sinistro pernicioso que aconteceu nesse tempo. Ligando-se em parte com as minhas memorias, no que diz respeito os curas em villar do Monte, havia por esse tempo dois opulentos lavradores na freguezia de Santa Marinha de Fozellejais do Conselho de espozende que se batiam em rija demanda um contra o outro. Conquistando o direito a uma azenha que um delles possuia no Rio Neiva, um dos contedores tinha um filho padre que se chamava padre Gabriel, o outro se o não tinha, tinha pelo menos tambem um filho que tinha algum preparo, a moda desse tempo

pois era escrivão do juiz de paz, e diziam até Não sei se sim se não, que foi carniceiro. Era activo como habil jogador de paú, todos os annos era o terror na romaria da Senhora das Merceias, no castello do Neiva, por fim tambem foi correio desses que conduziam a mala num cavallo, na antiga estrada de Barcellos a Vianna. Foi nesse emprego de correio, que lhe aconteceu uma noite de grande tempestade, quando elle passou na estrada a ponte da espanadeira, sitio do Fellão, ao fim da calçada onde existia o Nixo de Almas, com a muita chuva e grande ventania perdeu o tino, ficou atonito; em vez de seguir a estrada, seguio pelo caminho da portellinha, e foi descendo sem saber para donde e foi dar ao logar do Paço. O acaso permittiu-lhe o bater ao portal do senhor José Rodrigues da Cunha, que estava na cama, todos os filhos eram ainda solteiros e viviam com seu pae . Sentiram fóra do portal o chimcalhar dos argoigos e campanhias. No corgeame ao pescoço do cavallo, abriram o portal e viram o homem com o cavallo pela redea e perguntaram-lhe: que faz o Snr. por aqui a esta hora? Respondeu o homem: Senhores, eu sou o correio, perdi a estrada e não sei onde estou; peço-lhe o favor guiar-me, e pedir a autoridade, um certificado, para justificar em Vianna a minha demora. O senhor José da Cunha e seus filhos, prestaram-lhe todo auxilio, fizeram trocar de vestuario, um dos filhos correu a casa do Snr. João José da Silva, apilidadd João do Eiteiro, que era nesse tempo o regedor, afim de obter o attestado, e como de facto obteve, e dois cabos de policia para accompanhar até os feitos. Depois de tudo isso foram accompanhal-o os dois cabos e os Cunhas, com luzes luminarias de cormo; mas o filho do lavrador de S. Marinha de Forrejais, depois de ter exercido todos esses empregos que acabo de escrever, outro lhe estava destinado de maior importancia, seu pae talvez dominado pelo orgulho, querendo se revalizar em tudo com o lavrador seu contedor na demanda, era lhe preciso que houvesse um padre em sua casa e de sua familia, e como nesse tempo os estudos clericáes eram simples, e seu filho já tivesse os primeiros preparatorios, seu pae combinou com elle a ir para Braga afim de estudar o resto, para obter as ordens de missa, como de facto passado não sei que tempo, veio se embora dizer ou cantar a sua primeira missa. O novo vigario Manoel Antonio do Val, na sua ida para villa Franca, deixou ahi como seu cura na residencia parochiar, o padre José do

Olheiro da freguezia de Creixomil, mas segundo diziam havia quem fosse ahi de noite fóra de hora, fazer-lhe picardias burlescas, afim de lhe por medo. O padre já era velho, incutia-se-lhe na cabeça que eram seus sobrinhos de Creixomil que ahi vinham. Provavel estaria ahi contra a vontade deelles, nunca se soube quem era. Segue-se que elle tomou-se do medo e pediu ao Snr. José Rodrigues da Cunha, para ir morar na sua casa que foi das coelhas ao pé da ponte do meio e foi obtido nesse pedido, e ahi foi morar. D'ahi parochiava a freguezia, mas a certo tempo achou-se muito doente e os sobrinhos vieram ahi buscal-o para Creixomil onde logo falleceu. Deu-se o acaso de ser por esse tempo do fallecimento do padre do Olheiro, que chegou de Braga a Santa Marinha. Aquelle que tinha sido correio ordenado padre, filho do lavrador que andava em demanda, cujos nomes ignoro, tanto do pae como do filho. Foi esse padre a quem o vigario Manoel Antonio do Val, parcho em villar Franca por trato que fez com elle. Mandou immediatamente substituir o padre do Olheiró, que se apresentou em villar do Monte, sem ninguem esperar, nem mesmo ninguem sabia em villar do Monte, que esse homem que ahi passava na estrada na qualidade de correio nesses tempos atraz, tinha ido estudar em Braga para se ordenar a ser padre a casa em villar do Monte que elle procurou logo na sua chegada, foi justamente a do Snr. José Rodrigues da Cunha, aquelle benfeitor que o auxilio quando correio, n'aquella noite de tempestade. Quando viram entrar pela porta adentro um padre desconhecido, ficaram surprehendidos, mas mais surprehendidos ficaram quando lhe elle disse o seguinte : senhores, eu sou aquelle homem a quem em tal tempo, n'uma noite de tempestade os senhores prestaram o seu auxilio quando eu era correio, hoje sou padre, e venho parochiar esta freguezia, e offerecer aos meus benfeitores, dessa noite atormentosa o meu pouco prestimo, e pois dezejo servil-os em qualquer cousa que os Senhores me queiram occupar, a esse tempo andava ahi a monte e em qualquer parte da provincia do Minho, um parecida pois tinha matado seu proprio pae. Um dos contedores da demanda em Ferrojais, o pae do parcho nessa actualidade em villar do Monte, planejou um assalto. A casa de seu adversario em demanda, o odio rancoroso um para com o outro que de ha muito os prezidia. Chegou ao maior desespero possivel. Sta. Marinha de Ferrojais, ia ser como foi o theatro da maior desordem; esse ca-

ramin oso de morte de seu proprio pae. Chavama-se o saleiro que induzido talvez por algum intermédiario desse demandista, foi fazer essa funesta tragédia, uma noite de tremenda trovoada. O saleiro appareceu em Ferrojais commandando uma numerosa quadrilha de malfeitores, e assaltou a casa desse demandista, adversario de seu rogativo que era o pae do padre Gabriel, que foi morto elle, alguns criados e mais gente. O padre escondeu-se no forro da casa, e de lá viu mattar seu pae; se bem me recordo tambem foi morto, o padre de villar do Monte. Mais ou menos nas vesperas desse acontecimento tinha se recolhido a casa de seu pae, e tinha sido substituido por outro de quem adiante fallarei. Entrou no conflicto junto com os malfeitores que lhe custou o perder um braço. Depois disso(~~depois-disso~~)andou preso nas cadeias de Barcellos e Braga alguns annos e era conhecido pelo padre Manetta, e por fim mandaram-no para a costa da Africa, foi uma dezordem terrivel nesse tempo, entre esses dois lavradores, que nunca se tinha visto outra por ahi em parte alguma. O povo de Forrajais e das Freguezias visinhas ao presentir entre as trévas da noite esse desuzado tiroteio, seguido de gritos dilacerantes tudo accudiu, asistir a esse drama de terror nunca visto. Não asisti nem era possivel pois era de tenra idade e morava como sabem retirado mas me recordo bem do que se dizia, que era uma noite completamente escura, e no meio das trévas entrevallada de coriscos e trovões, o tiroteio dos bacamartes, de parte a parte os gritos agonizantes dos que tomavam balas, e dos que eram mortos cruelmente; emfim foi para essa gente. Uma noite lugubre e funesta no meio de toda a confusão, ainda conheci um irmão do padre Gabriel que escapou de morrer n'esse conflicto. Chamava-se Joaquim, encontrava-me com elle em Vianna; voltando ao assumpto o padre Cura de Sta. Marinha, em villar do Monte, pouco tempo ahi esteve. Seriam uns dois ou 3 mezes, lembra-me desse fallar da chegada delle a casa do Snr., mas não o cheguei a conhecer pois era menor e não me levava ainda a igreja, na retirada delle para Forrajais; o vigario Manoel Antonio do Val, parco em villa Franca, mandou substituir por outro que se chamou padre Manoel Bordes, se bem me recordo. Padre Manoel elle era trouxe consigo um sobrinho, foi o primeiro padre que conheci a parochiar na igreja, em minha infancia. O vigario conheci-o depois quando voltou de villa Franca e o padre Moreira conheci-o

em Mareces; depois de ter sido ha annos encommendado em Villar do Monte. Este padre Manoel Bordes, chamavam-lhe tambem o padre Gallego, pois se não era gallego, era pelo menos lá da Raia da Galliza, esteve ahi bastantes annos, e procedeu muito bem. Os parochianos diziam que elle comia caldo de bacalhau, não sei a razão disso, ia ha miudas vezes á casa que foi meu berço, dava-se com meu pae, pois quando elle chegou, era meu pae o juiz do sucino, ou da Cruz, e como tal sempre conversavam mais a miudas vezes. Foi no tempo desse padre, que falleceram, do que bem me recordo ver os sahimentos funebres. A Snra. Maria Thereza, primeira espoza do Snr. Manoel José Ribeiro, a Snra. Maria Bazilia do logar da casa nova, mãe dos senhores José Nacizo da Costa e Francisco José da Costa, e o Snr. Francisco José Berga, irmão do Padre José Berga, de quem já fallei. Foram estes os primeiros mortorios, de que me recordo em minha infancia em Villar do Monte, mas o padre Manoel Boldes, ou padre Gallego como lhe chamavam, depois, como disse de estar ahi uns tantos annos, sahiu dahi inesperadamente, e foi substituido nessa titullar amo. vivel da freguesia, por um padre de nome padre Antonio, era da freguesia de São Pedro de Villa frescainha, esse padre era filho de familia illustre, era homem de fino trato e muito intelligente, escrevia divinamente tinha muito boa letra. Vendo a necessidade que havia em Villar do Monte de um professor, principiou ahi a ensinar meninos a lêr, porém esse povo estava no maior atrazo e continuou a estar de se não importar com os filhos saberem lêr, e nessa conta estavam meus paes, que nunca me lá mandaram, e o padre com isso desgostou-se, e passado tempo deixou-se disso. Foi então que José Gomes Rua, um dos meninos que tinha ido a lição delle, me fez presente de um A B C, que esse padre lhe tinha escripto para com elle aprender esse A B C. Me serviu para eu aprender a lêr com o Snr. Francisco José da Costa, conhecido por Francisco Coelho, ia lá ás noites e em dias de chuva. Fugia de casa a meus paes, para ir aprender. Ensinou a mim e a Francisco, filho do Snr. José de Jesus Mano. Leitores, os sentimentos humanos, differem muito uns dos outros; esse homem se me não ensinasse, eu por certo não saberia conhecer uma letra, nem saberia nada, que nada sei. Mas sempre foi desse homem que eu tive alguma luz. Meus paes infelizmente não faziam conta alguma que eu soubesse, ou deixasse de saber. Ganhei intima amizade a es-

se homem por me ensinar, senti a morte delle como se fosse pessoa de minha familia; fui eu um dos que peguei ao caixão para o conduzir a Sepultura; de casa delle até a igreja as lagrimas corriam-me pelo rosto sem cessar. Voltemos a fallar o restante do padre Antonio de S. Pedro; esse padre demorou ahi poucos annos, mas era um modelo exemplar pastor de almas. Seu predilecto advertimento era a bella casa dos pombos torcazes, no tempo da bolota todos os dias de tarde, eil-o ahi, andava de arma caçadeira entre os sobreiraes caçando pombas. O povo estava satisfeito com elle, mas teve que ir embora para sua terra natal, pois que o dono da vigairaria padre Manoel Antonio do Val, deixou villa Franca e veio tomar conta de sua igreja, Trouxe com elle uma mulher sua criada, já de bastante idade que ainda viveu muitos annos e ahi falleceu. Chamava-se Joaquina Portella, d'ahi a uns 3 annos desde que chegou de villa Franca. O vigario Manoel Antonio do Val, seu prelado o arcebispo de Braga, creio que era D. José Joaquim de Azevedo e Moura, deu-lhe para extinguir as vigararias, eleval-as a reitorias. Recordo-me muito de ser lida essa pastoral, a missa conventual, pelo mesmo vigario fazendo ver a seus parochianos, que de hora avante villar do Monte seria seu beneficio igrejal. Uma reitoria e não mais uma vigararia, como até aquelle dia o era. Por conseguinte que tambem de ora avante o beneficiado dessa igreja parochial, tanto elle vigario como seus successores lhe era devido o dom de reitor, e não mais de vigario. O novo reitor na qualidade de vigario já em antes de ir para Villa Franca tinha tido suas implicações com seus parochianos, e desde que voltou continuou a tel-as da mesma natureza. Implicava elle que não queria que se fosse fazer os clamores fóra da freguezia, prohibinbo assim seus parochianos de cumprir o determinado nos seus estátutos da confraria do sussino, de que adiante serei minucioso. Os parochianos não davam importancia a essa implicação, continuavam a ir as romarias cumprir esse voto instituido de antiguidade por seus antepassados, e o reitor Manoel Antonio do Val, a não ser essa implicação, não tinha outra que desse logar a seus parochianos mal dizel-o. Não se envolvia em negocio algum extranho ao cumprimento de seu dever com a igreja; nunca ninguem o escutou fallar em politica, era eleitor mas nunca foi dar seu voto por candidato algum. Durante 30 e tantos annos que ahi foi parocho, era só com a igreja que se elle

importava, os advertimentos delle não passava de alguns dias de tarde ir conversar com o Snr. Sebastião José do Val Bottas, e mais ver trabalhar seus machinismos, moinhos engenho de serra e engenhos de amassar linho, dava-se muito com o Snr. Manoel José Ribeiro, era o Snr. Ribeiro quem quasi sempre o ajudava a missa. Não gostei muito quando um dia da semana estando eu na igreja sosinho e algumas mulheres para ouvir missa, e não Havendo quem a ajudasse, o reitor perguntou para mim se eu sabia ajudar, ou pelo menos se eu sabia a confissão. Respondi-lhe que sabia. Mas que nunca tinha ajudado a palavra que eu disse foi o que elle quiz ouvir, é disse para mim apressado: Anda cá, anda ca , e lá fui eu para a sacristia assistir apparementar-se, mas muito receioso tremendo fazer fiasco. Seguimos para o altar. Mas quando estavamos para principiar a missa, quasi ao enomenepatre, ahi entrou o Snr. Manoel José Ribeiro, então o reitor disse para mim: enfim tem paciencia Manoel, agora não é preciso esta aqui o Snr. Ribeiro é elle quem vai ajudar, eu não sabia nem estava ao par da pontualidade, e resposta ao ajudar a missa: Precisava ajudar aquella vez para ficar desembaraçado de alguns obstaculos, com os meus dez annos não deixei de ficar desapontado, pela pouca importancia que me dispensaram, achei-me offendido em meu brio o orgulho. Principiou de virtude, que se a muitos annos lhe puzeram um pé no pescoço a mim dessa idade ainda me era susceptivel. Estqva de joelhos e retirei-me para debaixo do arco cruzeiro, bastante envergonhado. Estavam ahi umas velhas para como disse houvir missa. Nunca eu virei a cara para ellas, mas o bom reitor era meu amigo em tempo de minha infancia, e continuou a sel-o até a hora da morte. No fim de dizer missa disse-me que fosse n'outro dia que eu ajudaria a missa. Assim fiquei certo, porem tambem não fui feliz, no dia seguinte logo de manhã cedo, correu o boato de que Luiz Fanfarrão de Cernachetelo tinha dado um tiro em Manoel José da Costa, do logar das baldosas, conhecido por Manoel do Paço, pois nasceu no logar do passo, na casa onde falleceu o Snr. João Joaquim Barreto, que tinha sido de seu pae João do Paço. Porém eu segui bem cedo para a igreja conforme tinha combinado; mas quando ia indo no caminho, com o meu intento de aju-
dar a missa, o sino principiou-se a fazer-se houvir apressadamente, chamando os irmãos da confraria e o povo para acompanhar o sagrado o biatico, ao re-

ferido Manoel do Paço, que se julgou em perigo de vida, já não ajudei a missa, pois que o reitor a não disse, devido a muita urgencia precisa de soccorrer o enfermo. Estava na igreja e fui tambem a companhal Fiquei surprehendido, quando vi o homem com o peito ensanguentado, correndo pelo leito, estavam lhe tirando algum chumbo que podiam do peito. Manoel do Paço tinha lhe tocado a elle e mais trez companheiros nessa noite rondar a freguesia, cumprindo assim as ordens do regedor, rondas que nesse tempo determinadas pelas autoridades superiores, eram constantes, o caminho que tinha a seguir a sua casa. Era nesse tempo raspi gando aom a esquina da casa do Snr. Luiz Fanfarrão de Carnachetello, que estava reformada de novo de pouco tempo, e a tinha accrescentado para fóra, ao fim da hora da ronda, que era sobre a madrugada. Manoel do Paço ia indo para sua casa no logar das baldosas, chegou em hora sinistra a casa do Fanfarrão, chegou ahi com'vontade de ourinar, e o acaso por successo deu-lhe para o fazer na esquina da casa. O Fanfarrão que já se tinha levantado do leito, dotado de uma indole um pouco malvada, sem perguntar quem era, desparou sem mais nem me mo a arma nesse homem, que se pode dizer que era um innocente; nunca fez mal a pessoa alguma. Tinha havido a pouco tempo um assalto a casa de José da Coutada da freguesia de Carapeços, tambem por causa de demandas; foi um arremedo daquella grande desordem de Forrajáes. Então dizia o Fanfarrão que o não conheceu, que se lembrou desse assalto, e que pensou ser algum malfeitor, que lhe andava espiando sua casa, e que porisso lhe atirou. Hora vejam os leitores, se isto podia ter cabimento, principalmente os leitores de Villar do Monte que o conheceram; primeiro porque Fanfarrão não era homem que constasse ter dinheiro, em segundo logar elle bem sabia que a freguesia era rondada todas as noites, e que porisso podia ser esse homem algum dos da ronda, o que foi o seguinte: O Fanfarrão, como já disse era de indole mal intencionada. Nesse tempo estava homem novo, o sangue fervia-lhe nas veias, viu lá o homem atirou-lhe quiz mostrar para ser temido, que tinha genio para matar um homem quando lhe aprovesse, como de facto matou, se não morreu logo veio a morrer disso mesmo, dahi pouco tempo. Manoel do Paço tinha passado a segundas hupcias, com uma senhora da freguesia de Oliveira. Tinha ella em sua terra natal irmãos assomados de valentões, dizia-se depois que elles vinham ahi vingar seu cunhado, como de facto vie-

ram ahi um dia armados de carabina; eram quatro, não sei se o Fanfarrão estava ou não em villar do Monte. Mas o que é certo é que não lhe fizeram mal algum; os canivetes de Oliveira, que era este o apellido delles, eram aparentados com a Exma. Sra. Dna. Thereza Redonda, Paes, esposa do Exmo. Snr. Joaquim Paes de Villas Boas, sustentaculo politico nesse tempo. Era muito natural que o Fanfarrão supplicasse delle seu valimento, por isso os canivetes não bulliram com elle; e assim passou impunes.

Mas deixemo-nos dessa trajedia, vamos ao assumpto que iamos seguindo: o reitor Manoel Antonio do Val, como já disse respeitava os parochianos, mas não se envolvia em questão alguma, a não ser a favor da igreja. Ia a Barcellos as quintas-feiras sempre montado n'uma possante e boa cavalgadura. Um caso succedia com elle que não devia ser, mas era verdade. Quando se precisava reconhecer alguma certidão passada por elle dos livros da igreja, não havia em Barcellos tabellião algum que a reconhecesse. Era preciso procurar um negociante aonde elle comprasse, que lhe abonasse a firma, quasi sempre era o negociante de fazendas, o Snr. Manoel Affonso da Calçada, que dava esse abono por escripto. Que bello tempo era esse que se passava no tempo da quaresma, aos domingos de tarde quando o sól já ia cahindo sobranceiro ao morro de S. Mamede, depois de tocar o sino para o terço, nessas lindas tardes pitorescas, ahi no adro da igreja aonde a gente se reunia nessas praticas religiosas passioneiras, de cruz em cruz ahi no adro e cruzeiro, ao mesmo tempo via-se de vez em quando subir ahi no caminho que vendo agrello, ribeirinho e laguinho, terras de hervas essas jovens raparigas, carregando a cabeça o cesto de herva, accompanhadas de seu namorado, e o reitor Manoel Antonio do Val, ahi na sua varanda ou pelo passal e mais das vezes na igreja perguntando aos parochianos a doutrina, vendo elles todos em oração, como em um advertimento, que bello tempo, que costumes uzuaes, atrahentes e pittorescos tão amenos, e deleitosos desse povo, que ao escrever destas linhas lembrando-me do que se passava, me sinto apaixonado, depois iam para suas casas quando já o crepusculo se via ao poente, conversando uns com outros com seus corações tranquillos n'uma paz santa e sincera, dobrada de alegrias como quem vinha, segundo nossas crenças religiosas, de conversar com o proprio Deus. O reitor Manoel Antonio do Val, gozou ahi perfeita saúde mui-

tos annos, guiando como bom exemplar pastor de almas, e suas praticas a missa conventual, a seu rebanho n'uma linha de conducta completamente religiosa, e com a mais honesta moralidade. Porém, como era natural, chegou-lhe o seu tempo de soffrer, deu de ficar doente e soffrer da vista, Quando a molestia mais o apoquentou, de modo a elle não exercer direito a obrigação de seu serviço parochial, vinha ahi substituil-o seu sobrinho o padre Joaquim Gonçalves do Val e Souto, da freguezia de S.Claudio de Curvos, deu em tomar banhos em sua casa das aguas termaes de Lijó, mandava a vir as pipas da casa aonde eu nasci, algumas vezes se foi a Lijó, a pedido de seu sobrinho trazer as pipas de agua para elle tomar banhos. Assim foi continuando e ficou melhor de seus padecimentos, menos da vista, que não mais era perfeita. Algum tempo parochiou ainda sosinho, sem ser preciso o auxilio de seu sobrinho, nesse intervallo de tempo chegou um dia na semmana, que o reitor lhe foi preciso fazer uma viagem, que nunca se soube para onde e demorou pelo menos uns dois dias. Na volta veio de noite na diligencia, não se sabe de onde, até ao travesso lá ao fundo do sitio dos queijeiros, apiou ahi da deligencia e veio pelo caminho direito pelo sobral para sua casa. Mas por certo o bater com a vista pela noite escura nos farões luminosos da deligencia, o deixaram um pouco attonito, que elle chegou ahi ao logar da feiteira, perdeu o caminho que seguia; se havia de descer para a ponte do meio, caminhou ao lado esquerdo e foi cahir ahi num barranco fundo, proximo ao chamado cortelho da cova de Enxate. A queda foi fatal, e não se pode levantar para vir para sua casa. Era uma noite de neve, ahi esteve toda a noite gritando sem ninguem lhe acodir. Pela manhã o primeiro que escutou os gritos, lacerantes do reitor, foi o Snr. João Baptista da Silva, volgar João Motta, que não sabendo o que era, foi seguindo ao som dessa voz lacerante, até que deu com o Reitor, orrivelmente machucado, quasi morto, que muito mais o definhou. O muito frio da neve que cahiu de noite, que elle ahi supportou. O Snr. João Baptista correu chamar quem o ajudasse para conduzir o reitor gravemente enfermo a residencia parochial sua moradia. O reitor esteve no maior perigo de vida, porém os medicos ainda o salvaram. Desta vez esteve muito tempo de cama, por fim levantou, mas ficou quasi inutilisadd. Nunca mais poude parochiar sósinho, dahi por diante teve sempre coadjutor. Na occasião desse

factal desastre, foi outra vez seu sobrinho quem coadjuvou por algum tempo. Depois veio para ahi como coadjutor, o padre Valentim, da freguesia da freguesia de Creixomil, depois desse padre ahi estar passados tempos, o Reitor deu-lhe em ir para Braga, curar se da vista e foi em companhia de seu sobrinho, o padre Joaquim de São Claudio. Estiveram lá bastante tempo; quem escreve estas linhas, lá o foi visitar. Estava numa salla de janellas fechadas, as escuras aconselhado pelos medicos. Mas assim mesmo, o reitor em antes de ir para Braga, estava quasi cego mais dizia a sua missa no altar da Senhora do Rozario. Diziam que era missa, mais facil de dizer, pois que a dizia quasi decor, por um breve, ou licença que tinha tirado para assim a poder dizer. Assisti algumas eram abreviadas, depois quando veio de Braga, veio um pouco melhor da vista, e já dizia a sua missa no altar Mór, sempre mais cedo que a de seu coadjutor padre Valentim. Mas o padre Valentim, depois que o reitor chegou de Braga, pouco tempo ahi parou. Logo passado mais ou menos um mez, sahiu dahi, se bem me recordo, foi parochiar a freguesia de Maris, temporialmente. Esteve ahi outra vez o padre Joaquim de São Claudio, seu sobrinho, depois conseguiram vir para ahi o padre Domingos Cancella da freguesia de Santa Leocrecia, que ao fim duns dois annos e meio mais ou menos foi acomettido d'uma mollestia, e ahi falleceu. Foi levado seu corpo de noite por esses montes, passar aos carvalhos cerquinhos para Santa Leocrecia, sua terra natal onde foi enterrado. Todos os coadjutores, tinham sido ~~eé~~ bons e zellosos da igreja, mas este, sua morte foi sentida por demais por esse povo. Emquanto elle vivo todos ahi falavam do Snr. Padre Domingos, num tom da mais intima amizade. Depois da morte deste padre, o padre Joaquim de de São Claudio, voltou ahi coadjumr uns 15 dias, até que tornou a vir o padre Valentim de Creixomil. Depois passados tempos, o reitor quiz voltar para Braga curar-se melhor da vista, voltou em companhia de seu sobrinho o Padre Joaquim, e esteve lá outra temporada. Emquanto isso a igreja estava bem substituida pelo padre Valentim, e o reitor quando voltou outra vez, veio bem melhor de sua vista. O padre Valentim não era mesmo estavel, não levou muito tempo, foi embora, e o reitor ainda voltou a parochiar sósinho algum tempo pouco. Emquanto isso, seu sobrinho o padre Joaquim Gonçalves do Val e Souto, fazia soprar lá da beira mar, um vento marisco, que deixou pousar ahi

um pardal, que veio damnificar a seara, que todos os vigarios coadjuctores curas e reitores, tão moralmente e exemplarmente com toda a sinceridade, tinha cultivado sem nunca deixar cahir essa semente daninha, e entre os fructos, que com seus exemplos, como bons pastores de almas, tinham feito produzir nos corações de uns outros de seus parochianos, guiangos como tinham guiado, sempre na trilha do bem; viu-se pela primeira vez esse pardal n'um domingo, no adro da igreja, que povo pacato, não o enxotar logo d'ahi para fóra. Vinha barbado, usava suissas que mais parecia um regatão da feira, do que um padre, da forma como se elle apresentou. Era bem de prever o que o futuro veio a ser. Tomou posse da coadjutoria podia se dizer que foi entregue a quem tinha mais de theorico, do que de vallidade scientifica. Este desastre nos succedeu mais ou menos no anno de 1868, durante o tempo de coadjuctor. Não se conheceu muito affectação de sua bava peçonhenta nas ovelhas de seu rebanho. Pois por certo se reconhecesse o pundonoroso reitor, o enxotaria dahi para fóra, que seria uma felicidade. Porém chegou o anno de 1872 mais ou menos, deu-se o fallecimento do reitor Manoel Antonio do Val, este homem se teve defeitos foi em tempo do vigor de sua idade; pois que essa idade e a mais suceptivel de qualquer falta, cujas essas mesmas faltas são dos homens, perfeito só Deus. Mas desde que eu conheci até seu fallecimento, não houve nada a notar-lhe. A não ser aquella implicação dos clamores, mais isso em nada influiu para o desdourar em seu procedimento. Foi esse pardal, que o vento marisco ahi deixou cahir, que infelizmente ficou supprindo o lugar do reitor em Villar do Monte. Uma desigualdade nunca vista, era bem melhor que outros bons ventos o levassem d'ahi para fóra. A negra morte arrebatou-nos dahi o padre Domingos Cancella, se elle vivesse, por certo seria elle quem ficaria sendo o parco de Villar do Monte; mas infelizmente, não succedeu assim. Cahiu-nos ahi essa desgraça um chefe de familia de mau viver, não admira que sua familia, proceda do mesmo modo, pois tem o exemplo em casa. Assim succede, os parochianos com o pastor de sua alma. Se elle os guiar pelo bom caminho, elles seguem essa trilha e ficam satisfeitos mas se elle os guiar pelo caminho do mal, elles bom, e tambem ficam satisfeitos, pois confiam em seu tribunal de penitencia e em

seus exemplos, embora incorretos. Não conhece que é um monstro, feito padre de consciencia larga falsario da religião catholica, que os está guiando. O povo de Villar do Monte nos tempos transactos era consciencioso, pois que assim os guiavam seus pastores. O juramento era para elles um dos actos mais sagrados que se praticava, era por demais repugnante para elles desviarem-se da verdade no juramento. Essa repugnancia me recordo bem muitos annos antes, como disse em paginas transactas, quando uma noite um raio mattou uma junta de bois a João José da Costa Villas Boas, que em dias antes tinha ido dar um juramento em uma demanda de Rosa Gonçalves Affonsa, e quizeram dizer que elle juroù falso, e que por isso a morte dos dois bois foi um castigo de Deus, Isto dá bem a conhecer a indole desse povo nesse tempo, mas desde que veio para ahi esse malvado padre, essas oppiniões, esse escrupulo, esse melindre de conciencia, tudo elle fez desapparecer. O juramento elle mesmo ensinava as testemunhas o que ellas haviam de jurar a favor de seus apaziguados, e elle mesmo ia jurar, seduzidas por este monstro cahiram em perjuro quatro testemunhas das melhores familias de Villar do Monte, que foram Manoel José da Costa, appellido o vigairelho, e sua mulher; Manoel Antonio Ribeiro e Maria Rita espoza de Francisco José da Silva, estiveram por isso presos, cujo processo existe no cartorio do 6º. officio em Barcellos. Manoel José da Costa e Manoel Antonio Ribeiro, nesse processo perderam seu direito politico por dez annos. Soubesse de maridos violados em sua honra por esse padre, mas isso estava em tal tolerancia que havia um individuo, que tinha sua mãe ainda nova, frescalhuda, e disse-me elle, que tendo ella ido a residencia parochial, esse padre a tinha seduzido a actos deleituosos, mas que ella não cedeu, não sei; o que é certo é que dahi por pouco tempo, eu vi geitos de que esse individuo, não fazia conta nem que isso succedesse com sua propria mulher, tal andava esse desbriu em alguns homens, mas a espoza deste individuo éra senhora de bem, e por certo não cedia a esse maligno padre. Abusava do tribunal da penitencia para com as espozas conseguir de seus maridos o que desejasse, em vingança de qualquer adversario. Assim seduzia pessoa de minha familia, aconselhando-a abandonar o lar, nas procissões a senhora do tempo e boa morte as duas amazias, e ainda cazadas a teima uma com outra,

a seguir a par delle, a qual mais em frente lhe ficasse dando vergonhoso escandalo, ia as espandelladas esfolhadas emmascarado, como qualquer espiador de namoriscos e mesmo que não fosse emascarado, quando se regressava, eil-o ahi se via vir no meio de raparigas conversando com ellas de noite. Houveram ahi heranças que estavam encaminhadas a quem por direito deviam pertencer, uma das quaes de um projenictor e com suas intreguices, interpondo para fazer o convecimento pelo merito da batina, e ainda aproveitando-se elle e os que o acompanhavam, do estado morimbundo em que se achava. Porisso da falta de faculdades intellectuaes, e assim desviou essa herança e outras dos herdeiros a quem pertenciam. Em tempo de banhos entretinha-se por lá na Borga e na Gogatina e muitas vezes nos deixava ficar sem missa, tendo em tempos passados seu antesse cor immenso tempo doente, e nenhum domingo nos deixou ficar sem ella. Estudava planos de traição, e delles instruia quem o rodeava; para quando se occasionasse a opportunidade, victimar seu adversario, e para isso tinha suas testemunhas bem firmes, que eram ellas Luiz Fanfarrão de Cernachetello, Bernardino Rodrigues do vº Manoel Antonio da Cruz e Antonio João da Silva, estes useiros e peritos no juramento falso, no anno em que foi preciso remover a terra das sepulturas para ser encaxiliada, a terra que sobrou mandou ou consentiu lançal-a no caminho publico, que passa por fóra em frente ao adro. Com essa terra foram junto muitas ossadas humanas, até cabeiras ainda não de todo escarnadas. Pois ainda mostravam esses restos mortaes, a seus enlutados parentes que por ahi passavam; esse objectivo, que em vida nos embelleza, e nos contém n'uma presença de espirito altivez e donairoso, entre a sociedade. Pois essas caveiras com seus cabellos, iam despregando do montulio, apparar na trilha da Calçada, aonde passavam as rodas dos carros, a ponto de que as pessoas que iam acompanhando os carros, levados desses sentimentalismo de respeito acatado em todo o mundo aos mortos. Não as quequeriam ver esmagadas, paravam os bois e iam arrumar essas ossadas, escondiam-as novamente no montulho. Uma das pessoas enlutadas, a senhora Joanna Pereira de Araujo, viúva tinha lhe fallecido não havia muito tempo, sua predilecta, e unica filha. Inspirava-lhe ser uma dessas caveiras a de sua ente querida filha. Dizia ella por ahi passando numa dellas, e derramando lagrimas dizia: meu coração me diz que aquella é a cabeça de minha filha.

Meu Deus! O mesmo succedia commigo quando passava ahi, que tirava do caminho com todo o cuidado essas ossadas, e as incluia na terra do montulo, que se unia junto ao paredão do adro, e pensativo dizia commigo mesmo: quem sabe se estarei movendo alguns ossos dos restos mortaes do meu fallecido pae, ou de minha madrinha Maria Josefa, Solteira, o meu sentimento era profundo, ao lembrar-me disso o meu coração estremecia, demais por ver essas cinzas dadas ao abandono. Já não digo a falta de respeito, pois o povo as acatava, prova de que se não conformavam com o ultraje degradante praticado, ou quando menos responsavel, por esse falso ministro da igreja, os parochianos ao avistar essas cinzas humanas, impria-se-lhe no coração, como era natural. A imagem de seus defuntos, a quem na igreja funeralmente tinham dado a sepultura e prestado homenagem. Alguns ouvi eu commentar entre si, não porque soubesse que as leis prohibiam, ninguem sabia; mas porque no intimo lhe inspirava, que essa fracção de terra que continha ossadas humanas, que removida e tirada da igreja e lançada ahi, não podia deixar de trazer junto fracções de restos de seus finados. Ignoravam as leis, mas os sentimentos os levavam a commentar esse infame sacrilégio. Estavam como todos, estavamos ao par de que en todo o mundo se respitam as cinzas dos mortos, desde o mais poderoso ao mais pléve. Mas ninguem ousava dizer a esse padre que mandasse abrir uma cóva no adro da igreja, logar vedado a profanação, para dar outra vez a terra essas cinzad humanas, e assim continuaram. Eu que estava ao par de tudo, pois-o no logar que eu occupava, tinha por obrigação estar, muitas vezes me lembrou de dar parte a autoridade superior, mas nunca o fez, por uma razão muito natural. O beneficio da igreja era pouco rendoso, o fallecido reitor tinha outros rendimentos, pois tinha seus haveres em Villa Cova; o crime era grave, o padre de duas uma, ou tinha de ir parar a prisão, ou azullar d'ahi para fóra; e nesse tempo não era facil obter padre de prompto para ir ahi parochiar, e o povo ignorante, como era desses deveres, não ia atribuir de accordo taes punição de um crime nefando, impiamente sacrilégio, como effectivamente o era. Tomariam isso por uma por uma vinçança da minha parte para com o padre, principalmente pelos adelos a elle, e ainda pela falta de padre ahi; dos meus, movidos e incitados pelos contrarios, fazendo-lhe ver que eu era o causador de não haver padre. Cheguei mesmo a dar

alguns passos, para na sahida desse obter padre de prompto, afim de o povo não ficar revoltado contra mim. Havia na freguezia de tregosa, meu conhecido desde estudante em Vianna, pelo eu ter procurado nessa cidade, para vir cantar os clamores de villar do Monte em alguns annos em dar que a nossa senhora das Areias. Esse padre me prometteu, porém mais tarde deu-me a decisão de que não podia vir, e assim fui estando sem o encommodar. Depois mais tarde, passado tempo succedeu um dia eu ir passando ahi n'um caminho, e escutei dizer a um individuo que ahi morava: o senhor reitor já me ensinou como eu hei de fazer, mas não soube para quem elle fallava essas palavras, nem em que sentido as elle proferia. Este individuo era cabo de policia, nomeado pela autoridade competente. Passados dias como fosse preciso intimar certa pessoa para comparecer em dia e hora, em certa repartição em Barcellos, e elle ficasse ahi mais proximo, fui eu lá ordenar-lhe essa intimação; estava presente o senhor José Manoel da Costa, logo ao nos chegar proximo, a degradante figura, transformou-se como em estado de loucura, principiou a fazer alarido e pegou em uma pedra e principiou fazendo manejos, como quem queria dar em si mesmo. A loucura delle era aquella artemanha ensaiada pelo padre encommendado, e não reitor como o miseravel tinha dito sem eu saber para que fim. O senhor José Manoel da Costa tirou-lhe a pedra da mão, o desgraçado queria fazer ferida, mas não chegou a isso nem se lhe fez mal algum. O meu intento era correcto, e livre de maldade alguma, nem tinha percebido que o rancoroso padre tivesse angariado esse desgraçado para seu instrumento. Não foi preciso mais para o fingido pastor de almas nutrir ahi o seu odio. Foram 3 as testemunhas, das taes que deixei dito exercitadas peritos no falso juramento, que juraram de vista, quando não estavam no logar, nem perto. Em todo o caso poderia escutar mal e mal uma dellas, pois sua morada era mais perto; era essa que se estivesse em sua casa e quizesse jurar a verdade, podia dizer que mal algum se não fez a esse miseravel, mas não quiz ir contra esse maldicto padre, que no confissionario lhe garantia levar sua alma ao céu, mesmo entre juramentos falsos. Depois disso d'ahi a alguns dias houve uma reunião de cidadãos, e orientados da profanação das ossadas, 6 destes assignaram uma participação para a administração do conselho, que deu em resultado d'ahi ser dirigido um officio ao regedor de parochia para em acto continuo ir

accompanhado de tres testemunhas ao local da profanação fazer recolher essas ossadas em um caixão, e convocar para reunir em sessão a junta de parochia, afim de lavrar uma acta no respectivo livro, minuciosamente de tudo occorido e além disso mandar lavrar pelo seu escrivão o auto de flagante e remetter feichado e lacrado aquella administração. Tudo isso se cumpriu conforme o determinado pela autoridade administrativa, menos a conducção das ossadas para a administração. O padre viu-se devéras em talas nesse dia, porem ainda dessa vez ficou sem ser punido, quando se estava para seguir para administração, appareceram certos personagens que tanto estaram, que me levaram a eu disistir de mandal-as, a ponto de alguns dos que assignaram a participação, me classificar de covarde; Diziam elles e com razão, entregamos-to nas mãos, e tu poupas tolo, agora lá te arranja. Muito concorreu para eu desistir dessa punição a um inimigo implacavel, que tanto me perseguia ainda a falta de padre para o substituir, querem saber o que elle chegou a dizer nesse dia de aperto? Que não sabia que isso era crime, que elle não sabia todos podia accreditar. Pois por ahi se via que elle era mau e traiçoeiro, mas ignorava o cumprimento de seus deveres, se assim não fosse não cahiria nessa cillada, mais civilisados do que esse padre era são os indios e os bugres, que enterram os seus mortos em talhas ou panellas de barro feitas por elles, e tem seu uzo religioso de lhe prestar homenagem; e esse padre mandava ou consentia lançar no caminho publico, os restos mortaes de seus parochianos, melhor fora se seus paes lhe tivesse mettido nas mãos um alviã̃m e mandal-o desnortear o faro de palmeira. Gabava-se de valentão, dizia elle que ahi en Grandra na margem do cavado tinha feito recuar, não sei quantos centos de metros, o maior valentão dos seus lugares, que era um cabreiro de fã̃. O medo de cahir nas garras da justiça, e desmoralizar-se em seu prestigio, era o que fazia conter certa pessoa, de contrario veriamos a valentia delle até onde chegava. Era tão ignorante, que não sabia ao certo fazer a conta de repartir, para dar lição aos meninos, quando um benfeitor ahi lhe propoz pagar-lhe. Foi-lhe preciso ir aprendel-a com o padre Pereira de Santa Maria do Abbade; foi um bispo gallego que lhe conferiu as ordens, segundo elle dizia: era melhor que as conferisse a um irracional. Soube a pouco tempo, já as minhas memorias estavã̃ neste ponto, que esse padre era fal-

lecido, pena foi não ter sido antes de perverter esse povo. Em tudo, mas principálmente a esses que tiveram a fraqueza de se levar por intuição delle a jurar falso, era diabolico esse padre, caros leitores meus patricios, a vossa igreja que tambem foi minha, as primeiras despezas extraordinarias que se fizeram com ella, foi a nova tribuna; pois a antiga estava incapaz de se prestar ao culto divino. Foi feita na freguesia de Alheira, quem tomou isso a seu cuidado, foi o sempre lembrado reitor Manoel Antonio do Val, com dinheiro que elle obteve, 30$000 da commissão da bulla da cruzada, e o resto entrou com elle a confraria do Santissimo. As segundas despezas foram para o encaxilhamento das sepulturas. Até esse tempo eram umas lousas de cumprimento e largura mais ou menos dos corpos que cobriam sobre a terra, cobertas em toda a igreja com uns taburnos, e entre os taburnos d'um lado e outro seguia um carreiro da porta principal ao arco cruzeiro, que ficava mais baixo um palmo mais ou menos; era lageado de uma fila leanar, dessas lousas ou sejam sepulturas. As terceiras despezas foi levantar no corpo da igreja desde o arco cruzeiro a porta principal, creio que uns dois palmos, abrir uma fresta proximo ao pulpito que a não tinha, e forrar a igreja pois que até ahi o forro era só por cima dos caibros, e foi forrada por baixo. Foi ahi que se soube que os caibros e todo madeiramento, tinham servido noutra igreja, assim como ao abrir da parede para collocar a nova fresta, estava no mesmo logar, pedras exculturadas duma fresta que tinham servido na antiga igreja. Estes dois concertos, ambos elles foram dirigidos pelo Snr. José de Jesús Mano, já nesse tempo se fallava na reforma da capella mór, pois que ameaçava ruinas, assim como levantar mais o arco cruzeiro, pois não sabia a costodia do côro, mas como as despezas eram grandes, e o povo não podia, nunca se tinha cuidado disso, para os dois concertos. A confraria do Santissimo, devido a economia que faziam os mezarios, dando as festas menos fausto deram para o ajudar nas segundas despezas para o encaxilhamento 30$000, e para as terceiras erguer as paredes 40$000. Os habitantes pouco vieram a dar. Tudo isto succedeu já em meu tempo, depois disso ahi pelos annos de 1881 a 82, mais ou menos deliberou a corporação parochial, de que eu fazia parte, fazer com a igreja as despezas mais avultadas que com ella se tinham feito, desde que ella ahi existia que foi

o seguinte: derrubar o arco cruzeiro quasi de todo, para o construir na elegancia precisa em altura. Derrubar a capella mór, e construir de novo acrescentando-lhe um metro, no seu alongamento para o fundo, e collocar-lhe de novo duas elegantes frestas, uma de cada lado a pares do altar. Pois só tinha uma do lado do sul que dava acanhada luz, e bem assim construir debaixo do altar uma casa galleria subterranea para guardar o esquife, e mais trastes rusticos da igreja. Reformar de novo a sacristia, collocar-lhe de novo uma porta para o lado do nascente, dar mais largura ao adro da igreja, fazendo novo paredão com outra elegancia que não tinha. Para occorrer com estas despezas era preciso crear receitas extraordinarias, mas para os parochianos não se podia appellar. Apenas poderiam pagar as despezas ordinaria do costume. Então a D. corporação parochial, foi entender-se com os mezarios da confraria do Santissimo, a saber com quanto ella entrava, pois não havia concerto algum que a confraria não tivesse entrado com qualquer quantia que pudesse dispensar; porém até com isso o malvado padre fazia politica, a confraria estava na mão de sectarios delle , e não houve meio de lhe arrancar um vintem. Então combinei com os meus collegas a ir ao porto pedir um donativo a um benfeitor que nasceu em villar do Monte. Resultou elle mandar entregar a junta de parochia a quantia de 90$000, destinada as obras por nós deliberadas, e mandamos a imprensa um modelo para cartas de peditorio, e assignadas por mim e os meus collegas da junta. Dirigiram-se a pessoas caritativas, mais dellas longe de villar do Monte pedindo obolos para as obras de nossa igreja a Exa. Condessa de Azevedo, mandou-nos uma libra. O padre Domingos Simões de Barcellos, deu para forros da capella mór e sacristia., o melhor pinheiro de sua bouça em villar do Monte, e assim outros mais se receberia se pelo menos trez de seus rogaes da junta se reunissem para yiajar a esses logares, aonde tinham remettido essas cartas de peditorios, o que nunca se conseguiu. Supplicamos da commissão da bula da cruzada por meio de uma petição por nós assignada e escripta pelo Exmo. Snr. Dr. Sallazar de Barcellos, um ajudatorio para as obras de nossa igreja, a qual nos attendeu com 40$000, e assim demos principio a obra. Afinal a freguezia veio a pagar para essas obras creio uns 15$000 si bem me recordo, e a confraria do Santissimo não deu nada. Mas meus caros leitores e patricios,

a obra principiou-se, e quem tratou de administrar todos esses trabalhos e da escripta e de tudo de principio a fim, foi quem escrve estas linhas. Ninguem póde saber o que soffri com esse indigno padre que por ahi andava, tratou de me arranjar cilladas as mais diabolicas, a primeira foi como eu já disse de tirar os actuaes mesarios da confraria do Santissimo, de concorrer da mesma confraria com qualquer quantia para as obras, o que nunca em tempo algum a confraria deixou de concorrer. Porque nunca ahi andou um tartufo como foi esse. A segunda foi o seguinte: passaram-se editaes pela imprensa annunciando dia e hora para a rematação de obras a quem por menos o fizesse, e as condicções aos concorrentes no dia da arrematação. Ahi se apresentaram diversos concorrentes a obra de pedreiros e carpinteiros, cada um conforme o determinado na lei. Apresentava seu fiador, tomaram-se os nomes de todos os operarios concorrentes e seus fiadores, principiou-se a escriptura e abriu-se o lance a quem por menos construisse a obra. Pois bem, quando no ultimo lance foi entregue o ramo de estillo, ao continuar a conclusão da escriptura, o mestre pedreiro a quem tinha sido entregue o ramo, veio avizar que seu fiador depois de lhe ter promettido assignar n'aquella hora lhe faltou. Tinha sido esse imundo que lhe assoprou aos ouvidos, e o fez faltar ao que prometteu. O intento delle era ver se a escriptura ficava em ponto de nullidade, porém enganou-se, que eu mandei deixar o logar da assignatura em aberto, e arranjei por favor de um outro assignar, afim de o acto ficar legal. Ahi preparou-se elle para me formar outra cillada, mas essa era de bem mais perigo. Quando a capella mór já estava derrubada, e o arco cruzeiro desfeito, emfim estava a igreja principalmente do altar da senhora do Rosario, para cima tudo em desarranjo; além disso estavasse n'um inverno continuado que parecia que chuva nunca mais parava, e alem disso estava-se sem ter preparado e mandado para o conselho de districto approvar o orçamento do segundo anno que a obra corria, que era o da despeza mais importante. Porisso a obra tinha de parar até o orçamento vir approvado que levava seguramente uns 3 mezes, mas tinha ainda o altar do Menino Deus, que com um pequeno geito o padre podia ahi dizer missa ao povo. Assim eu o propôz, mas como elle estava com a malicia não quiz ceder, e mudou o sagrado biatico para a capella de Nossa Senhora do Tempo e boa Morte que esteve servindo de igreja algum

tempo. De lá veio algumas vezes o sagrado biatico aos enfermos. O padre entendeu, eu podia dizer a missa ao povo neste altar, mas para os metter em embaraços, vou mudar para a boa morte. Pois de duas uma, se elle continuar com a obra sem o orçamento, nas mãos os tenho, que os hei de embrulhar até dar com elles na cadeia, e se elles botar o orçamento tem de parar com a obra uns 3 mezes. E o povo vendo a capella para ir a missa lhe fica longe, é tempo de inverno, principiam a revoltar-se contra elle e me convem: tanto queria formar traiçõeiramente embrulho, a corporação parochial representada por mim que afinal não a soube fazer. Quando elle mudou o sagrado biatico para a capella de Nossa Senhora do tempo e boa Morte, já eu fiquei sabendo que ia ter um bordão para me amarrar, e não cahir e poder me livrar desse inimigo feroz, que se preparava para me mergolhar a mim e a meus collegas. se elle diz a missa ao povo na igreja e a obra continuava ahi é que nós elle embrulhava. Mas eu é que não cahiria nessa. Mandaria parar a obra e o povo com a missa ahi ficaria satisfeito; afinal e o senhor dos planos imaginarios delle, mandei continuar a obra. Alguns dos meus collegas e outros do povo me avizaram que não continuasse a é vir o orçamento approvado, que afinal iamos ficar em entallas sem necessidade eu respondi que ficava responsavel por tudo, todo mal por minha conta e a obra continua, mal ninguem sabia em que me eu bazeava para me salvar dessa precaria situação, continuou a obra, e o padre e seus secazes davam écos por toda a parte, que a junta estava gastanto dinheiro sem orçamento e que iam ser processados, e condenados mettidos n'uma cadeia. Andavam ahi uns taimados tagarellos de appelido os jaques sempre agarrados ao trapo ceboso do padre, que por donde andavam faziam um allarme. Mais, e muito mais do que o bando pregão ao publico, eu não dava importancia. Mandava o escrivão da junta quando era preciso pagar, passar aos operarios mandados de pagamento, para o thesoureiro pagar mediante o competente recibo. Emfim mandava fazer em dia as contas, sempre com o maior escrupulo de forma a não haver engano, e deixei correr; quando ia a Barcellos alguns que se enteressavam e ouviam fallar do meu nome, me perguntavam: que é isso que lá estão fazendo que andam ahi fallando de si? Eu respondia-lhe: não é nada deixe-os fallar. Dizia eu, ressentindo-me commigo mesmo: malvados, o dinheiro não era delles, nem

meu, mas andei como um mendigo pedindo donativos para a igreja para não sobcarregar o povo com contribuições, e a paga era estar-me amofinar, fallando do meu nome com desdem, apoiando um sabugo que não dava um passo, nem tinha valor para isso, a favor da freguezia, na igreja teve elle uma teimisse réenguia commigo. Todos sabem que em quasi todas as igrejas, quando ha esposição do Santissimo, a custodia é conduzida por um logar occulto, apparece no throno da tribuna quasi sem ser visto collocal-a , e isso ahi me parecia muito mais decente, e por isso procurei na sacristia ver se seria possivel abrir uma pequena porta que communicasse com a tribuna para ser conduzida por ahi; porém não foi possivel, e por isso mandei collocar na tribuna ao lado direito do altar uma porta para ser conduzida por ahí, pois o tal padre opoz-se a isso deveras, disse que se podia conduzir mesmo pelo altar , e assim teimou que não queria a porta na tribuna, a ponto que chegou a dizer-me que a igreja não era minha, para eu estar ahi a mandar em tudo. Respondi-lhe eu: se mando é porque meus collegas me encarregaram disso, e como estes e eu fomos eleitos pelo povo, estou no meu direito de mandar. Respondeu elle: mas aqui n'este altar, quem manda sou eu, eu é que sou responsavel. Disse-lhe eu: sabe que mais o senhor manda lá no que diz respeito a suas funcções de parocho e nas obras da igreja quem manda sou eu, e a entrada alli não o estrova de exercer no altar o seu ministerio. A proposito dizer-me que a igreja não era minha, sim não era minha, era de todos; mas de mim é que partiu a inicitiva dessas obras, porque me espirava certo amor pela igreja aonde fui baptisado, e tinha gosto de a ver compatebilisada com suas companheiras das freguezias visinhas. Se assim não fosse não deixaria os meus interesses, para andar ahi caminho de dois annos, a cuidar ahi só em obras de igreja, sessões de juntas de parochias, perdendo todo o meu tempo, mas posso dizer que fui um protector da igreja como nenhum outro, a não ser como já disse até certo ponto o senhor José de Jesus Mano, que era homem amigo da igreja mas não lhe foi preciso sacrificar-se como eu, pois não lhe negarão o dinheiro da confraria, não lhe foi preciso angariar donativos, nem teve um insidioso pela frente como eu tive. Disse-me elle, a igreja não é sua. Minha éra ella porque na freguezia foi meu berço, e porisso era lhe affecto. Elle é que lhe não tinha affeção nenhuma, foi lhe entregue para que

para com seu exemplo e pecimo proceder perverter esse povo, que tan[illegible] moralisado e caraterisctico era em antes delle para ahi vir. Elle ahi não foi mais do que um violador da honra conjulgar, um criminoso de adulterios, e mesmo dado a immoralidade, a herba do Prado do Passal ordenava elle ahi a umas tantas raparigas, mediante uma commissão por cada cesto e o resto para elle, ellas ir a Barcellos vendel-a na praça. Pois leitores era ahi sabido, e mesmo o soube, pois das do grupo uma dellas me disse, que quando ellàs vinham sahindo do Paulo com os cestos a cabeça, elle esperava-as a sahida no caminho, ao dezandar no pequeno bosque deshonestamente impudico mostrando suas partes pudendas. Recordo-me d'um anno quando elle andava pella paschoa, fazendo a visita paschoal ; ahi n'uma casa de uma mulher para o lado,do souto de alem, entraram ahi e deram as boas festas; depois disso o chamado Juiz da Cruz e a comitiva sahiram para fora pensando que elle os seguia como era devido. Olharam e viram elle ficar abraçado na mulher e foram seguindo até um sobreiro que existia lá adiante no caminho, quando o viram vir acceleradamente para os alcançar, por esta e outras mais que vou escrever era bem merecedor de o fazer muntar n'uma egua magra e tocal-o d'ahi para fóra. Mas os homens de brio e pundonor, que por ahi haviam no tempo do reitor, os quaes adiante vou descrever; já não existiãm, os existentes eram pervertidos por elle, pois era tanto que havia ahi um parochiano fanfarrão, jactancioso, que ia aos domingos para a sacristia conversar com elle fanfarronices, ditos que versavam em chullices e nessas prosas chullicéas tratava-o de abbade como quem fingia de ser já bello [illegible] mais elevado de posição. No entretanto era notorio que o padre lhe manchava a honra praticando actos indecorosos aviltantes, com uma das pessoas de sua filial familia, e isso era notorio não só ahi, como nas povoações visinhas. Violou a honra conjulgar ahi no logar da gandarella, cuja fatalidade me é impossivel descrever minuciosamente. Direi apenas o mais principal, tinha eu por infelicidade acceitado a procuração de dois homens, sogro e genro que vieram para o Brasil, e deixaram ahi sua filha e mulher com tres crianças. A principio correu tudo muito bem, algumas terras arrendadas e outras ficou já por mando delles, um jornaleiro lá por casa para o trabalho do cultivo. Estes homens vieram para o Brasil por desgosto, pois tinham imputa-

do ao genro um roubo de um relogio de ouro em Barcellos, e esteve preso uns sete mezes. Foi despernunciando, e por isso provado que o crime era injusto, veio-se mesmo a saber que quem roubou o relogio foi um outro. Desde que elles foram para o Brasil, corria o boato, embora claudistinamente, que o padre tinha relações com a mulher, mesmo porque notou-se o ou ella andar brigando com uma outra, com quem o padre tambem as tinha, e foi por essa occasião que o pae e o marido della remetteram do Brasil, em dinheiro 240$000, escrevendo-me para eu o ir receber em Barcellos, junto com sua mulher e filha e pagar uma divida com esse dinheiro a casa dos Barros. Aconteceu que o agente bancario que me fez o pagmento, lançou em meza toda essa quantia, em moedas de 240-120-100, em prata e tambem alguns 500 reis do mesmo metal mas poucos. Ora para contar essa quantia quasi tudo moedas de 12 vintens, 6 vintens e 100 reis. Não era facil contar depressa. Levou-me tempo bastante, quando eu ainda estava contando, mas ja tendo certeza mais ou menos do resultado da conta, embora ainda tinha de lado algum dinheiro para contar, o agente bancario afrontou-me, diz: avie depressa que tenho mais que fazer. A minha resposta foi: falta dinheiro. O agente bancario, em vista de minha resposta principiou a recontar e achou falta de 13$000 mil reis. Mas o que é certo é que quando o homem me disse, abergue depressa, eu disse falta dinheiro. Pensei que estava sosinho com a mulher. Mas ao eu preferir a palavra, escutei um resmungar grosso para traz de mim, em que me dizia: quantas moedas contou? foi então que eu vi que era o padre qué estava hombro a hombro com a mulher, e pensava que eu me enganei na conta. Mas quando elle viu que na conta depois de verificado pelo agente bancario faltavam 13$000 mil reis, abriu uma bocca que podia engullir d'ma só vez um presunto de porco. Ahi é que eu fiquei pensando, que o povo que já fallava, alguma razão tinha, mas não havia certeza; o resultado desse amaziamento claudistino desse sacerdote com uma das de seu numero de amazias, e ovelhas de seu rebanho viu-se d'ahi a pouco tempo, e por causa delle eu assevero ter soffrido, o maior desgosto, e paixão de minha vida. A procuração tinha eu acceitado, a pedido de um dos dois que vieram para o Brasil, que era tio de minha mulher do contrario a não acceitaria. Vamos ao resto. A mulher d'ahi a pouco tempo appareceu gravida, e o povo, porque o jornaleiro lá andava por casa, era o que o melhor, em quem

o povo punha a fama. Não sabiam elles ao certo que entrava lá o ratão vindo lá do logar do passo, gordo com os pingues das telhas da igreja. O jornaleiro bem dizia que não era delle mas que sabia de quem era, e não o descobria por estar peitado, pelo grande ministro em discredito da igreja e da Santa fé catholoca, adulterio agora gravida vivia sosinha com as suas 3 crianças. Tinha sua tia Marcellina Costa, esposa de Manoel Antonio Rodrigues e mais parentes proximos, tudo pessoas de certo pundonor e vergonha. Deram-se por rebaixados com isso, nenhum mais ouzava ir em casa della, eu como procurador assentei de não avisar o marido desse ultraje. Tinha eu por esse tempo dois meninos filhos meus em perigo de vida com as bexigas pretas. Um de oito annos e outro de onze; ficaram pretos como carvão, pensei de os não poder salvar. Nunca sahi da beira delles, até elles ficarem quasi alliviados da terrivel febre. Quando elles já iam bem melhores cahiu com a mesma febre de bexigas uma menina de uns cinco annos, mas essas eram das brancas. Julguei a de menos perigo do que os outros. Foi então n'essa occasião que adulterio deu a luz, e teve bom successo. Porem d'ahi por uns 8 dias, n'um dia de manhã antes de nascer o sol, escutou-se a mulher que lhe serviu de parteira, que foi Maria da Neves ou Maria Palmeira, gritar em vóz alta fóra de casa, no meio da eira por um senhor Antonio, creio que era por Antonio João Gomes dono da casa do terreiro, pois estava virada para lá, era nesse dia, dia de missa desses dias que se ia a missa, em dia de semana. eu ia indo para a igreja ao sahir de casa entre as oliveiras, ouvindo esse chamar tão aflicto parei; apezar de eu estar quieto, ella não ousava chamar por mim. Pois bem se sabia que eu repugnava, e dava ao desprezo por taes procedimento. Em todo o caso por curiosidade saber o que era, fallei de cá em vóz alta: que é isso lá? Respondeu ella, chamando-me de tu como de costume. O Manoel anda cá que esta mulher está a morrer, é preciso chmar o padre para ungir. Em vista disso segui acceleradamente, pois o meu destino era ir a missa do dia d'um dos tres santos, ou Santa Luzia ou Santo Amaro ou São Braz. Pois era tempo de muita neve; cheguei na igreja mandei a sacristia avisar o padre do inesperado presagio, mas emquanto isto, já a Maria Palmeira ou da Neves fazia um tropel cá para a porta principal da igreja, fallando alto, dizia: está a morrer, está sosinha.

Digam ao padre que a venha confessar, e fez com que todo o povo, ficasse n'um alvoroço. Um zum zum infernal, o padre ainda disse a missa e no fim veio a toda a pressa, e mais do povo que ahi estava, accompanhou, e eu junto com elles, chegamos em casa de adulterio achamos ella deitada na cama como morta e as tres crianças em volta della, e a recem nascida, n'um berço. Presidindo a este espectaculo, a Maria Palmeira que depois de fazer o tropel na igreja, não esperou a missa. Veio para a beira della e o padre, se depressa veio, não procedeo a cousa alguma de seu ministerio, e eu por minha parte como procurador tomei conta da casa e das crianças, feichei tudo o que era de mais necessidade debaixo de chave, justei uma infermeira para a tratar, que foi Maria Motta ou Maria Verga, e levei a criança recem nascida para minha casa. Foi então que em vista do acontecimento resolvi escrever ao marido, mandei a toda a pressa chamar medico, embora sendo o primeiro o Esteves do Salvador que fez os primeiros curativos acertadissimos. Esteve sem falla quatro dias e quatro noites, na ultima passava de meia noite, umas oito pessoas estando ahi vigiando como quem vigiava um cadaver, e eu tambem presente. Fomos sorprehendidos com as seguintes fallas: o Luiz, põe-te a pé accende o lume e nada mais disse. Chamou-se o Luiz a beira, que era uma das tres crianças filhas della o de mais idade . Fizemos elle chamar sua mãe continuamente, a ver se ella segundava a fallar, mas não foi possivel nessa noite fallar mais, nem mesmo no correr do dia; só depois de vir a noite a mesma hora, é que ella voltou a dizer o Luiz põe-te a pé, accende o lume. Ahi continuou a fallar, mais muito desacertado. Os medicos primeiro Esteves e depois o Dr. Lopes. Fizeram milagre, dizia depois ella; dizem que eu tive uma menina, eu tive mais foi uma cobra; o recem nascido foi mesmo uma menina. Ora agora vai outra vez teimas, verdadeiras brigas com esse padre infame, que não sahia d'ahi. Leitores, a enferma logo que principiou a fallar, lembrou de Deus e pedia a confissão; mas tinava em condicção que não queria confessar-se ao nosso padre,, dizia ella. O padre estava presente, mas ella quasi não enxergava, nem conhecia as pessoas que a rodeavam no leito. Gritava forte que lhe fossem chamar o Snr. padre Cunha, immediatamente ordenei a uma pessoa ir chamal-o a Santa Leocadia, onde elle era parocho. Ahi desviando-se do leito, principia o abominavel padre a resmungar, dizendo que a enferma

não estava em seu juizo, e que não fosse chamar confessor. Interroguei dizendo: a mulher está pedindo confissão e escolhendo confessor. Que é que o senhor tem com isso? Respondeu grosseiramente, a mulher está tola, e o padre vem dar uma caminhada e não a confessa. Leitores, a enferma não estava fóra de seu juizo, com elle dizia elle é que lhe convinha. A prova mais evidente della estar senhora de suas faculdades intellectuaes, era o ella dizer que se não queria confessar a esse padre, com quem ella tinha commettido o adulterio, por conseguinte autor de toda a essa scena triste e degradante que só estava passando com essa mãe de familia que tinha filhos com seu marido. A esse tempo longe de seu lar, crianças que lhe rodeavam o leito ainda pequenas chorando pelo doce nome de mãe, sem que lhe pudesse responder, nem os enxergasse. Nesses dias que tinha estado perturbado desses dois sentidos. Para mim os dois contrastes cahiram desde logo em desusança, pois não podia comprenhender a origem de taes factos. O jornaleiro a quem no geral o povo attribuia o escandalo, não apparecia ahi mas via-se que a primeira precaução da enferma, era que não queria confessar-se ao padre da freguezia, por outro lado o mesmo padre prohibia que viesse ahi outro padre confessal-a. Como é que se podia comprehender isso; a enferma como o padre Cunha lhe não apparecer nesse dia, no dia seguinte principiou instandoem vóz alta que se queria confessar, que lhe fosse chamar o senhor padre Valentim de Creixomil, pelo que muito ella clamava pedindo confissão, no casó della falleder, pois estava ainda no maior perigo. Eu julguei-me responsavel por essa falta e mandei um portador a toda a pressa a Creixomil, porem quando o portador ia indo, ahi proximo a cancella das cortinhas, o importuno padre vinha vindo e conseguiu que voltasse para tráz. Quando chegaram em casa da doente a porta da varanda, o padre principiou a vosiferar palavras desdinhosas contra mim, callorosamente. Eu respondi-lhe: pois agora meu padre, é commigo se esse portador não quizer ir, eu procuro outro, e o padre a se de chamar para vir aqui, embora o senhor mande portador em contrario para elle não vir, pois se assim o praticar, ao menos não me fica cabendo responsabilidade alguma. O padre retirou-se da minha beira furioso, e chamou particularmente a enfermeira Maria Motta, com quem conversou alguns segundos. Depois da pequena demora veio ella ter commigo, pedindo-me que não mandasse chamar o confessor, que a mulher não

estava assim em perigo de vida, e que me deixasse de teimar com o padre, que eu tinha razão mas que não sabia os particulares que haviam entre a contenda da enferma querer confessar-se, e o padre opoz-se a que viesse ahi padre algum confessal-a. Fallei-lhe, eu nervoso, e disse: então que é o que ha no meio dessa embrulhada; a enfermeira mudou de conversa, não quiz dizer mais nada. Fiquei eu sabendo que o padre tambem tinha segredos nos escaninhos da enfermeira, que era como já disse Maria Motta ou Maria Serga. Finalmente depois de passados muitos dias, veio-se na esperança de salvar a doente, que o Dr. Manoel Lopes de Albuquerque, chegou a dizer que nunca tinha encontrado mulher com um ataque daquelles que resistisse, que não esperava que ella escapasse, que daquelles ataques de cem escapava uma. Como deixei dito tinha escripto ao marido avisando do acontecimento em sua casa, e não o faria nunca se não fosse vel-a em perigo de vida. Voltemos atraz escrever sobre a razão porque disse em paginas transatas que esta scena veio a ser a causa do maior desgosto da minha vida. Já disse aos leitores que em antes de adulteria dar a luz, tive eu dois filhos de tenra idade com as bexigas no maior perigo de vida, e que com muito custo e grande esmero no tratamento, pois nunca sahi da beira delles, foram salvos, Ja disse tambem que quando esses dois iam ficando livres da terrivel febre, cahiu-me no leito tambem com a terrivel febre de bexigas uma menina de uns 5 annos julguei a de menos perigo, pois eram bexigas das brancas. Foi justamente nesses 8 dias do parto do adulterio, até sua recahida, que a febre de bexigas de minha menina chegou a seu ultimo cume. Vamos dizer a verdade, eu por infelicidade não tinha em casa pessoa que se atrevesse a empregar todos os esforços e tomar todo interesse, como eu tinha; e como era preciso para tratar de molestias dessas, como já disse.a casa do adulterio, por ella cahir temporariamente nesse estado inapto, estava como procurador do marido entregue a mim, Era-me preciso nesses dias, estar por lá constantemente. Tanto de noite como de dia, a enfermeira dirigia-se a mim para todo que fosse preciso, via-me obrigado a abandonar minha menina de noite, o que muito me arrependi, só por cumprir fanaticamente um dever a que me encarregaram sem interesse algum. Ia para lá estar algumas horas da noite, minha menina nunca me sahia do sentido. Encontrava lá o casmurro do padre. Ora senhores, porque estes homens não deixaram

a procuração a elle. Tomou conta da mulher tomasse conta do mais; vinha e-
bora ahi pela meia noite mais ou menos, o abrir da porta minha menina deitada n'um
x
berço ao eu entrar dizia ella, logo que me sentia em sua presença: pãe agui-
nha, erguia-lhe com muito geito a cabecinha e dava-lhe agua as colherinhas,
pensava eu que ainda se salvaria, assim como se tinha salvado os outros do-
is. Porem quando me contornei, a terrivel febre tinha tomado posse d'aquel-
la innocente corpinho, e a morte foi inevitavel, como os leitores sabem. Mais
tarde vim a perder todos os meus haweres, mas na occasião tragica que succe-
deu de eu perder minha ménina, meus haveres existiam intacto. Não sei que a-
mor me atrahia aquella innocente creaturinha, que se me pedisse quando eu pos-
suia para lhe ser salva a vida, eu tudo daria da melhor vontade, como dei-
xei dito, a perca dessa menina pelo amor que lhe ganhei e pelos atractivos
innocentes carinhosos que ella tinha, e fez entranhar no intimo de minha al-
ma. Ao ver que ella experiva, soffri o maoir aballo pungitivamente apaixo-
navel, o maior de toda a minha existencia; todos os mais soffri com resigna-
ção, menos esse que ainda hoje ao occorrer-me ao pensamento, o sentimento é
profundo, que as lagrimas vem-me aos olhos e o coração parece querer sahir
de seu logar. De vez em quando a imaginação me mostra ainda a imagem queri-
da de minha inocente filha, deitada no berço como quando eu vinha a altas
horas da noite, ao entrar da porta da varanda para a sala, sem se poder mo-
ver mal percentindo-me, parece ainda ouvil-a dizer: pãe aguinha, tambem mui-
tas vezes o pensamento, me dá na imaginação vel-a no reino da gloria pedin-
do a Deus todo poderoso alivio de meus padecimentos. Neste ponto ao escre-
ver estas luctuosas linhas, a penna não queria escrever, devido a commoção
que me affectuo; por vezes me levantei da meza derramando lagrimas. A mi-
nha filha chamava-se Maria Thereza, Era afilhada do Exmo. Snr. Commendador
Joaquim Paes de Villas Boas, e da Sra. Maria da Silva Ribeiro esposa do Snr.
José Luiz Ribeiro, porem tomou minha filha por afilhada ainda no estado de
solteira.

Deixando esse treicho funebre para onde voltei, volto a continuar narran-
do o estado da doente no logar onde a deixei. Ganhou ella com o muito tempo
que esteve de cama, ou talvez por falta de cuidado da enfermeira, uma pene-
trante e funda chaga. N'uma das nadegas de certo por falta de a não virar no

leito, e cural-a a miudas vezes , por causa disto levou muito tempo a levantar-se, que quando se conseguiu, primeiro andava por casa amarrada a um bordão, e por fim já descia as escadas que deseiam da varanda a eira, aonde deu em vir algumas vezes, mas sempre amarrada ao bordão, pois continuavam no curativo da chaga, que levou mezes a sarar. No correr desse tempo um dia a noite vieram-me avisar que tinha chegado do Brasil o marido; fui eu lá, como de facto tinha chegado. Como estivesse bastante gente, não pude conversar tudo que era preciso com elle, e a certa hora do dia seguinte voltei lá . Entrei ahi em terras delles proximo a Ballinhos por donde sempre costumava a ir, pois me ficava mais a direito e mais facil. Segui por uma leira mais ao fundo, a face d'um vallo, a certa altura principiei avistar ella no meio da eira amarrada ao bordão; vi que pessoa que chegou se occultava, principiou a fallar para ella de alem do outro vallo, que fica pelo lado do nascente da eira, aonde a propriedade tambem delles chamada gandarella; dominado pela curiosidade, tambem me occultei; pois quiz saber quem fallava com ella tanto as occultas, de modo a não ser visto. Cheguei-me mais perto para observar e escutar quem fallava, escutei e conheci; era o padre, escutei elle perguntar-lhe pelo marido e ella dizer-lhe que elle tinha sahido para aldeia visitar parentes, perguntou-lhe em palavras as mais desonestas, exentas de toda a moral e pudor, se o marido tinha tido de noite, e se satisfez seu dezejo de complaciencia com ella, mas esta pergunta proferiu a elle em palavras que a penna não escreve, e ella fez-lhe um gesto accional entre um riso desdenhoso, dando a entender ao interrogante que sim. Mas com tudo conheci que o pudor da parte della, ia de encontro as palavras immoraes do interrogante, disse-lhe elle um pouco apressado, palavras que descendiam do maldicto ciume, e a chaga, e a chaga, e a chaga, ella ficou na mesma posição, o mesmo gesto o mesmo rizo, sem responder mais palavra alguma que eu escutasse, pois pretestei vir embora e voltar lá no outro dia, não quiz escutar mais, previndo o acaso de poder ser visto. A parteira que lhe assistiu, sem ser parteira, foi Maria das Neves conhecida por Maria Palmeira, pois que como já disse seus parentes desviaram-se della, e por isso adulterio era-lhe preciso ter pessoa a quem confiar seus segredos. Quem seria essas pessoas, não era preciso adivinhar. Uma, era a Maria Palmeira que lhe assistiu ao parto, e era es-

sa e talvez mais algumas que sabiam o primeiro fio da meada, para desenrolar da ordideira, foi a quem eu me dirigi. Não mo queria dizer, mas com bastantes esforços, instando sempre, consegui ella narrar-me tudo, principiou por me dizer que o padre seu principio de andar relacionado com ella, foi quando o marido foi preso por lhe imputar o roubo do relogio do qual já fallei em paginas transatas, sahiu da cadeia um anno antes de ir para o Brasil e o padre mesmo durante este anno nunca mais deixou de ter relações amorosas com ella e continuou quando foi para o Brasil. Disse-me ella que o jornaleiro que ahi ficou, sobre quem cahiu a famá, foi combinado já consentidor em tomar assi essa fama, força preparada por ella e o padre, para desviar a opinião publica, de pensar em cousa alguma delle, Foi eu o que dei os passos para levar o agravo a relação do ponto para o despernunciar. Emquanto eu prestava esses serviços, o padre os passos que dava e os serviços que prestava, era ter-lhe relações com a mulher, mas a respeito do que deixo escriptó sobre este trecho da vida dessa mulher todo manchado desllustrando-a no meio da sociedade, embora pleve mas de boa familia. Vou narrar aos meus caros leitores un caso muito singular que ella prezagiou a mim, em antes bastantes annos de lhe isto acontecer. Para mais direi algumas das razões ou motivo que a levaram em namoro commigo, a prezagiar-me o que a sina lhe destinava no futuro. Teria ella uns cinco para seis annos e eu a mesma idade com differença de alguns mezes, quando ella ia de casa de seus paes do logar da gandarella a casa de seu avô Manoel José da Costa, alcunha o torino, assim eu tambem ia a casa de meus avós visinhos deste. Manoel José Gomes e Gracia Maria, e nos encontravamos quasi sempre a fonte de aldeia, n'aquellas pedras passadeiras encostadas ao vallo, sobre qual os prados chamados do chouso, ahi as nossas conversas tão inocentes foram a causa para o futuro, de um incendio de amor, uma verdadeira amizade inseparavel. Seu paê n'uma escavassão que andou fazendo ahi ao sul da ultima ponta de Ballinhos, com tensões de mudar o rio, tensões de que desistiu, descobriu ahi uma linda nascente, ficou sendo a agua do consumo em sua casa, e por isso a menina sua filha vinha ahi buscal-a aos cantarinhos, eu pegado desde muita tenra idade nessa amizade amorosa, principiada na idade inocente dos 5 a 6 annos sobre as pedras passadeiras a fonte de aldeia, espiava todos os

dias do cirado, e lá ia eu encontrar-me com ella e ter as nossas doces e galantejantes fallas um com o outro, e ajudal-a ao cantarinho, e acompanhal-a ate a entrada da casa de seus paes. Sempre continuando nessas conversas lizonjas, mas de um caracter sensivel, somente aspirando della um futuro mas de rosas pondamoroso no correr dos annos, até o destino desviar, dezejava estar sempre a beira della ou pelo menos perto, por esse tempo passava-se as noites grandes de inverno, tocando instrumentos e dansando e cantando e namorando, em qualquer casa onde se reuniam encerão o bello sexo. Mãe e filhas para fiar nas roças era todo o meu gosto frequentar esses serões aonde ella fosse pois que ella e sua mãe, lá não falhavam, essas reuniões fizeram-se bastante tempo numa casa de Francisco José Barreto, que elle demoliu que existiu em terras delle entre o sitio do Romano e o Bacello, o prezagio. Foi N'uma dessas noites ao sahir-nos do serão, passava de meia noite, já no caminho ahi por essa esquina de parede velha, caminhando eu e ella e sua mãe para casa. Ella sem mais nem menos proferiu as seguintes palavras, que ao tempo me deixaram deveras pensativo, mas pouco a pouco fui deixando de lhe dar importancia. Disse ella que sua sina lhe dava que tinha de se cazar com um homem que teria um padre seu parente, que teria em sua casa tres brasileiros; seu marido seu pae e seu irmão e que teria de ser amiga ou amazia de um padre. Essas palavras singulares provavelmente eram de momento nascidas de um pensamento que lhe occorreu a memoria, afim de me esprimir com certo pezar, que a minha assidua frequentação a sua presença, poderia ser inutil se, se realisasse esse prezagio pois sendo assim não poderia de futuro obter o dezejado. Com tudo isso continuei com o namoro, e a ir aos cerões aonde ella estivesse mas um obstaculo terrivel tinha eu em casa, meus paes faziam uma guerra viva contra mim por causa desse namoro. Meu pae levantava-se de noite e ia ver se me encontrava na cama, caso me não encontrasse no dia seguinte era para mim um dia de trevas. Por fim fazia-me dormir n'uma sala aonde pudesse sentir-me sahir, mas ainda assim eu pulava uma janella para o outro lado, e ia ao cerão. Assim andei até os 18 annos nessa tormenta com meus paes, algumas vezes pensava qual seria o motivo que os levava a tantos esforços para me tirar desse namoro, não podia advinhar; porem, mais tarde deu de me vir ao pensamento por ventura esse motivo, mas sem com tudo ter uma realidade.

Esse misterio que supponho que os levava a esses heroicos esforços, nem o escrevo, nem mesmo na qualidade de filho o devo escrever. Por fim deram em pedir a Maria Josepha Solteira, minha madrinha que me arrancasse da beira della; só a essa eu obedeci por não ter remedio, porque ella me disse que se a eu não deixasse, que me abandonava e tiróva alguns haveres que me deixava. Espedi-me della, mais não sem ser com grande commoção e abalo. Isto succedeu n'um dia de tarde ao encontrar-me com ella, no caminho para alem da agua do rio Danta n'aquelle pequeno areião, teve de procurar outro namoro, mais a vontade de minha familia não levou muito tempo. A minha ex-namorada, logo lhe appareceu outro que veio a ser seu marido, e com elle o principio da réalisação de seu prezagio dito a mim bastantes annos atráz. Era sobrinho d'um padre e tambem já tinha ido ao Brasil. Ao chegar d'ahi a uns cinco annos concluiu-se a realidade de tudo, que ella disse ter-lhe sido prophetisado ao ler de sua sina. Foi preciso ser preso o marido para lhe vir a proposito, elle e o sogro ir ao Brasil, e eis os dois brasileiros. N'esse intervallo veio um irmão que já lá estava, e eis os trez. Já por ahi andava esse refugo ou rebotalha da teara papal, com que ella agaloava seu vestuario confortavel, isto foi tudo realizado e tudo ella tinha dito a mim, que sua sina assim lho dava. Em vista disso ve-se que temos uma lei predestinavel, ~~nem~~ legislada por um poder occulto sobre natural que nos é decretada quando nascemos a predestinar-nos a sorte durante a vida.

O senhor Luiz Fanfarrão de Cernachetello.

Por distração ou descuido deixei passar a opportunidade de escrever em paginas transactas uma attenuante, ao proceder incorrecto deste homem que deixei escripto, procedimento a que me referi durante o tempo que o conheci. Mas emquanto a offensas a minha pessoa qualquer que houve, segundo meu nobre pensar deixou de existir, e ficou de lado desde que elle se sahiu para Coimbra, com o seguinte rasgo humanatario, todos devem saber em villar do Monte e fóra d'ahi que esse homem que por ahi andou uzando infelizmente vestes tallares para enganar o povo, era o meu rival na politica, e reunia a muidas vezes seus adetos na casa de sua residencia parochial. Um dos dessas reuniões era como já disse em paginas transactas, o senhor Luiz Fanfarrão de Cernachetello, em que nesses ajuntamentos prezididos pelo tal padre,

planejou-se de baixo de todo sigilio a occasião opportuna, para me tirar a vida, de todos elles quem me havia de avisar debaixo de todo o segredo? o senhor Luiz Fanfarrão Cernachetello, por isso fiquei sabendo que de todos que ahi reuniam, dos quaes o de mais nobre sentimento era com tudo o senhor Fanfarrão, de todos nenhum mais lhe tocou no coração que eu dévia ser avisado. O que elle me disse e o logar aonde succedeu elle dizer-mo.

Um dia sahindo descendo eirado abaixo foi dar aos dois portellos em Ballinhos aonde atravessa o caminho que vem da gandarella para aldeia. Quando eu ia passando o segundo portello, para seguir o carreiro da igreja, ahi me appareceu de saxolla ao hombro, vindo de sua propriedade de gandarella. O senhor Luiz Fanfarrão Cernachetello, as primeiras palabras que me elle disse, foi oh!... espera ahi, que preciso fallar contigo. Esperei longe de me persuadir que a conversa que elle ia ter commigo, seria em resguarde de modo a contrariar-me da hora fatal em que esses assassinos mandados pelo padre tinham de vir tirar-me a vida. A conversa depois de qualquer comprimento uzual na aldeia, diz-me èlle: eu quero te avisar debaixo de todo sigillo de um caso dos mais funestos que está para te acontecer. Então que é? É que lá em casa do padre combinaram em te mattar, e o padre emprestou sua arma a um individuo que junto com outros estão para fazer essa execução. A quem foi que elle emprestou a arma. Resposta: Isso não to digo , só te digo que ainda é teu parente. Meu parente! Teu parente sim. Tu não contes a ninguem que mais te digo. O plano que elles tem de te mattar, é quando tu fores subindo as escadas, elles ficam por detráz da parede no eirado de teu visinho, e é d'ahi que elles querem fazer-te a pontaria. Notem bem, quando eu tive este aviso já havia tempos que claudestinamente me envenenavam os cães, appareciam mortos, ou a morrer. Ao eu levantar-me da cama, pensava eu que seria meu visinho, que não gostava de ter cão, e supponha elle não gostar tambem que eu tivesse; mas desde que me avisaram do que havia projetado, mudei dessa supposição. Os assassinos não queriam que os meus cães os denunciasse no logar onde elles vinham collocar, para disparar contra mim a arma assassina do indigitado padre. Mais tarde eu sube a quem elle emprestou a arma. Era meu parente sim, mas do lado de minha consorte, e ainda por afinidade depois disso desconfiei que elles mudaram de plano, porem essa certeza nunca a teve, mas parecia-me que tinha não

sei que de advinhar, por certos indecisos que observei. Offereceu-se me desconfiar que os assassinos me esperavam nos queijeiros quando eu viesse de Barcellos a certa hora da noite. Essa desconfiança por motivos que a penna se occulta a escrever, não a escrevo. Esses miseraveis não me mattaram porque não puderam. Havia um poder extranho, qúe me guardava porque eu não merecia a morte. Esse poder sem duvida era a minha fé com Deus que sempre tive.

A igreja não é sua. Ponto aonde me desviei caminho de 18 paginas da narrativa sobre as obras da igreja, a qual ponto volto atráz para continuar ; que segue: a obrada capella mór e sacristia, e alargamento do adro e elegancia na altura do arco cruzeiro da igreja. Apesar de todos os empecilhos ordenados por esse padre com que Deus castigou ~~em~~ villar do Monte e muito mais a mim. Concluiu-se como se designava sem remetter a provação do conselho de dístricto. O respectivo orçamento, o padre como disse tinha recusado maliciosamente minha proposta de não mudar(para a capella)para a capella de Nossa Senhora do Tempo é Boa Morte, e continuar a exercer seu ministerio no altar do menino Deus na igreja que com um pequeno reparo em cima no telhado. Como disse podia perfeitamente dizer ahi a missa ao povo, mas elle entendeu que mudando o sagrado biatico para a capella, que tinha de parar a obra por falta de orçamento, e que nos causava grande encommodo, e que seriamos odiados pelo povo pela grande demora que tinha de haver a ir a igreja pequena e longe da povoação, quando era o contrario, Se elle se deixa estar na igreja, teriamos de parar a obra sem outro meio, mas o povo ficaria sucegado. Desde que elle installou seu ministerio parochial na referida Capella da Boa Morte, e vendo eu que por isso adquiria de futuro motivos sufficientes para nos ser revelada a falta de orçamento, fez ver como disse a meus collegas da junta parochial, que continuasse a obra como de facto continuou. Mas o perverso padre vendo em fim continuar a obra, e ignorando o meu intento, obteve assignatura de alguns adectos, e foi com um abaixo assignado contra a junta ao conselho de districto a Braga. Entretanto aurora do cavado jornal adversario politico do senhor Dr. Rodrigo Velloso. Dava alguns artigos sensurando a junta de parochia de villar do Monte, e pontinhos em desdem a meu nome. Mas entretando a obra ia se concluindo

sem o orçamento, já a esse tempo eu tinha feito ver a meus collegas vogaes da junta, que tendo em tempo opportuno de seguir as contas da receita e despeza para ser approvadas pelo integro conselho districto, que o livro das actas corrente já por muitas irregularidades que nelle existiam e pelo minimo espaço que já tinha para lançar essas contas, que fazia mistér comprar um livro novo para ficar no exercicio corrente e lançar as referidas contas. Assim o deliberaram e foi comprado o novo livro e nelle lançadas essas contas, com quem o padre tanto se importava, e empunha toda a sua força diabolica, e junto a estas um requerimento pedindo ao conselho de districto relevar a falta em que a junta encorreu de não ter remettido approvação. O respectivo orçamento allegando os motivos seguintes: que ao tempo desse remetter o referido orçamento, a igreja em obras estava de todo innutilisada, de modo a não se poder celebrar por forma alguma os actos religiosos de homenagem ao culto divino, e que por isso foi preciso transportar o sagrado biaticò, para a capella de Nossa Senhora do Tempo e Boa Morte, donde vinha dos enfermos com o maior sacrificio, por ficar muito distante da povoação, e alem disso por um tempo de continuado inverno, e finalmente sendo praxe que esses orçamentos depois de remettidos approvação tem sempre uma demora mais ou menos de uns tres mezes, e por isso a junta de parochia vendo que a obra parada com esse atrazo causava durante esse tempo grande encommodo e pertubação a freguezia, deliberou a continuação dos trabalhos, e por tão justo motivo, pede ser relevada dessa falta e approvação das contas, em antes do lançamento das contas subir a conselho de districto assignado pela junta parochial era preciso o visto e enforme do integro administrador do conselho, que tinha vindo a pouco tempo de fóra para ahi, e encôr politica pertencia ao lado contrario; porem as contas lançadas estavam tão claras, sem dollo algum, que fui eu mesmo que as presentei ao Administrador sem pedir nem mandar pedir favor algum a essa autoridade. Leu e releu toda a narrativa das contas e por fim da melhor vontade e de harmonia com as mesmas; escreveo o seu informe sem desmerecer em cousa alguma, o procedimento da junta de parochia. Na vinda de administração parei em casa do Snr. Anselmo da Costa Leité, appareceu ahi o Snr. commendador Fernando José Cordeiro, e outros que muitos se interessavam que o resultado dessa embrulhada me não fosse desfa-

roso. Todos viram a legalidade e boa fé com que procedi, como representante d'aquella corporação. O Snr. Commendador Fernando José Cordeiro, foi um dos que disse logo que tomava a sua conta approvação das contas em Braga, o que não era preciso entregar isso ao cuidado de mais pessoa alguma. Não se fez esperar; Foi remettido o livro com as contas lançadas, e em poucos dias voltou com approvação. No archivo da junta de parochia de villar do Monte, não havia até esse tempo contas approvadas pelo conselho de districto.

Disse na primeira parte que na terceira descreveria minuciosamenteo que me occorresse a memoria, em respeito a cappella de Nossa Senhora do Tempo e Boa Morte, a esse fim vos digo caros leitores, que não sei para que me Deus deu um sentimento tão differente dos outros, a ponto de me conduzir a deploraveis desgostos, se com a igreja passei tantos trabalhos e desgostos, por saber que o meu nome era fallado inconsequentemente com desdem divulgado por inconscientes grulhas; com a capella de Nossa Senhora do Tempo e Boa Morte. Se trabalho não passei tanto, desgostos passei por um, que não ha dia nenhum que não me venha ao pensamento. Mais adiante direi a razão desse desgosto. Sobre o que diz respeito a capella de Nossa Senhora do Tempo e Boa Morte, seu principio como disse na primeira parte, foi igreja de povos que viveram ahi pelos terrenos de Manellò, e quinta de Manello, depois disso a tradissão trázos estudiosos o diziam, que houve ahi de antiguidade, em dia certo do anno, uma dessas chamadas romarias, segundo diziam essa romaria foi tendo pouco a pouco seu fim, por causa de uns valentões desordeiros da freguezia de villa Cóva, que vinham ahi todos os annos fazer desordens. Vinham ahi e davam pancadas de criar bicho, depois disso o padre Manoel Antonio do Val, quando em 1839 ou 1840 adquiriu a vigararia, foi seu intento desde logo restaurar ahi essa antiga romaria. Nos primeiros annos que ahi esteve, antes de ir para o conselho de Vianna parochial a freguezia de villa Franca, fez ahi festas ponposas a Nossa Senhora da Boa Morte, festas que atrahiram ahi os povos das freguezias vesinhas e de longe. Ahi era falado um tal Reixello da freguezia de gallegos, com mediante a moda desse tempo que ahi vinham fazer comedias em dias de tarde dessas festas, ainda conheci esse homem, aonde se executou esse acto theatral, embora talvez bem burlesco, mas engraçado a esses povos. Era no logar da gandarella, perto da casa de João Jose da

Costa Villas Boas, nesse tempo ahi era baldio, menos em volta da casa do referido Villas Boas, tudo isto eu escrevo por assim mo ter informado pessoas que assistiram a essas festas. Manoel José da Silva, conhecido por Manoel Berga representou nessa comedia, assim como Antonio José Mano, pae do Snr. José de Jesus Mano e outros. O novo vigario para mais atrahir as povoações visinhas, Villa Cóva sua terra natal e outras. Mandava subir ao morro de S. Manede, para d'ahi fazer subir ao ar os fogos; com tudo essas festas com a retirada do vigario para Villa Franca, deixaram de ser celebradas com a mesma pompa como se elle fosse presente, mais nem por isso diminuiu a devoção. Era raro o anno que se lhe não fizesse festa, e mais ou menos decente; a eleição de officiaes devotos da Senhora do Tempo e Boa Morte, era a mesma quantidade que se elegia a S. Sebastião, que vinha a ser juiz, thesoureiro, procurador, secretario, quatro mordomos primeiros, quatro mordomos segundos, uma juiza, quantro mordomas primeiras e quatro mordomas segundas, da vela pois que na procissão tanto a juiza como as quatro mordomas segundas, levam cada uma a sua vela caprichosamente adornada com lindas fitas, lindos palmitos artificiaes, eu ainda de muito minima idade um domingo dia dessa festa, ou seria 8 de Dezembro que era sempre nesse tempo que a festa se fazia. Minha familia mandou-me olhar os gados, em duas leiras que possuiamos na agra das Sandras, da parte de tarde toquei os gados por um portello do siqueiro afóra, e botei-os a pastar nas torgas no cotarejo, e desse alto no ponto em frente a igreja vi sahir a procissão, que segiu pela ponte do meio subiu por o caminho sob os moinhos, e lá foi dar a hermidade de Nossa Senhora do Tempo e Boa Morte. Nesse tempo não havia banda de musica como hoje, havia apenas a musica de milliciqs de Barcellos, que sobre existiu ao extincto batalhão, estava se formando a segunda que existiu em Santa Maria do Abbade, por isso a musica que ia na procissão eram dois homens na frente tocando tambores e um que tocava uma gaita de fól. Levava dois andores e fluctuavam bastantes bandeiras e guiões, iam alvoradas no cortejo bastantes cruzes, e seguia na procissão bastante povo, o repique do sino era continuo, a tarde desse dia era de sól claro, sem viração que empertinasse. Era uma dessas tardes amenas, consernentes com esses dias de festas que tanto alegram os povos, quando em dia destas festas assim succedem, não se via uma nuvem no espaço. Como criança nunca tinha

visto, apesar de retirado esses trezentos metros, mais ou menos que seria o muito. Achei bonito, fiquei deveras encantado, principiou d'ahi o meu amor proprio a essa Hermida, depois disso algumas vezes que voltava a olhar os gados na agra da gandras, da parte de tarde ainda cedo, sem minha familia ou melhor superiores o saber. Levado d'uma loucura atrahente, mania de criança de ir ver a capella, que para mim criança tinha encanto; tocava os gados pelo cotarejo, passar ao engenho de botas, quinta de Manello e tocal-os a pastar nas torgas proximo da capella até vir a noite, e eu trepava na porta da capella a espiar as duas imagens, por um postiguinho, que a mesma porta tinha. Nesse tempo ahi via algumas esmolas em dinheiro que os devotos jogavam dentro pelo mesmo postinguinho, depois ia sentar-me ou deitar-me na lage que fica atráz da capella ao sol, ou em cima da mesa redonda de pedra que lá existia ao lado do sul da capella, tudo isso succedeu por vezes. A noite já escuredendo, botava o gado embora, e minha familia não sabiam donde vinham, e desse tempo que me recordo de tudo que se passou com essa hermida, até ao anno que sahi dessa terra, a familia dos Bergas, manos e Gomes eram fanaticos devotos, e quasi todos da Senhora do Tempo de Boa Morte, do tempo que o vigario fazia as festas. Segundo se dizia, accudiram ahi bastantes promessas, uma dam quaes uma senhora da freguezia de Milhazes, dizia-se que deu de promessa a Senhora de Boa Morte, um cordão de ouro, o senhor Manoel José da Silva, ou Manoel Berga tinha uma porção de filhos, todos elles eram mesarios ou mordomos, e incansaveis no que diz respeito a auxiliar com a sua parte, fazendo propaganda para que as festas se realisasse todos os annos. Todos os outros tambem faziam da sua parte.

Era bello e interessante no dia da festa a certo ponto do cerimonial da missa, a entrega de um rosario pelo juiz da festa tendo elle já um a seu pescoço, a cada um dos officiaes, e depois a juiza e mordomas, elle vestido de ópa de ceda, e na mão uma vara de prata, elle mesmo lançava ao pescoço de cada um o rosario. E assim continuaram essas festas com mais ou menos apparato bastantes annos. Porem passado certo tempo os filhos de Manoel José da Silva ou Manoel Berga, Custodio, Domingos, Antonio e Anna, sahiram da casa de seu pae, e foram para a terra da Maia, tratar de sua vida ficando ainda esses, e os que ficaram sendo officiaes e mordomos da Senhora da Boa Morte,

e as festas continuavam, e apresentavam-se ahi todos os annos, assistir e prestar todo o auxilio ao seu alcance, mas afinal tudo tem um fim, tudo cança; esses lavradores por ahi era cada um, um só patrimonio mas foram-se dividindo cada um em trez e quatro e mais, e já não havia mais aquelle enthusiasmo de fazer festa a Senhora da Boa Morte, um dos filhos do Snr. Manoel José da Silva, Antonio Berga bem me recordo delle a tempo competente vir ahi da Maia saber se havia a festa, para no dia se apresentar ahi elle e seus irmãos. Disseram-lhe que não havia festa. Foi d'ahi embora triste e apaixonado, e assim foram deixando de apparecer, quem nunca desemparou de todo a hermidade Nossa Senhora do Tempo de Boa Morte. Foi o Snr. José de Jesus Mano, na qualidade de vogal de junta, que muitos annos era cuja administração da capella, passou a pertencer a mesma junta, era elle o que mais se interessava, era elle o que zelava mesmo como particular, era o unico que de quatro em quatro annos mais ou menos ahi promovia fazer-se uma festa a Senhora do Tempo de Boa Morte, e alguns annos festas pomposas. Acresentava a frente da capella com toldos, tudo na melhor ordem e harmonia. Quando a capella deixava de scintillar, mandava branquear de novo, emfim a capella da Boa Morte era mais ou menos como uma orphãn, ao cuidado do Snr. José de Jesus Mano, quando a capella era caiada ou branqueada de novo era bista de muito longe. Quantas vezes aconteceu de eu vir de Braga, na estrada ao segoir de encourados, em adaães, lançava a vista a essa terra que me serviu de berço. A primeira cousa que via era a capella de Nossa Senhora do Tempo de Boa Morte em villar do Monte. Lá estava ella n'uma alvura scintillante, graças ao benfeitor que a mandava caiar. Dizia-se até que era vista do Bom Jesus do Monte, e da Senhora das necessidades. Isso não sei; quando se sahia de Barcellos como disse na primeira parte, era vista ahi do fim da propriedade do Antigo e fallecido Dr. Martinho, como fallei na primeira parte esta capella teve patrimonio; nunca póde saber como se estraviou. Ultimamente dizia-se um pequeno peculio em dinheiro: creio que cem mil reis em poder não sei de quem no archivo da parochia, não constava, do que me recordo é de pertencer a capella, eram os dois soutos, como já fallei em segunda parte. Um delles de grande quantidade de sobreiros, havia delles certo rendimento em cortiça e bolotas, porem veio nelles uma molestia, que principiaram a criar bicho e a ficar quasi

seccos. Já não davam cortiça nem cousa alguma, foram ventidos por uma quantidade insignificante, davam-lhe o nome de souto da gandra, pois que ahi se chama o logar da gandra, o souto maior era como já disse na baixada confrontando com a coutada que foi do antigo João do Passo e depois do morgado, nomes que já constam destas memorias. Já disse na primeira parte que o Snr. José de Jesus Manno tinha dividido os montes de combinação com os habitantes, para ser aforados pela camara, a cada casa habitada o seu quinhão, e na continuação desses trabalhos achava-se elle no mesmo sitio aonde existiu, ou existia ainda esse souto maior, cujo terreno no mais alto da superficie existe a capella e confronta o terreno do lado do norte, com aquella coutada do poente com abouçados Simões de Barcellos, do Sul ignoro, do nascente com os herdeiros de José Roris, tambem de Barcellos. O terreno tinha talvez uns 80 a noventa metros de largura, de cumprimento chegava dessa coutada muito além para o sul da capella até perto de onde existiu a casa que foi do antigo Manoel Gomes da Gandra, vulgarisado o Barregas. O Snr. José de Jesus Manno, achando-se nesse sitio elevado desse sentimento nobre para tudo, e demais para zelar dessa capella como de ha muito vinha zelando, vendo que esse terreno podia vir a ser um patrimonio de alguma importancia e valor, fez ver a todos que estavam presentes, que aquelle terreno ia ser medido e ficar pertencendo a Senhora do TEmpo e Boa Morte, e lançou a fita e fez a medição como se fosse para aforar. Isto em presença de todos e do Snr. Agostinho José da Silva e de todos que faziam parte do pessoal da camara. O acto generoso desse homem todos ficaram sabendo que não era mais do que iniciar um respeito, a quem ninguem mais se importasse com o terreno, para de futuro advir delle algum rendimento para veneração d'aquella antiga hermidá, mas se todos fossem doptados do sentimento desse homem, não havia duvida pois era digno de se lhe guardar respeito, e concordar com o que elle a disse a todos que estavam presentes, mas não succede assim. A maior parte ou quasi todos assim concordavam, mas entre os muitos sempre ha um ou dois mal intencionados, foi o que succedeu. Não levou muito tempo, Manoel Antonio da Silva o conhecido Motta, principiou a ir roçar o matto e cortar pinheiros ainda novos pois velhos não os haviam. Isto só para fazer mal pois precisaria muito, mas menos disso. Emfim o terreno principiou a ser de-

vassado, dizia o Motta quando ahi cortando pinheiros a quem passava, que lhe fizesse qualquer observação sobre o elle devassar o terreno destinado por todos a ser pertença da capella, se dizia foi medido para a capella me processem, ora vejam até onde chega a rustica maldade, todos sabiam que aquillo não era mais do que um respeito que se dévia guardar, segundo o bom senso do povo, por ser para o fim que era, quem é que não sabia que se podia cortar ahi pinheiros, e tirar tudo que lá estivesse. Passado uns quatro annos ou mais, principiei eu a ser eleito vogal de junta; pois já tempos desde o codigo administrativo de Sampaio Rodrigues, que essas corporações eram de cinco homens, deixando de fora os parochos

Foi d'ahi a minha iniciativa com meus collegas eleitos a junta de parochia, de se fazer obras na igreja as quaes se vê foram realizadas, e tambem como já disse, nunca perdi desde tenra idade esse sentimento e affecto que sempre devotei a capella de Nossa Senhora do Tempo e Boa Morte, e por isso passados alguns annos vendo que foi quebrada a iniciativa desse homem de bom coração e por isso de bom sentimento que se achava, José de Jesus Manno com referencia a esse terreno que elle destinava para largo e algum rendimento para occorrer as despezas com a veneração da referida hermidade de Nossa Senhora do Tempo e Boa Morte, quiz eu imital-o porem com outro principio, a ver se podia prohibir a devasidão d'ahi para futuro desse terreno. E' de combinação com meus collegas, fui consultar o Snr. Dr. Sallazar de Barcellos, sobre como se podia segurar e ficar sendo pertença da capella. Citou-me uma lei dos muito antigos e bons tempos, e disse-me que a junta de parochia podia pedir o aforamento a camara, protextando ser para um largo desse pequeno monumento de honra e gloria a virgem com a envocação de Nossa Senhora do Tempo e Boa Morte, e nesse sentido me fez o requerimento, mas foi me dito no acto que era preciso que ninguem da freguezia viesse requerer o foro em praça, que nesse caso a camara por forma alguma podia deixar de lhe attender. Apresentei esse requerimento em sessão de junta para ser assignado, depois disso apresenteio a camara, que immediatamente deliberou attendendo, mandando medir o terreno e levantar a planta pelo seu medidor official. Em pouco tempo ficou tudo prompto; faltava somente a junta de parochia ir receber a escriptura, ou qualquer pessoa que a representasse. A camara arbitrou sobre esse terreno que a

junta tinha de pagar annualmente quatro centos reis de fôro.

Desde pequenino te encontrei hermidinha, nesse solo agreste, sosinha estavas ao por do sol quando te deixei ao elevar-se a lua de traz dos longiquos alpes, subindo ao espaço a elluminar-te com seu reflexo, tua area circular agreste e toda a gandra fazendo-se escutar, talvez mais por influencia dessa luz lunar, em volta de ti, o som sussurrante o candico do grillo, e da cigarra, e assim amanhecias no dia seguinte, que eras vista por mim e por todos mesmo de terras longiquas nessa gandra isolada, perspetivando-te alvura scintillante dess s pequeninas paredes e telhados, quando algum devoto de alma piedosa se lembrava de ti, da bouça do matto, S. Mamede e de todos os outeiros nesses montes, e ainda das estradas quando em viagem ou volta que te avistasse te comtemplava com todo o afecto e carinho. A tua sombra estampase nesse solo como a sombra de antigo e pequeno monumento, que fez o meu pensar muito differenciado desse presbiterio rustico que por ahi andava nesses tempos. Tu hermida que nunca me sais do pensamento, ao tempo que escrevo estas linhas não sei o que é feito de ti. Talvez esse povo ingrato te tenha dado ao abandono e desprezo,, eu por mim ainda tenho no meu coração o teu retrato e da virgem tua oraga com a envocação de Nossa Senhora do Tempo e Boa Morte parece que ainda te estou vendo embora nesse logar agreste, mas em dias amenos se torna um logar pittoresco, aprazivel de um ambiente poetico. Tu hermida és o symbolo emblematico sacrosanto, que esprime em nossos corações crenças religiosa de antigos povos, que escolheram esse logar para te erguer ahi. Segundo se calcula a caminho de quatrocentos annos, para ahi prestar culto a Deus, suppondo-se como disse na primeira parte para servir-lhe de igreja, mas apezar de todos esses atributos, no meu pensar tão attrahentes a todos que professam a santa religião catholica, não era em todos enfelizmente exprimivel a elevação desse pensamento. Pouco tempo antes de se medir esse terreno para ser pertença dessa capella, foi esta transformada ainda que por pouco tempo em igreja parochial por esse presbiterio indigno, só com o fim traiçoeiro de fazer mal, quando taes maldades lhe era como disse ao contrario, em vez de fazer mal fez bem sem saber o que fazia; pois se não succedesse isso, tinha a junta de parochia de parar a obra da igreja até vir o orçamento aprovado pelo conselho de districto, e assim a obra continuou, e no fim de tudo

foram approvadas as contas, o que o padre e seus não esperavam pois trabalharam em Braga para ser nulas essas contas não puderam conseguir, a esse tempo o padre viu-se atrahido, da iniciativa que o levou a caminha da maldade. Ficou furioso elle e seus adetos, miseraveis procuraram vingar-se naquillo que nem vingança não era, era apenas uma malvadez, uma falta de consciencia ou por outra uma verdadeira falta de sentimento religioso, e para mais destruido esse sentimento por um padre, que se dizia infelizmente e era. Parc[illegible] em villar do Monte, foram dois adetos delle, o Snr. José Luiz Ribeiro e o Snr. Francisco José da Silva Novo, quem assignou o requerimento pedindo a camara o fôro em praça, dêsse terreno que tão preciso era ficar pertencendo a junta para largo de regalias uzufruiveis a veneração e culto dessa hermidade, que sirva esse requerimento de padrão de honra a memoria desses dois homens por tão famosa façanha, esses miseraveis bem podiam ver, que o terreno ou foro delle em praça que tinha todas probabilidades para não ser rematado a beneficio de nenhum delles, pois confrontava com familias abastados de Barcellos com quem nenhum delles podia competir, o Snr. José Luiz Ribeiro , era filho do Snr. Manoel José Ribeiro, que já a esse tempo era fallecido a bastantes annos. Nunca pensei que um filho desse homem assignasse um requerimento para proceder a uma maldade dessa, levado da lavia desse padre infame. Não tem por esses arredores outra hermida com invocação do Nossa Senhora do Tempo e Boa Morte, e por isso a veneração dessa capella com um habil e distancioso largo e uma festa annual em dia certo,, por certo que atrahiria ahi povos das freguezias de longe, cuja suscepitibilidade, os povos do minho sempre gostaram de frequentar essas festas, ou romarias, era nisso que eu pensava; porem esses malvados não pensaram o mesmo, por isso é que eu disse a principio dessa narrativa, que não sabia pôr a que Deus me dotou d'uma faculdade pensativa tão differente desses homens que tanto mal fizeram. A camara designou dia e horado foro do terreno em praça, até esse dia podia ver qualquer suposição de que a responsabilidade dessa façanha não cahiria toda a esse padre, pois já se ve, elle não foi o requerente mas nesse dia apresentou-se na camara como chefe de numeroso grupo ufanando-se por ter levado essa façanha avante, sem que façanha fosse mas que èlle a teve porisso contra mim. Esse grupo constava de dois re-

querentes, e o Snr. Luiz Fanfarrão de Cernachetão e o Snr. Antonio Gonçalves de Carvalho e outros que me não recordo. Chegava muito esse malvado padre dar a entender a esses homens que não requeresse, que seria immediatamente obedecido, mas a escrupulosidade, pelo que havia passado nunca existiu mesmo alma iracional, no que elle cuidava era em deleituar-se nos prazeres sensuaes, quando elle chegou a camara com seu grupo de homens, eu tambem estava ahi presente, antes do progoeiro abrir o lanço, o procurador da casa dos Simões da rua direita, veio ter comigo perguntar-me se eu prentendia o terreno. Respondi-lhe que para mim o não pretendia. Respondeu elle : então deixe-me cá com elles.. O provoeiro abriu o lance com a base de quatrocentos reis arbitados a junta de parochia de villar do Monte, o primeiro que abriu o lance foi o Snr. Antonio Gonçalves, o senhor Fanfarrão, quem continuou a cobrir o lance ao procurador da casa dos Simões, mas depois não tiveram coragem nem elle nem os outros, o quanto não valerám hoje esses pinheiros criados que podia ser rendimento util a veneração e conservação dessa hermida, ainda mesmo deixando para largo o que precisa ser.

Os homens que mais se sallientavam em villar do Monte minha terra natal, emque viveram em tempo de minha infancia, eram elles os Sres. José Rodrigues da Cunha, Manoel José Gomes do logar da feiteira, José Manoel Mano , Manoel José Ribeiro, Manoel José da Silva vulgo Manoel Berga, Manoel José Gomes de Aldeia, pae d'aquelle do logar da feiteira, este de Aldeia falleceu tinha eu cinco annos. Manoel José da Costa pae de Manoel Luiz da Costa e Antonio José Gallano do logar do Eiteiro, tinha ainda outros porem estes eram em villar do Monte, se póde dizer o que eram os anciões nos tempos biblicos, eram elles quasi sempre de entre elles o uns ou outros eleitos vogaes de junta, e por isso eram esses homens que juntos com o seu vigario se reunião para deliberar sobre qualquer assumpto opportuno, o Snr. José Rodrigues da Cunha foi um dos lavradores desse tempo dos mais abastados em Villar do Monte, era homem de bem a toda a prova se alguns de seus filhos lhe deshonraram suas cinzas, são differencismos da natureza incomprenhensiveis. Era natural da freguezia de poeares conselho de ponte do Lima em seu principio de vida foi pedreiro, trabalhou nas obras do rio cavado da primeira iniciativa que o governo teve de colonisar esse rio, para as embarcações

virem de esporende a Barcellos, cujos trabalhos que depois pararam, tiveram principio na construcção d'um paredão ou mais uma forte muralha de grande largura a margem do rio entre fonte boa, enfrentando o monte de Arnellas da freguezia de Gemezes. Foi quando elle passava para esse serviço em villar do Monte que se namorou D. Maria da Conceição filha de Domingos do esqueiro e sua mulher Josepha do mesmo appilido, que foram os donos dessa casa que foi dos Cunhas. Raptou ella e levou-a para Barcellos e casaram se contra a vontade dos paes da noiva, porem diziam que ainda assim só passado bastante tempo a ira foi-se applacando no genio de Domingos do Esqueiro pae da noiva, mandou-os vir para sua casa, chamava-se Domingos do Esqueiro, appellido que lhe davam por ser morador visinho do esqueiro que ahi existia. Pois nesse tempo não havia cancella da cortinha, havia um portello onde passavam parros que derrubavam e tornavam a trancar com a mesma pedra, e ao lado deste um esqueiro de páu de tres graus um do lado de fora e outro dolado de dentro que dava passagem a gente de pé, tudo isso eu alcancei. Segundo diziam, Domingos do Esqueiro não perdeo nada em mandar vir para sua casa seu genro e filha. Não levou muito tempo entregou a seu genro a administração de sua casa, que elle por causa disso deixou o officio de pedreiro, e a casa de seu sogro deu em progredir mais do que progredia até esse tempo. Nesses principios em casa do sogro uzou a vida de carreteiro em viagens para o porto, sempre junto com companheiros da freguezia de villa Cóva, mais tarde ao fallecimento de João do Passo, tomou conta desses bens do antigo morgadio da casa que foi passo, da qual era cessionario nesse tempo Diogo Frei de Caldas da casa de marrancos, hoje conselho de villa Verde, por isso deixou tambem a vida de carreiteiro, e cada vez mais fez progredir sua casa. Era conhecido como homem de bom caracter, por todos os seus concidadões, pelas freguezias ao longe fallava-se do Cunha de Villar do Monte, sempre com o maior louvor. Viajava a cavallo n'uma boa egua, sempre bem tratada e bem arreada, emfim o povo de Vilar do Monte estimavam-no como homem serio. Foi juiz eleito cargo exercido ja em meu tempo que esses juizes eram eleitos cada um em sua freguezia, foi tido por todos como bom funcionario publico no desempenho de seu cargo. Tinha por seu escrivão o Snr. Antonio Moraes de Barcellos, o Manetta aquelle de quem fallei em pa-

ginas transatas, que foi algum tempo dono do terreno chamado venda da cabra. Foi cunhado do antigo capitão mór de Barcellos.

O Snr. Manoel José Ribeiro, foi tambem homem que se destingiu bastante. estre os outros em Villar do Monte. Foi miliciano no batalhão de Barcellos e teve que andar longes terras em tempo de guerra, era official graduado, ignoro qual a patente, quando se formaram depois de 1833 os districtos de juiz de paz. Coube ao Snr. Manoel José Ribeiro ser eleito, ficando o julgado de paz em villar do Monte, e elle integro juiz nessas funcções tambem foi juiz eleito e constantemente vogal junta, e regedor de parochia em diversos annos; era homem de toda a probidade, não sahia a campo a fazer mal a pessoa alguma.

O uzo e costume do povo de Villar do Monte, devido ao bem viver desses homens e outros que exemplarmente juntos com o seu vigario, depois reitor faziam-se com esse exemplo ser obedecidos a cumprir a risca os estatutos da confraria do sussino eram esses estatutos, mesmo já sem força de lei de 1834 que supplantava ahi os uzos e costumes nessa povoação que associados nessa corporação cultual, viviam na maior urbanidade. Os mesarios da confraria do sussino eram só os seguintes eleitos por um anno um juiz dos mordomos do cirio, um mordomo da igreja para servir de sacristão ao parocho, todos os habitantes da freguezia eram por esses estatutos irmãos da confraria, a escepção de filhos familios, o mordomo da igreja tinha por obrigação avisar a confraria, e os irmãos para os enterros ou qualquer acto Pio que o juiz ou o parocho mandasse. Todos os irmãos tinham por obrigação pagar annualmente, a insignificante quantia de 30 reis por habitante ou pessoa que fosse herdada. O juiz da confraria do sussino tinha por obrigação o seguinte: arvorar a cruz em companhia de seus dois mordomos, com os cirios accezos aos domingos na procissão chamadas dos defuntos que se fazia em antes da missa. Appresentasse elle e os mordomos, depois de avisados da hora pelo mordomo da igreja, em casa aonde tenha fallecido algum irmão, para o accompanhar de cruz arvorada até a igreja exercendo a mesma posição ao dar o corpo a sepultura, assistir as procissões de festas da igreja, sendo seu logar a frente do palio ir, em companhia de seus mordomos arvorar a cruz na procissão do corpos Christo em Barcellos, accompanhar o parocho em domingo de Paschoa a dar as boas festas

a seus parochianos, arvorar a cruz em todos os clamores feitos na igreja, e ainda em companhia dos irmãos da confraria, ir cumprir em diversas freguezias de que adiante narrarei. O mordomo da igreja tinha por seu dever, segundo os estatutos fazer limpeza na igreja, collocar as vellas de cera na tribuna ou banqueta quando o parco ordenasse para reformar o sacrario, em domingo de ramos trazer um pequeno feiche de ganas de oliveira, para ser vendida pelo parco, na occasião de benzer os outros ramos para em seguida se guardava no coro, e queimava-se em vespera de quarta feira de cinza, sendo essa cinza em que o parco em cerimonia religiosa tinha de applicar nesse dia primeiro de quaresma a seus parochianos. Conduzir as circulares do aceprestado. Em seu itenerario a outra freguezia, apresentar-se sempre que seja preciso com a caldeirinha de agua benta, accompanhando o parco nas procissões dos defuntos e nos accompanhamentos funebres dos irmãos fallecidos desde casa dos doridos até a igreja e em domingo de paschoa a dar as boas festas, tanger o sino aos domingos, dobrando elle e descendo em certo espaço de tempo tres vezes, sendo a ultima a entrada a chamar o povo a missa, sendo dia de semana desses dias que se dizia dia Santo dispensado, tinha por obrigação dobrar o sino só uma vez. Tinha de accompanhar o juiz nas viagens as romarias ou freguezias aonde tem de ir fazer os clamores, tendo por obrigação conduzir o bordão da cruz e pagar a terça parte do vinho que o juiz tinha por obrigação dar aos irmãos que o accompanhavam, sendo esta obrigação só em tres romarias: Senhora das Areiras, Bom Despacho e Apparecida, Tinha mais o mordomo da igreja de cumprir rigorosamente o seguinte: logo que escutasse o sinal no sino do fallecimento de algum irmão, que eram trez badaladas sendo homem, e sendo mulher duas; tinha que ir immediatamente a residencia do parco, saber delle as horas do enterro e em seguida avisar o juiz e os mordomos do cirio, para comparecer e avisar 6 dos irmãos a quem couber sua vez; dois para abrir a sepultura e enterrar o corpo, quatro para conduzir a tumba a casa dos doridos, dentro della o morto ou morta para a igreja. Este serviço tocava por vez a que lhe chamavam a volta na freguezia principiava no logar do parco pela feiteira, e assim por diante. Por todos os logares, conforme os fallecimentos até concluir para voltar novamente o logar do parco. Tinha mais o mordomo de avisar a freguezia toda, pois que todos eram irmãos, afim de comparecer accom-

panhar o cortejo funebre, uma pessoa de cada casa, os irmãos doridos tinham por obrigação dar de comer aos dois irmãos que fossem abrir a sepultura e enterrar, o sino dobrava a signal funebre, tangido por pessoa mandada pelos doridos. Nesse tempo quasi não se fallava em caixão para conduzir o morto a sepultura, era um phenomeno o apparecer ahi caixão para enterro. Todos eram conduzidos na negra tumba, diziam elles que Jesus Christo tambem foi conduzido n'uma tumba, quando algum dorido mandava vir caixão, nada tinham os quatro irmãos com a conducção do corpo para a sepultura, Eram reunidos na igreja a chamado de quem tomava a direcção do funeral, afim de cumprir os bens da alma do fallecido ou fallecida, uns dez padre para celebrar o officio de corpo presente. Esses padres nesse tempo ganhavam 240 reis cada um, mas quando os doridos queriam que viesse em casa para se encorporar no cortejo, pagava-se-lhe mais 60 reis, então elles depois da encommendação do corpo pelo parco da freguezia, encorporavam-se no cortejo o parco na frente do esquife e os outros em sua frente, dividido em duas filas, entoando canticos funebres dando maior realce ao cortejo os doridos logo no acto do fallecimento, entregavam como de costume por ahi a direcção do funeral a um homem de sua confiança que desde logo principiava a dar as providencias; mandava immendiatamente avisar o parco de ter succedido o fallecimento e saber a hora do enterro, pois que era o parco que a determinava, e trazer da igreja a cera que a confraria do sussino tinha por obrigação dar para arder emquanto o corpo estivesse sobre terra; em seguinda mandava chamar os padres de modo apresentar-se aquella hora marcada, mandava a Barcellos para trazer o que era necessario para amortalhar o morto e a cera para arder em casa quatro cirias a beira do morto, antes algumas horas de ser retirado para a igreja, e depois na igreja emquanto se celebrava o officio funebre trazendo tambem a cera necessaria para arder na banqueta da tribuna, e altares emquanto se celebra o mesmo officio. No fim do officio tinha-se de pagar aos padres e mandar conduzir a cera para casa dos doridos, porem os quatro cirios tinham de servir ainda no domingo seguinte ao enterro, ou no immediato, ardendo a beira da sepultura emquanto se procedia a obrada, pois o enterro era feito nesse tempo na igreja.

Obradas, ou offerendas feitas ao parco, era um direito que o parco ti-

nha de obrigar os doridos se preciso fosse a cumprir esse bem de alma do fallecido, que consistia n'uma prolongada reza, rendendo em proporção ou ao mesmo tempo 20 reis por cada padre nosso para o padre, a que elle tinha direito pois que lhe estava incluido em termo medio em sua congra, e está garantida por uma das leis geraes da nação, e assim lhe estava tambem incluido em termo medio a lutuosa successivel direito de sepultura de dois enterros por anno, quinhentos reis por cada um e ainda o que lhe pertencia do trintario, bem de alma ao fallecido dividida em trez partes ou trez officios, ou de corpo presente e d'ahi a tres mezes e o do fim do anno, que com a lutuosa lhe rendia em termo medio uns quatro mil e quinhentos por anno da mesma forma, e na mesma inclusão lhe estava os 80 reis das quatro festas do anno de 20 reis por cada uma, que recebiam no domingo da paschoa de cada chefe de familia e o folar, ao folar tinha o padre o direito pela mesma forma, a receber de cada habitante cincoenta reis ou dez ovos, porem os mais affeiçoados lhe duplicavam conforme cinco e seis vezes mais. Estava-lhe tambem incluido em congra no mesmo termo medio e pela mesma forma os casamentos e baptisados que tinha direito alem de sua tabella de ler a missa conventual os proclamas, a uma gallinha ou duzentos e cincoenta reis em dinheiro e vinte reis de pão de trigo, um melete. Mas os briosos noivos sempre lhe davam mais, igual direito era o dos baptisados. Havia ahi um costume que se tornava pittoresco entre esses povos aldeianos, tanto nos baptisados como nos casamentos, nestes a noiva e naquelles a madrinha da criança, levavam de casa um grande guarda-napo, avolumado de fatias de melete pão de trigo amarrados pelas pontas e iam repartindo a quem encontrasse pelo caminho quando vinham da igreja, uma fatia a cada pessoa, a mim tambem algumas me tocaram, e como diz o ditado, quem dá-se parece com Deus. Recordo-me bem de quem as recebi.

Não me esquecerei tambem do ramo de giesta adornada de lindas flores, que por um costume ou tradicção antiguissima, trabalho feito pelas briosas e honestas raparigas, na noite do primeiro dia de Maio de modo apparecer de madrugada collocado nas porta das e janellas das casas dos lavradores. Esmero pundonoravel de filhas ou criadas destes, de manhã quando escutasse cedo o tanger do sino, a chamar para ir ouvir missa do primeiro dia do mez de Maria, ao seguir para a igreja por esses caminhos, como era bello ver que as casas

amanheci com as janellas enfeitadas de lindos ramalhetes deflores singidas e seguras no symbolico ramo de giesta assim como no logar do fogo, nessa manha era visto collocado no centro de um volumoso monturo de estrumes, que os Cunhas ahi juntavam para estrumar suas terras, um ganho de giesta que tinham e costumavam cortar em todo o tamanho, era collocado ahi com seu lustroso verde natural, assim como sua natural e susceptivel e lustrosa flores de cor de um amarello encantador, todos os annos ao sahir de casa depois de tanger do sino, já despontando a aurora era susceptivel quasi sempre nessa manhã desfructar a doce aragem vinda do nascente, tão suave a exhalar odorifera aroma já querente a esse primeiro dia de Maio mez dompanheiro do abril das flores, segundo asseveram alguns sabios e escriptores, essa tradicção que nos faz collocar o ramo de giesta na noite do primeiro de Maio nas casas vei do tempo da metologia ou do tempo que se festejava entre Abril e Maio o brotar de todas flores da linda e tão notavel e appreciada primavera, querida de todos, o cesto da obrada,

Continuarei a descripção do curioso costume e uso que esses povos tinham de ir a igreja obradar pelos irmãos fallecidos, já dechei dito em paginas transatas que a obrada consistia em uma longa rosa e que o parocho tinha direito a receber no acto por cada padre nosso que resasse, vinte reis, os doridos tinham por obrigação obradar duzentos e quarenta reis que era conduzido esse dinheiro dentro de um pequeno cesto, a que lhe dava o nome na igreja o cesto da casa, pois que os outros o bradavam tambem era conduzido o dinheiro em cesto. Esses cestos em pequenino ponto, eram feitos de bardascas de sanguinho abertas em finas fitras a que lhe chamavam ahi um açafate, eram elles tanto o da casa como os outros, covertos com um guarda-napo, finamente rendilhado e amarrado a meio da pequena altura do sympathico cestinho com uma larga fita preta no maximo lucto era costume segundo os estatutos o - bradar em tenção do irmão ou irmãs fallecidos todos os parentes da freguezia, a saber o chfe de familia e sua mulher que para o marido e mulher era apenas a quantia de 60 reis conduzida no referido cesto o açafate tambem era costume qualquer irmão do sussino mesmo que não fosse parente do fallecido, tendo este em tempo como amigo ou como divida de gratidão pelo fallecido ter obradado por alma de seu pae ou mãe ou parente ou que não fosse por isso

mesmo por um acto de religião. Alguns havia que iam incorporar-se as obradas a obradar o cesto como os parentes, mas havia destes tambem que obradavam só 20 reis, mas não levam os 20 reis em cesto. No dia das obradas toda essa gente que tivesse de ir obradar, vestiam-se no maior luto, os maridos vestiam de calça preta, e paletó ou casaco e ainda de capote de panno fino ou castorina de gollla alta a moda desse tempo. Roupas que possuiam desde seu casamento. As mulheres vestiam-se de saia de panno fino ou baêta crepe, uma das saias vestida e outra cobrindo-se, os doridos entregavam o açafate já prompto com os 240 reis dentro ao mesmo individuo que tinha tomado a direcção do funeral, este por sua vez entregava o a sua mulher que conduzia os dois para a igreja, o dos doridos e o delles occultos com a saia com que se cobria assim como todas as outras mulheres que assim conduziam seus cestos de obrada para a igreja, cada um com seus 60 reis, chegando a igreja o individuo director dos funeraes ascendia os quatro cirios cada um a beira das quatro esquina da sepultura. Emquanto que o povo reunia para ouvir missa e obradar, as mulheres da obrada ficavam-se com os cestos no seu logar ao centro da igreja, depois do povo reunido o parco vinha para sua cadeira parochial, a um lado do arco cruzeiro da igreja para dar principio a obradas, a esse tempo já estava prompto artificialmente um rolo de cera, dividido em quatro hastes apresentado pelo encarregado do funeral, era elle o primeiro que descia ao centro da igreja a receber de sua esposa o cesto da casa dos doridos e o seu. Seguia obradar primeiro o dos doridos ascendia o rolo de cera, preparado nas quatro hastes. os quatro lumes. Ajoelhava o parco davalhe a estola a beijar e iniciava o primeiro pater noster. Resando um padre nosso apagava um dos quatro lumes, e assim o segundo e o terceiro, e tornava accender e apagar até completar os doze padre nossos para depois lançar os dozes vintens dos doridos na bandeija que o padre ahi tinha; depois disso obradava seu cesto e lançava lá tambem os tres vintens, ou sejam 60 reis. Os outros maridos continuavam ao tocar-lhe sua vez a ir receber de suas esposas os cestos para ir obradar da mesma forma e lançar na bandeija os seus 60 reis e assim continuava até o fim. Pois se o finado tinha muitos parentes e grandes amizades na freguezia ou fóra della era muitos a obradar e mais longa se tornava a reza, e mais dinheiro tinha o parco; depois que o par-

co dizia a missa e o povo sahia para fora a reunir-se no adro, era dito em
vóz alta pelo encarregado do funeral, mais ou menos as seguintes palavras :
senhores!
Mandam dizer os doridos, que todas as pessoas que se dignarem ter religiosa-
mente a caridade de obradar pela alma de seu pae, o que fosse que fazem o
favor de accompanhar a mim para casa delles doridos, os que tinham obradado
só os 20 reis, não tinham o dever de o accompanhar. Era somente os que ti-
nham obradado o cesto, com os 60 reis, destes tinha o dever de o accompanhar
marido e mulher, depois disso munia-se dos quatro cirios, amarrados com um
barbante e punha-se a caminho com aquelle povaréo atráz delle, no maior si-
lencio, vestidos lugubremente no maior lucto. Algumas vezes ainda em minha in-
fancia dessa propriedade que depois foi minha, os vi passar ahi no caminho
de Ballinhos, caminhando a passo grave com aquelle silencio e respeito devi-
do ao acto que praticavam, e assim caminhando vagarosamente, reunidos vesti-
dos de tão escuro lucto, mais parecia uma sombra, ou uma nuven de escuro ne-
gras que se ia movendo sobre a superficie, apresentando assim um verdadeiro
aspecto funebremente triste e soturno. Ao chegar a casa dos doridos encontravam em
casa ou ao ar livre, uma longa meza já preparada de toalhas e talheres, e
de espaço a espaço uma broa de pão. Sentavam-se a meza, e eram servidos uma
matijela de caldo a cada um, e em seguida de grandes travessas de bacalhau
cozido com cebolas e batatas, e pratos para cada um se servir e os outros pra-
tos com excellentes e gostosos molho de azeite e vinagre, cebolas e alho. E-
ram tambem com outras tantas travessas de arroz todo bem preparado, vinhos
nos annos que o havia, tambem não faltava. Nestas mezas aonde se comia em oc-
casião de funeraes e obradas, havia por costume não servir a meza com louça
vidrada fina. Era servido com louça de barro vidrada desde a tigela do caldo
até a enfuza do vinho. Havian lavradores ahi que possuiam parelhos ou ternos
dessa louça, guardada cuidadosamente, só para servir quanto fallecesse alguem
da casa em occasião da obrada, os que a não tinham pediam emprestado a estes.
No fim da janta havia ahi uma reza que se tornava longa quando o povo era
muito, que depois de ter seu principio era apresentado um ramo de oliveira
entregue a uma das pessoas mais acima do grupo presente, para iniciar tan-
tos padre nossos como de pessoas presentes, pois que o ramo entregue a pri-

meira pessoa, e rezado o primeiro padre nosso, era entregue por este a pessoa seguinte; e assim a todos até findar. Rematada a reza todos apresentavam suas condulencias aos doridos, e seguiam para suas casas o mais satistos possivel. Essas rezas das obradas e outras feitas na igreja em tenção dos antigos legatarios a Nossa Senhora do Rosario, e ainda todos os annos em Darque, Vianna dos castello a Nossa Senhora das Areias nesse tempo que as fazia e rezava, era o Snr. Manoel José da Silva vulgo Manoel Berga, desde que esse homem falleceu era convidado para esse fim, o Snr. José de Jesus Mano que nunca se negava a isso, por falta algumas vezes deste que por força maior não podia attender, tambem a mim já eu de maior idade me tocava, Ainda me vou occupar da praxe uzual que os povos dessa pequena povoação tinham por costume dizer obradar o cesto. Em vez de dizer que iam obradar os 60 reis dinheiro revertivel em beneficio do parcho, a trouco de 3 padre nosso que elle rezava pela alma do irmão ou irmã fallecidos. A esse fim vinto realmente não ter diante de mim ou ter lido algum escripto que me orientasse, afim de esclarecer aos meus leitores a propria verdade da significação dessa praxe, que figura tão desviado do natural, que essa praxe era o symbolo original de factos, que se converteram em outros factos adecoados, isso é innegavel, e por isso vou escrever o que sinto a tal respeito, que é o seguinte: obrada quer dizer oblata e oblata é tudo que se offerece a Deus no altar. Mas tambem obrada e oblata offerenda feita ao parcho, isso demostra que eram offerendas ou presentes que se offereciam ao parcho em épocha muito remota, porém em épocha talvez mais remotta, direi alguma cousa do que tenho achado em livros historicos, nesses livros se vê que pelos annos de 1300 por diante e 1400 e por ahi, as corporações ecleziasticas nestes tempos riquissimas com rendimentos de sobra tanto os frades dos conventos como os conegos dos cabidos e das collegiadas e ainda algumas abbadias. Mandavam e pagavam aos parchos para diversas freguezias de cujas tivesse fallecido ahi nos conventos, ou cabidos algum irmão do mesmo habito, que tivesse deixado ahi seus haveres, em sua terra natal o que era praxe nesses tempos; ficando os conventos ou cabidos sendo senhorios direitos, a collegiada de Barcellos dava o parcho algumas freguezias além do cavado. S. Virissimo do Tamel segundo me disse o actual abbade em meu tempo, disse que essa abbadia dava o parcho para S. Fins do Ta-

mel e Santa Leocadia do Tamel, isto assim ve-se que aconteceu em muitos seculos, porem chegou-se a tempo que houveram certas reformas nessas corporações, talvez por alguma lei que se organizou que assim o permittiu, ou por qualquer outro motivo deixaram de mandar e cumprir esses deveres que tinham com essas freguezias de lhe dar seu parcho, que se os quizeram tiveram de lhe pagar a sua custa, deram-lhe terras para seus passaes, se ainda as não tinham; e sustentavam-nos decentemente, porem não era ainda ordenado certo garantido por Lei, davam-lhe o que ajustavam em dinheiro, mas a maior parte em vez de dinheiro pelo não ter, pagavam-lhe com fructos que colhiam, cestos de fructas e todos os generos precisos para seu sustento. Porem vemos em 1542, que a miseria em Portugal chegou a tanto, que na basta diocese de Braga, os parchos na maior parte abandonaram suas igrejas parochiaes, por não haver que lhe pagasse. Historia da inquisição por Alexandre Herculano T3.-L7-P35. No correr desses tempos quem diz a nós que quando morria pessoas de cada familia, esse povo fanatico em cumprir qualquer acto religioso por falta de dinheiro e querendo que seu parcho rezasse pela alma de seus fallecidos pae ou mãe ou parentes, lhe davam talvez cestos de peras e maçans e outras fructas, a trouco dessa reza. Supponho ser isso a origem do cesto da obruda mesmo o povo nesse tempo que a religião estava no mais alto cume, estimavam seo parcho por isso lhe offerendava, offertas de esti[illegible]quillo que tinham de melhor, tomavam por obrigação sustentar seu parcho, e o faziam levados d'um sentimento religioso, pois não queriam que sua igreja ficasse sem padre para administrar o Santissimo Sacramento. A maior parte dessas povoações com quem isso succedeu, eram descentes de vassallos de antigos frades e senhores feudaes.

Depois disso passados ainda muitos annos, organisaram-se leis que determinavam as congruas, para que uma junta derramasse, conforme o determinado por lei para os freguezes pagar o necessario para a decente sustentação do parcho, e seu coadjuctor, assim os povos de cada povoação, se constituiram em congregação ou união a face da lei, para pagar a seu parcho de conformidade com a quantia proporcional de seus haveres, que as juntas de parochia lhe arbitaram, pelo que se observa do andamento desse uzo até ahi, vê-se que o parcho era sustentado na maior parte de offerendas que os freguezes lhe

faziam de generos elementicos, p.to de bons maçãs de ovos, tantas medidas de milho de alguns frangos gallinhas, e as juntas de parochia nessa derrama levaram em conta e entraram em congra, o valor de tudo isso que cada um por sua livre vontade, já nesse tempo pagavam ao padre, ficando o parcho pela lei a poder obrigar, o que até ahi não podia. Cheguei a conclusão de poder dar aos meus leitores de villar do Monte e a todos a minha opinião sobre esse costume de dizer obradar o cesto e não dizer obradar os 60 reis. Como se está vendo não pode ser o contrario. Os freguezes tinham ou tiveram por costume dar a seu parcho cada um um cesto de maçãs ou peras cada anno; esse cesto de maçans ou peras ou qualquer fructa, nesse tempo podia ser seu valor em moeda, os mesmo 60 reis, que nesse tempo era um dinheirão, o incluir essa quantia em congra a titulo de obrada para o padre rezar. Já se vê que esse povo recebeu de seus antepassados essa praxe oriunda dum cesto de fructa que se dava ao parcho, por isso é que elles ahi diziam e o praticavam religiosamente obradar o cesto. Eu que sinto. Tambem com o mais elevado sentimento religioso, pagavam-se os dizimos a decima parte de todos os fructos da terra e criações que a igreja quebrava com divida a Deus para sustento de seus ministros, mas esses dizimos eram pagos a um rendeiro, que os andava quebrando e não ao parcho, as leis de 1834, a cabaram com isso e a maior parte do povo não gostou. Queriam os pagar, poisdiziam que as terras deixaram de dar tantos fructos, como quando se pagavam, em S. Martinho de Villa Frescahinha, a casa de Villa Mian, pagou já em meu tempo dois sinos para a igreja de sua freguezia, e dizia-se que era por ter guardado os dizimos que lhe tinham prohibido pagar. O ultimo rendeiro que por ahi andou recebendo dizimos, segundo diziam em Villar do Monte do que bem me recordo, era da freguezia de Caparoiros, conselho de Vianna. Não alcancei conhecel-o, mas pelo que diziam, era homem de maus estinctos. Conheci em Barcellos uma mulher que tinha sido amazia delle, era conhecida de minha familia Maria Josepha Solteira e irmãos. Tinha por alcunha afanada, pois tinha um pedaço embora pequeno, de cada orelha cortada. Diziam ter sido o bocca torta amazio della que lhe tinha feito essa acção repugnante. Essa mulher sobre viveu a elle muitos annos, tinha uma venda na Rua de S. Francisco, proximo do lado do apoio e foi morrer na Santa Casa de Misericordia.

As festas de igreja em villar do Monte o cerco ou procisão a S. Sebastião cercando todas as casas dos habitantes, sabereis Leitores de villar do Monte que me recordo de se construir duas casas no logar do ouguêiro uma para ~~[illegible]~~ Manoel José Ribeiro e outra para João Gonçalves o pae dos Gonçalves já todos fallecidos, mais tres casas uma ahi sobre o logar ou no mesmo souto de além, para Manoel José da Costa Villas Boas, o jaques, mais duas uma para o antigo Santa, e outra nas valdosas para Manoel José da Costa ou Manoel do Passo, ahi no logar da carreira, tambem me recordo de se construir a casa dos Rodrigues no cirado de cima, assim como a casa de moradia do Snr. Sebastião da Val Botas, construi-se tambem uma casa ahi p elos annos de 1845 no logar da gondra, para o barregas aonde elle criou não poucos filhos, essa casa deixou de ser habitada ha bastantes annos, os filhos desse homem abandonaram-na, por isso o cerco a S. Sebastião, antes de se construir essas casas tinha um itenerario muito mais abreviado, sahia da igreja descia pelo cruzeiro as pasaadeiras de pedra no rio em agrello, pois não havia ponte que nem hoje, subia por gestido, atravessava o pinheiral de Manello, sahia onde se chama bouça de fora no valdio pois não existia existia a bouça dos simões e seguia direito a capella de Nossa Senhora do Tempo e Boa Morte, pois já lá tinha gente que esperava, com a banqueta e tribuna addrnada de vellas de cera, havia ahi uma reza de um ou dois minutos, e seguia pelo gradal a venda da cabra entrava na estrada de ~~[illegible]~~ antiga, e seguia por ella até ao fim do chamado souto das Pereiras, hoje bouça dos herdeiros de Manoel José da Silva ou Berga, e d'ahi ia dar ao logar da carreira, segundo me diziam tinha havido tempo que o cerco ia do gradal passava a quingosta da buxa, ~~[illegible]~~ pelas de basco, subia ao alto de castellinho e portellinha, corto da Bouça do Gaio, por onde existe hoje a casa que foi de Manoel José da Costa, o vigairelho, pois essa casa está ahi desde 1850 mais ou menos, subia a fonte do gaio, l[illegible]es da cheira, cercando a casa dos Ribeiros, não existia ahi essa bouça, e ia dar tambem a carreira, da carreira seguia pelo ouguciro cercando a casa de Joaquim Euzebio, seguia o logar do souto, ahi cercava com o andor de Santo S. Sebastião, uma casa que ficava para cima do caminho, d'ahi seguia passar ao souto de alem e ia dar a cancella de germonde tomando caminho fereiro da casa vincolar do terreiro do antigo sargento

mór, que atravessa a agra de Germonde para a sua Bouça, sahia lá fóra por um portello que abriam e descia pelo contarejo ao caveiro, e voltava pelo caminho da poça da Barsia e de Agrello e subia ao cruzeiro e enterrava na igreja. Seria uns dois annos, dois cercos que eu vi nesse itenerario que vinha de antigo cercando as habitações que existiam nesse tempo dentro do perimetro parochial, pois foi por esses annos de 1845 a 55, que se construiram as referidas habitações fóra desse perimetro que deixei descripto, que por causa disso foi preciso outro itenerario que deixou de seguir d'ahi direito a hermida da Boa Morte, o qual foi o seguinte; sahia da igreja pelo logar do paço e feiteira e sobral dar a quingosta da bouçinha venda da Cabra. Os de Santa Leocadia vinham ahi ver o nosso cerco entrava tambem na estrada do real antigo e seguia o mesmo rumo até ali ao fundo da bouça, de amanha souto do cugueiro, d'ahi desandava para cima servindo na volta pelo alto de porrilhos ou purfido, ia ahi por cima dar perto ahi no alto de um logar ou sitio chamado feitosa, e descia por detras da casa de Manoel do Paço. Era ahi esperado por povos de villa Cóva que vinham ahi ver o cerco de Villar do Monte, d'ahi seguia por detras da gandra cham, e entrava na estrada de villa Cóva passar a ponte e quinta de Manello, aonde os de creixumil vinham ver o nosso cerco, seguia d'ahi tambem a capella da Boa Morte, que tinha gente ahi esperando da mesma forma, com a capella adornada e a cera ascesa no altar, era esperado ahi tambem por povos de Santa Maria do Abbade que vinham ahi ver. D'ahi seguia pelo gradal e logar da feiteira e do paço para a igreja, depois que se fez a estrada de macadam, segui-a ahi da cruz da venda a estrada pela regedoira a procurar o mesmo itenerario. Nesse tempo não havia bandas de mesica para accompanhar, como depois houveram, vinham ahi tocar na frente do cerco ou procissão, uns tres homens tocando tambores e uma gaita de folle, que eram mais das vezes de S. Claudo de Curvos e quando não eram esses, vinham de S. Leocadia ou Carapessos, faziam um ribombo que se escutava leguas. Musicas como deixei dito em paginas transatas só havia em Barcellos a do extincto batalhão de millicianos, e essa era custoso nesse tempo sahia fora de Barcellos, porem chegou o anno que tocou a Manoel José da Silva ou Manoel Berga a ser thesoureiro de S. Sebastião, e em vez de fazer um cerco de solemnisação de galla, fez um cerco de penitencia, em um

domingo de quaresma, viu-se ahi o que nunca se tinha visto, nem tornou a ver, as imagens do Snr. dos Passos e de Nossa Senhora e tudo mais que pertencia a uma procissão de passos, que tudo veio de outra freguezia para accompanhar e tocar nesse cerco fez elle o que nunca ninguem tinha feito. Trouxe ahi pela primeira vez a banda de musica do extincto batalhão de milicias de Barcellos, no anno seguinte o thesoureiro a quem tocou fazer o cerco para não ficar atráz mandou outra vez vir a banda de Barcellos, e foram os musicos repartidos para ir comer, em casa dos officiaes da festa e outros. Depois disso é que um dos musicos dessa banda da extincta milicia de nome o nascisco, ignoro o sobre-nome. Veio formar uma banda de musica em abbade de Neiva. Foi de musicos ensinados por esse homem que elle formou sua banda, e os formaram depois musicar por diversas freguezias, pois nesses tempos não havia por ahi quem soubesse tocar um instrumento em voz symetricamente cantante. O Snr. Nascisco de Santa Maria do Abbade era homem já a esse tempo democrata, estimado pelo pobre e pelo rico. Falleceu na quinta de pena longa em em Santa Leocadia do Tamel, morreu pobre. Depois que se formou a banda em abbade do Neiva nunca mais os cercos, e mais das vezes as outras festas em villar do Monte, ficaram sem musica. O Snr. Nascisco sempre combinava com os thesoureiros das festas, a vir ahi sempre com sua banda, mas os tocadores de zabumbas e tambores e gaita de folle. Tambem nunca deixaram de ser chamados para tocar na frente do cerco mais das vezes fazer as vesperas quando a musica por economia tinha de vir no dia seguinte, no dia da festa os fogos da noite da vespera tanto do cerco como de outra dessas festas, sempre foi costume ir a cendellas para subir ao ar. No alto das fragens da cheira, ao lembrar-me desse tempo, considero que realmente despertava curiosidade, a forma como esse povo se preparava para fazer o cerco ou procissão todos os annos a S. Sebastião, com a maior solemnidade, de modo a rivalisar-se com os cercos das freguezias, vizinhas que mais dos annos os faziam ainda com maior pompa, eram nomeados para officiaes festeiros a S. Sebastião. Um juiz, um thesoureiro, um procurador, um secretario, quatro mordomos primeiros, quatro mordos segundos, uma juiza, quatro mordomas primeiras e quatro segundas, que tambem eram mordomas da vella. Para ajudar as despezas com a festa do cerco assim como para outras festas aos outros santos, fazia-se um peditorio pelo S. Miguel,

por casa dos lavradores da freguezia, e tambem se costumava a ir as freguezias visinhas, da Silva, Santa Leocadia e aos feitos e alguma vez a Creixumil, pois que estas freguezias tambem costumavam ahi vir pedir para os seus Santos, depois disso em 6 de Janeiro seguinte contavam-se os reis, effectuando outro peditorio em beneficio da festa do cerco a S. Sebastião. Era um verdadeiro dia de alegria todos os annos esses canticos a que lhe chamavam cantar os reis, eram umas canções jácculatorias, cantadas num tom a moda que vinha de antigo sobre a visita a belem dos orientaes Reis Magos, com dedicação e envocação ao nome do milagroso martyr S. Sebastião. Diziam elles em vós cantantes, ou cantando em sons armonisados alem de outras canções as seguintes:

Nos vimos cantar
Os reis para S. Sebastião,
Quem nos poder dar a esmola
Certa tem a salvação.

Costumes simplorios a moda desse tempo. Nesse cortejo entravam todos os officiaes festeiros, desde o juiz até aos mordomos segundos. Se o thesoureiro morava na ~~ladeira~~ aldeia de cima, o cortejo principiava a funccionar no logar do pa[illegible]o; mas se morasse na aldeia de baixo, principiava no logar do eiteiro da aldeia de cima.

Os mordomos arrecadavam todas as esmolas em milho, e os outros officiaes. As restantes muidezas linho, feijão, pahinço centeio, e as esmolas em dinheiro, faziam-se accompanhar d'uns tocadores de viola que tocavam uma chulla singela. Não havia ahi quem tocasse uma viola em pontos dobrados; juntavam-se a elles dois tocadores de rabeca que ahi haviam. Não sabiam musica, mais um delles tocava a chulla e modinhas regularmente bem; o outro estava em segundo logar. Alguns annos mandavam vir de fora um tocador de clarinete, que alguns annos era um tal Tacheiro de Creixumil, que tocava tambem uma chulla e modinhas, outros annos. Mas isso já era um fausto por demais para essa gente. Mandavam vir o camarada de S. Leocadia, ou o Feitada dos feitos que eram musicos, vindo qualquer desses dois homens era para essa gente o maior realce que se podia dar a tocata nesse tempo. Ainda d'ahi a dez annos se engrandeciam desse feito, entre estes tocadores,

cantavam dois cantadores ao desafio, e assim andavam tocando e cantando de casa em casa, até correr a freguezia. Havia alguns lavradores que lhe davam vinho a larga para elles beberem. Um dos cantadores era quasi sempre um Tal Gabriel de Carapessos, me recordo um anno talvez por lhe não ter dado de beber vinho a vontade na aldeia de cima. O cortejo em festa vinha vindo dessa aldeia descendo a fonte do gaio, e escutei elle cantar as seguinte quadra que segue menos presavel:

Vimos de aldeia de cima,
Oh! aldeia da farrapa
Vamos para aldeia de baixo,
Que valle mais uma pataca.

Chegada a noite recolhiam a casa do thesoureiro tocando e cantando na maior alegria. O thesoureiro já os esperava com uma bôa ceia, que constava de bacalhau e arroz pão e vinho, e por sobre mesa algumas travessas de sopas seccas, que era fatias de meléte, pão de trigo passado na gordura torrada com bastante assucar tostado a proposito no fogo. Comiam e bebiam a trippa cheia, depois de costumada oração dando graças a Deus, levantavam-se da meza e já o tocador de clarinete principiava a dar o dó ou ré, como para afinar as violas e as rabecas. Já ahi estavam juntos muita rapaziada e moçaspara dançar. Principiavam ahi a tocar e cantar e dansar desde a chulla que se uzava nesse tempo, canna verde e viradinho tirana enfim todas as modas até as marrafas e ainda voltavam a repitir, sahiam d'ahi só depois da meia noite, satisfeitissimos da faustosa festa. Ahi pelo mez de Fevereiro reunião os officiaes para deliberarem o dia da festa do cerco, e ao mesmo tempo accordar no que era preciso pedir as freguezias visinhas, para com mais pompa engrossar nesse dia o cortejo solemne, que vinha a ser bandeiras e guiões cruzes de prata e morteiros, para reunir aos que haviam para produzir as collosaes descargas que principiava alguns annos já na sexta-feira e assim no sabbado e no domingo. Houve uma temporada de annos que os cercos em villar do Monte eram celebrados segunda feira de paschoa, depois de deliberar o dia, o juiz tratava immediatamente de chamar o pregador para o sermão, a quem tinha de pagar metade e o juiz outra metade. O thesoureiro tambem logo chamava a musica, e os homens tocadores de zambumbas e tambores

e empinhava com alguns amigos, das freguesias visinhas para no dia comparecer com os trastes igrejaes que tinham deliberado vir de fóra. Tambem mandava chamar os padres ~~para~~ necessarios, que o parco indicasse, e assim prevenia o armador para a igreja que quasi sempre era um dos mesmos que ornamentava os andores, que os mordomos e mordomas mandavam vir para embellezar seus andores, cada um de sua obrigação. Estes armadores vinham ahi sempre um de fragoso, que não me do apillido, de Santo André o cecio e um tal chapouta de São Fims do Tamel. Em antes do dia da festa do cerco, uns 5 dias já ahi appareciam mulheres das freguesias dos armadores, carregando cestos com utensilios e objectos de armação de igreja; assim como homens carregando andores despidos. Ja na sexta feira principiavam arranjar o armar[illegible] a igreja e andores, quando algum tinha por taréfa mais do que um ou dois. Era alguns annos na sexta-feira, quando não no sabbado alvorada, bem de madrugada, que se escutava ao longe, as descargas de morteiros annunciando em Villar do Monte a sua festa do cerco. Os andores quasi todos os annos eram seis, eram preparados a despique a aqual mais bonito ficava. Pelo meio dia chegava a musica, ou quando esta tivesse de vir no domingo de manhã, chegavam os tocadores de bombos e tambores e gaita de fólle, que principiavam ahi a tocar ao som de repique de sino e de outra descarga de morteiros. Depois disso, ou que fosse a música ou os tocadores de tambores, seguiam tocando a casa do thesoureiro que os accompanhava a sua casa afim de lhe dar de jantar, depois iam passear na freguezia tocando a porta de todos os officiaes, inclusive mordomos e juiza e mordomas, que lhe chamavam tocar a alvorada. Tambem [illegible] descargas de morteiros, entre manhã e o meio dia, e o meio dia e a noite. Assim como foguetes ao ar, ao crepusculo escurecido havia uma grande descarga de morteiros e foguetes ao ar e repique de sino. A essa hora achava-se ahi juntos, muita gente para ir assistir aos fogos nas lages das cheiras, assim a musica os tambores que accendidos os fogos, recolhiam a casa do thesoureiro, no domingo de madrugada ao apparecer da aurora, o povo era despertado por uma outra, mas formidavel descarga de morteiros repique de sino e foguetorio, escutando-se ao mesmo tempo a musica, e os tambores. O thesoureiro já tinha em casa a cera necessaria para a banqueta e tribuna e altares, e dez cirios sendo oito para o s oito mordomos

e dois para accender na capella mór, em frente ao altar e mais cinco vellas que já estavam entregues para enfeitar; uma a juiza, e quatro as quatro mordomas da vella que eram as mordomas segundas, que todos tinham de assistir a festa com os cirios ascesos, e a juiza e as quatro mordomas de vellas ricamente enfeitadas, e assim tinham de andar ôu accompanhar o cerco, quem logo de manhã fosse a igreja já via ella toda enfeitada de linda armação e os andores promptos a qual mais bello podia ser; cada um com seu santo, usavam-se nesse tempo ums andores d'uma elegancia e altura despropositada e enfeitados de lindas fitas e espelhos e elegantes penachos de um vermelho carmezim, e rendilhados pratiados, symetricamente collocados, pagava o andor de S. Sebastião, os mordomos primeiros, o de Santo Antonio os mordomos segundos, o de Nossa Senhora do Rosario as mordomas primeiras o de Nossa Senhora de Boa Morte as mordomas segundas da vella. Havia sempre quem pagasse o andor de S. Salvador e o de S. Bento. Chegada a hora de almoço a banda de musica e os tocadores de tambores, seguiam tocando a casa do thesoureiro almoçar. No fim do almoço o thesoureiro fazia subir ao ar alguns foguetes, meio de avisar o povo a seguir para a igreja assistir a missa da festa, a que o sino já tinha chamado. A essa hora já eram encontradas no adro da igreja, todos os homens de fora da freguezia, que vinham reunir-se ao cortejo, com as cruzes e guiões e bandeiras, a musica sahia de casa do thesoureiro tocando até na igreja, esperada sempre que chegasse por um festivo repique de sino. Via-se então entrar na igreja os povos vestidos ricamente, as Senhoras accompanhando seus maridos descentemente vestidas e em ouradas. Ahi se via tambem entrar a juiza dafesta e as quatro mordomas segundas da vella, com as vellas enfeitadas do que era mais bello e interessante. O pregador ja no pulpito, antes de principiar o sermão, lia em vóz alta a nomeação dos novos officiaes para a festa do cerco a S. Sebastião no anno seguinte. Finda a festa a musica tocava ahi no adro entre immenso povo que ahi se encontrava, uma das melhores peças de seu repertorio, depois disso ia-se jantar e a musica seguia tocando accompanhada dos homens que vinham de fóra e mais povo, para casa do thesoureiro. Chegavam ahi dando sua entrada tocando, exaltando, e dando o verdadeiro realce a festa, eram vistas quasi todos os annos nessa occasião para jantar. Entre a musica e os tocadores de tambores e pessoal de fora da fre-

guezia em summa, umas 60 a 100 pessoas que se ascentavam a mesa do thesoureiro, e tinha annos de mais, antes do findar da janta, ja escutava o dobrar do sino para os officiaes e povo comparecer para a sahida da procissão do cerco. Ao levantar da mesa no fim da janta, já a musica tocando o thesoureiro por sua vez fazia subir ao ar alguns foguetões, e seguia a musica para a igreja accompánhada do povo que ahi se achava, tocando até parar no adro da igreja e todo o povo que tinha de accompanhar o cerco, ia chegando. Tratava-se então de por a procissão solemne em viagem, primeiro alguns guiões e bandeiras que vinham sahindo da igreja de fóra e da Senhora do Rosario e menino Deus. Enquanto outros formavam fora no adro, e em antes ainda do primeiro guião appontar a porta da igreja, já era atruado a um canto do adro, o ribombar forte e atordoavel dos zabumbas e tambores para seguir ribombando na frente do cerco. Depois vinham sahindo os andores, que eram como já disse muito altos e largos. Tiravam elles deitados o quanto diz por baixo do côro e a porta principal, e assim tinham de passar tambem deitados por debaixo da lata ou ramada de vides, até a cancella e portal da casa da residencia parochial. As cruzes vinham seguindo entre meio de cada um dos andores, sendo que a da freguezia vinha atráz do andor de S. Sebastião que era o ultimo que seguia os outros. As cruzes que sobravam de entre meio dos andores, seguiam em linha reta entremeando mais na frente. as bandeiras e guiões. O parcho pastor desse rebanho seguia atráz do andor de S. Sebastião junto a cruz da freguezia, em seguida elle seguia a musica atráz da musica. A juiza e mordomas segundas da vella e todo povo que se incorporava no cerco. A musica ficava no adro ao lado esquerdo da porta da igreja, até que o andor de S. Sebastião, o ultimo viesse apontando a sahir da porta, logo o mestre apontava a primeira nota, e batiam tocando e encorporavam-se em seguida no cortejo que estava sahindo debaixo das ramadas ou latas do passal, e já estavam bandeiras e guiões e os foguetes estourando no ar; e os zabumbas e tambores rebombando, lá pelo logar da feiteira subindo para o sobral. Quem escreve estas linhas, foi thesoureiro o que fez o ultimo cerco em Villar do Monte. Depois disso no mesmo anno foram prohibidos pelo arcebispo de Braga Don João Crizistimo de Amorim Pessoa.

Volto novamente como prometti em paginas transatas a dar mais esclareci-

mentos, sobre obrigação a cumprir dos mesarios da confraria dos sussinos, com referencia ao juiz e mordomo da igreja, o que segue: a confraria do sussino, no tempo que as leis a garantiam, o que deixou de ser pelos annos de 1833 a 1834, não eram so eleitos como disse em paginas transatas, um juiz e um mordomo da igreja e dois mordomos dos cirios, eram mais eleitos um thesoureiro, um secretario e um procurador. O juiz tinha poderes embora limitados de conformidade com alguns artigos, exarados nos estatutos, de condemnar em algumas penas de 100 reis a 300 reis, ou em algumas libras de cera, a qualquer irmão que commettesse qualquer falta ou abuso, no comprimento de seus deveres para com a confraria. Esse dinheiro ou cera revertia em beneficio da confraria, como receita extraordinaria para occorrer as despezas a fazer. Desde que a confraria deixou de ser garantida por lei ou desde certo tempo a esta parte, deixaram de ser eleitos o thesoureiro, procurador e secretario. Só eram o juiz e os tres mordomos, o da igreja e os dois do cirios que desses ainda me recordo desse fazer a eleição a votos na sacristia da igreja. Depois era por nomeação, e desse tempo em diante, passou a ser thesoureiro e secretario do sussino. O thesoureiro e secretario da junta de parochia, sendo este ultimo tambem procurador, desde que me recordo procedia a eleição ou nomeação do juiz e os tres mordomos no domingo, antes do domingo do Espirito Santo e creio que desde antigo era nesse dia a eleição, o juiz nomeado no anno anterior, fazia o seu ultimo serviço na segunda feira depois do Espirito SAnto, que era ir a freguezia de servaes, conselho de Villa Verde fazer o clamor a Nossa Senhora do Bom despacho, depois disso fazia entrega ao novo juiz, e assim os tres mordomos que já no domingo seguinte, principiavam a fazer o serviço na igreja. Já deixei escripto em paginas transatas, o primeiro serviço a fazer pelo novo juiz e mordomos do cirio fóra da freguezia, que era ir acompanhar a procissão de corpos christo assim como o deixei opportunamente na primeira parte, na que diz respeito a ir fazer o clamor ao Bom Jesus da freguezia de Fam donselho de esposente. Tinha o juiz do sussino de conformidade com os estatutos a ir fóra da freguezia, fazer mais os seguintes clamores accompanhado dos irmãos da mesma confraria, os quaes são os seguintes: a Santo Amaro e Santa Margarida em Abbade do neiva; a São Braz em Villa Cóva. Me recordo disso, eram bons tempos. O padre AntonioMoreira, que era de Villa

cóva, a esse tempo exparco de villar do Monte. Continuando na amizade que dotava ainda a seus ex-parochianos, e estes a ellé. No dia do clamor, apresentava-se todos os annos na capella de S. Braz de sua freguezia, a cumprimentar amistosamente esse povo, e como se fosse ainda do seu rebanho pastoral era o que lhe cantava o clamor gratuitamente, tambem se ia fazer o clamor a S. Bento da Barzia, em vinte e dois de Março e 11 de Julho e a Santa Marinha enfrogaes esposende, a Nossa Senhora da Apparecida em Pallogaims, e como já disse a Nossa Senhora do Bom despacho em Cervaes, eram tres as romarias aonde o juiz tinha de dar um veverete de vinho a todos os irmão do sussino que accompanhavam, que era na Apparecida e Bom Despacho e na Senhora das Areias, da qual no ultimo serei minusioso. O mordomo da igreja não só tinha por obrigação levar o bordão da cruz a todas as romarias que a cruz fosse, como tambem tinha como já disse de pagar a terça parte do vinho para o beberete nas tres romarias aos irmãos. Os estatutos da confraria do sussino marcavam uma esportola ao parcho da freguezia para accompanhar seus parochianos nas viagens as romarias, e fazer esses clamores, para a Senhora das Areias a esportola. Augmentava pois tinha demais uma gallinha, diziam ahi alguns antigos que o vigario Macedo e alguns seus successores que accompanhavam seu povo as romarias, a cumprir esses clamores, o juiz costumava dar o vinho aos irmãos que o accompanhavam, Na volta da Senhora das Areias em Santhiago de Aldreo, na Senhora da Apparecida no Araial n'uma das casas que tem ao lado, á direita do frontespicio do mosteiro e no Bom Despacho na volta em roris, nas primeiras casas aonde ha uma penedice no fim de descer a serra de Oliveira, os de Villar do Monte em alguns annos, não deixou nas duas romarias Apparecida e Bom Despacho, de lhe ser alguns delles divulgado o nome ao longe, como valentões. Na Apparecida por exemplo, Joaquim Ferreira, tio de Manoel Custodio Ferreira, quando o juiz avisou para se beber o vinho, na referida casa ao lado do Arraial, afim de lhe ser mais saboroso o vinho, teve que ir comprar uma pada de pão de trigo. Lá no meio do muito povo do arraial, a padeira a quem elle comprou o pão, principiou de questionar, que elle lhe não tinha pago o pão. Elle a teimando que tinha pago, a mulher a teimando que não. Deu em resultado o referido Joaquim Ferreira cascar uma bofetada na mulher. Estavam ahi certos individuos que tomaram as dores pela mulher. Joaquim

Ferreira estava desarmado tinha deixado o varapau que unava trazer, assim como todos. No quartel aonde se bebia o vinho, estava ahi um carro com uma pipa de vinho a brigada por um toldo, e o nosso homem achando-se sem pao, não vê mais nada. Lança as mãos em uma das varas de segurar o toldo, e arranca ella ainda com um pedaço de corda de amarrar, e por aqui vou eu. Pancada de criar bicho, o povo mais medoroso, mulheres e por certo tambem alguns homens, deram larga desviaram-se ao longe. Mas grande quantidade de homens arrebatados desses logares cercaram-no. Apezar delle se defender optimamente, não o deixavam sahir do arraial, queriam lhe chegar mas elle amestrado no manejo do varápáu e possuido de um forte pulso, em ponta de varrer, fazia-os recuar ao lado até que emfim foram-no fazendo recuar. Nos intervallos que não fazia recuar elles, quando se elle contornou estava lá em cima, além da capella mór do mosteiro, estava tambem ahi uma pipa de vinho num carro, a sombra d'um carvalho. Fizeram-no estar ahi cercado por bastantes homens alguns minutos. Vinham apertando elle para lhe chegar. Mas elle graças a vara que tinha arrancado do toldo, fazia-se a ella e elles o remedio que tinha era recuar. Alguns patricios segundo me informaram queriam auxilial-o, mas no meio da grande confusão, pela grande quantidade de povo elle não os conhecia e a vara delle não os poupava, e assim esteve até poder medir com a vista um pulo, que opportunamente podesse dar, ou que o acaso lho offerecia afim de poder-se livrar da situação por demais precaria em que estava, o nosso homem desde que ficou mais senhor de si, arrebatadamente fosse a vara e fez recuar os inimigos o necessario, e num impecto o mais rapido possivel, pulou por cima da pipa de vinho que ahi estava no carro para outro lado. Ahi é que elle manejava a vara com toda a força. Descarregava pancadas em todos que lhe ficava de fronte. Não respeitava pessoa alguma, nem homens nem mulheres, ahi é que chegando mais abaixo na descida do lado direito do mosteiro, puderam entrevir em auxilio delle. O senhro José Rodrigues da Cunha e Francisco José Rodrigues e João do Souto de Além, o pae de Francisco José do Val e outros que rebateram a grande quantidade de homens armados de varapau que vinham ainda em cima delle e lhe deram escapula que emquanto elles entretinham, elle desceu illeso do araial pelo caminho que desce ao fundo, e veio parar numa casa proximo a uma capella

numa gandra desviado creio que meia legua da Apparecida. Leitores, conheci Joaquim Ferreira quando falleceu já eu era de uzo, digo de idade de uzo de razão. Porém essa façanha tinha a elle feito em tempos atráz. O senhor João Joaquim Barreto, pessoa com quem eu conversava a miudas vezes em minha infancia, era quem me narrava tal como deixo escripto, dizia elle mais que o senhor José Rodrigues da Cunha, como Joaquim Ferreira ficou victorioso nessa briga contra tantos homens e alguns delles da freguezia de poeares sua terra natal. Logo que chegou a casa onde elle estava escondido, satisfeito por em sua terra adoptiva haver homem dessa tempera que se revalisasse com os de sua terra natal. Abraçou e teceu-lhe os maiores elogios, pagou-lhe vinho quanto elle quiz beber, ficou a ponto que foi preciso trazel-o encostado entre dois homens todo o caminho. Oh-se depois voltavam ahi os homens de varapau do arrael de Balogaes.

A desordem em Roris na volta de vir fazer o clamor no Bom Despacho, no fim de descer a serra de Oliveira, essa desordem foi em 1842. Eu já existia sem conhecer as facas n'um berço de grossas taboas de castanho, achou-se ahi meu pae e minha mãe que tambem foram a Bom Despacho. Antonio José Gonçalves um dos desordeiros, quiz arrancar da mão de meu pae o varapáu por ter quebrado o delle; mas não conseguio. Essa desordem teve outro caracter que não a primeira foi uma briga entre os de Villar do Monte, uns com os outros nesse logar aonde se bebia o vinho que o juiz dava. Só entraram de fora nessa briga dois homens de carapeços, em defesa do Snr. José de Jesus Manno, pois eram seus cunhados. Houveram cabeças rachadas, braços quebrados, emfim foi uma grande desordem que deu que fallar por muitos annos. Houveram varios processos encommodou-se muita gente para testemunhas e por fim tudo foi archivado, ninguem foi preso. A justiça nesse tempo era melhor de acommodar.

Nossa Senhora das Areias, já na segunda parte e em recentes paginas transactas da terceira, descrevi a respeito desse dever a cumprir pelo juiz do sussino e o povo, o qual descrevo por ultimo minuciosamente como segue: o povo de Villar do Monte esperava o dia da viagem a Sra. das Areias, em companhia do Juiz do sussino, como quem esperava um dia de gloria ou um dia da maior alegria. Em antes uns quinze dias do primeiro sabbado de Agosto, dia

da viagem, quem andasse por esse campos ou agras por entre os milhos, cortando o pendão ou corôas dos mesmos milhos ou ainda segando uvas a beira corrego para a ceia dos gados, escutava-se nessas tardes amenas por entre esses milhos sem saber um dos outros. Nessas agras divididas em leiras, cada um da sua escutava as seguintes perguntas proferidas por raparigas moças que apanhavam ou colhiam a comida dos gados; diziam ellas tão ingenuamente, na ipothece variando de nomes: oh! Maria quem vae de vossa casa este anno a Senhora das Areias? Sabiam umas das outras quando cantavam, segundo os seus abituaes cantos por entre os milhos, respondia della a Maria, ou o nome que fosse, na ipothese, de nossa casa vou eu e meu pae e continuava e de vossa casa quem vae? respondi-a: vou eu e minha mãe, ou na ipothece tambem. Isto se escuta ahi por todas as agras ou ao encontrar-se pelos caminhos, de modo que em antes uns 8 dias já se sabia de cada uma das familias as pessoas que tinha de seguir viagem para a Senhora das Areias que nesse tempo via-se seguir a maior parte dos chefes de familia acompanhados de sua mulher e filhas. No domingo em antes do primeiro sabbado de Agosto, no adro da igreja a sahida da missa, o juiz do sussino mandava esperar o povo e avisava-o da da hora que se tinha de sahir de casa no sabbado seguinte para a freguezia de Darque fazer o clamor e rezas a Nossas Senhoras das Areias. Se elle morava na aldeia de cima, mandava-os estar a hora certa nas lages da cheira, mas se elle morava na aldeia de baixo mandava-os esperar no Souto da Portellinha. Chegava-se o dia sexta-feira seguinte, já pela noite e no sabbado de madrugada se precentia no fogo das lareiras domesticas, frigideiras frigindo pasteis de bacalhau com ovos, pois tratava-se com actividade de apromptar os bornaes. Com esses pasteis para sustento no sabbado ao chegar ao local, e pedaço de toucinho cozido e choriços para no domingo, além do bolo misturado de farinha de milho e centeio ou trigo e fructa. As primeiras peras a proposito direi: na casa que foi meu berço, haviam entre outras umas tres pereiras velhas, queeram conhecidas por minha familia antiga Maria Josepha Solteira e irmãos seus donos. Por pereiras das Senhoras das Areias, não sabiam de outro nome dessa qualidade de pera. Essas pereiras na vespera de se ir para a Senhora das Areias, apresentavam sempre todos os annos peras sazonadas para empregar de mantimento o bornal. Em nossa casa eram as primeiras que

amadureciam sempre na vespera desse dia, imaginasse por isso esses costumes relliosos de quanta antiguidade seriam, de ir fazer o clamor a Nossa Senhora da Areias e outros, e o mesmo até a idade de uns 30 annos. Tambem não conhecia essas pereiras por outro nome, só depois mais tarde é que vim a saber que essa qualidade de pera, chama-se pera molata. Continuando: no sabbado pelas 4 horas da madrugada, escutava-se o repique festivo d'aquelles bons sinos de Abbade do Neiva, hora em que o juiz dessa freguezia estava sahindo com o seu povo para a Senhora das Areias. Todos os annos saguiam diante dos de villar do Monte, pois gostavam de ir passear em Vianna antes de fazer a reza, os de Villar do Monte reuniam-se ao sól despontar os primeiros raios que nesse dia era querente com a vontade e de vocação querencial desses povos, que todos os annos vinha dar a essa manhã um aspecto a mais aprazivel possivel, via-se a essa hora as mulheres e sesus maridos ou irmão seguir para o logar de onde o juiz tinha destinado, contentes satisfeitos e alegres. Ella com o bornal a cabeça ou mais das vezes uma cesta, vestidas no uzual a camponeza. Com a saia de um lado encolhida, metida uma pequena dobra na cintura, assim appareciam uns de cada lado. a em[illegible] o ajuntamento, e um anno ou outro para dar mais realce ao cortejo, juntavam-se ahi os cantadores e tocadores de viola que eram Manoel José da Silva Val e Miranda e seu irmão Francisco, dois filhos de Manoel Berga e o Snr. José de Jesus Manno e Manoel José da Costa Novo, que era a assignatura delle nesse tempo, vulgo o vigairelho, pois que não deixava nunca de andar pegando a aba da casaca dos vigarios, era quem carregava os ovos dos fullares no compaço da paschoa para o vigario como já disse em tempo. Tocava rabeca rigular nesse tempo, ahi se juntavam afinar esses instrumentos, a essa hora já os sinos repiqava festivamente pela partida do juiz e o povo.

Alegres vão a Senhora das Areias,
Comprindo desde tempo remoto;
Em devoções comtemplaneias,
O estatuido e tradicional voto.

Via-se então seguir o cortejo, uma mulher com um cesto de trabalho fino a cabeça, feito de fibras de sanguinho, carregando a cruz coberta com uma toalha de folhos finamente rendilhados, no maior luxo e a tocata formada can-

tando e tocando com todo o povo que accompanhava a excepção de alguns que não chegou a tempo que tinha de seguil-os apózmente, seguiam no maior enthusiammo a estrada de Vianna antiga, enquanto se não fez a Demacadam, seguia-se por essa estrada que era por Santo André e Aldréo, ahi desviavam-se da estrada, e iam passar n'uma pinguela sobre o rio Neiva proximo aonde os carros passavam a vão. Seguiam por Avaraes dar a freguezia de Anha, havia ahi umas extenças latas ou ramadas de vides aonde todos os annos iamos ver nos os de Villar do Monte com a admiração os primeiros cachos de uvas pintadas ou algumas em alguns annos já maduras, ia se subindo na estrada por baixo das ramadas dar ao alto ao farol de Anha já avistando-se a linda Villa de Vianna hoje cidade. Passava-se ahi esse grande arião, ia-se dar ao cáes que nesse tempo tinha casas de um lado e de outro. Os de villar do Monte recolhiam-se n'uma das casas do lado do sul, alem dos de Santa Maria do Abbade que já estavam n'uma das casas do lado do norte; tambem iam chegando por ahi os da Silva, Santhiago do Couto, Carapeços e Santa Leocadia e outras freguezias de mais perto que tinham de ir no domingo dia seguinte. Depois de se recolher nessa casa, já de costume de outros annos, cada um tirava de seus bornaes, o bolo e os pasteis de bacalhau, e as gostosas peras que da viagem se tornavam mais macias para se comer. Comia-se e bebia-se alguns cartilhos de vinho, quem levasse dinheiro para o comprar. Depois levantavam-se e caminhavam-se para a capella da Senhora das Areias. Nesse tempo não havia uma estradinha para seguir, como depois se construiu. Era um caminho com muita agua, mas havia unido ao muro de uma quinta que ahi tem, um passeio de uns cinco palmos de largura, por uns quatro de alto, só para gente caminhar. A capella estava sosinha isolada, só passado muito annos já em meu tempo é que o industrial João de Cáes mandou ahi construir um edificio proprio para dentro delle ser movido a vapor um machinismo, e com isso e divisões de terrenos deu um grande realce a esse logar. Ia-se pelo passeio direito a capella, fazia-se romaria e lançava-se alguns dez reis ou cinco reis na caixa das esmolas, seguia-se para um logar escampado vigitativo de gramineia a sombra de uma arvore ao ar livre para se proceder a reza que se tornava longa por demais, chegado ahi as mulheres cançadas da viagem sentavam-se nessa gramineia, os homens ainda conversando por estantes pois que o juiz tratava de se paramentar com a

opa para em seguida arvorar a cruz, para dar principio a reza que era quem a fazia ou resava o Snr. Manoel José da Silva, Manoel Berga como já disse em tempo. Desde que elle falleceu era o Snr. José de Jesus Manso, depois por alguns annos me tocava a mim. Ao principiar a reza todos ajoelhavam até rezar uma certa quantidade de orações ou padre nosso, de pois principiava-se a rezar por um livro de nomes que havia de legatarios, que deixavam desde tempos remotos um pequeno legado a Senhora do Rosario. Com essa condição todos os annos ahi, e uma vez cada anno na igreja depois do principio, não mais se estava de joelhos, nesse livros haviam nomes muito antigos, por tenção de quem se rezava um dos nomes era Thomé Affonso, outro o vigario Pedro Martins o fundador da confraria e outros muitos mais. Emfim só o livro entretinha a reza muito tempo. Findado a reza do livro, principiava outra reza a dinheiro como nas obradas, que parecia nunca ter fim. Quando se principiava esta, as outras freguezias tinham findado suas rezas a que tempo. Todas as familias de Villar do Monte tinham por costume de antigo, de mandar rezar ahi certa quantia de padre nossos pela alma de seus fallecidps mais recentes, pagando 20 reis por cada padre nosso. Rezava-se pelo primeiro cahia lá o dinheiro, vinha outro o mesmo vinham Maria Motta ou Maria Berga, mandava rezar pela alma dos fallecidos della, e dizia depois: reze tantos padre nossos pela alma de Maria Obelha, e assim cada um pelos seus, até que imagines, houveram annos que a reza da Senhora das Areias nesse tempo rendia de uns 3 a 4 mil reis em dinheiro. Tinham por isso de se rezar uns duzentos padre nosso, e pois era a 20 reis cada um, alguns de Santa Maria do Abbade e de Santa Leocadia, Appareciam ahi e pediam para rezar alguns padre nosso em tenção da alma de seus fallecidos. E lá cahia mais esses vintens, que todo esse dinheiro ia fazer face como receita ordinaria. No orçamento parochial para occorrer as despezas com a parochia. Ao findar da reza a dinheiro, já mais dos annos pela noite, todas ajoelhavam e o rezador rematava a reza. Levantavam-se, alguns iam passear pelas mezas de bebidas das mulheres vendedeiras, e tomavam alguns calices de licor de canella, e voltamam outra vez para o cáes recolher-se a um quartel que o juiz tinha arranjado. Depois da meia noite tinha de haver outra reza igual, porem tornava-se menos pois que a reza a dinheiro sempre era menos. Dormiam todos n'uma sala ou se dormiam com a barulhada um dos

outros pelo menos estavam ahi juntos deitados, a hora competente o juiz mandava levantar para a segunda reza, e quando se findava estava quasi a apparecer aurora. Ao romper do dia seguia-se novamente para a capella, nesses tempos havia ahi nesse dia uma missa de manhã cedo paga por uma senhora de de Santa Maria do Abbade de appelido a Lanhezes, que enquanto viva a mandou dizer todos os annos nesse dia. Ahi se juntavam os povos todos que ahi estavam a houvir miss a. No fim ia-se fazer os clamores, que um padre com as cruzes todas em fileira cantava elles todos. No fim de cumprir esse voto solemne promessa de seus antepasados, voltava satisfeitissimos outra vez para o cáes, entrava-se na mesma casa aonde se entrou a chegada, Já a freguezada de outros annos ahi almoçava-se do que havia nos bornaes, e alguma cousa que se mandasse fazer. No fim do almoço referindo-me aos annos que os tocadores e cantadores accompanhavam, tratavam elles de afinar as cordas das violas e rabeca para marchar tocando e cantando de volta para sua terra. Assim o fazia no maior enthusiasmo. Desviavam-se de subir na volta o grande ariã pelo faro de Anha, seguiam por Darque, era bonito ver o mulherio de bornaes a cabeça marchando acceleradamente com alegre satisfação ao som do cantar e tocar das violas e rabeças, passando darque retomavam a estrada por donde tinham passado a vinda, para seguir o Santhiago de Aldréo. Ahi paravam, e o juiz comprava conforme o uzo e costume alguns meios almudes de vinho e dava de beber a todos, depois de beber façamos uma ideia da alegria e enthusiasmo que se lhe encutia. Tocavam, cantavam e dançavam, faziam tudo e com excesso, o quanto era de alegre, Juntava-se ahi gente a ouvil-os cantar ao desafio, vinham embora, passavam ahi aos acipreste em Santo André, H'uma alegria por demais, a proposito de sua entrada em Villar do Monte nestarde, seposto exetuado de tanto caracter divino, mas bastante comparavel é a seguinte passagem da biblia que vou citar, o rei David, querendo trazer a arca do Snr. para a sua cidade partiu dom os seus 30 escolhidos, e mais povo comsigo a trazel-a de bralim de judah n'um carro novo puxado a bois acompanhado de todo esse povo que na maior alegria se exaltavam cantando e tocando e dansando accompanhando a arca, com toda a sorte de instrumentos de pau faia, arpas pesalterios, tambores, pandeiros cymbolos, tanto que ao elles chegar a cidade, michal filha de saul, olhando de uma janella, vendo

o rei Daid tocando harpa e dançando e bailando diante da arca do Senhor e desprezou em seu coração, mas o rei David e os seus, bailavam porque Deus assim lho espirava. L. Segundo Samuel C. vi; P. 350. Os de villar do Monte accompanhando a cruz com a imagem de Nosso Senhor Jesus Christo, davam mais uma idéa de David rei de Israel, accompanhando com os seus a archa do Senhor, pois passavam ahi nos feitos, tocando cantando e dançando, cantavam n'um desafio firme, ao apontar na portella na estrada antiga, já se escutava na freguezia o cantar enthusiasmado do Snr. José De Jesus Manno e do Snr. Francisco José da Silva ou Berga, iam descendo já o sino na igreja estava replicando festivamente annunciando a chegada, ao chegar ao ponte via-se vir aquelle magote de povo, os tocadores tocando e cantando, o archo da rabéca n'uma verlandina vertiginal, outros dançando com grades de doces em encastoadas na fita do chapéu. O mulherio ainda com os bornaes a cabeça com a sobra do mantimento, todos levantando calorosos vivas ao juiz e algumas vezes a auctoridade da freguezia se elle ahi viesse. Ahi desfazia-se o cortejo despedindo-se uns dos outros, com abraços e alguns beijos pondorosos por esse alegre ajuntamente, não continuar mais tempo.

Terminava a tradicional viagem,
N'uma alegria Santa e pura,
Vinha divinizada a homenagem,
No espirito da cada creatura.

Terminação da primeira parte, a paginas 82
" " segunda " " " 148
" " terceira " " " 231

Descalvádo, Estado de São Paulo Brasil, 31-12-1914

Manoel José da Silva Gomes.

Fim.

biblioteca
municipal
barcelos
1959
Memórias de Villar de Monte